



BELLES & MOBSTERS BOOK FOUR

ALEXEI



EVA WINNERS

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

AVISO

A presente tradução foi efetuada por um grupo de fãs da autora, de modo a proporcionar aos restantes fãs o acesso à obra, incentivando à posterior aquisição. O objetivo do grupo é selecionar livros sem previsão de publicação no Brasil, traduzindo-os de fã para fã, e disponibilizando-os aos leitores fãs da autora, sem qualquer forma de obter lucro, seja ele direto ou indireto.

Levamos como objetivo sério, o incentivo para os leitores fãs adquirirem as obras, dando a conhecer os autores que, de outro modo, não poderiam ser lidos, a não ser no idioma original, impossibilitando o conhecimento de muitos autores desconhecidos no Brasil.

A fim de preservar os direitos autorais e contratuais de autores e editoras, este grupo de fãs poderá, sem aviso prévio e quando entender necessário, suspender o acesso aos livros e retirar o link de disponibilização dos mesmos, daqueles que forem lançados por editoras brasileiras.

Todo aquele que tiver acesso à presente tradução fica ciente de que o download se destina exclusivamente ao uso pessoal e privado, abstendo-se de o divulgar nas redes sociais bem como tornar público o trabalho de tradução dos grupos, sem que exista uma prévia autorização expressa dos mesmos.

O leitor e usuário, ao acessar o livro disponibilizado responderá pelo uso incorreto e ilícito do mesmo, eximindo este grupo de fãs de qualquer parceria, coautoria ou coparticipação em eventual delito cometido por aquele que, por ato ou omissão, tentar ou concretamente utilizar a presente obra literária para obtenção de lucro direto ou indireto, nos termos do art. 184 do código penal e lei 9.610/1998.

PROIBIDA A VENDA DESTE LIVRO. É PARA USO GRATUITO. DE FÃS PARA FÃS

ALEXEI

BELLES & MOBSTERS

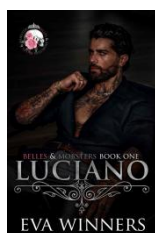
Livro Quatro

DARK MAFIA ROMANCE

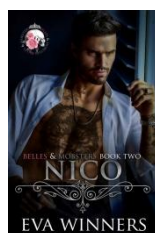




The Den of Sin
Prequel (Distribuído)



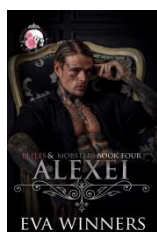
Luciano – *Livro Um*
(Distribuído)



Nico – *Livro Dois*
(Distribuído)



Cassio – *Livro Três*
(Distribuído)



Alexei – *Livro Quatro*
(Lançamento)



Raphael – *Livro Cinco*
(Brevemente)



Sasha – *Livro Seis*
(Brevemente)



Luca – *Livro Sete*
(Brevemente)



Bellona

Jewell Designs

Setembro 2023

Playlist

‘Scars’ – Sam Smith

‘Nothing Left For You’ – Sam Smith

‘You Don’t Do It For Me Anymore’ – Demi Lovato

‘Scars To Your Beautiful’ – Alessia Cara

‘Beg For It’ – Iggy Azalea, MØ

‘Tell Me You Love Me’ – Demi Lovato

‘Aimed To Kill’ – Jade LeMac

‘Stone Cold’ – Demi Lovato

‘Tell Me You Love Me’ Live Acoustic – Demi Lovato

‘Fuck Apologies’ – Jojo, Wiz Khalifa

‘Now Or Never’ – Halsey

‘Symphony’ – Clean Bandit, Zara Larsson

‘Psychofreak’ – Camila Cabello, WILLOW

Sinopse

Alexei Nikolaev.

Abençoado com o rosto de Adónis.

Amaldiçoado com os olhos mais frios que o Ártico e um passado ao qual não consegue escapar.

A sua história é tão trágica como um conto de Dostoievski.

Há anos que está no radar do FBI, mas conseguiu manter-se sempre um passo à frente e fora do seu alcance.

Quando sou forçada a trabalhar com ele, o fogo acende-se e as coisas ficam fora de controlo. Apesar do desejo que se sente no seu corpo coberto de tatuagens, a desconfiança entre nós é profunda.

Mas, a menos que aprendamos a trabalhar juntos e a confiar um no outro, estaremos ambos mortos.

Aviso da Autora

Este é um romance para maiores de 18 e contém situações duvidosas e gatilhos que alguns leitores podem considerar ofensivos. Ele destina-se APENAS a adultos. Por favor, guarde os seus ficheiros onde não possam ser acedidos por leitores menores de idade.

Prólogo

AURORA

Tem que haver outra maneira, penso pela milionésima vez.

Meus calcanhares batem contra a calçada do beco escuro. É assustador, e eu me sentiria desconfortável andando por ele sem minha arma ou Alexei. Embora eu nunca admitisse isso para o idiota frio e estoico ao meu lado.

Um local desprezível e um prédio simples. Você nunca imaginaria que havia um clube de sexo pervertido nessa rua tranquila e escura. Uma casa grande de tijolos, de dois andares, escura e silenciosa. Não há carros por perto e nem trânsito. Lembra-me de um beco sem saída, a rua suja e sem saída dos filmes de terror onde os assassinos em série levam suas vítimas para torturar, estuprar ou matar.

Um arrepio frio percorre a minha espinha; o silêncio sinistro da noite é quebrado apenas pelo barulho mal coordenado dos meus saltos. Eu ainda não tenho certeza de qual será a expectativa quando entrarmos pela porta da boate.

— Nós nem sequer ensaiamos, — murmuro baixinho, meu coração disparando de nervoso. Eu me sentiria melhor indo para um combate, não para a porra de um clube de sexo. — Tem certeza de que não há uma maneira melhor? — sussurro baixinho.

Eu estava perdendo a cabeça e surtando enquanto Alexei Nikolaev agia como se estivéssemos indo tomar sorvete. Seria *mais provável que fosse gelo*, penso ironicamente. O homem nunca demonstrava nenhuma emoção.

— Sim. — Sua resposta é curta e brusca. Não era nenhuma surpresa. O homem mal falava e era frio como gelo. Estoico como uma maldita estátua.

Eu não me sentia confortável com esse plano. Falou-se em uma possível apresentação para enganá-los. Apresentação! Eu não era uma artista, pelo amor de Deus. Eu era uma agente do FBI. Nunca imaginei que ir a um clube de sexo faria parte do meu trabalho. Mas aqui estamos nós, a caminho de um.

Mas eu não podia deixar escapar a chance de capturar Ivan Petrov. Ele era o meu caso. E, supostamente, havia um homem que dirigia essa espelunca e que seria nossa passagem para chegar até ele. Tínhamos de chamar a atenção de Igor! Algum filho da puta que estava a favor de Ivan.

Com os braços em volta da cintura, agarro o material sedoso do meu minivestido vermelho curto. A parte de cima do vestido se ajusta a mim como um espartilho e é, de longe, a coisa mais apertada que eu já usei. Cada vez que inspiro e solto a respiração, tenho receio de que meus seios possam estourar para fora dele. O vestido é curto, muito curto para o meu gosto, e se agarra a cada curva do meu corpo. A combinação do vestido com os sapatos vermelhos só me faz parecer mais uma acompanhante de luxo.

Eu não escolhi nada disso; veio com a tarefa. Cortesia do maldito Alexei Nikolaev. Eu preferiria pegar a porra dos saltos e jogá-los em seu lindo rosto.

Como um homem tão sombrio, tão frio, poderia escolher algo tão ousado, não sei! Mas na verdade não era ele quem estava usando essa merda. Era eu.

Caminhamos lado a lado, com seus passos mais lentos para que eu pudesse manter o ritmo com meus saltos. Era a primeira vez que eu o via de terno. Normalmente, ele usava suas calças cargo pretas, camisas pretas simples e botas de combate. Eu não gostava do homem e sua aparência física não era algo que me chamasse a atenção... normalmente. No entanto, hoje, era mais difícil do que o normal.

Foda-se. Essa. Merda.

Meu tornozelo tremeu quando dei um passo em falso e quase perdi o equilíbrio. Mas antes que eu pudesse tropeçar, sua mão com tatuagens envolveu meu braço e me pegou. Meus olhos se voltaram para onde seu toque queimou minha pele, enviando ondas de calor pelo meu sangue.

Então, meus olhos se voltaram para seu rosto. A mesma expressão estoica e imóvel. Os mesmos olhos azuis pálidos e frígidos. Era a primeira vez que ele me tocava. Concentrei-me em seu corpo perturbadoramente próximo ao meu; tão próximo que pude sentir o cheiro de sua colônia. Uma estranha mistura de frutas cítricas e pinho. Na verdade, o cheiro era muito agradável.

Engoli com força. — Obrigada, — murmurei baixinho, com a voz um pouco ofegante. Como era possível que um calor tão ardente e sufocante pudesse sair de uma pessoa tão frígida?

Nenhuma resposta. Apenas um aceno de cabeça.

Continuamos, com nossos passos um pouco mais lentos. *Clack. Clack. Clack.*

Foram necessários mais dez passos até pararmos em frente à discreta porta preta. Um olhar fugaz daqueles olhos azuis claros em minha direção, e engoli o nó na garganta. Se isso não o incomodava, também não me incomodava.

Acenei com a cabeça e ele bateu na porta. Um. Dois. Três.

— Mais uma, — eu disse. Ele arqueou a sobrancelha. — Três dá azar, — expliquei.

Ele bateu mais uma vez e a porta se abriu no instante seguinte.

À nossa frente estava uma mulher vestida com um extravagante vestido de coquetel preto. Tudo nela estava exatamente certo - desde o vestido justo, às joias, à maquiagem, até aos sapatos. Tudo era perfeito.

Seus olhos castanhos se fixaram em Alexei. O desejo cintilou neles. E reconhecimento!

Lancei um olhar de lado em sua direção, imaginando com que frequência esse homem realmente vinha aqui. Voltando meu olhar para a mulher, encontrei seus olhos em mim, avaliando-me. Ela acenou com a cabeça e se afastou para nos deixar entrar.

A mão de Alexei foi para a parte inferior das minhas costas, seu toque queimando o material do meu vestido enquanto ele me cutucava. Não *gosto disso*, minha mente repetia sem parar. Meus passos estavam hesitantes enquanto eu avançava, mas não havia como voltar atrás agora. A porta se fechou atrás de nós com um baque e meu coração acelerou.

Eu examinava a sala a cada passo. As paredes eram pintadas de preto, mas a área da recepção era de mármore branco, o que fazia com que o contraste fosse gritante.

— Bem-vindo ao Eve's Apple¹, — a mulher ronronou, com os olhos fixos em Alexei. E seu sorriso! Era tão brilhante que poderia iluminar o clube inteiro.

Uma risada estrangulada borbulhou em minha garganta, mas eu a engoli rapidamente. *Esse maldito nome é tão estúpido!*

A mão grande de Alexei em minhas costas me empurrou para a frente. Dei um passo, indo em direção a um corredor com paredes cor de vinho e teto espelhado. Isso, com as luzes fracas, dava a impressão de ser um cenário pornô.

Continuamos andando até chegarmos ao final do corredor, que dava para uma grande sala com um bar à direita. A sala era pintada de preto com detalhes em carmesim escuro, desde os tapetes orientais grossos pendurados nas paredes até ao piso de mármore vermelho e o lustre de rubi pendurado no teto.

¹ Maçã de Eva.

Meus olhos percorreram as pessoas na sala. Elas estavam se misturando, com os olhos dos homens fixos nas mulheres, como se estivessem fazendo compras.

— Bebida? — A voz gélida de Alexei chamou minha atenção de volta para ele. Assenti com a cabeça, quando na verdade só queria gritar: — *Filhos da puta do FBI, onde está esse maldito Igor?*

Caminhamos em meio à multidão, e era impossível não notar os olhares de mulheres e homens. Apesar de não gostar de Alexei, acabei me aproximando dele. Não queria que alguém tivesse uma ideia errada, e era melhor que ele não tivesse uma ideia brilhante e me deixasse sozinha nem por um segundo.

Quando nos sentamos nos bancos do bar, ele fez um sinal para o barman.

— Vodca spritz para a senhora e conhaque para mim. — A voz de Alexei era desinteressada e fria, com um toque de timbre. Dei-lhe um olhar fugaz, pois aquela pequena cicatriz em seu lábio era fascinante. Eu sempre me perguntava como ele a tinha feito.

No momento em que as bebidas foram trazidas, peguei a minha como se fosse uma tábua de salvação e tomei um gole. Eu precisaria dela esta noite. Olhei ao redor da sala e, de repente, senti os lábios de Alexei contra o lóbulo de minha orelha.

— Sem contato visual. — Sua respiração estava quente contra minha pele. — Caso contrário, é um convite.

Meus olhos se arregalaram e imediatamente voltei meu olhar para ele. Estávamos aqui como um suposto casal. Isso já era ruim o

suficiente; eu não estava interessada em receber atenção adicional de outros homens.

Outro drinque foi colocado à minha frente.

— Jesus, Maria e José, — murmurei baixinho. Engoli meu segundo drinque. Antes que eu pudesse abrir a boca, um terceiro drinque foi colocado na minha frente. Não a peguei; caso contrário, estaria a caminho de ficar bêbada.

— Alexei Nikolaev. — Uma voz com sotaque forte veio de trás de nós e uma mão grande pousou em meu ombro. Eu estremeci com o toque desconhecido.

Alexei disse algo em russo, com a voz inalterada e o tenor frio inconfundível.

Um arrepio percorreu minha espinha. Antes que eu pudesse piscar, a mão do homem caiu de meu ombro.

— Está gostando do clube? — O homem perguntou a nós dois, mas seus olhos nunca se desviaram de mim. Ele estava me olhando de soslaio e nem tentava escondê-lo.

Limpei a garganta. — É ótimo, — respondi, forçando um sorriso.

Alexei permaneceu imóvel, com os olhos fixos no homem com desinteresse profissional.

— Apresente-nos, Alexei.

— Aurora. Igor. — A maneira como meu nome saiu dos lábios de Alexei mexeu comigo.

Igor, o observador, estava praticamente me despindo com seus olhos, causando-me arrepios. Alexei deve ter visto o mesmo, porque sua mão pousou em minha coxa, e seu calor me fez lutar contra um delicioso arrepio.

Espere. O que está acontecendo?

— Você gostaria de uma visita guiada, Aurora? — Igor ofereceu e seus olhos nunca me deixaram.

Minha mão cobriu a de Alexei e dei um tapinha desajeitado nela. — Ah, obrigada. Alexei já se ofereceu. — Sorri docemente. Pelo menos eu esperava que fosse um sorriso aceitável e doce.

Igor sorriu, mas não alcançou seus olhos. Quem era esse Igor? Algo nele me incomodava. Examinei o arquivo de Ivan Petrov em minha cabeça, mas não me lembrei do nome Igor nem de seu rosto nos registros.

De acordo com os homens de Nikolaev, Igor era nossa passagem para chegar a Ivan Petrov. Supostamente, ele fazia parte do círculo íntimo de Petrov. O que me preocupava era o fato de eu não conhecer a conexão entre os homens de Nikolaev, esse cara e Ivan Petrov. O FBI nunca tinha ouvido falar de Igor.

É verdade que eu havia recebido esse caso há pouco tempo. Eu o aceitei por motivos pessoais e suspeitava que havia sido colocada em parceria com Alexei Nikolaev porque eu era a única mulher mais jovem em nosso escritório. Minha tenra idade de vinte e cinco anos geralmente funcionava contra mim, até que precisassem de alguém para um clube de sexo. Filhos da puta!

Passei os olhos por Igor, memorizando suas características. Mais tarde, eu consultaria o banco de dados do FBI e veria se conseguiria algum tipo de correspondência. Seu cabelo era escuro, cortado curto, estilo militar. Ele não era feio, até que você o encarasse. Seus olhos eram escuros, quase pretos, e algo enervante em seu olhar não me agradou muito.

Então me lembrei do que Alexei disse. Não faça contato visual; caso contrário, seria um convite.

Imediatamente virei minha cabeça e me concentrei no rosto duro de Alexei. Aqueles olhos frios poderiam congelar nossos glaciares que estavam derretendo.

— Tenho uma sala VIP pronta para você, — acrescentou Igor, quebrando um silêncio um pouco tenso e desconfortável. Alexei Nikolaev estava mais do que satisfeito com o silêncio. Eu, nem tanto. Isso me deixava louca. Por ter crescido em uma casa grande, com quatro irmãos, nunca havia silêncio. Você poderia se esconder no banheiro e ainda assim não teria privacidade.

— *Do svidaniya*². — Alexei dispensou Igor com uma palavra. Ou seriam duas em russo?

Com um último piscar de olhos em minha direção, Igor correu. Eu o vi desaparecer entre as pessoas pela pista de dança no centro. Em cada canto da pista de dança, havia uma pequena plataforma elevada com uma dançarina nua sacudindo seu corpo como se sua vida dependesse disso.

Vários casais estavam sentados em lounges ao longo da borda da pista de dança, observando as pessoas dançarem. Segui o olhar deles e

² Adeus.

meus globos oculares quase saltaram do meu rosto. Uma mulher levantou o vestido até à cintura, mostrando a todos sua bunda nua.

Virei-me para Alexei para ver se ele também havia notado, mas não houve reação em seu rosto. Seu rosto coberto de tinta, com aquele cabelo loiro incomum e aqueles olhos azuis pálidos, era uma máscara imóvel. Assim como seu irmão, Vasili Nikolaev, Alexei tinha essa escuridão escorrendo de cada poro de seu corpo.

— É esse o cara? — perguntei a Alexei.

— *Da*³.

Assenti levemente com a cabeça, mantendo nossa conversa em um nível mínimo. A consciência desceu por minha espinha e a atmosfera se intensificou. Um grupo de homens veio até ao bar, com o tom de voz baixo e os olhos fixos em mim. Eu me senti como uma presa, disponível para ser caçada.

— Sala VIP. Agora. — Ok, talvez Alexei não permitisse uma temporada aberta em minha bunda. Sua voz era fria, sombria; um tom que me fez imaginar qual era sua verdadeira história. Tudo o que eu sabia era o que dizia sua ficha, mas eu sabia que havia muito mais.

No entanto, isso não era algo com que eu devesse me preocupar.

Ele se levantou e me ofereceu sua mão. Eu a aceitei, sem fazer comentários, e passamos por todos os homens e mulheres que olhavam para mim. Não me passou despercebido o fato de que também havia homens desmaiando atrás do meu par.

³ Sim.

Não, não é meu par, corrija-me rapidamente.

Alexei me conduziu pelo corredor curto e depois por uma porta. Para nossa suíte VIP. O cômodo tinha piso de mármore preto brilhante, três paredes de veludo vermelho e uma parede inteira com vidro bidirecional.

Havia a Cruz St. Andrew⁴ montada em uma das paredes, e eu engoli um suspiro, meus olhos se voltando para o homem estoico atrás de mim.

— Nem pense nisso, — adverti, com a voz trêmula.

— Relaxe. — Suas respostas de uma palavra estavam me deixando louca. Eu estava desmoronando aqui e esse cara... nada. Zero. Nada.

Meu olhar se deslocou para o resto da sala, na esperança de acalmar meus nervos. Havia uma cadeira preta com uma moldura de madeira dourada, de frente para a janela que dava vista para o palco. Observei-o desabotoar o paletó, tirá-lo e jogá-lo descuidadamente sobre a mesa ao lado.

Ele se sentou na cadeira, parecendo um rei. Nervosamente, eu me movia de um pé para o outro. Onde eu deveria estar sentada? As luzes fracas davam a toda essa situação uma vibração de arco e flecha.

— Sente-se. — Uma palavra de comando, sua voz indiferente e, ainda assim, causou arrepios em minha espinha.

— Onde? — Eu me engasguei.

⁴ Instrumento em BDSM.

Sem resposta. Ele provavelmente me achou estúpida. Esse era um clube de casais, como me foi explicado. A proximidade era esperada.

Dei um passo em direção a ele. E mais um. Virei-me lentamente, como em uma névoa, e me sentei em seu colo. Com as costas rígidas, meus olhos se desviaram para fora da janela e se fixaram em um olhar escuro e penetrante. Igor!

— Ele está observando, — murmurei baixinho.

— *Da.* — Porra, sua voz russa era mais sexy do que sua voz inglesa.

Dois batimentos cardíacos e suas mãos chegaram à minha cintura. Ele apertou com força suficiente, tentando-me a me virar para ver seu rosto. Embora eu soubesse que não encontraria nada lá. Esse homem era bom demais em se esconder atrás de sua máscara.

Suas mãos deslizaram pela minha cintura e pelas minhas coxas. Arrepios se espalharam por minha pele, e cerrei os dentes para conter um gemido. Alexei era o homem mais frio que eu já havia conhecido, um criminoso. Então, por que meu corpo queimava? Eu me sentia como se estivesse pegando fogo, a sensação do corpo duro de Alexei atrás de mim fazia a dor pulsar entre minhas coxas.

Isso é só para mostrar, lembrei a mim mesma. Tínhamos de dar a impressão de ser um casal de verdade. Mas seu toque era real, real demais. Focalizei meus olhos do lado de fora da janela, onde dois homens e uma mulher nos davam um show.

Observei os dois homens tocarem a mulher loira como se suas vidas dependessem dela e meus olhos se fixaram nos três. Sua saia estava

enrolada na cintura e a alça do ombro estava solta, expondo seus seios. As mãos dos homens estavam sobre ela, famintas e ásperas. A expressão em seu rosto era de puro êxtase. O sangue em minhas veias ardia como um inferno; minha pele zumbia com uma sensação desconhecida. Eu não conseguia respirar, o ar era muito denso, meus pulmões estavam muito apertados.

Em um só impulso, um dos homens entrou nela e o gemido da mulher vibrou através do vidro. Meu suspiro suave ecoou pelo espaço escuro. A eletricidade crepitava na sala e minha boca ficou seca enquanto eu a observava.

As palmas de suas mãos se apoiaram no vidro. Jesus, eles deveriam ter um quarto, não fazer isso ao ar livre, pensei comigo mesma. Embora o objetivo do clube de sexo fosse fazer isso às claras. Deus me ajude a sair dessa confusão!

Seus gemidos se tornaram agudos, eu os ouvia em alto e bom som daqui. Um dos homens envolveu-a com a mão, os dedos beliscaram seu mamilo e seu gemido ofegante atravessou o vidro. Senti meus próprios mamilos se contraírem.

Mudei de posição, tentando ficar confortável, sentindo-me quente demais para o meu próprio bem. Então, me mexi novamente, minha bunda se movendo levemente contra Alexei, e fiquei paralisada.

Alexei estava duro.

Minha cabeça se voltou para o rosto dele. Nada além da mesma expressão encontrou a minha. Meu coração batia no peito, minha

respiração estava acelerada e esse homem não demonstrava nada. Nenhuma emoção. Nenhum lampejo de desejo.

Só que ele está duro. O pensamento penetrou em meu cérebro infundido de luxúria.

Todos os pensamentos evaporaram de meu cérebro, deixando-me apenas com essa chama de luxúria que lambia minha pele. Eu me movi em seu colo e um lampejo de fome depravada brilhou em seus olhos. Chamas em seu olhar azul-claro que ameaçavam me engolir.

Então, ele surtou. Em um segundo, eu estava sentada em seu colo, no outro, minhas palmas estavam contra a janela e eu estava curvada com a bunda para cima.

Eu estava tão duro, que meu pau se esticou contra a bunda dela. No momento em que ela se chocou contra ele, meu controle se rompeu. O sangue rugiu em meu cérebro e correu direto para a virilha. Eu surtei.

Inclinando-a, com as palmas das mãos apoiadas no vidro, minhas mãos empurraram seu vestido vermelho para cima, mostrando sua bunda para mim. A mulher usava a menor calcinha que eu já tinha visto. Pressionei meu corpo contra o dela para que ela pudesse sentir meu pau contra a curva macia de sua bunda.

Pressionando meus lábios em seu pescoço frágil, apreciei sua pele macia e a pulsação acelerada sob minha boca. Lambendo a pele de sua clavícula, levei as palmas das mãos à sua bunda redonda.

— Pronta? — perguntei. Um pequeno gemido escapou de sua boca, sua respiração estava ofegante.

Ela olhou por cima do ombro e nossos olhos se cruzaram. Aqueles olhos castanhos profundos e quentes. Da cor do chocolate. Ela também cheirava a chocolate.

— Pronta, *kroshka*⁵? — Era sua última chance de me impedir.

— S-sim. — Sua voz era ofegante, seus lábios vermelhos e seus olhos estavam embaçados de luxúria. Que se dane se eu sabia se era por mim ou pelo que ela viu aquele trio fazendo.

⁵ Garota.

A pequena agente do FBI, de cabelos escuros, era cheia de surpresas. Eu não deveria ir muito longe. Tudo o que me tocava acabava quebrado. Tudo o que eu tocava acabava arruinado. Sujo.

Mas, a menos que fizéssemos isso direito, Igor nos denunciaria e nossa passagem para Ivan iria para o inferno. O modo como ele a encarou me irritou. Isso me fez sentir uma fúria fria na espinha e me deu vontade de matá-lo.

Aurora era *minha*. Seus seios. Sua bunda. Sua boceta. Tudo meu, porra. Sua boca, porém, não seria. Eu não beijei.

Estendi a mão e abri suas coxas, empurrando o material frágil para o lado e deslizando meu dedo pelas suas dobras. Ela estava encharcada. Tão molhada que meus dedos ficaram encharcados em segundos.

Deus me ajude, mas ela era intoxicante e enlouquecedora ao mesmo tempo. Diferente de qualquer pessoa que eu já havia conhecido antes.

Até mesmo sua excitação tinha cheiro de chocolate, como uma droga que você inalava e permanecia para sempre em seu sistema. Empurrei meus dedos mais fundo e sua boceta se apertou ao redor dos meus dedos. Sua cabeça caiu para trás, seus olhos me observando por cima do ombro, através de suas pálpebras pesadas e as bochechas coradas.

Com a mão livre, agarrei o cabelo dela e o puxei para trás, ciente de que outras pessoas do clube estavam observando. No entanto, eles mal podiam nos ver. Apenas o nosso contorno seria visível porque eu diminuí

as luzes na medida certa para garantir que eles não pudessem nos ver claramente.

Sua boceta continuava apertada em volta dos meus dedos, ansiosa por mais, enquanto eu enfiava e retirava meus dedos. Seus gemidos ficaram mais altos, sua bunda empurrando contra mim. Então, sem aviso, retirei meus dedos e os levei à sua boca. Sem que eu pedisse, seus lábios se abriram e ela os chupou.

Lindo pra caramba!

Ainda segurando seu cabelo com uma das mãos, desabotoei minha calça, empurrei sua calcinha fio dental para o lado, deslizei meu pau duro como uma rocha ao longo de suas dobras quentes e depois bati nela. Ela estava apertada, sua boceta se apertando em volta do meu pau como uma fortaleza. Seus gemidos vibravam diretamente em meu peito enquanto eu a fodia com força. Nas últimas duas semanas, desde que ela abriu sua boca atrevida e inteligente, isso era tudo o que eu queria, e era melhor do que eu imaginava.

Ela parecia o paraíso. Meu próprio paraíso pessoal, ao qual eu não tinha direito, mas roubei um pouco dele de qualquer maneira. Todo o meu controle se desintegrou enquanto a fodia com força e sem descanso. Ela correspondeu a cada uma de minhas investidas com um gemido.

Preocupe-me em quebrá-la, forçando-me a relaxar quando seu rosnado baixo de advertência me fez acelerar.

— Mais. — Fiquei mais do que feliz em obedecer, acelerando o ritmo e batendo nela sem piedade. Seus gemidos suaves se transformaram em gritos ofegantes e urgentes. Ela estava perto. Eu sentia como se fosse

meu próprio orgasmo. Virei sua cabeça para que pudesse ver seu rosto enquanto ela se desfazia em prazer. Para mim.

Seus olhos escuros ficaram vidrados de desejo, sua boca se abriu e eu a fodi cada vez mais rápido e mais fundo até senti-la gozar, sua boceta me ordenhando com tudo o que eu tinha. Ela era linda pra caralho.

Um arrepio percorreu minha espinha e eu explodi minha carga diretamente em sua boceta apertada e quente, e o orgasmo mais poderoso da minha vida me atravessou.

Porra.

Seu corpo se inclinou para mim, como se ela buscasse meu conforto. Mal sabia ela que eu só trazia destruição. Nunca conforto.

Usei minha mão para virar sua cabeça para mim e, pela primeira vez na vida, fiquei tentado a beijar uma mulher. Não apenas uma mulher; essa mulher.

Ela deve ter sentido a mesma vontade, pois seus olhos se detiveram em minha boca.

Eu estava fodido. Tão fodido!

Capítulo 1

ALEXEI

Duas semanas atrás

Vasili tamborilou os dedos na superfície de sua mesa. Ele gostava de manter as mãos ocupadas. Eu preferia quando as pessoas não se mexiam e, definitivamente, não falavam. Eu odiava quem falava. Encostei-me na parede, esperando, com os braços cruzados.

— Tenho uma ideia, — Vasili finalmente quebrou o silêncio. Quando não me mexi, ele continuou: — Você quer ouvir?

Arqueei uma sobrancelha. Não deve ser uma boa ideia, se ele teve que expressá-la. Normalmente, Vasili era de contar, não de compartilhar ideias. E, definitivamente, não era de pedir opiniões. Provavelmente era por isso que Sasha se rebelava o tempo todo. Eu não me importava de qualquer forma. Se eu gostasse da ideia, eu o ajudaria. Se não gostasse, não ajudaria.

Assim como fiz com Cassio e sua gangue, que é o motivo pelo qual gostava de trabalhar com eles.

— Não? — perguntou Vasili.

— De qualquer forma, você vai me contar sua ideia, — eu disse.

— Então, por quê perguntar?

Toc. Toc. Toc.

Vasili estava agitado. Isso era uma ocorrência rara nos dias de hoje. Isabella, minha meia-irmã por parte de mãe, o tranquilizava. *Ela fez tudo valer a pena*, disse Vasili. Que bom para eles. Fiquei feliz por meus dois meios-irmãos terem se encontrado. E não, Vasili e Isabella não tinham laços de sangue. Eu compartilhava um pai com Vasili e uma mãe com Isabella.

Toc. Toc. Toc.

Vasili tinha a cabeça fria, mas não lidava bem com as ameaças à sua família. Na verdade, nenhum de nós lidava. Nem Cassio ou seu irmão. Nem Luciano. Nem Nico. Cada um de nós ficava furioso quando nossa família era ameaçada.

O acordo entre as Belas e os Mafiosos era uma dessas ameaças, e todos nós trabalhávamos duro para eliminá-lo. Ele terminou com Marco King e as coisas diminuíram em relação ao tráfico de mulheres. Principalmente porque toda a costa se recusava a receber qualquer pessoa que traficasse seres humanos. Matar Benito e Marco King serviu como um bom exemplo para qualquer outro idiota que pensasse em fazer um acordo como esse. Ou qualquer tipo de tráfico de pessoas.

Mas sempre haveria um vilão que não receberia o memorando e alguém para lutarmos. Ivan Petrov era nosso alvo atual. O fantasma sombrio que o FBI vinha perseguindo há anos. O homem que eu pessoalmente queria ver morto. O homem que agora ameaçava minha família.

— Não podemos continuar permitindo que esse filho da puta leve os meninos, — rosnou Vasili. — E ele vai longe demais ao insinuar que levaria Nikola.

Outro garoto foi sequestrado. Em plena luz do dia, cercado de pessoas. No meio de uma rua movimentada de Nova Orleans. Ivan Petrov estava por trás de todos os sequestros. Era sua assinatura. O garoto sequestrado tinha a idade e o físico certos para o que aquele desgraçado procurava. Além disso, a mensagem deixada por Ivan era claramente dirigida a mim.

Você não pagou sua dívida.

Seu sobrinho a pagará.

Não é necessário assinar. Eu sabia que Ivan acabaria fazendo a cobrança. Ele nunca deixava uma dívida pendente. A única maneira de evitar o pagamento de uma dívida com aquele bastardo era a morte. Mas então você meio que pagava a dívida em definitivo, não era?

Psicopata maldito e perverso!

Embora até hoje eu não tenha me arrependido de minha decisão de todos aqueles anos atrás. Ele queria a menina de olhos escuros e cabelos ainda mais escuros. Ela deveria ser uma lição usada para ensinar ao pai, que na época era governador e hoje é senador, o que acontecia quando você traía Ivan Petrov. Mas a dívida da menina não era para ser paga. Então eu o traí. A menina e eu escapamos das garras de Ivan.

Mas o garoto não. Seu irmão.

A culpa por isso ainda me atormentava. Saber que o garoto teve de passar pelo mesmo inferno que eu vivi. Ninguém deveria ter de passar por essa merda. E eu era responsável pelo inferno do garoto ao levar Ivan até ele e sua irmã.

Esse conhecimento, por si só, me sufocava. Um peso morto amarrado às minhas pernas enquanto eu afundava no fundo do oceano.

Até hoje, não tenho dúvidas de que Ivan sabia exatamente o que estava fazendo. Geralmente, ele me usava para matar homens que o haviam traído. E esses homens eram tão desprezíveis quanto ele. Não me incomodava acabar com eles. Mas, certa vez, ele me enviou para perseguir os filhos de seu rival só porque ele se recusou a lhe vender um pedaço de terra.

Fiquei furioso por não tê-lo matado todos aqueles anos atrás, quando tive a chance. Uma fração de um momento. Uma chance perdida. Mas ele se aproveitou de uma única emoção e me manipulou. Ele insinuou que conhecia minha família, dando-me uma pista para seguir. E então ele me ferrou.

Malditas emoções.

Se eu pudesse queimá-las e nunca mais sentir nada, eu embarcaria nesse trem.

Eu trabalhava melhor sozinho, nas sombras. Era o que eu havia sido treinado para fazer antes mesmo de aprender a matar. Provavelmente por isso eu era o melhor em matar. E a caçar homens.

Quando encontrei Cassio e sua turma, ou quando eles me encontraram, foi uma decisão calculada de minha parte trabalhar com eles.

Foi uma escolha minha, porra. Eles me deixaram fazer o que tinha que fazer, não esperaram nada em troca e *pediam* se precisavam de minha ajuda. Não havia exigências de lealdade cega. Eu nunca daria isso a ninguém além de minha própria família. Embora eu sempre apoiasse as gangues e elas me apoiassem a mim, em mais de uma ocasião.

— O FBI está cuidando do caso, — explicou Vasili. Não é de se admirar. Dessa vez não era um garoto perdido. Esse garoto estava voltando da escola para casa... a caminho de sua família. Era a única coisa que não combinava com o modo de agir de Ivan. Mas esse era o golpe contra mim. E ele estava intensificando os sequestros em todos os Estados Unidos. Ele estava desesperado por mais garotinhos para seus jogos malucos.

— Tenho um contato no FBI. — Não era nenhuma surpresa. Vasili tinha contatos em todos os lugares. — Ele me deve uma. Poderíamos fazer com que ele nos desse sua equipe e trabalhasse conosco.

Certo, no que diz respeito a planos, não era um plano ruim. O FBI tinha vastos recursos e tirar proveito deles seria benéfico para nós.

— Quero que você trabalhe com a equipe, — acrescentou meu irmão mais velho. — Encontre uma maneira de se aproximar de Ivan. Ele precisa ser detido.

Havia *um caminho*. Só que eu não tinha uma parceira para levar até lá. E eu tinha que garantir que não mataria ninguém quando lá chegássemos.

— Você sabe quem o FBI tem trabalhando no caso? — perguntei-lhe, já sabendo a resposta.

Ele deu de ombros. — Isso importa?

Importava. Foi quem me salvou. *Uma pequena mão que deslizou para dentro da minha e me deu luz para me segurar.*

Sim, para mim isso era muito importante.

Meus olhos percorreram a grande janela do escritório de Vasili. A vista da cidade se estendia, como um império pecaminoso. Aqui era silencioso, mas eu sabia que a cidade era barulhenta. Eu me acostumei com o burburinho constante da cidade. Nova Orleans era eclética - um caldeirão perfeito do velho mundo, do novo mundo e de muitos outros.

Em Washington, D.C., eu dava imenso nas vistas entre os políticos e homens de negócios bem-acabados. Aqui, eu fazia parte da cidade que abraçava a escuridão, a luz e o paranormal por meio de mitos e magia, como parte da vida cotidiana. Meu rosto não era mais incomum do que o de qualquer outra pessoa.

As tatuagens em meu rosto - normais. Cicatrizes - normais. Passado de merda - tão normal que era triste.

Nova Orleans se tornou *meu lar*.

Não importava que o ar cheirasse a mofo das águas lamacentas do Mississippi, misturado com o doce aroma de *Beignets*⁶, o aroma picante de caranguejo cozido e, a um quarteirão de distância, em Bourbon, o cheiro de urina que se espalhava pelas ruas. Eu pertencia a este lugar. Eu me encaixava aqui como apenas mais um membro da sociedade.

As pessoas com quem eu me importava moravam aqui. Pela primeira vez em minha vida, eu tinha uma família. *Família!*

⁶ Bolinhos recheados de creme de chocolate, doce de leite ou creme de confeiteiro.

Era um pensamento relutante. O lar e o apego a qualquer coisa e a qualquer pessoa estavam há muito extintos em mim. Cortesia da velha vadia de Nikolaev. Foi graças a ela, a mãe de Vasili, que eu cresci sem conhecer meu pai e minha mãe. A mãe de Vasili havia me vendido para Ivan. Sua forma de punição ao marido, meu pai, por tê-la traído. O ciúme da mulher era cruel, destruindo minha própria mãe e fazendo com que ela caísse nas garras do velho Santos, o pai de Raphael.

Ele deveria ter ajudado minha mãe a me encontrar, mas tudo o que conseguiu foi engravidá-la. Pelo menos ela foi esperta o suficiente para se afastar dele antes que sua própria esposa machucasse Isabella. Lombardo Santos não era muito melhor do que a mãe de Vasili. Ele traficava mulheres da América do Sul e não se importava em testá-las ele mesmo. Das formas mais brutais. Há alguns anos, coloquei um alvo em sua cabeça, e Sasha, sendo o bom irmão que era, o matou.

Um dos melhores dias de minha vida. A vida tinha sido boa ultimamente. Meus irmãos estavam protegidos e seguros. Assim como meu sobrinho e minha sobrinha. No entanto, nos últimos anos, aquele sentimento há muito esquecido permaneceu em algum lugar profundo. Medo de perder o que eu amava.

Eu odiava isso. Isso me deixava mais paranoico e mais assassino.

Eu culpava Isabella por isso. A ansiedade piorou quando ela teve os filhos pequenos. Nikola e Marietta, batizados em homenagem ao pai de Vasili e à mãe de Isabella. Eu não pensava em nenhum deles como meus próprios pais.

Graças a Deus, Tatiana não tinha tido bebês. Eu não conseguia lidar com tantas preocupações. A conhecida sensação de frio subiu por minha espinha, mas eu a ignorei. Em meus trinta e oito anos de vida, eu havia me acostumado a ela.

Parecia que todo o grupo estava gerando bebês e se casando. Cassio foi o último a se apaixonar. E, em breve, ele próprio se tornaria pai. Há apenas alguns meses, a menina de Luciano foi batizada. Nico e Bianca tiveram seus meninos gêmeos, além das meninas gêmeas diabólicas. Os homens se estabeleceram e se concentraram em suas famílias. Algo que todos nós desejávamos há anos. Só que a família não estava ligada apenas pelo sangue, mas também por amizades estreitas.

Mas agora tínhamos muito mais a perder. Não se tratava mais apenas de nós. Tratava-se das famílias que havíamos criado.

— O que você acha, Alexei? — perguntou Vasili. — Ele tem que ser detido.

Ele estava certo, tínhamos de deter Ivan. Todos os meninos deste mundo fodido estavam em perigo por causa daquele filho da puta. Áine King, esposa de Cassio, salvou um grupo de meninos na Rússia há quase um ano. Isso deu início a uma cadeia de eventos que deve ter levado Ivan ao limite, pois ele tornou seus ataques mais pessoais. Ele visou as cidades de seus inimigos - Nova York, Nova Jersey, Baltimore e a área de D.C., Miami e, principalmente, Nova Orleans.

De fato, parecia que o estado da Louisiana se tornou o principal parque de diversões de Ivan para sequestrar meninos. E ele nem se preocupava em ser sutil quanto a isso. Ele deve ter ficado desesperado por

mais estoque, pois chamava os garotinhos que usava para seus ringues de luta e outras coisas desprezíveis quando tinham idade suficiente. Aquele desgraçado garantia ter grandes lucros, esgotando todos nós - emocional, mental e fisicamente. Viver esse tipo de merda deixava uma marca.

Era isso que me motivava. Meus objetivos coincidiam com os de Cassio e de toda a sua turma. Eliminar qualquer pessoa que traficasse seres humanos. A parte infeliz era que cada vez que matávamos um traficante de pessoas, surgiam mais dois.

Mas, no momento, eu estava concentrado em Ivan Petrov, o mal que ainda habitava esta terra. Eu queria arrancar seus globos oculares, cortar seus dedos, depois cortar suas bolas, dedos dos pés, orelhas e terminar com seu pau. Para que ele pudesse sentir toda a dor que infligiu ao longo dos anos a todos os outros.

Durante o último ano, Vasili, Sasha e eu viajamos para todos os locais conhecidos, tentando ver Ivan e acabar com sua vida. Cassio, Luca e Nico também ajudaram. Até mesmo a esposa de Cassio. Todos nós queríamos acabar com a organização de Ivan. Mas ele havia se tornado muito bom em se esconder. E parece que não usava mais os abrigos que eu conhecia.

Só que algo continuava voltando à tona em minha mente.

— Talvez haja uma maneira de chegar até Ivan, — disse ao meu irmão com firmeza.

Capítulo 2

AURORA

— *Macchiato*⁷ e um café com leite, por favor.

Abafei outro bocejo. Droga, eu estava exausta. Como minha equipe se encontrava no centro de Nova Orleans atrás de uma pista, uma pista falsa, e estava bêbada a noite toda, decidi pelo menos tomar um café antes de voltarmos para a sede.

A noite toda e isso não levou a lugar algum.

Outro garoto desapareceu. Cabelos loiros e olhos azuis. Isso era muito específico nos últimos meses. Então, recebemos uma denúncia anônima de que um garoto de idade e atributos físicos semelhantes havia sido visto nos arredores do French Quarter. Perto do cemitério. Era um lugar estranho onde qualquer garoto se encontraria, mas seguimos todas as pistas até aquele momento. Qualquer uma delas poderia significar a diferença entre a vida e a morte.

— Aqui está, policial. — Franzi as sobrancelhas, com meu humor irritado pela falta de sono. De que diabos ele estava falando? Eu não era uma policial.

Então, lembrei-me de que ainda usava meu colete do FBI e minha arma de mão presa no coldre no quadril. Estavam na ponta da língua

⁷ É uma bebida de café expresso com uma pequena quantidade de leite, geralmente espumada.

as palavras para corrigi-lo e dizer que o termo correto era agente. Agente especial, se ele quisesse ser exato. Era um erro comum que muitos cometiam. Mas depois dei de ombros. Não valia a pena, e eu estava muito cansada para dar um sermão em alguém sobre títulos corretos.

Pegando o café no balcão, murmurei um agradecimento e voltei para o carro. Assim que saí da cafeteria, o ar quente e úmido me atingiu. Julho em Nova Orleans não era brincadeira. Era úmido pra caramba e eu jurava que o cheiro de álcool, *Beignets* e algum odor de mofo não identificável permanecia constantemente no ar. Nenhuma brisa conseguia se livrar desse cheiro.

Só me mudei para Nova Orleans há cerca de seis meses, quando os casos de meninos sequestrados se tornaram mais proeminentes nessa área. Eu não conseguia decidir se gostava ou não de estar aqui. Nova Orleans sempre foi um lugar cheio de vida, mas eu me sentia sozinha aqui. Era um tipo de solidão diferente da vida política e social de D.C.

Além disso, eu sempre tinha meus irmãos e minhas melhores amigas Willow e Sailor por perto. Era suportável com eles por perto.

Aqui, era muito evidente que eu havia me tornado uma solitária. Mas os pensamentos sobre meu irmão, Kingston, continuavam me empurrando para a frente. Eu tinha que me redimir de meus erros, consertar as coisas, descobrir o que havia acontecido com ele. Eu não descansaria enquanto não o encontrasse.

Deixando de lado esses pensamentos sombrios, fui até ao Ford Expedition preto onde Jackson estava sentado, esperando por mim. Ele tinha sido meu parceiro no último mês e, antes disso, somente quando eu ia

a campo. Nos últimos trinta dias, eu havia sido transferida para trabalhar em tempo integral no campo.

Meus irmãos, sendo quem eram, garantiram que, quando entrei para a agência, eu conseguisse o emprego mais seguro possível. Atrás de uma mesa. Trabalhei duro nos últimos anos e, quando fui transferida para Nova Orleans, finalmente tive minha chance. Eu estava em campo. Como traçadora de perfil, eu só tinha permissão para coletar informações da cena do crime. Mas, nesse caso, assumi um papel mais ativo. Eu estava procurando o sequestrador.

Foi preciso ser muito convincente, mas, felizmente, McGovan, meu chefe, estava com falta de pessoal e eu estava disposta. Sim, ele se preocupava com o que os poderosos Ashfords fariam com ele se descobrissem, mas eles nunca saberiam. Nem meu pai, nem meus irmãos, que eram excessivamente protetores. O primeiro só se preocupava consigo mesmo. Bastardo egoísta. Sim, ele era meu pai, mas só no nome. Ele sacrificou seus filhos e sua moral em prol de sua carreira política.

Coloquei o café para viagem em cima do carro, abri a porta, peguei o café em cima do carro e entrei.

— Aqui está.

Ofereci ao meu parceiro seu café com leite.

— Você é uma santa, — murmurou ele, abafando um bocejo.

Nós dois estávamos exaustos hoje. E não éramos o melhor tipo de pessoas irritadiças. Espero sobreviver ao dia sem nos matarmos. Pelo menos é sexta-feira. A melhor parte era que meu irmão e minhas amigas estavam passando o fim de semana comigo. Byron, meu irmão mais velho,

estava me vigiando. Acho que era a vez dele - Royce, Winston e Byron se revezavam nas tarefas de irmão mais velho. Em algumas ocasiões, eles tinham uma ideia brilhante e se juntavam. Isso é que é ser superprotetor, mas eles faziam isso com amor, então eu não podia reclamar muito.

Fechei a porta atrás de mim e levei meu *macchiato* aos lábios.

— Vai ser um longo dia, — murmurei.

— Bem pode dizê-lo, — reclamou Jackson. — E se o maldito Milo falar comigo hoje, eu sou capaz de matá-lo.

Meus lábios se curvam em um sorriso. Milo era o nosso técnico de informática. Ele podia invadir qualquer coisa, obter informações sobre tudo. Bem, exceto a identidade do homem que estava sequestrando meninos na Louisiana.

Eu suspeitava que o mesmo homem fosse responsável pelo sequestro de meninos em todos os Estados Unidos. Eu estava atrás dele desde que me lembro. Quase como uma obsessão doentia, mas eu precisava resolver isso.

Por Kingston, meu quarto irmão.

Arrepios se espalham por toda a minha pele, como acontece toda vez que eu penso nele. Era a culpa que estava me consumindo, eu sabia disso. Ele foi levado por minha causa. E do meu pai, mas eu estava lá. Não lhe dei ouvidos... não dei ouvidos ao meu irmão.

Um nó se formou em minha garganta, a ferocidade sempre a mesma. Meu coração se apertou no peito, e eu teria pensado que era um

ataque cardíaco se não tivesse passado por isso antes. Mas tinha. A culpa era uma coisa poderosa.

Expiar meus pecados, minha alma sussurrou.

Esse predador pode estar ligado ao homem que levou meu irmão. Portanto, não haveria nada que me mantivesse afastada. Eu estava fazendo isso por todos os meus irmãos. Nenhum de nós era o mesmo desde que Kingston nos foi roubado.

Geralmente, eram meninos de dez a doze anos que desapareciam. De várias origens étnicas, geralmente sem família. Exceto por casos raros aqui e ali, como Kingston, mas meu instinto me dizia que era o mesmo cara.

E recentemente algo havia mudado.

Os sequestros de repente pareciam pessoais. Cabelos loiros e olhos azuis. Repetidas vezes. A idade não parecia mais ser um fator importante. Embora o modus operandi permanecesse. Esse homem estava agora escolhendo um tipo específico de menino. Nos Estados Unidos e em todo o mundo. E não mais ‘vadios’, mas agora também meninos que tinham família. Como meu irmão.

Vinte minutos depois, estávamos de volta à sede do FBI em Nova Orleans. O prédio de tijolos de três andares ficava escondido na Leon C, bem perto do rio.

Sinceramente, nunca imaginei que trabalharia para o governo enquanto crescia. Achei que seria uma artista ou talvez uma artista autônoma. No entanto, aqui estava eu. O sequestro de Kingston afetou cada

um de nós de forma diferente, e cada um tinha sua própria maneira de lidar com a situação.

Esse era o meu jeito.

Passei meu distintivo e caminhei pelo controle de segurança, depois esperei por Jackson. Quando ele terminou, atravessamos o grande saguão de mármore em direção aos elevadores.

Dois homens estavam ali, e eu olhei para eles duas vezes. Eles eram grandes. Extremamente grandes. Um metro e oitenta e cinco, se eu tivesse que adivinhar. Estavam de costas para nós, então não pude ver seus rostos. Quando eu estava prestes a cutucar Jackson a respeito deles, uma voz familiar chamou atrás de nós.

— Olá, pessoal.

Jackson e eu gememos em uníssono. — Vou pelas escadas, — disse Jackson e desapareceu antes que eu pudesse dizer uma palavra.

— Traidor, — eu digo entredentes.

O elevador toca e a porta se abre. Os homens à minha frente entram e eu os sigo, apertando o botão para o terceiro andar com urgência.

— Muito lento, — resmungo quando Milo entra correndo no elevador no último minuto, quase ficando preso na porta. Idiota de merda.

— Oi, Aurora. Como foi sua noite? — Ele sorri amplamente, seus olhos brilhando com malícia ou qualquer outra coisa. Eu nunca conseguia identificar. Como se ele soubesse de algum segredo que o resto de nós não tinha conhecimento. Sem mencionar que as vibrações dele

sempre me incomodavam. Me dava vontade de gritar ‘*peeper the creeper*’⁸. Talvez porque ele fosse um hacker.

Rolei os ombros para aliviar a tensão. — Ótima.

— Você viu alguém?

Só porque tenho uma arma de fogo, isso não me dá o direito de matá-lo, lembrei a mim mesma em silêncio. Fizemos um juramento de servir e proteger, não de matar pequenos hackers irritantes que nos dão a impressão errada.

— Sim.

Seus olhos se arregalaram. — Quem?

— Pessoas. — Estalei o pescoço. Porra, essa tensão estava me matando. — Você deveria tentar sair de vez em quando. Há um monte de gente por aí.

Na verdade, Milo parecia pensativo, como se estivesse se debatendo se deveria fazer isso. O homem era inteligente como um chicote, mas desajeitado pra caramba. Ele tinha mais ou menos a minha altura, um metro e sessenta, cabelos e olhos castanhos. Usava ternos que eram um tamanho a mais, o que o fazia parecer ainda mais baixo. Eu não tinha certeza da idade dele, talvez apenas alguns anos mais velho do que eu.

Sua mão se estendeu e eu estreitei os olhos para ele. O que ele estava fazendo?

Afastei sua mão. — Esse café é meu.

⁸ Algo como ‘Olhinhos sinistros’, com base no fato de ele ser hacker.

— Você e seus irmãos não compartilham? Você deveria estar acostumada a compartilhar.

Bum. Bum. Bum. Bum. Bum. Bum. Meu coração acelerou a uma velocidade dolorosa, martelando contra minhas costelas.

— Você não sabe que compartilhar é cuidar? — continuou ele. Minha coluna ficou rígida. Uma lembrança surgiu. Pisquei os olhos, com imagens nebulosas em minha mente.

— *Corre, Aurora!* — *A voz do meu irmão quebrou o lindo dia ensolarado de inverno. — Corra e não olhe para trás.*

— *Não quero ir sozinha,* — *choraminguei, meu medo me mantendo colada ao meu lugar.*

— *Não se preocupe, garotinha.* — *A voz do velho era assustadora. Seu inglês soava estranho. Ele sorriu, com os dentes amarelos, e o sorriso se alargava a cada passo que dava em minha direção. Meu coraçãozinho disparou tão rápido que achei que fosse explodir em meu peito. — Compartilhar é cuidar.*

— *Deixe-a em paz!* — *Os olhos de Kingston se fixaram em mim. — Corra, Rora!* — *Ele gritava a plenos pulmões; sua exigência era clara. Pela primeira vez naquele dia, eu escutei. Corri o mais rápido que minhas pernas podiam me levar.*

Meus pulmões ardiam, meus músculos tremiam, mas eu continuava correndo.

Ding.

Pisquei os olhos. O elevador parou. Balancei a cabeça, deixando as lembranças de lado. Em algum lugar escuro e profundo, onde elas apodreciam até que eu pudesse fazê-lo pagar.

— Que se dane compartilhar e cuidar, — sussurrei. Eu odiava essas palavras. — Você não tem ninguém para perseguir? — gritei para Milo, seus olhos se arregalaram com minhas palavras.

Saí correndo de lá antes que ele pudesse responder. A falta de sono me deixava muito sensível e, se ele dissesse mais alguma coisa, eu perderia o controle.

Não seria inteligente receber uma ligação do RH logo que era colocada em campo.

Capítulo 3

ALEXEI

Ela tinha crescido.

É claro que reconheci imediatamente Aurora Ashford, filha do senador George Ashford, que estava de olho na presidência. Eu a havia monitorado, de vez em quando, nos últimos vinte anos. Eu sabia que ela trabalhava para o FBI. E só recentemente descobri que ela estava em Nova Orleans, minha cidade. Todos esses anos e a vida a trouxeram de volta à minha porta.

Ela fazia parte do plano. Vasili tinha uma ideia geral do que precisávamos, mas quando se tratava de minha conexão com a família Ashford, eu guardava isso para mim. Certas coisas eram difíceis de perdoar.

Observei a pequena mulher bater na mão do homem e meus lábios se contraíram. Contorceram-se de fato! Minhas irmãs, sobrinho e sobrinha eram os únicos seres humanos que me faziam querer sorrir. A cicatriz em meu lábio me impedia de sorrir desde que eu era adolescente. Não parecia valer a pena a dor física que ela trazia, e raramente havia algo para sorrir naquela época.

Na verdade, risque isso - nunca houve motivo para sorrir. No entanto, agora eu sentia vontade de sorrir.

Focalizei meus olhos na mulher à minha frente. Ela estava de costas para mim, o topo de sua cabeça mal chegava ao meu peito. Ela era pequena. Muito frágil. O que o FBI estava pensando ao mandá-la para o campo? Obviamente, ela trabalhava em campo, ainda usava seu colete à prova de balas. Da última vez que a vi, ela estava em Washington, trabalhando para o FBI como traçadora de perfis, sentada atrás de uma mesa.

E agora aqui estava ela, ao meu alcance. Aquela garotinha havia desaparecido e em seu lugar havia uma linda mulher adulta.

Seus jeans azuis abraçavam seus quadris e sua bunda redonda parecia tentadora neles. Ela usava uma camiseta branca por baixo do colete do FBI e botas de combate pretas. Sua arma também. Sua longa juba negra era puxada para cima em um rabo de cavalo sedoso e tinha o mesmo tom de pele oliva de seus ancestrais por parte de mãe. Os DiLustros, italianos e parte dos Kingpins do Sindicato⁹.

Quando ela pronunciou suas palavras seguintes, fiquei convencido de que ela herdou o temperamento da mãe. Ultimamente, eu tinha convivido com um bom número de mulheres italianas, e o temperamento delas explodia mais rápido do que balas. Embora as irlandesas pudessem ser igualmente ruins. Um bando de cabeças quentes. Embora eu preferisse que a Agente Ashford tivesse o temperamento italiano do que as qualidades de seu pai. Ele era mais do tipo que sorria enquanto apunhalava você pelas costas, um filho da puta conivente.

⁹ Chefões do Sindicato. Iremos manter a palavra 'Kingpins' em inglês uma vez que ela dá nome a outra série da autora com os primos de Aurora, traduzindo 'the Syndicate'.

— Que se dane compartilhar e cuidar. Você não tem ninguém para perseguir? — ela gritou com o cara que se atreveu a falar com ela. As palavras de vinte anos atrás soaram em meus ouvidos. Minha participação em tudo aquilo me atormentava, a culpa ardia em meu coração.

O elevador se abriu e ela desapareceu, seu cheiro se esvaindo sem ela no pequeno espaço. Para minha decepção. Ela tinha cheiro de chocolate. Meu doce favorito. Infelizmente, meu corpo não conseguia processar aquela sobremesa. Era o que acontecia quando o chocolate era usado como método de tortura.

Chocolate. Eu devo ter imaginado isso. Não era um cheiro normal, definitivamente não era um perfume.

Não, não podia ser. Seu café devia ser uma merda de mocha ou algo assim. Quando ela desapareceu de minha vista, uma sensação de perda permaneceu.

Ridículo pra caramba.

A garota nem sequer olhou em nossa direção. Uma mulher com seu status provavelmente tinha homens na fila. Inteligente. Capaz. Bonita. Rica. A família Ashford dominava tudo. Eles eram a elite real do mundo social e político. Seus irmãos eram conhecidos como os Reis Bilionários¹⁰. Só que, por trás de todo o seu brilho, eles tinham segredos e esqueletos, como qualquer outra pessoa.

¹⁰ Neste optámos por deixar traduzido mas o nome original é Billionaire Kings e trata-se de outra série da autora.

De qualquer forma, uma mulher como a agente Ashford não se envolvia com homens que lidavam com negócios obscuros, tinham um passado de merda e cicatrizes marcando seu corpo e sua mente.

Vasili e eu saímos do elevador. Ele nem sequer olhou para a mulher à nossa frente. Não que ele tenha olhado para qualquer outra mulher desde Isabella. Ele estava trocando mensagens de texto com ela desde que saímos de casa. Meu irmão a deixou há apenas vinte minutos. Era um mistério o que eles poderiam estar dizendo um ao outro.

Risque isso. Eu realmente não queria saber.

Assim que chegamos à porta do escritório, ele enfiou o celular no bolso.

George McGovan.

O nome estava bem impresso na placa de identificação do escritório, do lado de fora da porta. Ela se abriu na hora certa e um homem de quarenta e poucos anos ficou frente a frente conosco. Seus olhos se iluminaram em reconhecimento. Vasili e McGovan se cruzaram pela primeira vez há mais de uma década, quando Vasili salvou sua pele em alguma prisão russa. Desde então, Vasili o vinha usando para obter informações. Ele até conseguiu fazer com que McGovan apagasse algumas de minhas atividades registradas pelo FBI. É claro que McGovan não tinha uma posição alta o suficiente para apagar todas as minhas coisas.

— Sr. Nikolaev, — ele nos cumprimentou, estendendo a mão. — Dois Nikolaevs.

Ele sorriu como se essa fosse a melhor piada de todas.

— Agente especial McGovan, — Vasili o cumprimentou, aceitando o aperto de mão.

Eu nunca me mexia. Odeio tocar nas pessoas. Prefiro quebrar sua mão a apertá-la. Isso não tinha nada a ver com o fato de ser germofóbico e tudo a ver com o que aquele maldito Ivan havia feito comigo.

O agente especial se preparou para me dar um aperto de mão, mas Vasili o interrompeu.

— Podemos ir direto ao assunto? — Vasili exigiu mais do que pediu.

— É claro, é claro. — O agente especial olhou em volta, com as sobrancelhas franzidas. — Vejo que minha secretária desapareceu novamente.

Tanto Vasili quanto eu mantivemos nosso olhar no homem. Queríamos acabar com isso e sair daqui. Não estávamos na lista de procurados, mas também não éramos completamente legais. Deus sabia que eu não era. O FBI estava me investigando desde o momento em que pisei em solo americano. Ivan Petrov era conhecido por suas atividades criminosas, embora nada jamais tenha sido atribuído a ele. Ele tinha bodes expiatórios suficientes para culpar por seus crimes.

E, infelizmente, meu nome fazia parte de seus crimes. Afinal de contas, eu era o executor. Seu assassino pessoal.

McGovan saiu do caminho quando entramos em seu escritório. Vasili sentou-se em frente ao diretor do FBI, enquanto eu permaneci em pé, encostado em um armário de arquivos cinza barato que protestava contra o meu peso. Era difícil se livrar de alguns hábitos, um deles era a necessidade

de estar perto da saída. Quando você cresce cercado de inimigos, isso fica enraizado em você. Caso contrário, você está morto.

No momento em que estávamos todos instalados, Vasili não perdeu tempo.

— Como mencionei ao telefone, — começou Vasili. — Temos algumas informações valiosas que ajudarão a solucionar os sequestros de meninos em Nova Orleans e em toda a Louisiana.

O que o FBI não sabia era que esses sequestros estavam acontecendo em todos os Estados Unidos. De fato, em todo o mundo. A maioria dos meninos que foram levados nunca mais foi encontrada.

— Estou vendo. — McGovan esfregou as mãos, como se já estivesse contando mentalmente o que a solução desse caso poderia fazer por sua carreira. — Você pode enviar o que tem?

— Não. — Foi a primeira vez que falei. A cabeça do agente especial girou em minha direção.

— A única maneira de isso funcionar é você designar sua equipe para trabalhar conosco, — explicou Vasili, ignorando a pergunta dele. — Assim que o culpado for capturado, ele será todo seu.

Essa não era uma missão de captura. Era uma missão do tipo ‘mate o maldito bastardo e o FBI poderá ficar com seu cadáver’. O FBI não tinha ideia de quem era o responsável, mas tinha uma equipe e recursos. Eu sabia exatamente quem era o responsável, mas precisava ter acesso aos recursos deles. Um recurso em particular.

— E você removerá Alexei de seu banco de dados completamente, — acrescentou Vasili. — Não me importa como. Só quero que isso seja feito.

Não me movi para olhar para ele. Eu lhe disse que não me importava se estava no radar do FBI ou não. Eles nunca me pegariam nem descobririam nada que pudesse ser levado a tribunal. Mas meu irmão era teimoso e inflexível quanto a consertar os pecados de sua mãe. Não era ele quem deveria consertar. Se aquela vadia ainda estivesse respirando, eu a esfolaria viva.

— Não é exatamente assim que funciona, — explicou McGovan, interrompendo os meus pensamentos.

Vasili se levantou, ajeitando seu terno impecável, fingindo limpar manchas de poeira inexistentes. Ele estava dando tempo para que o idiota percebesse que isso só poderia acontecer de uma forma.

— Espere um pouco. Você está indo embora? — McGovan perguntou com um leve pânico em sua voz.

— Sim. — Vasili encarou meu chefe com um olhar fixo. — Só há um caminho a seguir. Temos informações que ajudarão a acabar com esses sequestros. Você tem os recursos. Designe a equipe principal para nós. Nós cuidaremos do resto. A única coisa que você precisa fazer é eliminar Alexei do seu sistema.

Seus olhos se arregalaram. — Eu perderia meu emprego se os superiores soubessem disso. E não tenho a autoridade adequada.

— Só se eles descobrirem, — concordou Vasili. — E eles não descobrirão.

Vasili se virou para sair quando McGovan o impediu freneticamente.

— Espere, espere. — Ele enfiou as mãos no cabelo, deixando-o desarrumado. Mal tínhamos chegado há dois minutos e ele já estava uma bagunça. Como diabos ele conseguiu ter sucesso nessa carreira? — Deixem-me apresentá-los ao agente Ashford, que está acompanhando esse caso há algum tempo.

Os olhos de Vasili se voltaram para mim. Com um aceno compartilhado, ele se sentou novamente. Ela era quem nós precisávamos.

McGovan pegou seu aparelho telefônico e apertou um único botão.

— Ashford. No meu escritório.

Ele desligou e seus olhos se voltaram para Vasili, depois para mim. — Preciso saber que meu agente estará seguro.

— Nós o manteremos seguro. — Vasili não sabia nada sobre a Agente Ashford. Ele tinha seus segredos; eu tinha os meus. *Ela* era o meu segredo.

— Na verdade, ele é uma *ela*, — respondeu McGovan. — A agente Ashford está perseguindo pistas nos últimos seis meses em Nova Orleans. Ela pode lhe dar um resumo rápido. Mas preciso ter certeza de que ela não será colocada em perigo. O pai dela é...

Truz.Truz.Truz. Truz. McGovan parou e seus olhos se voltaram para a porta.

— Entre, — ele chamou.

Eu sabia quem era antes que a porta se abrisse. O cheiro de chocolate. A porta se abriu e a agente Ashford entrou. Ela não usava mais seu colete do FBI, mas ainda mantinha sua arma.

Ela entrou, fechando suavemente a porta atrás de si. Ela era reta e firme, mas tudo nela era suave. Ela não era tão baixa, exceto pelo fato de que, comparada com a estatura de Vasili e a minha, ela parecia pequena e frágil. Seus lábios eram cheios, como um botão de rosa, e dominavam seu rosto delicado junto com aqueles grandes olhos escuros. Os mesmos olhos escuros de seu irmão Kingston.

Seu olhar percorreu seu chefe, depois Vasili, e terminou em mim.

Nossos olhos se conectaram e ela roubou meu fôlego. Literalmente. Por uma fração de segundo, esqueci-me de respirar e a única coisa que senti foram os batimentos cardíacos e os olhos de chocolate mais escuros e suaves sobre mim.

Essa mulher não tinha nada que estar em campo. O pensamento estava alto e claro em meu cérebro.

Sua expressão era muito suave, muito inocente. Queimava minha pele e ia direto para o meu pau. E, pela primeira vez em minha vida, eu realmente *queria* tocar. Durante toda a minha vida adulta, o sexo foi apenas mais um exercício. Uma necessidade para aliviar o corpo.

Nada mais, nada menos.

Mas eu odiava qualquer forma de toque. Sim, eu era todo tipo de gente maluca. Cortesia do triângulo, da vingança e do ciúme de nossos pais. No entanto, ao observar a agente Ashford, tudo isso desapareceu.

Passado. Presente. Futuro.

Isso era perigoso. As repercussões seriam mortais. E sua família era poderosa. Seus irmãos a protegiam a todo custo e, ao longo de sua vida, haviam dividido várias famílias para mantê-la fora de perigo.

Especialmente porque eles perderam seu único irmão.

Observei-a inclinar a cabeça para o lado, estudando-me e, para minha consternação, fiquei imaginando o que ela viu.

Ralé. Um criminoso. Um assassino.

Ela estaria certa em todos os aspectos. Eu era tudo isso e pior ainda. Se ela se lembrasse, saberia que eu valia menos do que um grão de sujeira em suas botas. Embora ela ainda oferecesse conforto vinte anos atrás. A um mero estranho; um assassino.

— Ah, agente Ashford, — disse seu chefe, mas seus olhos não se desviaram de mim, observando-me com cautela. — Conheça Vasili e Alexei Nikolaev. — O idiota deu uma risadinha, e eu meio que desejei poder atirar nele para que parasse de falar. — Eles são irmãos.

Outra risada idiota.

Seus lábios se contraíram e eu apostaria todo o meu dinheiro que ela quase revirou os olhos, mas se conteve.

Olhou para Vasili, depois de volta para mim, depois de volta para Vasili. Eu não gostei nada disso.

— Olá. — Então, como se não pudesse se conter, seus olhos voltaram para mim.

É isso mesmo, garotinha. Mantenha seus olhos em mim.

Capítulo 4

AURORA

Caramba.

Esse foi o único pensamento que consegui evocar. Que genética incrível! Meus olhos percorreram o homem que estava sentado na cadeira. Mesmo sentado, ele parecia um gigante. Usava um terno caro, Armani, se eu tivesse que adivinhar. Feito sob medida. Embora isso não o afastasse de sua aura de perigo. O homem era uma fera.

Meus olhos se voltaram para o irmão dele. Ele usava calças cargo pretas, de nível militar... um nível militar caro. Botas de combate pretas. Uma camisa preta de botões com as mangas arregaçadas que expunham seus músculos. E aquelas malditas tatuagens.

O que diabos estava acontecendo com eles?

Ele as tinha em cada centímetro visível de sua pele. Até mesmo em seu rosto, sob os dois olhos. Eu me movi para a frente, como se fosse puxada por uma força invisível, ou curiosidade, para examinar aquelas tatuagens. Pessoalmente, eu odiava tatuagens, mas havia algo intrigante nas dele. Elas também não pareciam ser aleatórias. O especialista em perfis dentro de mim queria dissecá-las e entender o significado por trás de cada uma delas.

— Ah, agente Ashford. Conheça Vasili e Alexei Nikolaev. Eles são irmãos.

Tive que lutar contra a vontade de revirar os olhos para o meu chefe. *Não me diga, Sherlock.*

Qualquer pessoa com um olho, quanto mais dois, poderia ver que esses dois eram parentes. Mesmo que a cor não fosse a mesma, e era, bastava olhar para os olhos deles. Eu nunca tinha visto olhos azuis tão claros em minha vida.

Uma lembrança distante e nebulosa surgiu em minha mente, mas se dissipou antes que pudesse entendê-la.

— Prazer em conhecê-los, — cumprimentei os dois.

Embora a forma como meu chefe pronunciava seu sobrenome parecesse importante. O sobrenome não me era familiar, mas eu não era exatamente dessa região. No entanto, não deixaria de pesquisar sobre eles.

— Você também, agente Ashford, — respondeu o sujeito sentado, com voz grave e acentuada. O que estava em pé permaneceu em silêncio.

— Você e Jackson trabalharão com os homens de Nikolaev. — Arqueei uma sobrancelha. Esses dois claramente não eram agentes. Meus olhos percorreram os dois irmãos. Suas roupas caras não escondiam os predadores por baixo, nem a inteligência implacável que se escondia por trás daqueles gélidos olhos claros. Esses homens eram perigosos. — Quero que você compartilhe todas as informações que tiver com eles. E isso deve permanecer confidencial. — Minha cabeça se voltou para os irmãos

Nikolaev e depois para meu chefe. Ok, definitivamente havia algo errado. — Pode fazer isso?

Mais uma vez, tive vontade de revirar os olhos. Meu chefe era o exemplo clássico do homem que achava que as mulheres não conseguiam fazer um trabalho tão bem quanto um homem nessa organização. Eu poderia mostrar-lhe que as mulheres faziam isso ainda melhor, mas para quê desperdiçar minha energia com isso?

— Que parte? — Minha voz ficou carregada de sarcasmo. Não consegui resistir. Às vezes, McGovan falava comigo como se eu fosse uma idiota. — Parece um pouco esmagador.

Os lábios de ambos os Nikolaev se contraíram. Embora eu não tivesse certeza se era por desgosto com meu sarcasmo ou por insubordinação. Meus olhos se voltaram para o irmão que estava sentado. Notei as tatuagens em seus dedos.

Uma cruz, uma rainha de copas e uma estrela pontiaguda.

Um pouco sexy, embora tatuagens não fossem minha praia. Mentalmente, fiz uma anotação para pesquisar o significado daqueles símbolos. Não havia como confundir a origem Nikolaev. O sobrenome gritava russo.

— Não se preocupe, Ashford. Esses homens a ajudarão, para que você não fique sobrecarregada. — Ok, dessa vez eu não consegui me conter. Revirei os olhos.

— Maravilhoso, então estamos prontos, — ironizei.

Normalmente, as informações não eram compartilhadas com pessoas de fora. Olhei de volta para o meu chefe e vi que ele estava apertando o botão do dispositivo, que bloqueava qualquer aparelho eletrônico, impossibilitando a escuta por qualquer pessoa fora desta sala.

Sim, havia algo errado com toda essa merda.

— Embora, considerando que esses dois não são policiais nem agentes, é ilegal compartilhar informações sobre um caso ativo e em andamento, — continuei de forma irônica.

As sobrancelhas espessas de McGovan saltaram até à linha de seus cabelos. — Desculpe-me?

Meu Deus, será que ele queria que eu explicasse tudo?

— Eu disse...

— Eu ouvi você, Ashford, — disse McGovan. Eu deveria ter imaginado que ele iria ativar seu modo babaca. Ele era bom nisso e odiava o fato de que eu poderia dar um telefonema para os meus irmãos, ou, Deus me livre, para o meu pai, e ele estaria em um maldito tribunal. Não que eu alguma vez o fizesse, especialmente para o meu pai. — Esse é um caso de grande visibilidade e esses dois ofereceram ajuda que claramente precisamos, já que vocês ainda não identificaram o predador.

Olho de soslaio para meu chefe. — Considerando que esse predador está por aí há quatro ou cinco décadas, o que será que impediu você ou todos os seus associados idosos de identificá-lo?

Talvez eu parecesse uma pirralha mimada, mas ele não podia me culpar por esse predador não ter sido pego. Eu estava me esforçando e

perseguindo todas as pistas. Sim, fazia isso por motivos pessoais, mas também porque não queria que outro garoto fosse levado. Que desaparecesse sem deixar rastros, deixando seus entes queridos se perguntando se ele estava vivo ou morto. Rezando para que ele estivesse vivo, mas com medo de desejar isso a eles.

— Ashford, estamos do mesmo lado aqui. — McGovan deve ter percebido meu humor. Esse predador e esses sequestros eram meu ponto sensível. — Recebi autorização de cima para trabalharmos com esses dois homens.

Ele estava mentindo; eu sabia disso sem sombra de dúvida. O modo como seu olho esquerdo se contraiu, o modo como ele bateu a caneta contra a mesa.

— Eles têm a identidade do predador, — acrescentou, e voltei minha atenção para os dois homens Nikolaev, olhando-os com desconfiança. Por acaso eles tinham a identidade do predador que se escondia nas sombras nas últimas cinco décadas? Mas, ao contrário de outros homens, não era tão fácil ler os homens Nikolaev. Seus rostos eram imóveis, máscaras idênticas.

Não havia dúvida de que eles eram perigosos. Eles projetavam o mesmo tipo de energia que meus irmãos, embora meus irmãos a escondessem um pouco melhor sob suas maneiras polidas e sorrisos sedutores. Ou talvez esses dois simplesmente não se importassem em esconder sua natureza.

— Tudo bem, — respondi ao meu chefe. Embora ele fosse louco se achava que eu confiaria cegamente neles. Eu confiava em meu parceiro

para me proteger, não nesses dois cujas aparências gritavam que seus meios eram ilegais.

Mais do que seguir as regras, eu queria que o predador fosse capturado. Algo sobre esse caso específico me dizia que ele responderia a perguntas que persistiam nos últimos vinte anos.

— Bom, bom, bom, — McGovan brilhou. Eu praticamente podia vê-lo esfregando as mãos mentalmente. — Quero que você comece a trabalhar com eles neste fim de semana. Esse caso é de alta visibilidade e...

— Tenho planos para este fim de semana. — Soltei um suspiro pesado. — Estou acompanhando esse caso sem parar há seis meses e não cheguei nem perto de descobrir quem está levando esses meninos. Preciso de um tempo livre. Para reiniciar, para limpar minha mente, ou não serei boa para ninguém. E tenho família chegando. Vou passar um tempo com eles. Na terça-feira de manhã, estarei aqui com todas as campainhas ligadas, pronta para fazer o que precisa ser feito para encontrar esse idiota no comando, mas até lá... Estou fora do horário de trabalho.

— Você pode cancelá-los, — ele disse. Minhas melhores amigas, Willow e Sailor, estavam chegando, assim como meu irmão mais velho, Byron. Não havia nada neste planeta que me fizesse cancelar esses planos.

Estreitei os olhos para o meu chefe.

— Não, — disse-lhe com firmeza, e mantive contato visual com seus olhos pequenos. — Portanto, se você precisar de alguém neste fim de semana, procure outra pessoa. — Então, para garantir que ele me entendesse, acrescentei: — Isso. Não. É. Negociável.

Ok, então a insubordinação pode fazer com que eu seja demitida um dia desses. Mas não ver meu irmão mais velho não era uma opção. Esse era o primeiro fim de semana que ele tinha de folga em meses, e eu me recusava a perder a chance de passar um tempo com ele. E com minhas melhores amigas.

Além disso, McGovan tinha muito medo de me demitir, considerando que ele era um lambe-botas e tinha medo da influência do meu pai. O grande senador Grayson Ashford, o futuro do nosso país.

Pensar em papai sempre deixava um gosto amargo em minha boca. Assumi meus erros e meus pecados. Meus irmãos faziam o mesmo, mas não nosso pai. Ele usava e abusava, independentemente do custo para os outros. Mesmo quando criança, eu sentia isso. Eu via isso na maneira como ele tratava meus irmãos. Como se eles fossem descartáveis.

Eu só soube muito mais tarde o quanto isso era verdade. Todos nós éramos descartáveis para ele, inclusive seu filho e filha ilegítimos e minha mãe, que tinha ligações com os infames *Kingpins do Sindicato*. Fiquei sabendo de seus filhos ilegítimos quando estava no ensino médio. O resto eu soube depois.

Meus irmãos me mantiveram no escuro sobre tudo isso, mas, por fim, a menina cresceu. Fiquei sabendo dos pecados de meu pai, o quanto ele custou à nossa mãe e a todos os meus irmãos. Especialmente a irmã mais nova, que nem sabia que eu existia.

O ponto principal era que a família Ashford era tão cruel e suja quanto os criminosos do submundo.

— Tudo bem, — ele cedeu, exatamente como eu imaginava. — Você pode dar a esses homens um resumo dos casos de sequestro e suas ideias? Pode enviar os detalhes por e-mail.

Devo ter hesitado um pouco a mais porque McGovan começou a falar novamente, com uma agitação clara em seu tom.

— Tenha em mente, Agente Ashford, que eles têm conhecimento do possível indivíduo por trás disso. As informações deles nos ajudarão a capturá-lo, — acrescentou McGovan, achando que estava explicando tudo quando, na verdade, só incitava a mais perguntas.

Esses homens eram estranhos e não deveriam estar recebendo informações do FBI. McGovan queria que eu compartilhasse informações confidenciais com os visitantes para que o caso fosse resolvido o mais rápido possível e ele pudesse parecer um herói.

Deus, eu odiava política. Eu sabia que ele queria ir para D.C. e, se esse caso fosse encerrado sob sua supervisão, ele provavelmente seria promovido. O país inteiro estava de olho nele porque o volume de sequestros não passava mais despercebido e o escritório de McGovan era o único que estava trabalhando ativamente no caso.

Fui para o lado oposto da sala e me encostei na parede, mantendo-me perto da saída e meus olhos nos dois homens. Eu não confiava neles.

Meus olhos se conectaram com os olhares deles. Frígidos. Claros e gélidos. A cor de seus olhos era meio esquisita. Eles eram tão claros que havia algo de enervante neles.

Afastei meus pensamentos sobre a aparência física deles. Se eles pudessem nos ajudar a encontrar o culpado certo por trás dos sequestros, eu aceitaria. Era o mínimo que eu poderia fazer para compensar meus erros.

— Em Louisiana, os meninos estão desaparecendo há cerca de dois anos, — comecei. — De modo aleatório e distantes uns dos outros, em termos geográficos e de tempo, por isso nunca foram detectados pelo FBI. Até recentemente. Mas há casos semelhantes em todo o país. Na verdade, tenho certeza de que até mesmo fora dos Estados Unidos. — Um breve aceno de cabeça do homem de terno e, de repente, tive que concordar com McGovan. Esses homens sabiam de alguma coisa. — Especificamente em Nova Orleans, os casos começaram, ou talvez tenham começado, há cerca de sete meses. No primeiro mês, cinco meninos desapareceram enquanto perambulavam pelas ruas, roubando carteiras. Em sua maioria, eram meninos de famílias carentes. Quem quer que esteja fazendo isso visava especificamente esses meninos para que pudessem considerar que eles tinham fugido. Infelizmente, eles são o tipo de meninos problemáticos que são os últimos a serem notados quando desaparecem. Assim, o caso permaneceu fora do radar. Em seguida, começaram a agravar - meninos retirados da escola por supostos amigos, para nunca mais serem vistos. Ou retirados do jardim infantil. Como se esse predador de repente quisesse que suas ações fossem notadas. Mas apenas suas ações, porque ninguém nunca se lembra de nada sobre nenhum desses homens que, acredito, estão trabalhando para ele. Ou eles são excelentes em se misturar com as sombras ou as características do predador não são memoráveis.

Outro aceno de cabeça. Senti meu coração disparar com a possibilidade de levar à justiça o homem culpado por tantas tragédias.

Compartilhar é cuidar, sussurrou a voz assustadora em meu cérebro, o lembrete indesejável.

No entanto, um arrepio percorreu minha espinha quando uma revelação se abateu sobre mim. O homem que levou Kingston tinha sotaque. Um sotaque russo! Muito mais pesado do que o do homem de terno diante de mim, mas eu tinha certeza de que era um sotaque russo. Até hoje, eu não havia falado com ninguém com esse sotaque.

— Acredito que os casos aqui e em todos os EUA estão conectados. — Minha voz tinha um tremor quase imperceptível. — Não tenho absolutamente nenhuma evidência que comprove isso, mas o *modus operandi*¹¹ é exatamente o mesmo. Todas as vezes. Quem quer que esteja fazendo isso tem como alvo os meninos que estão perdidos, por falta de um termo melhor. Ninguém vai notar se eles sumirem, pelo menos por alguns dias, — engoli com dificuldade. — Eles são levados de lugares públicos, mas ninguém percebe nada. — Eu já vi isso em primeira mão. Nossa própria babá estava por perto. E Kingston e eu não éramos vadios, éramos da família Ashford. *Crème de la crème*¹² da sociedade de elite, como escreveram os jornais. — Até esses casos recentes.

E pelo menos um outro, acrescentei em silêncio.

— O que o faz pensar que esses últimos casos são especiais? — perguntou o homem de Nikolaev que estava sentado, embora eu suspeitasse que ele soubesse a resposta. Sua voz era grave, o sotaque estava claramente presente.

¹¹ Modo de atuar.

¹² O melhor dos melhores

Exatamente como a que eu lembrava em meus pesadelos quando gritava pelo meu irmão.

— O desaparecimento do último menino foi alertado às autoridades em uma hora. Ele não voltou da escola para casa. O mesmo aconteceu com vários casos anteriores. Ele ou ela quer ser notado. Se você observar os últimos cinco a dez sequestros, verá que algumas coisas mudaram. Os meninos sequestrados têm exclusivamente cabelos loiros claros e olhos azuis claros.

Um pensamento penetrou em meu cérebro. Esses dois homens tinham cabelos loiros e olhos azuis claros. Talvez eles tivessem filhos e estivessem preocupados com eles?

— Em todos os outros casos, a cor não era um fator. Parece uma mensagem, — continuei. — Uma mensagem muito específica. Embora a pergunta seja para quem – para o público em geral ou alguém específico? Ou talvez ele esteja preparando algo grande e queira que todos se movam na direção errada.

Embora eu achasse que não. E meu instinto me avisou que o alvo específico dos meninos de cabelos loiros e olhos azuis estava de alguma forma ligado aos dois homens Nikolaev à minha frente.

— Preparando-se para o quê? — Foi a primeira vez que ouvi o homem de Nikolaev com tatuagens no rosto falar. Sua voz era gutural, como se ele tivesse sido sufocado muitas vezes e suas cordas vocais tivessem sido danificadas. No entanto, ele mal tinha uma pitada de sotaque.

— Tráfico, — eu lhe disse. — E talvez adicionando um pouco de sabor para vingança pessoal. — Ok, dizendo isso dessa forma, parecia

exagerado, mas, no fundo, eu sabia que estava certa. Assim como no momento em que meus olhos pousaram no homem que levou meu irmão, eu sabia que ele destruiria nossa família. — Sei que o tráfico de mulheres e meninas é mais comum, mas também acontece com meninos. Acho que quem está levando esses meninos tem um negócio de tráfico padrão. Se você observar as últimas três ou quatro décadas, verá um *modus operandi* semelhante em todos os Estados Unidos.

McGovan deu uma risadinha e o ressentimento correu em minhas veias. Eu odiava o fato de isso ser apenas um caso para ele. Para mim, era uma questão de vida ou morte. Para qualquer um dos garotos desaparecidos.

— Certo, como você pode ver, a agente Ashford fica animada e tem algumas teorias. Mas estamos nos concentrando apenas nas crianças de Nova Orleans. Não há mérito em sua teoria.

Meus olhos se voltam para o meu chefe, encarando-o. — Sim, há, — respondi, minha voz rouca de emoção. — As conexões são claras como o dia. Todos os sequestros têm semelhanças. Você ao menos leu meu arquivo? — Eu estreito os olhos para McGovan, tentando fazer com que ele entenda.

Estudei cada caso de menino desaparecido, desde a circunstância de seu nascimento até ao dia em que desapareceram. Perdi a conta das pessoas que entrevistei para coletar fragmentos de informações, porque parecia que sempre quem estava orquestrando os sequestros era invisível para as pessoas ao redor.

— Esse predador é um mestre manipulador e tem vastos recursos. Não apenas nos Estados Unidos, mas também no mundo. Onde você acha que ele coloca todos esses meninos? Em sua casa unifamiliar de quatro quartos no subúrbio?

Meu Deus, McGovan era mesmo um idiota. Tudo o que ele precisava fazer era ler meus arquivos e veria as conexões. Só que ele não queria salvar o mundo. Apenas sua própria carreira. A meu ver, McGovan não era melhor do que o senador Ashford. Ambos cuidavam apenas de si mesmos e de mais ninguém.

Tive que respirar calmamente ou corria o risco de perder a calma. Se eu me atirasse contra meu chefe, independentemente de minhas conexões, isso não seria bom para meu histórico. Não havia muito que meus irmãos pudessem limpar, e eu odiava pedir favores especiais a eles. Não que eles jamais tivessem hesitado em me ajudar.

Vasili Nikolaev se levantou e meus olhos se voltaram para ele, observando-o com cautela.

Ele estendeu a mão com uma expressão ilegível no rosto. Meus olhos se detiveram em sua mão por um instante a mais. Jesus, suas mãos eram enormes. Ele me esmagaria com apenas um pequeno aperto.

Relutantemente, coloquei minha mão na dele e seus dedos com tinta envolveram minha mão e a apertaram com firmeza.

Eu queria que ele me desse algumas pistas sobre quem ele realmente era. Sim, ele cheirava a crueldade, perigo e dinheiro, mas por trás de tudo isso havia mais. Muito mais. O mesmo acontecia com seu irmão, mas havia uma frieza não natural nele.

— Estou feliz por tê-la em nossa equipe. — Ok, ele parecia sincero. Talvez esses caras fossem a resposta para acabar com essa porcaria. E então, finalmente, eu encontraria respostas e vingaria Kingston. — Sou Vasili.

Ninguém precisava me dizer que esse homem era uma força a ser reconhecida. Isso estava em cada movimento, em cada olhar, em cada palavra.

— Aurora, — murmurei, sem saber ao certo por que lhe dei meu primeiro nome. Normalmente, eu só dizia o meu sobrenome. Até mesmo Jackson me chamava de Ashford, mas nunca pelo meu primeiro nome.

Meus olhos se voltaram para seu irmão, mas ele não disse nada. Seu rosto era uma máscara imóvel, marcada por tatuagens. Seus olhos eram gélidos para mim. Ao contrário de seu irmão, ele não tentou apertar minha mão.

— Está bem, então, — murmurei sarcasticamente. — Prazer em conhecê-lo também.

Ele permaneceu olhando, o silêncio gelado era assustador. No entanto, isso não me deixou desconfortável. No entanto, despertou minha curiosidade. E também algo mais, uma lembrança ou um sentimento que eu não conseguia identificar.

Por uma fração de segundo, eu me afoguei naqueles olhos frios e claros, submergindo voluntariamente nas águas geladas.

Depois, desviou o olhar e saiu sem dizer mais nada, movendo-se como uma pantera. Vasili seguiu logo atrás dele.

Ambos silenciosos e mortais.

Capítulo 5

AURORA

Então me processe.

Depois que os homens de Nikolaev saíram e McGovan me deu um puxão de orelha, voltei para minha própria mesa. Depois, fui direto para o trabalho.

Digitei o nome de Nikolaev no banco de dados e as informações começaram a chegar.

Nikola Nikolaev.

Pai de Vasili, Sasha, Alexei e Tatiana Nikolaev. Alexei Nikolaev era seu meio-irmão. Mãe: Marietta Taylor.

Não é de surpreender. Os homens geralmente tinham mulheres ao lado. Basta olhar para o meu pai.

Meus olhos percorreram a tela, consumindo as informações.

Nikola e sua esposa se mudaram para os Estados Unidos com seus filhos, Vasili e Sasha. Tatiana e Alexei nasceram nos Estados Unidos.

— Jesus Cristo, — murmurei. O velho tinha ligações com a máfia russa, suspeito de possivelmente liderá-la. Embora isso nunca tenha sido confirmado e nenhuma prova tenha sido encontrada.

O que McGovan está pensando? Fazer qualquer tipo de acordo com esses homens poderia manchar a credibilidade do caso depois de resolvido.

Engoli com força. A ideia de lidar com qualquer membro de uma organização criminosa fez com que o pavor corresse em minhas veias. Era normal, considerando o que eu tinha visto acontecer com Anya, a irmã de Sailor, por um membro do cartel. Ou sabendo como minha mãe foi assassinada.

Eu me forcei a continuar lendo.

Vasili Nikolaev assumiu as rédeas do negócio bem jovem e montou o que pareciam ser negócios legítimos, pelo menos na aparência. Ou talvez fossem fachadas, era difícil dizer sem investigar cada negócio e seus registros financeiros. Os homens de Nikolaev foram tão bem-sucedidos que se tornaram alguns dos maiores magnatas do setor imobiliário do mundo.

— Impressionante, — murmurei, ligeiramente impressionada.

A ambição e o sucesso dos Nikolaev rivalizavam com meus irmãos. De fato, no mercado imobiliário comercial, eles frequentemente competiam entre si. Era estranho que eu nunca tivesse ouvido meus irmãos mencionarem o nome Nikolaev antes.

Não que eu tenha perguntado sobre seus negócios. Meus irmãos estavam empenhados em construir um império para que pudssemos ser intocáveis. Eu estava empenhada em capturar o sequestrador do meu irmão.

Cliquei na seta, passando para a próxima tela de informações.

Sasha Nikolaev. Quarenta e dois anos de idade.

Meus olhos se estreitaram.

— Isso não pode estar certo, — eu gritei. — Seal da Marinha dos EUA... atirador de elite.

Mas. Que. Merda é essa?

Seu pai já tinha uma reputação quando Sasha Nikolaev entrou para os Navy SEALs¹³ e treinou como atirador de elite. Loucura. Era quase como se o governo tivesse treinado pessoalmente um membro de uma família do crime organizado.

Depois, havia Alexei Nikolaev.

Era o Nikolaev mais intrigante, que só entrou para a família há cerca de seis anos.

Ele nasceu em Louisiana, em um hospital particular. Por cerca de dois anos, sua mãe morou na região de Nova Orleans até começar a se mudar com frequência. Finalmente, ela se estabeleceu na Flórida, onde teve uma menina.

Mas não havia mais menções ou rastros de Alexei. Era como se ele tivesse desaparecido. No entanto, não havia menção de crime.

Foi somente há cerca de vinte anos que ele apareceu novamente, dessa vez no radar do FBI devido às suas conexões com Ivan Petrov, o suspeito russo e recluso traficante de seres humanos.

Só que ninguém nunca tinha visto o homem. Ivan Petrov era basicamente um fantasma criminoso.

¹³ SEALs da Marinha dos EUA.

Alexei Nikolaev aparentemente tinha um conjunto de habilidades muito procurado. Pela Bratva, Cosa Nostra, máfia irlandesa, máfia grega... Porra, ele trabalhou com todas as organizações criminosas.

Meu coração disparou ao ler as relações de Alexei com outros membros questionáveis da sociedade - Nico Morrelli, Cassio King, Luciano Vitale, Raphael...

E a tela ficou em branco.

Minha cabeça se virou, olhando para as luzes. A eletricidade ainda estava ligada. Não estava piscando. Todos os outros pareciam estar trabalhando profundamente.

Voltei minha atenção para a tela e pressionei o botão de atualização. Quando nada aconteceu, cliquei no botão Enter.

Ainda nada.

Então, reiniciei a pesquisa, digitando o nome. *Nada*.

— Não pode ser, — sussurrei. — Eu estava apenas lendo a maldita coisa. Sei que há merda aqui.

Tentei novamente. Ainda nada.

Peguei meu telefone de mesa e liguei para Milo.

— O que está acontecendo? — Sua resposta padrão.

— Olá, Milo, — comecei, tentando manter minha voz uniforme.
— Eu estava lendo um arquivo sobre Alexei Nikolaev, uma pessoa de interesse, e então ele simplesmente desapareceu. Simplesmente desapareceu.

Ele deu uma risadinha e meus dentes se cerraram. Eu sabia que minha falta de sono geralmente me deixava mais irritada. Não era justo descontar nele, embora, naquele momento, sua risada me irritasse mais do que qualquer outra coisa.

— Isso foi porque eu o limpei, — disse ele sem rodeios.

Minha pressão arterial aumentou. — Por que diabos você faria isso? — Eu disse.

Ele riu novamente, e eu cerrei os dentes ou corria o risco de dizer algo muito inadequado.

— McGovan ordenou e teve autorização dos altos escalões em Washington, — explicou.

Não fazia o menor sentido. Que merda!

— Bem, pegue de volta, — sussurrei. — Eu ainda não terminei e preciso da informação. — Quando ele não respondeu, perdi a cabeça. — Agora Milo, porra!

— A eliminação é permanente.

Então ele desligou. Desligou na minha cara, porra.

Inspirei profundamente e expirei, depois repeti novamente. A calma foi se instalando lentamente em mim.

Então, inspirei e expirei mais uma vez antes de recorrer à maldita Internet. Embora os homens de Nikolaev parecessem ser idolatrados pela mídia, quase tanto quanto meus irmãos, por sua aparência, riqueza e rumores intrigantes de suas conexões com o crime organizado, isso não me forneceu nenhuma informação substancial.

Eu nunca entenderia o apelo. Era suicídio se envolver com um desses homens. Eu testemunhei em primeira mão como os homens do crime organizado eram destrutivos e repugnantes.

Isso destruiu Anya.

O alarme do meu celular tocou, interrompendo uma viagem pela memória. Olhando para o relógio, notei a hora. Eram quase três horas - hora de buscar meu irmão mais velho no aeroporto particular.

Prometi-lhe que não me atrasaria.

— Como está minha irmãzinha? — A diversão brilhava nos olhos do meu irmão. Eram três e meia e eu provavelmente parecia tão cansada quanto me sentia. Meu irmão, por outro lado, parecia muito bem. — Quem eu preciso matar?

A saudação de Byron para mim era sempre a mesma. Ele era a pessoa mais previsível e imprevisível do planeta, por mais estranho que isso pudesse parecer. Desde o momento em que nasci, sempre pude contar com meus irmãos. Para eles, eu era a bebê a ser protegida e cuidada. Para mim, eles eram deuses.

Embora de uma maneira um pouco diferente do resto da população feminina. Para o mundo todo, os irmãos Ashford eram os solteiros mais cobiçados do mundo. Todos eles compartilhavam certas qualidades físicas. Cabelos grossos e ondulados. Maços do rosto que

pareciam esculpidas. Altura e ombros largos que denotavam graça e também força letal.

E o preferido das mulheres era meu irmão mais velho, com sua riqueza, poder e apelo sexual. Não eram minhas palavras. As revistas *People* e *Forbes* publicaram exatamente essas palavras, imortalizando-as para o mundo ler. Eles estavam sempre no centro das atenções, políticas e sociais. Nunca fiz parte desse mundo, e isso era graças aos meus irmãos. Eles me protegeram desse mundo superficial e luminoso.

— Não há necessidade de matar ninguém, — zombei, revirando os olhos com um leve sorriso. — Sou bem capaz de matar os bandidos sozinha.

Pisquei um olho brincalhão quando ele inclinou a cabeça para beijar minha bochecha.

Aos trinta e oito anos, Byron era meu irmão mais velho. Quatro irmãos podem ser demais. Havia também outro meio-irmão vagando por este mundo. Por mais horrível que parecesse, eu tinha muitos irmãos e essa informação não me abalou tanto quanto saber que eu tinha uma meia-irmã. Bisbilhotar a escrivadinha do meu irmão durante o ensino médio me deu uma prévia da nossa família. Especificamente do meu pai. E não foi uma boa prévia.

— Prazer em vê-la novamente, Agente Ashford. — Os braços do meu irmão me envolveram em um abraço de urso. — Minha irmã favorita, mas não diga isso aos outros. Eles podem ficar com ciúmes.

Dei uma risadinha e retribuí o abraço.

As mulheres que passavam por mim me olhavam com inveja, sem perceber que eu estava abraçando meu irmão. Byron estava bem com seus jeans, uma camisa preta de botões com as mangas arregaçadas e óculos de aviador. Era seu estilo de se vestir bem, mas ele ainda atraía os olhos das mulheres como abelhas para o mel.

Para o mundo, Byron era um homem de negócios frio e implacável, com táticas de cortar a garganta. Anos atrás, um repórter brincou chamando meus irmãos de Reis Bilionários¹⁴, que administravam seus impérios com cabeças frias e corações ainda mais frios. O nome pegou, mas o que o mundo não sabia era que, quando se tratava da família, nenhuma quantia de dinheiro ou poder importava para meus irmãos.

Infelizmente, não se pode dizer o mesmo de nosso pai.

Aposto que o Senador Ashford ficou muito emocionado ao saber que seus filhos o superaram um milhão de vezes. A riqueza acumulada de meus irmãos rivalizava com a de Jeff Bezos. Meus irmãos não eram políticos nem almejavam a presidência, mas o fato é que, se quisessem, conseguiriam. Eles eram carismáticos e bem-sucedidos em tudo.

Eles eram frequentemente comparados aos Kennedy. Pelo menos os jornais afirmavam isso, e todos nós sabíamos que os jornais nunca publicavam nada errado.

De qualquer forma, para mim, esses homens eram meus irmãos. Minha família, que eu daria tudo para proteger. Assim como eles me protegeram a vida inteira.

¹⁴ Billionaire Kings.

— E o senhor, Sr. Ashford. Um infame *rei bilionário*, — provoquei. — Pronto para ter alguns de seus padrões reduzidos?

Ele deu uma risada, mostrando-me um conjunto perfeito de dentes brancos.

— Minha irmã tem os mais altos padrões quando se trata de gosto, — ele respondeu. Então, como se tivesse se lembrado de algo, ele continuou: — Exceto quando se trata de comida. Estou morrendo de fome, mas se você me levar a um de seus suspeitos food trucks, temo que vou exigir que meu piloto volte para me buscar.

Empurro meu ombro contra ele, mas ele mal se mexe. — Como eu poderia saber que você pediria frutos do mar?

Há seis meses, levei meus queridos irmãos a um food truck na L'Enfant Plaza, em D.C., pouco antes de me mudar para Nova Orleans. Eu pedi um sanduíche vegetariano; eles pediram sanduíches de torta de caranguejo. Quero dizer, todo mundo sabe que não se deve pedir frutos do mar em food trucks. Certo?

Bem, aparentemente meus irmãos não sabiam. E, conforme conversei com um amigo que encontrei, meus irmãos brilhantemente inteligentes pediram exatamente isso. Todos os três acabaram tendo uma intoxicação alimentar. E deixe-me dizer, meus irmãos eram os maiores bebês quando estavam doentes.

Eles juraram de pés juntos que nunca mais comeriam caranguejo. Era uma piada que eu tentava envenená-los. Então eles me garantiram, enquanto rolavam no chão do meu banheiro, segurando seus estômagos,

que eu não estava mais no testamento de nenhum deles e que não havia necessidade de levá-los a food trucks... nunca mais.

Como se eu me importasse com o maldito dinheiro deles. Ameacei registrá-los se falassem em testamento mais uma vez. Só de pensar em perdê-los, eu sentia um medo gelado até à medula de meus ossos.

— Não me diga que tenho que levá-la para jantar em um restaurante chique com meu mísero salário do governo? — reclamei, embora não conseguisse parar de sorrir.

O sorriso de Byron se alargou. — Não se preocupe, Rora. Vou pegar o cheque. — Meu sorriso vacilou por um mero segundo, mas Byron o captou. Somente Byron e Kingston me chamavam de Rora.

Seu braço envolveu meu ombro em sinal de compreensão e caminhamos até ao carro em silêncio, provavelmente ambos perdidos em nossas próprias lembranças.

Kingston seria para sempre uma sombra da qual sentimos falta.

Jantamos no Emeril, para grande satisfação de Byron.

O lugar estava cheio de vida e, graças ao nome Ashford que Byron deu, eles nos acomodaram imediatamente. Meus irmãos sempre eram reconhecidos, mas eu não. E isso era intencional.

Por um momento, fiquei preocupada que o fato de ser vista aqui com Byron pudesse atrair atenção indesejada, mas, como sempre, Byron

cuidou disso também. Ele garantiu que a hostess¹⁵ nos desse a mesa mais reservada e falou com o proprietário pedindo que não nos tirassem fotos. É claro que ele ficou mais do que feliz em obedecer quando Byron se ofereceu para que seu relações públicas fornecesse uma foto aceitável e um artigo escrito que ele pudesse usar para propaganda, sem custo.

— Como estão Winston e Royce? — Perguntei a ele enquanto tomava minha taça de vinho. Graças a Deus, Byron pagaria por ela, pois ele pediu uma garrafa de cinco mil dólares. — Ainda não falei com eles esta semana. Tem sido muito movimentada.

— Eles queriam vir, — Byron sorriu. — Mas eu os mandei para uma missão, para que pudesse ter você só para mim.

— Tão sorrateiro. — Dei uma risada, balançando a cabeça. — Embora isso me faça pensar em como você encontrou tempo em sua agenda lotada.

A comida chegou naquele momento. Eu havia pedido o hambúrguer ‘Who Dat’ do Emeril, enquanto Byron pediu o filé grelhado na brasa. Foi apenas para o benefício dele que eu não pedi o peixe do dia. Ele ainda não conseguia suportar o cheiro de frutos do mar.

— Você fala com eles o tempo todo, — ele reclamou, fingindo estar angustiado. Ele não me enganou nem me fez sentir culpada, então simplesmente mordeu o hambúrguer. — Você não me vê há mais de seis meses e tem me enviado mensagens curtas e enigmáticas. — Revirei os olhos. Não havia nada de enigmático nelas. — Você continua me dando uma desculpa atrás da outra para não poder me ligar. Portanto, irmãzinha,

¹⁵ A pessoa que recebe nos locais e acompanha até à mesa. Uma espécie de anfitriã mas de locais públicos, restaurantes, bares, clubes.

decidi fazer uma visita para garantir que você está bem e para cuidar de alguns negócios enquanto estiver aqui.

Ser o mais novo dos irmãos tinha suas vantagens, mas também suas desvantagens. Meus irmãos podiam ser muito autoritários. Winston e Royce escondiam isso melhor do que Byron. Meu irmão mais velho queria tornar tudo melhor para mim, mesmo antes de eu perceber que precisava de algo. Ele exigia minha felicidade, da mesma forma que conquistou o mundo. Fazendo com que todos se curvassem às suas exigências.

No entanto, não fiquei surpresa ao saber que Byron tinha negócios a tratar. Ele tinha negócios em todos os lugares.

Engolindo a comida, tomei mais um gole da minha bebida e abaixei o copo.

— Não eram desculpas, — eu disse a ele. — Tenho estado ocupada com esse caso no trabalho. Então, que tipo de negócio você tem aqui? Assumir o controle de Nova Orleans? — Eu brinquei.

Ele acenou com a mão, descartando a ideia. No entanto, eu não o ignoraria.

— McGovan está lhe dando trabalho? — perguntou ele, com a pergunta parecendo casual, mas, por trás dela, havia um indício de sua tendência implacável e protetora. Ele tornaria a vida do meu chefe um inferno se eu fizesse uma única reclamação. Então, é claro que eu não faria isso. Eu era adulta e podia lidar com meus próprios problemas.

— Claro que não, — observei. — Ele tem muito medo dos meus irmãos e do nosso pai.

— Se ele for esperto, terá mais medo de seus irmãos do que do velho, — ele zombou. Ele tinha razão, meus irmãos eram muito mais letais. Ele continuou a comer sua entrada.

Uma consciência deslizou por minha espinha e a parte de trás do meu pescoço se arrepiou com algo frio. Olhei por cima do ombro, meus olhos percorreram o ambiente, mas não vi ninguém. O restaurante estava lotado, mas os clientes não nos davam atenção.

Eu me virei e encontrei o olhar de Byron. Ele bebericava seu copo de uísque. — Você também está sentindo isso?

Byron tinha uma maneira de fazer você se sentir à vontade, mas ele via tudo e tinha um sexto sentido aguçado. Isso deve ter sido enraizado nele como um SEAL. Todos os meus três irmãos serviram nas forças armadas por duas vezes. Eles fizeram questão de não servir ao mesmo tempo para que um deles pudesse cuidar de mim.

— Sim, — murmurei. — Provavelmente paranoia. — Ele colocou o copo no chão e pegou o celular. — Por favor, diga-me que não está alarmando Winston e Royce.

— É claro que não estou alarmando-os. — Ele nem sequer olhou em minha direção. — E não estou pedindo a eles que coloquem alguns olhos em você.

— Byron, — protestei, minha voz subindo um pouco. — Não se atreva.

Ouvi o ruído de seu celular, sinalizando a mensagem enviada, quando ele o colocou sobre a mesa.

— Agora me fale sobre esse caso que você está analisando, — disse ele, ignorando meu outro comentário.

— Bem, você é um civil, então não posso discutir isso com você.
— Era engraçado que eu tivesse que dizer isso duas vezes no mesmo dia.
— Você conhece as regras.

Ele inclinou a cabeça, observando-me e provavelmente vendo demais. Por sorte, seu celular apitou e ele voltou sua atenção para ele.

— Podemos embalar isso? — perguntei quando ele ergueu os olhos para mim. — Eu persegui uma pista a noite toda. Estou cansada e, por mais empolgante que seja sua companhia, irmão, meu rosto pode acabar plantado nesta mesa.

Ele devia estar esperando por isso.

— Qualquer coisa que minha irmã precise.

Capítulo 6

AURORA

Os gritos estridentes percorreram o aeroporto e todos os olhares se voltaram para nós.

Eu não conseguiria impedir o sorriso que se espalhou pelo meu rosto, mesmo que quisesse. E não queria. Ontem, fui buscar meu irmão. É claro que ele não gritou como uma garotinha quando me cumprimentou. Ele se aproximou de mim com passos seguros, com uma importância que transparecia em cada movimento.

Com ele na cidade, Sailor, junto com o pequeno Gabriel, que não era tão pequeno assim, e Willow, quase parecia que toda a minha família estava comigo. Se meus outros irmãos estivessem conosco, a sensação seria completa. Como nos velhos tempos. Principalmente durante a faculdade. Sailor, Willow e eu tivemos dificuldades para entender como seria ter um bebê em casa. Meus irmãos estavam lá para nos ajudar.

Quando os três correram até mim, abri os braços e os abracei ao mesmo tempo. Nossas palavras tropeçavam umas nas outras, nossas vozes agudas se misturavam, refletindo a empolgação que todos sentíamos. O pobre Gabriel estava sufocado entre nossos três corpos, rindo.

— Oh, meu Deus, estou tão feliz por vocês estarem aqui, — exclamei, enchendo os três de beijos. — Eu estava tão preocupada que algo acontecesse e nenhum de vocês pudesse vir.

— Mamãe disse a mesma coisa, — Gabriel deixou escapar, sorrindo. — Ela disse que precisa disso para manter sua sanidade.

Dei uma risada, bagunçando seus cachos escuros. — Todos nós precisamos disso para manter nossa sanidade, meu homenzinho.

Gabriel acabou de completar sete anos e era meu afilhado. Nunca me senti tão orgulhosa como no momento em que Sailor me pediu para ser sua madrinha. E levei essa responsabilidade a sério. Assim como Sailor levava sua responsabilidade a sério. Quando Anya faleceu, logo após dar à luz, Sailor adotou Gabriel. Como ela tinha apenas dezenove anos na época, implorei aos meus irmãos que usassem suas conexões e fizessem isso acontecer. E eles se empenharam, como sempre.

Eles até mesmo custearam suas mensalidades e todas as necessidades financeiras para garantir que ela concluísse a faculdade, já que sua família a havia excluído completamente. O mundo não conhecia meus irmãos pelos homens maravilhosos que eles eram.

É claro que Sailor não podia mais morar no campus, mas ela se recusava a aceitar mais ajuda do que a necessária de minha família. Ela insistia que seu emprego poderia pagar suas despesas. Assim, meus irmãos, maravilhosamente sorrateiros, conseguiram para mim um lindo apartamento de cinco quartos, mais parecido com uma cobertura, no coração do centro de Washington. Nós três deixamos os dormitórios da

Universidade de Georgetown e moramos fora do campus nos últimos três anos da faculdade, enquanto cuidávamos do pequeno Gabriel.

Agora, para todos os efeitos, Sailor era a mãe de Gabriel, e nós éramos suas tias.

— Vocês três são loucas? — Gabriel perguntou seriamente, fazendo com que todas nós déssemos uma risadinha. Acho que tudo dependia da definição de loucura.

— Quietos, homenzinho, — Sailor o repreendeu suavemente. — Precisamos de nossas pequenas escapadas para seguir em frente na vida. E nunca ficamos tanto tempo sem nos ver. Além disso, não foi você que me disse na semana passada que estava com saudades da tia Aurora?

Ao contrário de Gabriel, que tinha cachos castanhos escuros e os olhos azuis mais escuros que sempre brilhavam com travessuras, Sailor tinha uma juba dourada cheia de cachos macios e olhos de oceano. Eu sempre achei que ela parecia a melhor versão de qualquer princesa que eu já tinha visto. Mais importante ainda, ela era a pessoa mais bonita que eu já havia conhecido, por dentro e por fora.

— O quê? — Willow fingiu estar com o coração partido. — Você não sentiu minha falta, garotinho?

O sorriso de Gabriel se alargou, de orelha a orelha, e seus olhos azuis escuros brilharam. — Sim, mas nós moramos juntos. Eu a vi na semana passada antes de sua viagem de negócios.

— Ah, é verdade, — concordou ela. — Parece muito tempo para ficar sem ver todos vocês. — Eu concordei. Depois de anos nos vendo todos os dias, era difícil ficar sem nos vermos por semanas e meses. — Eu

realmente preciso disso, — suspirou Willow, abraçando todos nós. — Esperar por esse fim de semana tem sido o ponto alto da minha vida.

— Faremos deste o melhor fim de semana de nossas vidas, — anunciei, sorrindo. Então, imediatamente estremeci. Os olhos de Sailor e Willow se voltaram para mim, e eu sabia exatamente o que elas estavam pensando. A última vez que fizemos esse anúncio foi durante as férias de primavera do último ano do ensino médio. — E Gabriel nos manterá sob controle, — acrescentei com segurança. — Além disso, Byron está aqui para passar o fim de semana, portanto, nada de loucuras, — assegurei a todas nós.

Willow, Sailor e eu rimos como colegas enquanto nos arrumavamos para sair à noite. Byron ficou para trás com Gabriel, e eu os vi revirando os olhos várias vezes.

Garotos típicos.

— Mulher, você precisa colocar alguns quadros nas paredes, — reclamou Willow. — Está me assustando como este lugar é impessoal. Não é sua cara.

Encolhi os ombros. Era um lugar para deitar minha cabeça, só isso. Mas ela tinha razão. Meu apartamento em D.C. tinha pinturas de nossas viagens na parede, fotos de meus irmãos e melhores amigos, além de Gabriel. Era o mesmo apartamento em que nós três morávamos durante

os anos de faculdade, então, provavelmente, era por isso que me sentia em casa.

Desde que cheguei a Nova Orleans, esse caso me manteve ocupada, consumindo todos os meus pensamentos e tempo. Eu passava mais tempo no trabalho do que em casa, por isso a decoração minimalista. Além disso, o condomínio era muito silencioso e meus pensamentos muito altos. Portanto, ficar em casa sozinha era uma grande dor de cabeça.

Mas agora que minhas amigas, meu irmão e Gabriel estavam aqui, o condomínio de três quartos estava cheio de vida. Assim como meu apartamento em casa.

Meu plano não era ficar permanentemente em Nova Orleans. Não era minha casa. Sailor e Willow ficaram em D.C., então eu planejava voltar. Meus irmãos também tinham coberturas nesse lugar, embora raramente estivessem lá. Mas, quando estavam, vinham me visitar, então lá era minha casa.

— Tio Byron, eu não quero assistir *Star Wars* de novo, — Gabriel reclamou, e eu tive que morder a parte interna da bochecha. Acho que o garotinho não percebeu que havia seis desses filmes quando escolheu o filme. Ou seriam sete? — É chato.

Um suspiro alto percorreu o apartamento, enquanto Willow, Sailor e eu trocávamos olhares divertidos. Byron era fanático por *Star Wars*. Imagine se os repórteres soubessem dessa pequena informação.

De um rei bilionário a um fanático por Guerra nas Estrelas, pensei em silêncio.

— Gabriel, — ouvi o tom sério do meu irmão, — *Star Wars* é um clássico. Uma forma de arte. — Bufeí e a cabeça de Byron se inclinou em minha direção, estreitando os olhos em fendas brilhantes. Eu apostaria meu pequeno salário que ele teria como missão de vida converter o rapazinho em um fã. — É um clássico americano. Você tem que dar uma chance e aprender a amá-lo.

Eu zombei dessa explicação esfarrapada. Essa não era a maneira de fazer com que as crianças gostassem de algo.

— Ou você gosta de um filme ou não gosta, — contestei, ignorando a carranca do meu irmão, enquanto aplicava a maquiagem. — Nem todo mundo gosta. Quero dizer, você gosta de *O Senhor dos Anéis*?

Foi a vez de meu irmão bufar. — Esse é um filme da Nova Zelândia.

— Hummm, só porque foi filmado na Nova Zelândia não significa que seja um filme da Nova Zelândia. — Apesar de todo o seu QI de gênio, ele não era tão inteligente assim.

— A New Line Cinema é um estúdio americano de produção de filmes, — disse Willow. — Eles produziram *O Senhor dos Anéis*. — Ela sabia. Ela trabalhava no setor de entretenimento. Willow seguiu o caminho do entretenimento, enquanto Sailor e eu optamos por carreiras que provavelmente nos dariam uma vida mais curta. Eu não tinha certeza de quem era mais louco aqui. Embora nenhuma de nós desistisse. Tanto Sailor quanto Willow eram ótimas em seus empregos.

Sailor era apaixonada por reportar sobre os menos favorecidos.

Vítimas desfavorecidas do mundo corporativo.

As mulheres invisíveis que vivenciaram a brutalidade do tráfico humano.

Ela nunca hesitou em escrever uma história sobre assuntos delicados que deveriam ser conhecidos. Infelizmente, algumas pessoas em D.C. se importavam com isso. Embora isso nunca a tivesse impedido. E ajudava o fato de que os irmãos Ashford a apoiavam.

Da mesma forma que Sailor relatava assuntos delicados, Willow queria produzir filmes sobre eles, levando suas histórias para uma plataforma maior. Éramos certamente um trio.

— Não importa, — Byron protestou. — Eles filmaram na Nova Zelândia; para mim, não é um filme americano, e isso é tudo o que importa.

Nós três reviramos os olhos em uníssono e o dispensamos. Elas já conheciam Byron bem o suficiente para perceber que não faria diferença convencê-lo do contrário. Ele nos deixaria acreditar que quase conseguimos e depois nos diria o quanto éramos idiotas.

Uma hora depois, Willow, Sailor e eu fomos parar no restaurante mais tranquilo que encontramos no French Quarter. Parece que nossos dias de festa ficaram para trás, pois nenhuma de nós conseguia suportar bares ou ruas lotadas. E o French Quarter não era nada se não fosse lotado.

Então nos sentamos no Tableau, um restaurante clássico franco-crioulo em um elegante edifício histórico de três andares com assentos na varanda. Peter Street, entre a Jackson Square e o Preservation Hall. Estávamos bem no meio de todo o entretenimento no coração de Nova Orleans, mas longe do barulho, da confusão e dos bêbados da Bourbon Street.

— Bem, o seu irmão está ficando mais gostoso com a idade, — Willow quebrou o silêncio enquanto nós três olhávamos para as festas selvagens que passavam por nós.

Nós costumávamos ser selvagens. Por uma semana inteira. Umas férias de primavera inesquecíveis, da pior maneira possível. Éramos sabichonas. As férias de primavera em Miami eram um parque de diversões com acesso a tudo e qualquer coisa. Entrávamos escondidas nas boates mais badaladas, ficávamos bêbadas pra caramba e Anya, a irmã mais velha de Sailor, que nos vigiava, também participava. Algumas noites eu não fazia ideia de como voltávamos para o hotel.

Até à última noite, quando não o fizemos. Em vez disso, invadimos a casa do suposto cartel de que ouvimos falar. Por sugestão de Anya. Ela quando bêbada tinha as piores ideias.

O tiro saiu pela culatra e, desde então, pagamos as consequências por isso. Perdemos Anya, embora tivéssemos Gabriel, e ele valia a pena a dor de cabeça. Nunca lhe contaríamos como ele surgiu. Que ele era um produto de um dia fodido.

Willow tomou um gole de seu coquetel e acrescentou casualmente: — Eu o comeria.

— Cale a boca, — eu engasguei, encolhendo-me com a imagem. Eu não conseguia admitir isso, mas todos os meus irmãos eram bonitos. As mulheres sempre os cortejavam - por sua aparência, dinheiro, poder e carisma. Todos os meus irmãos herdaram sua altura de nosso pai. Eu me perguntava se Kingston também era alto como ele em algum lugar do mundo. Byron e Winston tinham os olhos de papai, enquanto Royce,

Kingston e eu tínhamos olhos os escuros como os de nossa mãe. Aparentemente, eu era a imagem perfeita dela.

Não que eu a tivesse conhecido. Ela morreu antes de eu completar três anos. A história oficial era de um roubo que deu errado, um caso de ‘no lugar errado, à hora errada’. A história não oficial era que uma gangue rival de seus irmãos, os infames membros do Kingpins do Sindicato, a matou.

Tudo o que eu tinha eram suas fotos e as lembranças de meus irmãos. Talvez tenha sido bom que ela tenha morrido antes que tudo se transformasse em um pesadelo. Ela não teve que viver toda a porcaria que aconteceu. Às vezes eu desejava não me lembrar.

— Não quero ter essa imagem em minha mente, — acrescentei.
— Que nojo. Me dá vontade de vomitar.

Sailor sorriu e se inclinou para a frente com os olhos arregalados.
— Você transaria com ele neste fim de semana? — Dei um chute em Sailor embaixo da escrivaninha e ela soltou um grito. — Ei! — ela reclamou enquanto eu a encarava.

— Não lhe dê ideias, — eu a adverti com uma careta. Eu já tinha ouvido Willow fazendo sexo uma vez. Não dava para deixar de ouvir aquela merda. Meus olhos se voltaram para a minha melhor amiga e apontei o garfo para ela. — Não. Faça. Repito, não durma com meu irmão. E especialmente não neste fim de semana. Temos que pensar em um menor na casa.

— Gabriel dorme como uma pedra, — rebateu Willow e eu lhe lancei um olhar de desaprovação. Quando a encarei, ela suspirou. — Tudo

bem, eu não dormirei com ele. Meu Deus, não transo há tanto tempo que nem sei mais se minhas partes femininas estão funcionando.

Revirei os olhos. Entre nós três, Willow era a que mais transava.

— Quanto tempo foi? — respondi secamente. — Tipo uma semana?

Sailor e eu não transamos há muito tempo. Muito tempo mesmo. Eu nem tinha certeza se me lembrava de como fazer o ato.

— Uns dois meses, — respondeu Willow. Minha sobrancelha se ergueu. Isso era muito tempo para ela. Sailor e eu trocamos olhares, mas ela apenas deu de ombros. Willow era a mais confiante entre nós em relação à sua sexualidade. Ela gostava de experimentar e tentar qualquer coisa uma vez. Então, se não gostasse, não o faria novamente. Por isso, não havia falta de parceiros para ela.

Talvez ela tenha se tornado mais seletiva?

Ela era linda, de uma forma exótica. Seu cabelo castanho escuro brilhava com reflexos castanhos sob as luzes. Seu corpo pequeno, com menos de um metro e sessenta, era ainda mais baixo do que o meu. Sua mãe era portuguesa e seu pai era francês. Ela pegou o melhor dos dois mundos. Foi abençoada com uma linda pele cor de marfim, com leves sardas no nariz e um corpo esguio com curvas em todos os lugares certos. Mas, em minha opinião, seu melhor atributo era seu sorriso. Ele cegava todos ao seu redor.

Infelizmente, ela não sorria com frequência.

— O que aconteceu com aquele humm... — Tentei lembrar o nome do cara e não consegui. — Aquele cara com benefícios.

Sailor arrancou um pedaço de seu pão e o colocou na boca. — O amigo da foda, — acrescentou ela, de forma prestativa. Ou não.

No momento em que Willow abriu a boca para responder, uma voz grave e desconhecida a interrompeu. — Oh, eu sou a favor de companheiros de foda.

Nossas três cabeças se viraram em uníssono para encontrar uma figura alta e larga em um terno Brioni escuro. Pisquei os olhos, sem saber se o estava vendo corretamente.

— Santa. Gostosura.

Eu não tinha certeza de quem havia murmurado as palavras, se Sailor ou Willow, mas tive que concordar. Meus olhos percorreram uma estrutura de mais de 1,80 m, com músculos sólidos e esculpidos em cada centímetro quente da estrutura poderosa. Seu cabelo loiro era raspado curto nas laterais, esbatido com uma mão experiente, mostrando as tatuagens. Jesus Cristo. Ele era gostoso! Eu tinha quase certeza de que minha boca estava aberta, olhando para o homem lindo com olhos azuis claros.

Espere um pouco. *Esses olhos claros!*

— Esse cara é de verdade? — Willow sussurrou, embora não houvesse nenhuma chance de o cara não ter ouvido.

Ele sorriu e, de alguma forma, todo o seu rosto ficou ainda mais lindo. Muito assustador, se quer saber. Ninguém deveria ser tão lindo assim.

— Sim, sou de verdade, — ele proclamou, exibindo seu sorriso branco e brilhante. Seus olhos percorreram Sailor, demorando-se em Willow por um momento e depois terminando em mim. E eles permaneceram em mim. Fiquei esperando que ele dissesse alguma coisa e, quando ele não disse, eu me mexi desconfortavelmente no assento.

— Posso ajudá-lo? — Perguntei, com a voz ligeiramente agitada. Por que diabos o homem estava parado aqui? Não havia como confundir quem ele era. Ele só podia ser Sasha Nikolaev. Esse tipo de semelhança não era coincidência. Deus não criaria tantos homens bonitos e não os faria parentes uns dos outros.

Afinal, depois de pesquisar sobre os homens Nikolaev, eu sabia que havia dois irmãos, uma irmã e um meio-irmão, Alexei Nikolaev.

Se o maldito Milo não tivesse apagado o registro deles enquanto eu fazia minha pesquisa, eu teria aprendido muito mais do que sei.

Limpei a garganta. — Alô? — Eu disse. — Posso ajudá-lo em alguma coisa?

— Na verdade, pode me ajudar. — Ele se inclinou para a frente e, instintivamente, eu me inclinei ainda mais para trás. Seu sorriso largo não me enganou. Ele era um tubarão e, assim como esse predador, ele mostrava os dentes antes de devorá-lo em pedacinhos. — Eu sou Sasha Nikolaev, ao seu serviço.

Eu meio que esperava que ele se curvasse e fizesse um daqueles gestos elegantes com as mãos. Levantei meu copo, levei-o aos lábios e tomei um gole para me certificar de que não diria algo estúpido. *Por exemplo, se você não sair do meu espaço pessoal, eu vou matá-lo.*

Sim, dizer algo assim a um homem que tinha conexões com a máfia não seria sensato.

— Ah, sim. Por favor, me sirva, — murmurou Willow. — No quarto, na cozinha, do lado de fora. Em qualquer lugar, — ela acrescentou e eu quase engasguei com meu coquetel.

Ele ignorou o comentário dela, embora o brilho em seus olhos não tenha me escapado. Mas, para seu crédito, ele manteve o olhar fixo em mim, aquelas pedras de gelo em azul claro, combinando com seus irmãos, penetrando em mim.

— Meu irmão está ali, — ele inclinou a cabeça para o assento mais distante da varanda, sem tirar os olhos de mim. — Ele está devorando você. Bem, pelo menos seus olhos estão, — ele sorriu.

Hesitantemente, segui seu olhar, assim como Willow e Sailor. Alexei e Vasili Nikolaev estavam sentados ali, suas grandes estruturas pareciam ocupar um quarto do espaço da varanda. Os dois homens estavam vestidos de preto. Vasili usava um terno Armani. Sim, eu podia perceber a qualidade dos ternos; cresci com irmãos com gostos extremamente caros. Alexei, por outro lado, usava novamente uma camiseta preta simples e calças cargo pretas, que provavelmente custavam mais do que meu salário mensal. Eu tinha a sensação de que o homem sempre usava preto, o que tornava seus olhos estranhamente claros.

A expressão estoica de Alexei se encontrou com a minha e eu imediatamente quis me mexer.

Aqueles olhos azul-gelo eram invasivos demais. Seu olhar queimava e esfriava ao mesmo tempo. Era como uma ducha gelada em um

dia quente. Eu não conseguia decidir se isso me fazia sentir bem ou não. Talvez as duas coisas.

Os três irmãos compartilhavam a mesma cor de olhos e a mesma aura perigosa. Sasha Nikolaev poderia ter sorrido, mas de alguma forma eu sabia que ele era tão psicótico quanto seu irmão Alexei. Ou até mesmo Vasili. Só que o irmão mais velho era o que melhor escondia isso.

Então, por que o impacto dos outros dois irmãos sobre mim foi completamente diferente do de Alexei, eu não tinha ideia.

— Jesus Cristo, há três deles? — sussurrou Sailor com uma voz horrorizada, tirando-me do parapeito. A expressão estoica de Alexei era uma força a ser reconhecida. Eu entendia por que ela olhava para os homens. Eu fiz o mesmo. Dois homens Nikolaev já eram ruins o suficiente, mas três. Espero que não haja outro à espreita em algum lugar. Quatro seria simplesmente cruel com as mulheres da Terra.

— Ele não consegue parar de olhar para você, e gostaríamos que você se juntasse a nós, — anunciou o rapaz, alto o suficiente para que todo o restaurante o ouvisse. — Suas amigas também.

Meus olhos se voltaram novamente para a mesa e minha testa se franziu ainda mais. De qual deles ele estava falando? Devia ser Alexei, porque a máscara impassível do homem ainda não tinha se desviado de mim.

— Seu irmão não é casado? — perguntei, só para o caso de ele estar falando de Vasili. A pesquisa do Google estava repleta de notícias sobre Vasili e sua jovem esposa. Ontem, Vasili falou tudo e seu irmão se comportou como se não pudesse me suportar. Por mim, tudo bem.

— Não é esse, — disse Sasha sem rodeios. — O outro.

Maravilhoso! O psicótico. De alguma forma, eu sabia que era ele. Minha pele se aqueceu com a agitação. Pelo menos foi o que eu disse a mim mesma. Alexei Nikolaev era o meu irmão Nikolaev menos favorito. Havia algo tão perturbador nele.

Por que eles estavam jantando aqui, afinal? Deveriam estar indo ao restaurante destinado a criminosos. Não arruinar um bom momento para pessoas normais como eu. Ok, talvez eu não fosse exatamente normal, mas que se dane. Eu era mais normal do que aquele homem frio.

A ironia era que eu teria que trabalhar com criminosos para capturar um criminoso. Talvez eu pudesse colocar todos eles atrás das grades. Mas, primeiro, eu os usaria para descobrir o que eles sabiam sobre o predador e depois os prenderia.

Comi meu bife. — Não, obrigada.

— Por que não? Pode ser divertido, — disse Willow e minha cabeça se voltou para ela. Ela estava olhando para Sasha, com baba escorrendo do lado da boca. *Traidora com tesão!*

— Porque eu não me socializo com as pessoas com quem trabalho, — respondi, irritada. *Ou que podem ser colocados atrás das grades*, mas guardei as últimas palavras para mim.

— Aproveite o resto de sua noite, — acrescentei, apontando para Sasha, dispensando-o. Sem dizer mais nada, virei o olhar para minhas amigas, ignorando-o enquanto ele permanecia ali por mais um segundo.

— Ah, você e Alexei vão ser divertidos, — ele riu e acenou para as meninas. — Senhoras.

Ele voltou para sua mesa, enquanto eu lutava contra a vontade de olhar para lá.

— Ele disse algo para o outro cara, — disse Sailor em um tom abafado. — Aquilo são tatuagens no rosto dele?

A lateral de minha bochecha ardeu. Não precisei olhar para saber que era Alexei quem estava queimando um buraco em mim.

— Acho que ele está lhe dando bronca, — acrescentou Willow em um tom conspícuo. — Aposto que ele decidiu mexer com a panela. Ahh, o cara que estava olhando para você se levantou. — A tensão se infiltrou em meu corpo e movi os ombros, tentando aliviar um pouco a tensão. — Ele está andando. Ah, droga, ele está vindo para cá.

Eu queria pedir a Willow que parasse de me dar um comentário sobre eventos que não me diziam respeito, mas de repente minha boca estava tão seca que a única coisa que consegui fazer foi engolir.

— Jesus, ele parece irritado, — murmurou Sailor. — Ou será que é a cara de vadia dele em repouso?

Meu coração disparou sob minhas costelas e minha mão tremeu levemente quando levei uma bebida aos lábios. Engoli o copo inteiro, com o álcool queimando minha garganta. Abaixei o copo na mesa com um pouco de força, exatamente quando Alexei Nikolaev passou pela nossa mesa.

Nem uma palavra. Nem mesmo um olhar.

Apenas uma sombra grande e escura por um milésimo de segundo enquanto ele passava.

— Nossa! E você está trabalhando com ele? — questionou Willow, sem respirar. — Ele é um filho da puta assustador. Como uma maldita escavadeira, — ela murmurou.

Quando ele sumiu de vista, soltei um suspiro que não sabia que estava prendendo. Teria sido quase melhor se eu não tivesse procurado por ele. Não que eu tenha descoberto muita coisa, mas o fato de saber que esses homens tinham conexões com a máfia me perturbava.

— Ele assusta você, — disse Sailor com naturalidade.

Eu não tinha certeza se ele me assustou propriamente. Mais como se tivesse me abalado. Se o homem demonstrasse um pinga de emoção ou reação, qualquer coisa, eu me sentiria melhor. Mas ele estava tão imóvel que me convenci de que era um psicopata disfarçado com calça cargo preta e camiseta preta.

Ok, talvez eu estivesse com medo. Quero dizer, quem não estaria?

Um gole audível percorreu o ar.

Inclinei-me para a frente e as duas fizeram o mesmo, ansiosas para ouvir o que eu tinha a dizer.

— Ele é tão... tão... — Não consegui encontrar a palavra adequada e desisti. — Tão frio, você sabe. Como se ele não tivesse emoções ou não as sentisse. Não é normal ser tão controlado. — Uma mecha de meu cabelo caiu sobre meu olho e eu a coloquei atrás da orelha.

— E ele está ligado à máfia, — acrescentei baixinho. A curiosidade mórbida que tínhamos naquela época foi o que nos meteu em toda aquela confusão. — Isso me deixa nervosa. A última vez que estivemos perto de alguém assim... bem, vocês sabem.

Ninguém sabia sobre isso além de nós três. Bem, éramos quatro, mas uma pessoa estava morta. A mãe de Gabriel. Só de pensar naquelas férias de primavera, sinto urticária por todo o corpo.

A tristeza brilhava nos olhos de Sailor, enquanto o medo que eu sentia se refletia no olhar de Willow. Havia culpa também. Todas nós três nos sentimos responsáveis pelo que aconteceu na Flórida. Achávamos que éramos invencíveis. Anya estava lá para nos proteger. Deveríamos ter cuidado dela também.

Em vez disso, festejavamos muito e fazíamos coisas estúpidas e imprudentes.

— Que caso é esse em que está trabalhando? — Sailor perguntou em voz baixa.

— Não posso dizer muito sobre isso, — murmurei. — Mas os homens de Nikolaev devem me ajudar. Ou eu os estou ajudando. Nem mesmo tenho certeza.

— Vasili Nikolaev? — Willow e Sailor perguntaram ao mesmo tempo.

Assenti com a cabeça.

— Ele é como um magnata dos negócios, — murmurou Sailor.

— Como você sabe? — Perguntei secamente. — Eu nunca tinha ouvido falar deles até ontem.

— É porque você está obcecada em encontrar o homem que levou seu irmão, — respondeu Willow. — Acho que ele também tem conexões na indústria do entretenimento.

Essa duas me conheciam bem. Éramos inseparáveis desde o primeiro ano do ensino médio na Georgetown Day School. Embora o mundo inteiro soubesse do desaparecimento de Kingston, eu nunca falei sobre o que aconteceu. Willow e Sailor sabiam como eu queria desesperadamente descobrir quem o levou e onde ele foi parar, mas nunca consegui pronunciar essas palavras de admissão.

Eu não dei ouvidos e nos levei direto para as garras do homem mau.

O silêncio se estendeu. As lembranças se espalharam. Nenhuma palavra era necessária.

— Aurora. — Uma voz profunda e acentuada fez com que nós três pulássemos em nossos assentos. Um pequeno gemido escapou da minha boca e minha cabeça se inclinou para o lado para ver Vasili Nikolaev em pé, em sua altura máxima, lotando nossa mesa, e ele nem estava sentado. — Minhas desculpas, eu não queria assustá-las.

Respirei fundo, meus olhos se conectaram por uma fração de segundo com Sailor e Willow. Expirando lentamente, deixei meu coração voltar ao ritmo normal antes de responder.

— Sr. Nikolaev, — eu o cumprimentei brevemente. Por alguma razão, eu não conseguia chamá-lo pelo primeiro nome, já que ele claramente me chamava pelo meu.

Seus olhos percorreram minhas amigas e depois voltaram para mim. Esse homem era perspicaz e definitivamente não era estúpido. Se fosse estúpido, já estaria atrás das grades há muito tempo. A expressão no rosto de Vasili não revelava nada e eu rezava para que todos os nossos três rostos fizessem o mesmo.

Mas quem eu estava enganando? Nós três nunca fomos páreo para a brutalidade.

Nem quando tínhamos dezoito anos, e nem agora. Mesmo com meu trabalho no FBI como especialista em perfis, eu não tinha estômago para a brutalidade. Essa era a razão pela qual eu não tinha problemas com o trabalho de campo quando se tratava do predador. O predador nunca deixava um rastro de sangue, pelo menos não em qualquer lugar que pudéssemos encontrar.

— Você está tendo uma boa visita? — Sua pergunta era perfeitamente normal. Só que não havia nada de normal na família Nikolaev.

— Sim. — Limpei minha garganta, encontrando seu olhar. Eu seria uma tola se não percebesse o perigo que se escondia sob aquele terno polido. — Sim, obrigada.

— Meu irmão, Alexei, está ansioso para trabalhar com você. — É certo que não era exatamente o que eu esperava que ele dissesse. Especialmente considerando como o irmão dele agia perto de mim.

Eu me mexi desconfortavelmente, sem saber como responder a esse comentário. Não conseguia forçar palavras agradáveis a saírem de minha boca. Ele saberia se eu estivesse mentindo. Além disso, trabalhar com criminosos não era exatamente o meu forte.

— Tenha um bom jantar, — concluiu Vasili, friamente, fazendo com que eu entrasse ainda mais em uma espiral de pânico.

Forcei um sorriso no rosto e notei, de longe, que Willow e Sailor fizeram o mesmo. Só que elas empalideceram visivelmente.

— Obrigada, — murmurei enquanto o homem se afastava, levando a maior parte do oxigênio com ele. Eu não tinha ideia de onde estava seu irmão Sasha.

Se eu saísse viva dessa, seria um milagre.

Capítulo 7

ALEXEI

Depois da reunião de sexta-feira no escritório de McGovan, encontrei a agente Ashford no restaurante Emeril. Como se ela tivesse me percebido, seus olhos se moviam ao redor, mas eu era bom em me manter nas sombras.

Mas ela me sentiu, assim como seu irmão.

E desde então, lutei contra a necessidade de perseguir a jovem agente por vinte e quatro horas e falhei. Culpei meu irmão por ter sido um idiota e ter se aproximado deles no restaurante. Sasha e eu éramos mais próximos em idade do que Vasili e eu, mas eu jurava que Sasha agia como se ainda tivesse vinte anos. Mesmo aos vinte anos, eu não agia de forma idiota como esse cara.

Meus pensamentos se voltaram para a agente Ashford no restaurante ontem. No momento em que a vi, meus músculos se contraíram e meu punho se fechou em torno do copo de conhaque que eu estava tomando. Eu sabia que ela ficaria bem em um vestido. Nenhuma quantidade de coletes à prova de balas, jeans ou botas de combate poderia esconder isso.

Mas a aparência dela...

Ela deslizou pelo restaurante com suas amigas. A mulher estava brilhando. Cada par de olhos percorria seu corpo curvilíneo, e eu queria pegar meu garfo e dar a volta no restaurante para arrancar os olhos deles.

Ah, que se dane! Eu mataria todos eles. Provavelmente seria mais limpo.

Isso não era normal, não que eu tenha pretendido ser normal. Essa reação a ela era irritante e incômoda.

A raiva tomou conta de mim – por ela - por causar tal reação em mim, e de mim mesmo por tê-la notado. Eu não precisava dessa merda. Não hoje. Nem amanhã. Nem nunca.

Ela era uma maldita distração inconveniente. No entanto, eu não conseguia desviar meus olhos dela. Também não conseguia parar de pensar nela.

O vestido rosa claro cintilante que ela usava era minúsculo. Muito curto. Mal chegava ao meio das coxas, mostrando suas pernas esguias. Seus cabelos escuros estavam presos em um penteado elegante, expondo a pele do pescoço, dos ombros e do decote. Não precisei tocá-la para saber que seria macia.

E agora aqui estava eu, perseguindo-a.

A pressão em meu peito não era familiar. Desde o momento em que essa mulher entrou em minha vida, meu sangue ficou mais quente do que nunca. Minha obsessão se apoderou de mim, a necessidade de saber tudo sobre ela me atormentava.

Então, pesquisei tudo o que pude sobre ela.

Vinte anos atrás, eu me certifiquei de que ela chegasse em casa em segurança. Mas, desde então, mantive minha distância. Se eu ficasse na sombra dela, atrairia problemas, então era melhor assim. No entanto, eu a checava para ter certeza de que ela estava bem e segura. Sim, seus irmãos cuidavam dela, mas eu não podia descansar a menos que a procurasse a cada poucos meses. Eu me sentia pessoalmente responsável por tudo o que aconteceu com ela há vinte anos. Por ter lhe causado dor.

Agora que ela estava em meu mundo, nenhuma informação estava fora dos limites. Eu sabia todos os endereços em que a Agente Ashford já havia morado, seu número de seguro social, os nomes de suas amigas, como ela gostava de macarrão, café e quais programas assistia. Cortesia de suas melhores amigas. A agente Ashford não tinha uma conta no Pinterest, mas suas amigas tinham. E elas mantinham um quadro específico para os gostos dela. Então, me processem, eu seguia a página delas no Pinterest.

Infelizmente, a cada informação que eu sabia sobre ela, minha obsessão de alguma forma se tornava excessiva.

Viciada em café.

Nenhuma conta de mídia social.

Nenhum relacionamento atual.

Dois ex-namorados sérios.

Eu poderia caçá-los e matá-los. Eu ainda estava debatendo sobre isso. Vasili não ficaria feliz se o soubesse. Mas ele não saberia. Eu faria com que parecesse um acidente.

E, é claro, havia as informações conhecidas do público em geral.

Irmã dos Reis Bilionários.

Filha do senador Ashford.

Quatro irmãos.

Um foi declarado morto.

A culpa era um remédio amargo de engolir.

Assim como Vasili continuou tentando corrigir os pecados de sua mãe, eu continuei tentando corrigir os pecados de Ivan. Eu me sentia diretamente responsável por eles.

Sentei-me no telhado do prédio da agente Ashford e a observei correr a décima volta em torno do ginásio externo, ao lado do irmão. Eu a tinha visto ontem à noite, mas a inquietação dentro de mim aumentava a cada hora que passava desde que a vi no restaurante. Há anos que eu a vejo de vez em quando. Mas agora que estive em sua presença, achei que não conseguiria deixá-la ir embora novamente.

Outra volta. Ela estava em boa forma, e eu odiava o fato de ela fazer algo tão simples com outra pessoa. Eu não me importava se ele era o irmão dela. Ou suas amigas no apartamento, ou aquele garotinho.

Eu queria que ela risse apenas comigo. Chorasse comigo. Se exercitasse comigo. Comesse. Respirasse. E transasse. Somente comigo.

O calor se espalhou por minha pele, embora eu não tivesse certeza se era essa mulher ou as altas temperaturas do dia.

O ar úmido de Nova Orleans era um alívio bem-vindo depois de viver minha adolescência na Sibéria. Aqueles dias frios e as queimaduras

de frio se instalaram em meus ossos e lá permaneceram. Se você me perguntasse, os fogos do inferno eram melhores do que aquele inferno congelante. Eu sempre preferiria queimar a congelar.

Tamborilei os dedos em minha coxa, mantendo as mãos ocupadas. A necessidade de manter qualquer parte do meu corpo ocupada não era característica minha. Eu podia ficar parado por horas sem mexer um músculo sequer. E aqui estava eu me remexendo. *Maldita inquietação!*

Era tudo culpa dela. Essa mulher com um corpo pequeno, com a pele brilhando de suor. Seu short de ginástica e a camiseta regata abraçavam seu corpo como uma segunda pele. Eu não gostava do impacto que ela causava em mim. Especialmente considerando o plano de usá-la para chegar a Igor e depois a Ivan.

Esse clube exigiria que eu colocasse as mãos em seu corpo. Que droga! Só de pensar nisso, minha virilha se contraiu. Era um plano estúpido se eu não conseguisse manter o controle.

Momento ruim para qualquer emoção. Tinha que esmagá-la.

Eu sempre fui imune ao charme das mulheres. Até agora. A agente Ashford alimentou meu sangue e bastou uma viagem de elevador para me levar ao limite.

Porra!

Não era o que eu precisava no momento. Eu precisava manter a cabeça fria. Tinha que garantir que chegaríamos até Ivan e o mataríamos, antes que ele colocasse suas mãos imundas no pequeno Nikola. Seria tudo culpa minha e nada neste mundo poderia corrigir esse pecado.

Eu não era um homem bom, nem de perto.

Minha vida consistia em uma série de coisas ruins que me deixavam entorpecido. Isso me tornou o pior tipo de vilão. Era o que a mãe de Vasili queria. A vadia não estava satisfeita apenas em destruir minha mãe. Desde o momento em que me sequestrou e me deixou com várias famílias, ela sempre voltava.

Repetidas vezes. Mas foi somente naquele dia, em meu décimo aniversário, que a vida se tornou um pesadelo vivo e ambulante. O dia que deu início a tudo. Não que os dias que antecederam esse dia tenham sido todos pêssegos e rosas.

Pensando bem, acho que foi nesse dia que talvez eu tenha desistido de minha inocência. Um laço invisível envolveu meu pescoço, sufocando-me enquanto imagens vermelhas cobriam minha visão.

O sangue cobria minhas mãos. Minhas roupas.

Estava em toda parte.

Espalhado por toda a sala de estar. Olhos sem vida. Terror congelado em seus rostos. Minha família adotiva estava morta. Mais uma vez.

*A morte sempre me seguia. Era tudo culpa **dela**.*

A angústia tomou conta de mim, a necessidade de lutar e gritar ardia em minhas veias enquanto eu observava os olhos frios e duros de uma mulher que dizia ser minha mãe. Ela aparecia a cada dois anos, separando-me de minha família atual, não deixando ninguém vivo e me

colocando em uma nova família. Mas, dessa vez, eu estava mais forte. Um pouco mais velho que aquele garotinho. Finalmente, eu era capaz de lutar e me defender.

Tentei proteger minha família adotiva. E não consegui. Minha irmã adotiva. Minha mãe e meu pai adotivos. Todos mortos. Por me amarem.

A cena na sala era grotesca, fria e sem vida. Seus olhos estavam vazios, olhando para um vazio de morte. Perdidos para sempre.

Amargura, ódio e raiva cresceram dentro de mim contra a mulher que estava protegida por seus guarda-costas. Eu odiava todos eles. Queria matá-los todos. Fazê-los pagar pelo sofrimento que causaram.

Era difícil acreditar que há menos de uma hora esse cômodo estava repleto de risos, amor e carinho. Essa família havia me acolhido e me tratado como se fosse deles. Amar-me foi seu único erro.

E por causa dessa mulher cruel, eles pagaram o preço da pior maneira possível.

Sim, as emoções podem levá-lo à loucura.

Eles dificultavam o enfrentamento da vida. Portanto, na maior parte do tempo, eu não sentia nenhuma emoção. Nem uma única. Isso funcionava melhor para mim. De fato, eu o preferia. Emoções fortes só faziam com que você ou seus entes queridos morressem. E a perda deixava buracos no peito que eram impossíveis de preencher.

Respirei fundo, reprimindo a raiva e a tristeza que se retorciam em minhas entranhas. Meu coração estava acelerado, com um ódio rastejante se espremendo ao redor dele. O suor escorria pela minha testa e as palmas das mãos estavam úmidas.

Ultimamente, as lembranças não paravam de voltar. Estava pior do que nunca. Dez vezes pior. Eu sabia o que desencadeava as lembranças.

Isabella e Tatiana. Até mesmo Bianca Morrelli e a recuperação de sua mãe das garras de Benito King as desencadearam.

A aparência de uma família começou a se formar para mim.

E uma coisa eu sabia com certeza... Isso custaria a vida de todos, e eu não poderia deixar isso acontecer.

Que droga. Eu precisava me controlar.

Fodam-se. As Memórias.

Trabalhei muito para chegar a essa fase da minha vida, onde tinha família e pessoas com quem me importava.

Isabella. Seus bebês. Tatiana. Meus irmãos. Até mesmo Cassio, Nico e sua turma.

Algumas pessoas nos consideravam homens maus. Nada era totalmente preto e branco neste mundo. Eu cresci vendo a crueldade e a maldade como algo cotidiano. Lutar e matar para sobreviver. E nem todos os que eu matei enquanto crescia mereciam morrer.

Suas mortes ainda me assombram. *Pashka. Ilya. Kostya.* As lembranças me inundam. Seus rostos, seus sorrisos, suas mortes. Os sorrisos eram poucos e distantes entre si quando eu crescia naquele mundo,

mas nós os compartilhávamos. Eles eram meus irmãos... eles eram minha família.

A queimação se espalhou pelo meu tronco, o suor escorrendo pelos cortes. Mas isso não se comparava à queimação em meu peito.

Os olhos de Kostya se arregalaram e seu sangue jorrou do pescoço para o meu peito. Observei enquanto ele se debatia, com as mãos agarradas desesperadamente sobre o corte. Fiquei no ringue ao lado de Ilya enquanto víamos nosso amigo morrer. Ele olhou fixamente em nossos olhos, sabendo que não tínhamos escolha.

Matar ou ser morto. Essa era a nossa vida.

Observei como sua boca se movia. — Está tudo bem. — Um sussurro passou por seus lábios enquanto o sangue começava a escorrer dos cantos de seus lábios.

A culpa correu vermelha por mim, assim como os rios do Egito. Ela me engoliu por inteiro. Não importava que não tivesse sido eu quem cortou sua garganta. Eu o havia enfraquecido. Ele lutou comigo antes de lutar com Ilya; eu o enfraqueci. Embora eu tenha me recusado a acabar com ele.

Ver meu amigo ter uma morte lenta foi o castigo de Ivan para mim. Por tê-lo desobedecido. Eu havia me recusado a acabar com Kostya, então ele fez Ilya e Kostya lutarem.

Mas Ilya nunca conseguia atingir a artéria certa para tornar a morte rápida. Menos dolorosa. Em vez disso, ele não acertou a artéria

carótida de Kostya e nós o vimos lutar. Lutando para viver, mas sabendo que ele morreria.

Eu deveria acabar com seu sofrimento. Cortar a artéria corretamente para que seu sofrimento acabasse. Meu corpo se moveu apenas um centímetro, e a voz de Ivan ecoou pelo ringue.

— Toque nele, Alexei, e você ganhará mais quarenta chibatadas. — A pele das minhas costas coçava, ainda em carne viva da última surra que levei. — Você perdeu sua chance, bastardo.

Meus olhos encontraram nosso captor. Seu sorriso maligno se espalhou por seu rosto, achando que tinha me ensinado uma lição. Pensando que eu seguiria suas ordens cegamente. Que eu me tornaria um de seus favoritos, como Igor havia feito. Meus olhos se voltaram para o garoto não mais velho do que eu, sentado no chão ao lado da cadeira de Ivan como um cão obediente, com um sorriso tão maligno quanto o de seu mestre estampado no rosto. Porque era isso que ele era para nós... um mestre, alguém que ditava nossas vidas... nossas mortes.

Meus punhos se fecharam. Meus ouvidos zumbiam. O ódio fervia enquanto os guardas de Ivan ficavam ao lado, bebendo vodca e comendo estrogonofe de carne, enquanto nenhum de nós no ringue havia comido desde ontem.

Kostya se agarrava à vida, seus sons gorgolejantes eram a única coisa em que eu conseguia me concentrar. Sua alma lutava para viver. Ele era apenas um ano mais velho do que eu, com doze anos. Muito jovem para morrer.

Meus olhos encontraram os de Kostya. A súplica estava lá - a súplica para acabar com seu sofrimento. Para acabar com sua dor. A cena toda... de partir o coração. Embora eu não tivesse certeza se ainda tinha muito coração.

Duas etapas. Uma faca.

Suas mãos caíram do pescoço como se aceitasse seu destino. Eu cortei a lâmina em sua carótida. O golpe fatal. Seu sangue encharcou minhas mãos e meu antebraço enquanto eu segurava sua cabeça.

Éramos crianças. Forçados a tirar a vida um do outro para salvar a nossa. Observei a vida se esvaír de seus olhos, até que a geada da morte os cobriu. Levantei minha mão, deslizando-a sobre suas pálpebras, fechando-as.

Ele estava morto.

Ele estava livre.

Tantas vezes me perguntei se não seria melhor deixar que eles me matassem. Para que eu também pudesse ser livre. Mas quando chegou a hora, eu me vi desesperado para sobreviver.

No entanto, com cada uma das mortes que causei, algo dentro de mim morreu junto com elas.

— Dê-lhe quarenta chibatadas, — ordenou Ivan, com a voz dura. Mas ele poderia muito bem estar em outro planeta. Toda a minha atenção estava voltada para Kostya. — Vinte na frente e vinte nas costas.

Doze meses. 365 dias. 8.760 horas.

Fiz onze anos hoje.

*Feliz aniversário para mim, comemorando com outra morte...
outra surra.*

Todos nós morreríamos aqui de qualquer maneira.

Minhas memórias cortaram minhas feridas mal cicatrizadas. As cicatrizes em minha pele não eram nada comparadas às cicatrizes dentro de mim. Aquelas tinham gosto de cobre, culpa e ódio. O tipo que não podia ser curado.

A ociosidade era muito melhor.

Foi muito ruim aprender tão cedo que não éramos melhores do que os animais. Éramos todos monstros. Nosso instinto de sobrevivência entrava em ação e a necessidade de viver era tão forte quanto a dos animais. Ivan contava com isso. Ele a usava contra você, até que você tivesse de reprimir todas as emoções ou correr o risco de perder a cabeça com as consequências de suas ações.

— O que está fazendo? — Sasha se aproximou sorrateiramente por trás de mim. Eu estava tão fora de mim que nem o ouvi se aproximar. Isso não era bom.

— Nada.

— Parece que está fazendo alguma coisa, — acrescentou despreocupadamente. Será que ele estava mascando chiclete? Ele realmente gostava de brincar comigo usando essas palavras de provocação. — Espionando, pelo que parece. Parece que você tem uma queda pela agente do FBI.

Meu maxilar se apertou. Eu adorava Sasha, mas ele era muito chato. Adorava falar sem parar. Talvez eu pudesse arrancar sua língua, para que ele ficasse quieto por um ano ou dois. Depois, eu a costuraria de volta. Eu sabia como preservar partes do corpo. Um suspiro sardônico saiu de mim.

Sim, eu era um filho da puta cruel.

O maldito Ivan deixou uma marca maior do que ele imaginava.

— É melhor entrar nas calças dela antes que ela o prenda, — continuou ele, sorrindo como o idiota que era. — Caso contrário, eu a comerei. As amigas dela também podem participar.

Meus molares se cerraram. — Por que você está aqui?

— Procurando por você. — Ele colocou o chiclete na boca. Tive que lutar contra a vontade de tirá-lo de sua boca e jogá-lo do prédio. Junto com ele. — A Bella quer que você venha jantar. Por alguma razão maldita, ela achou que eu tinha que fazer um convite verbal.

— Está entregue, — eu disse a ele. — Agora desapareça.

Ele riu como se eu tivesse dito uma piada. — Aposto que você gostaria que eu sumisse para que possa espiar aquela coisinha linda sozinho. — Deus, eu teria que falar com Bella e avisá-la para nunca mandar Sasha me entregar recados. Uma maldita mensagem de texto seria suficiente.

Quando Sasha não se mexeu, estreitei os olhos para ele.

Ele deu de ombros e continuou: — Bianca e seu marido obsessivo, louco e ciumento estão em Nova Orleans com sua caravana de

filhos. — Ele estourou outra bolha com seu chiclete e meu punho se apertou. — Eu meio que quero ver se Bianca quer que eu o mate. Ou talvez se ela quiser mudar de ares para que eu possa comê-la. — Eu quase desejei que Sasha tentasse fazer isso para que Morrelli o matasse. Ele provavelmente não o mataria, mas o feriria para poder torturá-lo por um longo tempo por ter ousado tocar em sua esposa. E ainda havia Luca e Cassio - esses dois o matariam, o ressuscitariam e o matariam novamente. E repetiam o processo até que o desgraçado tivesse que ser salvo por Vasili e eu. — De qualquer forma, pelo menos sabemos que a comida será boa. Bianca está cozinhando e aquela mulher sabe cozinhar. Bella pode salvar vidas, mas sua comida leva as pessoas para o hospital.

Meus lábios se contraíram, como sempre acontecia quando se tratava de minha irmã. Eu normalmente não sorria. A cicatriz em meu lábio fazia com que parecesse uma careta, e doía cada vez que eu mexia os lábios. Mas ela valia a pena. Desde que ela entrou em minha vida, senti a necessidade de sorrir mais. Assustava-me tanto quanto assustava Vasili pensar que alguém em nosso mundo colocaria as mãos nela. Ela era muito suave e delicada.

Ao contrário da esposa de Luciano ou da esposa de Cassio, Bella era muito doce, muito gentil. Mais ou menos como a esposa de Nico, só que eu vi em primeira mão que Bianca Morrelli era capaz de puxar o gatilho.

Mas Sasha tinha razão sobre nossa irmã. A culinária de Bella era medíocre. Na melhor das hipóteses.

— Então, você vem? — Sasha estourou o chiclete novamente.

— Se eu disser que sim, você vai embora? — Se não, eu teria que nocauteá-lo. Não conseguiria lidar com sua boca hoje. Ou nunca, na verdade.

— Talvez. — Ele estourou outra bolha. Eu me levantei até meu comprimento total. — Tudo bem, tudo bem. Estou indo, — ele resmungou. — Então, sim para o jantar?

— Sim.

— Ok, o deixarei com sua perseguição maníaca, — ele murmurou. — Você é tão psicopata quanto o maldito Morrelli.

Ele estava errado. Eu era pior, mas não havia sentido em discutir essa merda com meu irmão. Sasha desapareceu e meus olhos voltaram para a agente de cabelos escuros. Seu irmão disse algo e ela jogou a cabeça para trás, rindo tão alto que o som chegou até mim.

Eu deveria encontrar outra mulher para o meu plano. Entrar no clube de sexo com alguém que fazia meu sangue correr mais quente que um vulcão poderia prejudicar a nós dois se eu perdesse a cabeça. Mas minha mente se concentrou em Aurora Ashford, e eu sabia que ela não desistiria.

Ela merecia fazer parte do fim da vida de Ivan tanto quanto eu.

Eu não tiraria isso dela.

Capítulo 8

ALEXEI

Fui o último a chegar à mansão de Vasili, nos arredores de Nova Orleans. Ele possuía cem acres ao redor, proporcionando privacidade e proteção para ele e sua família. Após a experiência de quase morte pela qual Isabella passou na casa de Tatiana há alguns anos, ele comprou mais terras ao redor de sua mansão e reforçou a segurança com camadas extras. Quando Isabella lhe disse que estava grávida, seu instinto protetor entrou em ação. Não que eu possa culpá-lo.

Estacionei meu Aston Martin, saí do carro e caminhei em direção aos fundos da casa. Ao ouvir as melodias de Iggy Azalea viajando pelo ar, percebi imediatamente que Vasili havia deixado Isabella e Tatiana escolherem a música para a noite. O fato de eu saber que era Iggy Azalea era perturbador. Eu adorava minhas irmãs, mas o gosto musical delas era péssimo.

O sol estava se pondo lentamente e as luzes já cobriam a grande área do pátio. A brisa quente de julho varria o pátio, e eu estava feliz por estarmos quase sempre ao ar livre. Bella percebeu rapidamente que eu preferia o calor. Eu nunca ligava o ar-condicionado em minha própria casa. Ele apenas congelava meus ossos e trazia de volta as lembranças dos porões frios.

Sim, que se dane.

Quando virei a esquina, encontrei todos lá. Vasili, Sasha, Nico Morrelli e Raphael Santos estavam todos juntos no lado esquerdo do gramado, enquanto as mulheres se reuniam no lado direito do pátio. Pelo que parecia, os homens estavam discutindo animadamente. Nico tinha um de seus filhos nos ombros, o pequeno agarrando o cabelo do pai com suas mãos pequenas e gordinhas. Se Nico não tivesse cuidado, acabaria com uma grande careca.

Vasili segurou sua filha recém-nascida que estava agitada, provavelmente devido à cólica. Sim, eu sabia demais sobre bebês. Culpava Isabella, que insistia em me contar tudo. Graças a Deus ela não compartilhava detalhes de sua vida sexual comigo. Raphael, o outro meio-irmão de Isabella, tinha nosso sobrinho de dois anos de idade em seus ombros. O pequeno Nikola adorava o perigo e ria cada vez que Raphael fingia quase deixá-lo cair. Eu temia que aquele diabinho pudesse se tornar igual ao Sasha, que naquele exato momento parecia estar morrendo de tédio. Ele levantou o relógio de pulso como se estivesse fazendo a contagem regressiva para sua saída.

Meus olhos se voltaram para o lado direito, onde Tatiana, Isabella, a mãe de Nico, e Bianca estavam sentadas conversando e rindo. Bianca segurava seu outro filho gêmeo nos braços, enquanto suas gêmeas loiras ficavam no parquinho discutindo seriamente, provavelmente pensando em como roubar o carro, as joias ou o dinheiro de alguém.

Aquelas duas seriam um problema e, com o filho de Luciano em sua equipe, poderiam acabar comandando o submundo. Como se tivessem percebido meus pensamentos, um par idêntico de olhos azuis se encontrou

com os meus e sorrisos de ‘não é bom’ se espalharam por seus rostos pequenos.

Que Deus ajude Nico quando essas duas se tornarem adolescentes.

— Olá, tio Alexei, — cumprimentaram as duas, correndo até mim.

Todos olharam para mim e eu acenei com a cabeça em sinal de saudação. Hannah puxou a perna da minha calça. Eu me abaixei para que as gêmeos não precisassem esticar o pescoço para olhar para mim. Por alguma razão, elas decidiram me chamar de tio e nunca se sentiram desconfortáveis perto de mim.

Ao contrário da mãe delas, que sempre hesitava um pouco. Não que eu a culpasse. Ela tinha bons instintos. Depois do incidente com sua mãe, ela se acalmou mais perto de mim, mas sempre se mantinha cautelosa.

— Olá, — cumprimentei as duas gêmeas. Arianna puxou minha mão, incentivando-me a me aproximar.

— Quer saber um segredo? — ela sussurrou.

— Mas você tem que pagar primeiro, — acrescentou Hannah.

Ergui uma sobrancelha e Arianna, que normalmente era a mais tímida, deu um sorriso de desculpas. — Precisamos do dinheiro, — explicou ela.

Nico era um dos homens mais ricos do país. Eu tinha certeza de que ele lhes dava o que quisessem.

— Para quê? — perguntei com curiosidade.

— Para comprar ferramentas, — explicou Hannah. Como se fosse uma deixa, as duas olharam em volta para se certificar de que ninguém estava ouvindo. — Nós vamos arrombar o cofre do papai.

Seus olhos brilhavam maliciosamente, extremamente satisfeitos consigo mesmas. Meu lábio se contraiu novamente. Sem dúvida, um problema duplo aqui.

— Nesse caso, me dê o segredo e eu lhe darei o dinheiro. — As meninas estavam completando seis anos em breve e já pensavam em roubar o pai. Era justo que eu as apoiasse.

— Quanto? — Arianna sussurrou.

— Quanto vocês querem? — perguntei.

— Eu não sabia que você conseguia dizer tantas palavras, — comentou Hannah. Ela tinha razão, eu geralmente mantinha minhas respostas curtas.

— Numa frase só, — acrescentou Arianna.

— Querem o dinheiro ou não? — Eu as desafiei, divertido. Seus olhos se cruzaram entre mim e os outros, enquanto minha mente filtrava a lembrança do dia em que minhas cordas vocais foram esmagadas.

Imagens piscando como em um filme mudo dos anos 20.

A palma da mão calejada envolveu meu pescoço, agarrando-o com tanta força que pontos pretos se misturaram à minha visão.

Eu me recusei a desistir, então lutei contra ele, mas seu aperto foi mais forte. Maldito fosse se aceitasse a morte de bom grado. Sim, havia

noites em que eu a desejava, mas agora, no final das contas, eu queria viver.

Ou talvez tenha sido porque me recusei a deixar que esse idiota fosse aquele que finalmente me derrotasse.

Lutei contra ele. Deixando minha raiva alimentar meus movimentos, cravei meus dedos em sua mão, arranhando sua carne. Eu a arrancaria de seus ossos se ele não desistisse.

O demônio sorriu, com os dentes podres de todos os doces que gostava de comer. Doces dados àqueles que obedeciam e adoravam o homem que nos mantinha em cativeiro ou usados como método de tortura para aqueles que se recusavam. Ter chocolate derretido forçado em sua garganta em uma forma distorcida de afogamento por um Willy Wonka¹⁶ psicótico faria com que qualquer um desistisse.

Ele que se dane. Que se foda Ivan.

O idiota acima de mim sorriu ainda mais. Ele podia ter quase trinta anos, mas lutava como um garoto da minha idade, e eu tinha metade da idade dele. Seu tamanho era sua única vantagem contra aqueles que eram mais jovens do que ele. Ele achava que derrotar garotos muito mais jovens era uma vitória.

Deixei toda a minha raiva sair, ignorando as manchas que se formaram em minha visão, quase me cegando para o homem acima de mim.

A raiva me inundou como lava quente, ácida e destrutiva.

¹⁶ Willy Wonka é um dos personagens principais do livro *Charlie and the Chocolate Factory*, do escritor galês Roald Dahl, e dos filmes (1971, 2005 e 2023) baseados nessa obra. Ele é o dono da Fábrica de chocolates Wonka.

Ele empurrou a lateral do meu rosto contra o chão de terra dura e compactada do ringue de luta. Tantos meninos haviam morrido aqui. Será que meu olhar vazio assombraria alguém como o deles me assombrou?

O vermelho tomou conta dos pontos negros de minha visão, trazendo a raiva para o primeiro plano. Eu precisaria dela se quisesse vencer esse filho da puta.

Enquanto minha mão esquerda permanecia em seu pulso, que estava agarrado ao meu pescoço, coloquei toda a minha força em meu braço direito e empurrei um punho em seu rim direito.

Ele soltou um grito e seu aperto se afrouxou o suficiente para me dar uma abertura. Usando o peso do meu próprio corpo em seu momento de hesitação, passei minhas pernas por baixo dele, empurrando-o para o lado. Meu punho se conectou com suas costelas, o estalo dos ossos sob os nós dos dedos. São necessários pouco mais de três mil newtons de força rápida para quebrar uma costela.

Talvez eu não tenha tido a mesma educação que outras crianças, mas aprendi o que pude sobre o corpo humano. Os pontos certos para atacar e colocar um agressor de joelhos. A base do pescoço, os rins, a traqueia, a bexiga e, é claro, a virilha.

Embora eu desprezasse Ivan, ele me deu a capacidade de aprender o que podia para me tornar uma máquina de matar. Era o que ele queria que nos tornássemos. Aqueles de nós que ele considerava capazes. Mal sabia ele... que estava criando seu próprio ceifador pessoal, porque, no final, seria eu quem tiraria sua vida.

O idiota vacilou e, antes que ele tivesse a brilhante ideia de me sufocar novamente, quebrei seu pulso direito.

— Seu putinha de merda, — gritou ele, com o corpo curvado para a frente enquanto se ajoelhava. Será que ele percebeu que era ele quem estava gritando como uma cadela?

Pelo canto do olho, vi alguém jogar uma lâmina, mas ela não chegou até mim. Quer estivesse propositalmente fora do meu alcance ou não, eu precisava dela.

Enfiei meu joelho nas costas do demônio, na esperança de quebrar sua coluna, empurrando-o para a frente, e peguei a faca. No momento em que agarrei o cabo, ele ergueu o braço esquerdo para atacar, e eu aproveitei a vantagem. Enfiando a faca profundamente em sua axila, cortei a artéria que bombeava sangue para seu coração frio e negro.

Observei como seus olhos se arregalaram, a dor cruzando sua expressão. Isso não era suficiente. Hoje eu garantiria que o demônio de Ivan deixasse de existir.

Ao retirar a lâmina da artéria, um jorro de sangue se seguiu, e eu sorri ao pressionar a ponta da lâmina bem na base do pescoço, paralelamente ao queixo, enfiando-a diretamente. Seus sons gorgolejantes ecoaram pela sala mal iluminada, enquanto todos permaneciam quietos diante da visão que tinham diante de si.

De uma forma ou de outra, eu iria extinguir cada um deles. Deixaria Ivan para o final, para que ele pudesse tremer no escuro. Como o covarde que ele era.

A alma do demônio se esvaiu do rosto feio do idiota, com seus dentes negros expostos.

Mas essa não foi a parte mais aterrorizante.

Foi o fato de eu não ter sentido nada. Absolutamente nada.

Talvez eu também me tornasse um monstro.

Demorou mais de um minuto para que a dor que irradiava da minha garganta fosse registrada. Eu sabia que ele quase tinha conseguido esmagar meu tubo de ventilação.

Durante semanas, eu mal conseguia falar sem sentir dor. Minhas cordas vocais haviam sido danificadas permanentemente. Mas descobri, nas semanas de silêncio que se seguiram... que preferia não falar.

As moças sussurrando entre si me tiraram da lembrança. Elas discutiam, trabalhando para chegar a uma quantia que consideravam justa.

— Vinte dólares, — responderam as duas em uníssono.

Malditas chantagistas. Ambas estenderam as mãos.

— Para cada uma de nós, — acrescentou Hannah, batendo o pé com impaciência.

Eu mal podia esperar até que essas duas crescessem. Nico teria que colocar toda a força policial na folha de pagamento para mantê-las fora da cadeia. Peguei minha carteira e entreguei a cada uma delas uma nota de vinte dólares.

— Enviem-me uma foto com o cofre do seu pai destrancado e eu lhes darei cem dólares. — Os olhos de ambas se arregalaram. — Cada uma, — acrescentei.

— Eu posso invadir o telefone da mamãe, — respondeu Arianna com confiança. — Eu sei a senha dela, — acrescentou em um tom abafado. — Então, se você vir uma foto do celular dela, somos nós.

Jesus, talvez eu devesse falar com Vasili e Bella sobre manter minha sobrinha e sobrinho longe dessas duas. Elas os corromperiam e os transformariam em criminosos antes que pudessem dizer a primeira palavra.

— Meu segredo, — lembrei a elas.

As duas se entreolharam e voltaram a olhar para mim. — Mamãe vai falar com você.

Franzi a testa, pensando se deveria ficar impressionado ou ofendido. — Vocês acabaram de me enganar em quarenta dólares?

Arianna zombou, com um olhar ofendido nos olhos. — Eu nunca faria isso, — ela jurou. — Vou me casar com Nikola. Não vou enganar a família dele.

Arqueei uma sobrancelha. Nossa, da última vez que ouvi falar, ela estava se casando com Matteo, o filho de Luciano. Então me lembrei. Foi a irmã dela que disse que ela se casaria com Matteo. Que se dane se eu sabia. Era muita coisa para acompanhar.

— Nikola sabe que você vai se casar com ele? — Perguntei em vez disso. Ela encolheu os ombros.

— Ainda não. Ele ainda não é muito bom em falar.

— Ele não é jovem demais para você? — perguntei com curiosidade.

— Sim, acho que serei uma tigresa¹⁷, — respondeu ela, revirando os olhos. O que eles ensinam às crianças na escola hoje em dia? — Eu não gosto muito de tigresas, então talvez ele possa se apressar e me superar.

Balancei a cabeça diante de sua lógica estranha. — Então, sobre o que sua mãe quer falar comigo?

Hannah deu de ombros, claramente cansada dessa conversa. — Sobre um russo ruim, — ela deixou escapar. — Ivan, o Grande, ou algo assim.

Será que ela estava se referindo a Ivan Petrov? Não podia ser. Em nenhum momento os dois teriam se cruzado.

— Ivan Petrov? — perguntei. Só o fato de dizer o nome para as crianças já me causou repulsa. Nenhuma criança deveria conhecer esse monstro.

— Não faço ideia, — responderam as duas, revirando os olhos.

Sim, eu definitivamente fui enganado. Elas me deviam o próximo segredo de graça.

— Ei, irmão, — Isabella veio até nós. Bianca, Tatiana e a mãe de Nico ainda estavam no mesmo lugar, discutindo algo muito interessante e rindo como loucas. Ao verem uma oportunidade, as gêmeas escaparam, junto com meu dinheiro.

¹⁷ Tigresa, puma – quando a mulher é a mais velha num relacionamento.

— Bella, — eu a cumprimentei, depois me levantei e fiquei totalmente ereto. — Como está se sentindo?

Ela só teve sua filha há seis semanas, mas estava determinada a se comportar como se tivesse voltado ao normal.

Quando veio para Nova Orleans para ficar com Tatiana, Isabella tratou de Sasha quando ele foi baleado. Ela assumiu nossa clínica particular e cuidou de nossos homens quando eles não podiam ser levados ao hospital. Era muito chato explicar ferimentos de bala e a polícia sempre se envolvia. Portanto, funcionou perfeitamente.

É claro que nossa clínica particular não era tão movimentada quanto as salas de emergência, então Bella continuou seus estudos. Ela gostava de se manter ocupada.

— Ótimo, — ela sorriu. — Bianca compartilhou uma receita comigo e me deu ordens na cozinha.

Meus olhos voltaram para Bianca, que virou a cabeça para mim e acenou, oferecendo um pequeno sorriso. Seus cabelos e olhos escuros muitas vezes me lembravam minha própria irmã. As duas eram semelhantes em muitos aspectos.

— Então, pelo menos seremos alimentados, — afirmei com naturalidade.

Bella deu uma leve risada. — Você acabou de contar uma piada?

Não era uma piada, mas um fato. Se Bella cozinhasse, estaríamos no hospital, morrendo de fome ou fazendo as malas para encontrar um restaurante que pudesse acomodar todos nós.

Acariciando minha bochecha, ela sussurrou em meu ouvido. — Bianca quer falar com você, mas não a assuste.

Como se eu pudesse tentar assustar Bianca sem ter Nico na minha cola.

— Claro. — Olhei para o grupo de homens. — Nico sabe?

Porque Sasha não estava brincando quando disse que Morrelli era obsessivo. De repente, eu entendi essa obsessão porque havia uma certa agente do FBI de cabelos escuros que parecia ter trazido tudo isso à tona em um intervalo de dois dias. E, nesse exato momento, essa agente do FBI estava jantando com o irmão e as amigas em seu apartamento.

Os olhos de Bella se voltaram para o homem que estava ao lado de seu marido. Comparado a nós, Nico parecia um homem de negócios bem cuidado. Ele escondia bem sua natureza implacável e obsessiva.

— Eu não lhe perguntei, — ela finalmente respondeu. — Mas tenho a sensação de que ela não contou a ele sobre o que quer que seja que ela queira falar com você.

— Isso vai cair bem, — eu disse ironicamente.

Eu sabia como Vasili agiria se Bella dissesse algo a outro homem e não a ele. Eu sabia como eu agiria. E eu sabia muito bem que Nico reagiria da mesma forma.

— Deixe-me cumprimentá-lo. E, pelo menos, avisá-lo com antecedência, — sugeri. Bella acenou com a cabeça em sinal de concordância. Além disso, eu tinha uma agente com quem trabalhar e ser baleado por Morrelli interromperia esses planos.

— Onde está Adrian? — perguntei, sem ver o marido de Tatiana em lugar algum.

— Ele teve algum tipo de emergência de segurança. Você simplesmente não o viu por pouco. — Assenti com a cabeça. Ele era viciado em trabalho, portanto, nenhuma surpresa.

Fui em direção aos meus irmãos, Raphael e Nico.

Nico estava de férias e Raphael veio visitar sua meia-irmã. Minha irmã de sangue puro. É isso mesmo, o mesmo útero nos tornou irmãos de sangue puro. Raphael não teve a mesma sorte.

— Mais uma maldita hora e você teria perdido todo o evento, — murmurou Sasha. — Está tão ocupado com a perseguição?

Não me dei ao trabalho de responder e, em vez disso, dei-lhe um olhar de reprovação.

— Nico. Raphael. — Eu me inclinei e dei um high five para meu sobrinho de dois anos de idade. — Nikola, meu amigo.

Ele bateu sua mão pequena contra minha palma grande. Sua fala era um pouco atrasada e ele raramente pronunciava palavras. A acreditar em uma das famílias que cuidaram de mim quando eu era criança, eu tinha tido o mesmo problema. Falei minha primeira palavra bem depois do meu terceiro aniversário. Assegurei a Bella que o pequeno Nikola ficaria bem.

Ele sorriu e meu peito se apertou. Ele era tão pequeno e inocente, e o pensamento de que alguém colocasse as mãos nele era uma preocupação constante em minha mente. A ameaça de Ivan tornou essa preocupação dez vezes maior.

Por que alguém quereria ter filhos? Era como ter um ataque cardíaco diariamente.

Voltei minha atenção para a pequena Marietta e passei meus dedos em suas bochechas rechonchudas. Ela nem sequer se mexeu. Essa é uma dorminhoca. Quando Nikola tinha essa idade, ele acordava com uma mosca zumbindo no ar. Essa não. Ela dormiria durante uma invasão.

— Nico, sua esposa quer falar comigo, — eu disse a Morrelli, com os olhos ainda na minha sobrinha. Cara, o que eu não daria para poder dormir tranquilamente assim. Eu dormia quatro horas por noite, no máximo. As lembranças sempre me atormentavam na forma de pesadelos. Eu os mantinha afastados durante o dia, na maior parte do tempo, mas à noite, eles me assombravam.

Mas não importava o que acontecesse, eu me certificaria de que nada perturbasse o sono de meu sobrinho e de minha sobrinha. Eles não passariam pelo que eu passei, nem mesmo Vasili e Sasha. Todas as pessoas deste círculo passaram por alguma merda. Nós protegeríamos os pequenos para que eles nunca passassem por esse tipo de merda.

— Sobre o quê? — Senti tensão em sua voz.

Encontrei seu olhar, o cinza do lobo. Essa não era a única razão pela qual o chamavam de ‘O Lobo’.

— Ivan, o Grande, de acordo com suas filhas, — murmurei secamente. Embora eu suspeitasse que ela quisesse falar sobre Ivan Petrov, não fazia sentido alarmar Nico até que eu tivesse minha confirmação. — Há problema?

Seus olhos se voltaram para a esposa, que ainda estava rindo com Tatiana, a mãe de Nico, e Bella. O que quer que estivessem falando deixava as quatro à beira das lágrimas e segurando a barriga.

— Não, mas quero saber o que ela diz.

Acenei com a cabeça. Não esperava nada menos que isso.

— Temos todas as informações sobre a Agente Ashford? — perguntou Vasili.

— Aposto que ele tem mais do que apenas informações, — disse Sasha, sorrindo.

— Você sabe que o pai dela é o senador Ashford. Há rumores de que ele pode se candidatar à presidência, — eu disse a Vasili, ignorando Sasha. — Seus irmãos são os Reis Bilionários.

— Cai fora, — disse Sasha, embora ele não parecesse muito impressionado. — A garota é da sociedade de elite e se contenta com um salário do governo. Não sei se devo ficar impressionado ou desapontado. Talvez ela seja uma maluca como você, Alexei.

Cortar sua língua parecia cada vez mais atraente.

— Droga, esse nome me lembra alguma coisa, — acrescentou Raphael, pensativo. — Não a carreira política do senador. Acho que ele teve alguns negócios com meu pai em um determinado momento. Mas eu conheço Byron. Ele e seus irmãos são duros nos negócios, mas tudo o que tocam vira ouro. Byron me ajudou em algumas transações imobiliárias em Miami, embora eu tenha certeza de que ele teve um grande lucro.

— Talvez ele estivesse trabalhando em uma campanha? — sugeriu Vasili.

— O senador Ashford é bom, — disse Nico. — Embora seja um bastardo manipulador. Você tem que tomar cuidado com ele. — Não fiquei surpreso ao ouvir isso. A maioria dos políticos era assim. — Eu conheço os irmãos dela, — continuou ele. — Posso lhe apresentar. Nunca conheci a agente Ashford. Sei que eles a mantêm longe dos olhos do público, desde que...

Ele não terminou a frase, mas eu sabia o que ele queria dizer.

— Desde quando? — perguntou Sasha com curiosidade.

— Desde que o irmão dela foi sequestrado, — respondeu Nico, mantendo sua máscara firmemente no lugar. Nico sabia sobre Kingston. Isso era algo que eu nunca compartilhei com Sasha e Vasili. Era um segredo vergonhoso para mim. — A irmã dele foi testemunha.

— Porra, isso é duro, — resmungou Vasili. — Não é de se admirar que ela tenha entrado para a agência. Provavelmente vê seu irmão em cada um dos garotos sequestrados.

— A parte que o mundo não sabe, — continuou Nico — ...é que o Senador Ashford tem dificuldade em manter o controle sobre suas calças. Ele tem outro filho com o nome de seu pai e outra filha. Davina Hayes, nascida no Texas.

— Bem, a família deles parece ser tão fodida quanto a nossa, — ironizou Sasha. — Quando Alexei se casar com a agente Ashford, a dinâmica de nossa família aumentará alguns níveis e nossas festas familiares superarão seu casamento, Nico.

— Que tal se preocupar com suas próprias mulheres, Sasha? — Vasili sorriu. — Ou você as está assustando com suas merdas de BDSM?

Sasha o rechaçou.

— Não perto dos pequeninos, — Nico o provocou, com diversão em seu rosto. — Não queremos que você passe para eles.

— Ah, e vocês três bastardos são muito melhores, — ele comentou secamente.

— Seus irmãos têm um histórico impressionante nas forças especiais. Você conhece o império deles melhor do que ninguém, Vasili, — continuei, antes que Sasha pudesse dizer outra coisa idiota. — Eles são poderosos e têm conexões em toda parte. — Aquela família era incrível e você não podia deixar de admirá-la. Seus irmãos destruiriam o mundo uns pelos outros e, principalmente, pela irmã. Eu não tinha dúvidas de que a Agente Ashford faria o mesmo por eles.

— Teremos que agir com cuidado, — comentou Vasili. — Não queremos atrair nenhuma atenção indesejada se algo acontecer com ela ou se tivermos que nos livrar dela.

— Ninguém vai se livrar dela, — rosnei ameaçadoramente. — Ou tocar em um único fio de cabelo de sua cabeça.

As palavras me escaparam antes que eu pensasse melhor, frias e mortais. Que droga! Meu autocontrole estava caindo. Eu sentia isso em cada respiração que dava.

Era um erro mostrar que você se importava demais. Eu nunca gostei de demonstrar isso, e não cometia esse erro há muito tempo. A lição estava fresca mesmo depois de todos esses anos.

Uma forte tensão se espalhou pelo ar. Ou talvez fosse meu coração que mal funcionava. Eu não sabia. Uma coisa era certa: o silêncio invasivo se prolongava.

Vasili levantou uma sobrancelha, mas não disse nada. Sasha sorriu como o maldito idiota que era.

Nico murmurou algo como: — Isso acontece com todos nós.

Raphael ficou olhando. Desgraçado! Ele tinha sorte de estar segurando meu sobrinho; caso contrário, eu lhe daria um soco.

— Se precisar de ajuda, — Nico quebrou o silêncio tenso. — Pode usar meus recursos.

Já que ele ofereceu.

— Sim, — eu disse calmamente. — Preciso que você mantenha os irmãos dela ocupados enquanto eu trabalho com a agente Ashford.

— Isso será difícil, — respondeu Nico. — Os irmãos dela só pensam na irmãzinha. Eles vão se livrar do presidente dos EUA antes de se livrarem da irmã. Mas com certeza tentarei.

Um aceno de cabeça e pronto.

Duas horas depois, eu tinha cumprido minha cota do dia em termos de socialização. Aliás, já tinha cumprido minha cota do ano. Provavelmente, socializei mais no último ano do que em toda a minha vida. Passei pela grande sala da família e fui para a saída quando, como sempre, meus olhos se fixaram no quadro que Isabella pendurou acima da lareira.

Era uma tela de 16 x 24 de um salgueiro-chorão. Nunca entendi por que Isabella e Vasili gostavam dessa maldita pintura. Era sem graça e simplesmente chata. Tatiana até perguntou a ela uma vez qual era o problema com ele. Isabela ficou vermelha, depois murmurou algo sobre a beleza e a paz da árvore. Seus olhos se voltaram para o marido enquanto ela respondia e o sorriso de Vasili não me escapou.

Quem diabos sabia o que aqueles dois faziam? Não que eu me importasse em saber.

Eu estava indo para a porta quando uma voz suave me chamou atrás de mim.

— Oi, Alexei. Posso falar com você, por favor? — Era a voz de Bianca. Não precisei me virar para saber que ela estava nervosa. Todos estavam sempre nervosos perto de mim.

Parei e me virei lentamente. Eu não era agradável aos olhos e definitivamente não transmitia uma sensação de segurança. Bianca já havia passado por muita coisa, ela não precisava de meu traseiro assustador para assustá-la. Embora ela não parecesse nada assustada.

Quando encontrei seu olhar, não havia relutância em seus olhos. Apenas aquele sorriso suave em seu rosto, que fazia com que as pessoas normalmente fizessem qualquer coisa por ela. Seu marido em particular; ela o tinha enrolado em seu dedo mindinho.

— Bianca, — eu a cumprimentei.

Ela parou a alguns metros de mim e o olhar de Nico em minha direção não me escapou. Que Deus ajude o mundo se essa mulher decidisse deixar seu marido. Ele a caçaria e a arrastaria de volta, embora, pelo que parecia, os dois não tivessem intenção de se separar. Era difícil não notar que os dois sempre se tocavam e como tendiam a desaparecer.

Esperei até que ela se sentisse confortável o suficiente para começar a falar. Eu não era bom em conversa fiada, então fiquei parado, esperando. Apesar de não serem mulheres duronas, como Margaret Callahan gostava de chamar a si mesma e a sua prima Áine, minha irmã e Bianca ainda se encaixavam em nosso mundo. Aquelas duas equilibravam nosso mundo cruel com um toque de suavidade.

Alguns podem argumentar que elas não pertenciam ao nosso mundo, mas eu diria que nosso mundo precisava delas.

— Ouvi dizer que você poderia ir atrás de Ivan Petrov, — começou ela, surpreendendo-me. Embora eu tivesse adivinhado corretamente antes. Não havia muitos Ivans em nossos tópicos de conversa. E Ivan, o Grande, não contava. Embora eu não soubesse o que ela tinha a ver com ele. Esperei que ela explicasse. — A irmã do meu avô. Ela foi o primeiro pagamento na... na minha família. Minha mãe foi batizada em sua homenagem. — Os nós dos dedos de Bianca ficaram brancos. Ela odiava

qualquer coisa relacionada àquele maldito acordo entre belas e mafiosos. Isso lhe custou uma mãe. — O boato era que ela havia se casado com Ivan Petrov.

Franzi a testa. Conheci Ivan durante boa parte de minha vida. Ele nunca se casou.

— Quem disse isso? — Eu a questionei.

Ela envolveu o corpo pequeno com os braços. Nico viria em nossa direção a qualquer momento, porque a angústia de sua esposa era sua fraqueza.

Bianca engoliu. — Minha avó ouviu um boato. Não tenho certeza se é verdade, — ela murmurou. — Mas se você for atrás dele, eu espero que.... — Ela vacilou apenas por uma fração de segundo. — Eu espero que você o mate e traga ela ou seus filhos para casa. Para mim.

E era por isso que nosso mundo precisava de Bella e Bianca.

— Vou dar uma olhada nisso, — prometo a ela. Embora, se a irmã de seu avô de fato se casou com Ivan, ela provavelmente já estava morta há muito tempo. Nenhuma mulher poderia sobreviver à brutalidade dele. No entanto, eu nunca diria isso a Bianca.

Um leve sorriso se espalhou por seu rosto. — Obrigada, — ela exalou, com os olhos brilhando de gratidão. Não é de se admirar que Morrelli tenha se apaixonado pela mulher.

Ela podia derreter os glaciares quando sorria.

Capítulo 9

AURORA

Desde que encontrei os homens Nikolaev no restaurante, a tensão enche meus pulmões e contrai meus músculos. No fundo, meu instinto me avisou que algo estava acontecendo. Eu podia senti-lo dançando no ar, embora não conseguisse identificar o que o motivava.

Além disso, havia a sensação constante de estar sendo observada. Era uma estupidez, eu sabia disso. Mas não conseguia me livrar dela. Os pelos em minha nuca mostravam sua presença. Byron também podia sentir. Isso me garantiu que eu não estava louca. Só que eu não conseguia nem imaginar quem se daria ao trabalho de me observar.

Meu instinto me alertou para ficar em guarda. E quando eu duvidava de meu instinto, podia confiar no instinto de Byron.

A hora do almoço estava se aproximando rapidamente. Byron queria passar um tempo sozinho comigo. De novo. Eu adorava meu irmão, mas ele podia ser sufocante às vezes, e almoçar sozinha com ele certamente daria início a outro interrogatório.

Agora que ele passou o fim de semana comigo, pôde estudar minhas preocupações e inquietações e provavelmente queria descobrir como fazer com que todas elas desaparecessem.

Meu olhar se desviou para meus convidados na sala de estar. Willow, Sailor e Gabriel jogavam no Xbox.

— Por que não vamos todos juntos almoçar? — sugeri. Sim, e daí, eu era um pouco sorrateira. Você tinha que ser para sobreviver aos irmãos mais velhos.

Willow e Sailor olharam para cima. — O quê? Agora?

— Bem, está na hora do almoço, — respondi secamente. — Não é na hora do almoço que as pessoas almoçam?

Willow colocou a língua para fora. — Você está tentando ser inteligente ou espertinha?

— Ambas.

— Missão cumprida. — Sailor deu uma piscadela. — Acho que nós três ganhamos esses distintivos.

— Além disso, seu irmão já nos disse que planeja interrogar você, — Willow zombou. — Você sabe como ele é.

Esse era o problema. Eu sabia como ele era. — Ele não seria tão rude de negar a vinda de vocês três, — tentei mais uma vez.

Eu sabia que elas queriam ficar para trás e jogar Xbox com Gabriel. Aquelas duas eram viciadas, um péssimo exemplo para meu afilhado. Aqui estavam elas em Nova Orleans, e estavam mais preocupadas com o Xbox do que em fazer turismo. — Vocês estão jogando esse jogo idiota há duas horas. É domingo, e só temos mais um dia.

Os três se olharam e depois balançaram a cabeça. — Não. Vamos almoçar aqui.

— Traidores, — murmurei, um pouco irritada.

Eu me preparei mentalmente para uma batalha de palavras. Porque Byron era bom assim. Provavelmente era por isso que as pessoas especulavam que ele chegaria longe na política. Por mais que você quisesse ficar de boca fechada, ele tinha um jeito de arrancar uma resposta de você e convencê-lo a fazer o que ele achava melhor.

Provavelmente era por isso que o *grande* senador Ashford sempre usava Byron quando precisava de mais votos. Bastardo persuasivo! Eu o amava, mas mesmo assim, não estava certo.

Enquanto nos dirigíamos para o meu carro, ele disse: — Eu dirijo.

Revirei os olhos. — Byron, estamos no século XXI. As mulheres *podem* dirigir, você sabe.

Ele deu de ombros, ignorando meu sarcasmo. — Isso é discutível. Eu gostaria de ter meu estômago intacto, muito obrigado. Sua frenagem constante me dá náuseas.

Lancei-lhe um olhar irritado.

— Eu não uso os freios, — protestei.

— Sim, você usa.

— Idiota! — murmurei. — Onde está minha arma quando eu preciso dela?

Ele deu uma risadinha, imperturbável. — Chaves, irmãzinha, — ele exigiu.

— Talvez eu o leve a um food truck para almoçar, — ameacei sem convicção, depois joguei as chaves sobre o capô do carro, esperando secretamente que ele não as apanhasse e elas atingissem seu belo rosto.

Não tive essa sorte.

Aprendi as batalhas que poderia vencer com meus irmãos ao longo de minha vida. Essa não era uma delas, então não fazia sentido discutir com ele quem deveria dirigir. Isso duraria a noite toda.

Byron abriu a porta do motorista e foi para o volante enquanto eu me sentava no banco do passageiro.

Ele nem tinha ligado o carro antes de começar a atacar. — Há quanto tempo você está sendo perseguida?

Exalei, observando enquanto ele se afastava do estacionamento e entrava no trânsito. Meu irmão certamente não estava com rodeios. Byron agia mais como nosso pai do que nosso próprio pai. Eu me confortava em saber que ele fazia isso com todos os seus irmãos, mas ele exagerava um pouco comigo. Todos os meus irmãos exageravam.

Uma dor aguda me atravessou ao pensar em Kingston. Será que meus irmãos me protegeriam tanto se soubessem que eu era responsável por seu desaparecimento? Ou será que cortariam todos os seus laços comigo e me odiariam? A ansiedade tomou conta de mim, minha mente girando com angústia e cenários de abandono. Eu estava me esforçando tanto para consertar isso ao capturar esse predador. Era a minha maneira de pagar pelos meus pecados.

Sua mão disparou e agarrou a minha, forçando-a a se abrir. — Rora, você tem que parar, — disse ele em um tom exasperado. — Esse foi

o motivo pelo qual eu não queria que você trabalhasse para o FBI. Você leva as coisas muito para o lado pessoal.

Puxei minha mão para trás e baixei os olhos para encontrar as marcas crescentes de minhas unhas em minha pele.

— Não sei se estou sendo perseguida, — respondi secamente, sem comentar sua observação. — Isso só começou neste fim de semana. Portanto, pode ser para você.

Ele bufou. — Ninguém inteligente me perseguiria.

— Confiante demais? — perguntei sarcasticamente.

Ele me ignorou, com os olhos focados na estrada e no tráfego constante que entrava e saía do French Quarter.

— Deveríamos tirá-la daqui, — sugeriu ele.

Minha cabeça se voltou para ele. — Acho que não. Tenho um trabalho a fazer e não vou embora até que o caso seja resolvido.

O predador era o meu caso a ser resolvido.

— Que caso? — perguntou ele com curiosidade, sua postura relaxada, mas não me enganou. Ele estava buscando informações.

— Boa tentativa, — eu disse secamente. — Você pode continuar perguntando, mas eu não contarei. Não me meto em seu trabalho. Não se meta no meu.

Ele deu uma leve risada. — Como minha irmãzinha se tornou tão inteligente?

— Eu tive quatro irmãos para... — Minhas palavras vacilaram ao perceber o que eu havia dito. Eu nunca havia parado de pensar em Kingston. Seu corpo nunca foi encontrado e ele foi dado como morto, mas a esperança em meu peito nunca se extinguiu.

Ainda estava fresco como naquele dia em que entrei pela porta da minha casa, depois de correr do zoológico para casa e encontrar Winston na sala de estar, fumando um cigarro. Byron era quinze meses mais velho que Winston e, enquanto nosso irmão mais velho fazia tudo certo, Winston se rebelava em todas as fases de sua vida.

— Winston, — gritei, com a voz ofegante e lágrimas escorrendo pelo rosto.

Nada jamais abalou Winston. No entanto, naquele dia, algo em minha voz o abalou profundamente. Bastou uma palavra. Seu nome.

— O que foi? — exigiu ele ao se ajeitar no sofá, esquecendo o cigarro na mão.

Em algum lugar no canto da minha mente, eu me perguntava por que ele não estava no treino. E me preocupava que, se nosso pai o visse com o cigarro, ele o mataria. Mas nada disso parecia tão urgente.

— Kingston, — gritei, com o rosto molhado e os olhos ardendo.
— Homens maus levaram meu... meu K-Kingston.

Os acontecimentos depois disso foram um borrão. A babá voltou, com o rosto cheio de lágrimas. Mas Kingston não estava com ela.

Meus pequenos punhos batiam na porta. Eu queria voltar para lá. As mãos fortes de Winston me envolveram por trás, segurando-me. — Você está segura.

— Meu Kingston, — gritei, o primeiro gosto de medo é algo que nunca esquecerei.

— Sim, Rora. — Foi a primeira e última vez que Winston me chamou assim. — Ele é nosso. Nós o traremos de volta. Byron saberá o que fazer.

Não nosso pai. Byron, que ainda era uma criança, mas para mim era um deus.

Nossa babá ligou para o pai. Depois, para a polícia. Winston ligou para Byron.

Durante todo o tempo, chorei e me lembrei das palavras do homem mau. — Compartilhar é cuidar.

Minha garganta se apertou dolorosamente, enquanto uma respiração trêmula mal encontrava uma via aérea ou ameaçava me sufocar.

Meu coração se apertou, a dor insuportável que não podia ser curada instantaneamente. Eu preferia quebrar cada osso do meu corpo a sentir essa dor de partir o coração. Eu sabia que meus irmãos também sentiam isso.

Embora eu tivesse apenas cinco anos quando Kingston foi sequestrado, nunca o esqueci. Nenhum de nós se esqueceu! Quando eu

respondia a perguntas sobre minha família, sempre o mencionava, esperando que ele encontrasse o caminho de volta para nós.

O carro ficou em um silêncio tenso. Eu sabia que Byron também estava sofrendo. Esse era um assunto delicado para nossa família. Ninguém nunca falava sobre o quarto irmão, mas todos nós pensávamos nele. Ele estava presente em cada respiração que davamos.

— Talvez ficar em um hotel quando todos nós formos embora.
— A voz de Byron estava um pouco tensa. Estendi minha mão e cobri sua mão que estava segurando o volante, com os nós dos dedos brancos. Apertei-a gentilmente em sinal de conforto. Ele podia ser autoritário e superprotetor, mas também sofria.

— Vou ficar bem, — disse a ele. — Sou sempre muito cautelosa. Eu prometo.

— Eu não suportaria que algo acontecesse com você, Rora. — Sua voz era baixa e rouca. O olhar cheio de angústia que ele lançou em minha direção quase me tirou o fôlego. Havia tanta dor em seus belos olhos. Eu queria poder tirar tudo isso e suportá-la por todos os meus irmãos.

Especialmente porque a culpa foi minha.

Engoli com força. — Da mesma forma, — eu disse. — É por isso que estou fazendo isso. — Então, percebendo que poderia ter falado demais e revelado meu trabalho de campo, acrescentei: — Estou traçando o perfil de homens que, de alguma forma, poderiam ter respostas. Se não para nós, então para outras famílias.

Ele cerrou o maxilar. Eu sabia que o fato de eu não obedecer simplesmente enlouquecia seu caráter dominante e controlador. Mas isso era importante para mim. Parecia que daria uma guinada em minha vida, acabando com todas as minhas dúvidas sobre Kingston. Quer o encontrássemos vivo, como eu esperava, ou morto, como eu temia.

— Então, pelo menos, deixe-me conseguir alguém para ficar de olho, — recomendou, mudando de pista. Ele disfarçou sua expressão e, de repente, me fez lembrar de Alexei Nikolaev. Meu irmão raramente deixava escapar sua dor, ele controlava bem suas emoções. Exatamente como o homem que acabei de conhecer.

— Deixe-me pensar sobre isso, — respondi por fim. A comparação de meu irmão com Alexei era ridícula. No entanto, não conseguia me livrar dela. Byron escondia sua dor atrás de muros altos e um comportamento inacessível. Isso me fez pensar se Alexei fazia o mesmo.

Ou talvez ele seja apenas um criminoso psicótico e apático, acrescentei ironicamente.

Meu irmão pelo menos se comportava de forma humana. As pessoas adoravam o carisma e a aparência bonita de Byron. E ele certamente não era todo tatuado. Sim, era um bom disfarce, porque ele não era menos letal. Mas aposto que Alexei Nikolaev fazia as pessoas correrem só de olhar para elas. E se o cara sorrisse, todos estariam cagando nas calças. O sorriso de seu irmão era assustador, eu não conseguia nem imaginar o sorriso de Alexei.

Tirando os homens de Nikolaev de minha mente, concentrei-me no que estava ao meu redor. Estávamos quase chegando ao restaurante, o

Sazerac Bar. Supostamente, eles tinham uma boa seleção de almoço e Byron queria dar uma olhada. Até fez uma reserva sozinho, sem a ajuda de sua secretária. A localização desse restaurante era no histórico French Quarter, na esquina da St. Louis Street.

Quando chegamos, ele estacionou o carro e caminhamos o quarteirão até ao restaurante. O som lento e melancólico de um trompetista solitário que tocava nas proximidades se ouvia no ar. Multidões de pessoas perambulavam pelas ruas, algumas rindo, outras dançando, outras já a caminho de uma ressaca. Havia tanta história na cidade, mas na maioria dos dias ela era ofuscada por turistas e passeios fantasmagóricos.

Puxei meu rabo de cavalo alto, tentando acalmar o encaracolado que ameaçava, embora eu o tivesse alisado hoje de manhã. Enquanto Byron optou por um de seus ternos característicos, eu escolhi um vestido azul curto e sandálias brancas. Eu não sabia como ele não estava pingando de suor com o rápido aumento da temperatura e da umidade. A umidade em Nova Orleans era uma droga, com D maiúsculo.

Quando entramos no restaurante, eu me parabeneizei pela escolha do meu guarda-roupa. O restaurante estava em algum lugar entre o casual e o formal. Meus olhos percorreram o amplo salão e me vi relaxando. Gostei do lugar. O ambiente do restaurante refletia o estilo de vida da antiga Nova Orleans. As paredes eram pintadas em cores fortes, decoradas com fotografias antigas. Os sons graves do trompetista passavam pelas janelas grandes e abertas. Um grande lustre de cristal dominava a sala e o meio do piso estava aberto.

A hostess nos cumprimentou com um sorriso pronto, seus olhos percorrendo Byron. A essa altura, eu já estava acostumada com isso. Ele atraía a atenção feminina em todos os lugares que íamos. Era alto, musculoso e bonito. Parece que isso era suficiente quando se tratava dele. E o fato de toda a sua personalidade gritar riqueza também aumentava suas chances.

Ignorando seus sorrisos de flerte, continuei a examinar o restaurante. No instante em que vi uma figura familiar, fiquei paralisada.

Mas. Que. Porra?

De repente, parecia que Nova Orleans era muito pequena. Especialmente se eu continuasse encontrando os homens Nikolaev. Era como um maldito déjà vu. Vasili estava novamente com seu terno característico, e Sasha com algo parecido com um terno, mas sem a gravata. Que droga! Apesar de seu sorriso de tubarão, ele era gostoso. Até eu tinha que admitir isso.

Então me preparei mentalmente para o terceiro irmão.

Hesitei em desviar meu olhar para Alexei. Eu não gostava de olhar para ele. Bastava um olhar e eu sentia algo frio e quente subindo pela minha espinha ao mesmo tempo. Como um maldito calor gelado. Não podiam ser as tatuagens dele que me incomodavam. Seu irmão também tinha tatuagens desagradáveis, não com o mesmo desenho, mas ainda assim muitas tatuagens.

Meus olhos se voltaram para Alexei. Mais uma vez, ele usava uma camiseta preta impecável e calças militares cargo. Meus olhos olharam para seus pés e, com certeza, suas botas de combate, que eram sua marca

registrada. Como se ele esperasse entrar em uma batalha a qualquer momento. Eu estava começando a acreditar que aquela era sua roupa característica.

Eu ria se ele não me deixasse tão desconfortável. No entanto, não consegui resistir a olhar para ele. Chamo isso de curiosidade mórbida. Como se ele pudesse me ler como um livro aberto, seu olhar cintilou com algo semelhante a uma diversão seca. Ou talvez eu estivesse interpretando-o completamente errado. Poderia ser uma ameaça, pelo que eu sabia.

Nossos olhos se fixaram e, se uma bomba explodisse ao meu lado, eu temia não conseguir desviar o olhar. Era como se ele me mantivesse em cativeiro. Parecia que eu estava me afogando no oceano mais frio, mas não estava com frio. Provavelmente era algum tipo de psicologia reversa, embora o homem mal tenha dito duas palavras para mim.

Uma lembrança cintilou no fundo de minha mente, me cutucando para lembrar. Estava bem ali, e eu franzi as sobrancelhas, concentrando-me nela. Era apenas...

Congelei quando uma gargalhada estrondosa me fez olhar para o resto do grupo com o qual Alexei estava sentado. Droga! Sem mais nem menos, a lembrança me escapou. Desapareceu no ar. Talvez nem fosse uma lembrança.

Alexei nunca desviava o olhar de mim, não se alterava com ninguém ao nosso redor. Ele literalmente deve ter tomado todo o oxigênio da sala porque eu mal conseguia respirar. De repente, desejei um copo de

bebida forte. E eu não tinha tocado em nada além de vinho ou cerveja desde minha viagem de formatura do ensino médio em Miami.

Deus, esse homem era tão indiferente. Muito sombrio. Muito mortal. E meu chefe queria que eu trabalhasse com ele e seu irmão.

Jesus Cristo!

Eu provavelmente acabaria morta. Meus irmãos ficariam furiosos.

Forçando meu olhar a se deslocar para o grande grupo sentado à sua mesa, observei os homens, mulheres e crianças, rindo e comendo. Era uma atmosfera casual e familiar. A cabine foi ampliada em duas mesas para acomodar todos eles. Cada um dos homens sentados naquela mesa era lindo de morrer. Talvez tenha sido bom que Willow não tenha vindo. Ela babaria em cima deles e provavelmente cairia no colo de um deles.

Os homens se sentavam na parte estendida da mesa, enquanto as mulheres e as crianças ficavam escondidas na cabine. Quase como se estivessem protegidos, o que por si só era ridículo, já que alguém poderia chegar até eles pelas grandes janelas que estavam abertas.

— Por aqui, — a hostess apontou, e meu irmão e eu seguimos. Com Byron logo atrás de mim, mantive propositalmente meus olhos longe da mesa. Eu não tinha exatamente admitido ao meu irmão que estava no campo desde que me mudei para Nova Orleans. Ele ficaria furioso.

Irmãos superprotetores eram uma grande dor de cabeça para mim.

Caminhei seguindo a hostess. Quando me virei para fazer uma pergunta ao meu irmão, ele não estava atrás de mim. Meus olhos o procuraram e o encontrei de pé ao lado da mesa onde estavam os homens da família Nikolaev.

— Pelo amor de Deus, — murmurei baixinho.

Ele estava exatamente onde eu não queria que ele estivesse.

Capítulo 10

AURORA

Observei enquanto ele apertava a mão de um homem de cabelos escuros que eu nunca tinha visto. Embora algo nele me parecesse familiar.

Irritada com o meu irmão, parei e esperei. Não era de surpreender que ele encontrasse alguém conhecido. Isso sempre acontecia. Provavelmente o resultado de sua extensa carreira. Eu só queria que hoje não fosse esse dia.

— Rora, venha cá, — Byron chamou. — Quero apresentá-la. — Franzi a testa, balançando levemente a cabeça. Eu já sabia como isso ia acabar. — Vamos, irmã.

Olhei para a hostess com um olhar de desculpas. — Nós já voltamos, — murmurei.

Dei vários passos para trás, sem tirar os olhos do meu irmão. Eu sabia que ele não era um idiota e podia me ver olhando para ele. Por uma vez, ele não poderia simplesmente ignorar seus conhecidos?

Assim que eu estava ao seu alcance, ele pegou meu cotovelo e o apertou gentilmente, puxando-me para perto dele.

— Nico, Raphael, — disse Byron, com uma expressão de orgulho no rosto. — Esta é minha irmãzinha.

Mudei para um sorriso educado. Você nunca imaginaria que eu era filha de um político, por mais que eu detestasse socializar com estranhos. Meu pai era ótimo em fazer contatos. Meus irmãos também. Eu detestava isso.

O olhar de Byron voltou para mim. — Lembra-se de Nico Morrelli. — Fiquei paralisada com o nome. Eu conhecia o nome. Qualquer pessoa que tenha vivido na área de D.C. conhecia Nico Morrelli e o submundo que ele e seus amigos dirigiam. Meus olhos se voltaram lentamente para o homem que Byron acabara de me apresentar. Ele era mais jovem do que eu pensava. — Ele apoiou as campanhas de papai.

É um grande golpe contra ele. Eu não sabia que ele apoiava o pai. O pai provavelmente dançava ao som das músicas de Nico Morrelli. O pai era tão manipulador quanto os mafiosos. E não se engane, esse cara era um mafioso. Um dos grandes. E, como tal, ele era exatamente o que meu pai precisava.

— Sr. Morrelli, — cumprimentei-o com firmeza.

Ao contrário de meus irmãos, eu evitava as reuniões de nosso pai como se minha vida dependesse disso, e certamente evitava criminosos.

— Parece que ela não se lembra de você, Nico, — interveio Sasha, recostando-se na cadeira com um sorriso arrogante no rosto. — Você se lembra de mim?

Antes que eu pudesse pensar em uma resposta inteligente, meu irmão respondeu em meu nome.

— Provavelmente não, — disse Byron a ele. A maneira como ele estudou Sasha me disse que ele o estava avaliando, tentando decidir se ele

era uma ameaça ou não. Era exatamente o que eu precisava. — Não leve isso para o lado pessoal. Ou leve, isso realmente não importa.

— Meu coração está ferido, — escarneceu Sasha.

Tive que morder a língua para impedir que algo completamente inapropriado saísse de meus lábios.

— Prazer em conhecê-lo, — disse a Nico, mentindo como uma boa filha de político, e estendi minha mão. Durante todo o tempo, ignorei os homens Nikolaev, com medo de que meu irmão percebesse alguma coisa. Qualquer coisa.

E então, ele faria com que McGovan me tirasse do caso. Ou pior ainda, me demitir.

— A senhora também, Agente Ashford, — respondeu Nico, com a voz comedida e o sorriso frio. — Minha esposa Bianca e nossos filhos.

Jesus. Como ele sabia que eu era uma agente?

Eu não precisava de um QI de gênio para saber que Morrelli percebeu que eu não gostava dele. E o que se dizia era que Nico Morrelli tinha um QI de gênio. Pena que ele o usava para suas atividades criminosas.

Mantendo meus olhos fixos nele, eu podia ver como ele se relacionava com políticos de alto escalão em D.C. Ele tinha a aparência e o carisma. Assim como meu próprio irmão, Byron. Meu pai fazia vista grossa para homens como ele. Embora eu nunca tenha entendido o porquê.

Risque isso. Eu sabia o motivo. Pelo mesmo motivo que ele se casou com minha mãe. Ele queria um influxo de fundos e os criminosos

tinham muito disso. Eles lhe davam dinheiro para a campanha e ele lhes concedia favores que poderiam impulsionar seus negócios.

Rodando e rodando.

Lentamente, meus olhos se voltaram para sua família. Uma linda esposa que me olhava com curiosidade e dois pares de gêmeos. Minhas sobrancelhas se ergueram. Meninas gêmeas e meninos gêmeos. Uau, ele estava ocupado. Mantive minha expressão neutra enquanto meus olhos se voltavam para Vasili, Sasha e Alexei Nikolaev.

Acho que os criminosos andavam juntos.

— Você se lembra da família Santos? — Meu irmão perguntou, interrompendo minha linha de raciocínio, e eu congelei instantaneamente. — Este é Raphael Santos, tivemos alguns negócios. — Meu sorriso fingido caiu e meus olhos se voltaram para o homem sentado do outro lado da mesa, ao lado de Nico Morrelli. Meu coração bateu contra as minhas costelas, ameaçando quebrá-las.

Graças a Deus, Sailor e Gabriel não vieram! Fiquei sussurrando em minha mente. *Graças a Deus, Sailor e Gabriel não vieram!*

Balancei a cabeça, engolindo com dificuldade. Ele não parecia familiar, mas eu podia ver a semelhança com o pequeno Gabriel. Oh, meu Deus!

— É verdade, — disse Raphael, seus olhos me estudando. — Eu me lembro que seu pai e meu pai fizeram um acordo. Você e suas amigas invadiram a casa do meu pai durante as férias de primavera. — Engoli com força, meu coração batia tão forte que eu tinha certeza de que minhas costelas iriam rachar. — Não se preocupe, isso acontece mais do que você

imagina, — acrescentou Raphael de forma provocante, sem saber do tumulto que estava acontecendo dentro de mim.

— Sim, eu fiquei chateado porque chamaram papai. Deveria ter sido eu, — Byron resmungou.

Normalmente, Byron assumia a responsabilidade por mim. Mas, daquela vez, meu pai foi chamado. Mantive minha respiração calma, tomando cuidado para não revelar a inquietação dentro do meu peito. Eu também tinha muita prática em me esconder atrás de minhas máscaras. Alexei não era o único especialista aqui.

— Minha irmã passou por uma fase imprudente e rebelde, — disse Byron, com os braços ao meu redor. Estreitei meus olhos para Byron. Idiota! Eu o amava, mas ele era um idiota por dizer algo assim na frente de estranhos. — Suas férias de primavera foram um pouco mais selvagens do que o normal. O oceano não era suficiente, então Aurora e suas amigas invadiram uma casa e mergulharam para nadar na piscina durante as férias de primavera.

Uma risada suave soou ao redor da mesa e eu mordi a parte interna da bochecha, sentindo o gosto de cobre. Se ao menos Byron soubesse o que aconteceu naquela semana. Houve dois incidentes importantes em toda a minha vida que me mudaram. O primeiro foi o desaparecimento do meu irmão. O segundo foi as férias de primavera. Esse incidente alterou quatro vidas - a de Sailor e da irmã dela, a de Willow e a minha.

— Infelizmente, não me lembro, — respondi com firmeza, com a voz rouca. — As férias de primavera foram há muito tempo.

Aquele feriado de primavera em particular parecia uma vida diferente. Minhas melhores amigas e eu estávamos bêbadas praticamente todos os dias durante aquela semana. Eu me lembrava de nossa estupidez imprudente, certos eventos eram confusos até que acordamos na delegacia de polícia no último dia de nossas férias. Willow, Sailor, eu e Anya ainda estávamos em trajes de banho, enroladas em toalhas de praia. Anya se meteu em suas próprias merdas e nós a seguimos. Nós nos metemos em tanta merda. Papai teve de pagar nossa fiança.

É claro que meus irmãos conheciam apenas a história curta. A que meu pai compartilhou. Ele a transformou em um encontro divertido. Se Byron viesse nos buscar ou soubesse o que aconteceu, ele teria assassinado o velho Santos e nunca teria transmitido o fato como se fosse a história mais divertida do ano.

Mas, nesse caso, eu teria o sangue de outro irmão em minhas mãos.

Ignorei propositalmente olhar para Raphael Santos e os homens Nikolaev.

— Prazer em conhecê-los, — tentei encurtar a conversa. — Vamos, Byron. — Puxei sua mão, mas ele não se mexeu. — A hostess está esperando por nós.

Meus olhos se voltaram para trás. E, com certeza, ela estava de pé, esperando pacientemente por nós.

— Por que não se junta a nós? — Meus olhos se voltaram para Sasha, encarando-o por ousar sugerir isso. — Você nos recusou ontem. Seria rude fazer isso de novo hoje. — Ele sorriu e eu queria tirar aquele

sorriso de seu rosto. — Afinal de contas, estaremos trabalhando juntos. — Eu estreitei meus olhos para ele. Ele só podia ser o Nikolaev mais irritante. E com a maior boca. Se ele achava que me obrigaria a fazer qualquer coisa, que se preparasse. — Esta é minha cunhada Isabella e seus filhos.

Cumprimentei as mulheres com um aceno de cabeça.

— Temos planos, — respondi, tentando manter meu tom educado. Depois, virei a cabeça para Byron. — É melhor irmos andando.

Eu era uma agente do FBI. Não podia me sentar à mesma mesa que criminosos. E certamente não com um membro do Cartel Santos.

Byron arqueou a sobrancelha. — O que é isso que estou ouvindo? Você está trabalhando com a família Nikolaev?

É claro que ele ouviria isso. Ele não ouviu como eu indiquei que tínhamos planos ou que deveríamos ir embora. Ele só ouviu que eu estaria trabalhando com os Nikolaev. Será que todos os homens eram assim tão densos?

— Vamos nos juntar a eles, — disse Byron, seu comportamento demonstrando claramente que ele sempre leva a melhor. Se eu pudesse estrangulá-lo agora mesmo, eu o faria. — Quero saber mais sobre esse acordo que vocês têm.

— Nós estávamos indo para...

— Rora, — ele advertiu levemente, o irmão autoritário que eu passei a gostar e a temer aparecendo com força total. — Quero que você conheça algumas pessoas aqui para que eu não fique preocupado com seu perseguidor.

Dei um tapa na testa mentalmente. — Você tem um perseguidor? — Eu não tinha certeza de quem havia perguntado, mas mantive meu rosto congelado com um sorriso.

— Não, não tenho, — eu disse. — Byron, nós...

— Rora? — Byron não deixava as coisas caírem. Ele era o ser humano mais persistente deste planeta. — Não pense que eu não notei que você deixou minha pergunta sem resposta.

Engoli, meus olhos brilhando de irritação. Eu podia matar Sasha e sua boca grande.

Encolhendo casualmente um dos ombros, fingi estar interessada nos movimentos da hostess, que trouxe duas cadeiras extras para que nos juntássemos ao grupo.

— Não foi minha escolha, — eu disse a ele secamente, respondendo à sua pergunta sobre meu trabalho com os homens de Nikolaev. — Não tenho tendência a trabalhar com criminosos.

A hostess que estava colocando uma cadeira ao lado de Alexei a deixou cair de repente, enfatizando minha proclamação. Ela se recompôs rapidamente e foi colocar a outra cadeira ao lado de Raphael. Qual dos dois era o maior de dois males?

— Isso vai ser divertido, — anunciou Sasha, sorrindo como um idiota. — Não se preocupe, Aurora. Os criminosos não mordem. — Minha coluna vertebral poderia ter estalado de tão tensa que eu estava. — Muito, — ele acrescentou.

— Posso falar com você por um momento? — perguntei ao meu irmão, ignorando Sasha e o restante da mesa. — Em particular, — acrescentei, com a agitação clara em minha voz.

Sem me preocupar em esperar por ele, saí da mesa sem olhar para trás enquanto ele murmurava algumas desculpas. Eu andava pelo restaurante quando senti uma mão roçando minha bunda. Foi apenas um toque e minha cabeça se voltou para o homem sentado à mesa. Ele estava conversando com uma mulher em sua mesa, seus olhos nem sequer olhavam para mim.

Devo ter imaginado isso, pensei comigo mesma.

Embora eu tivesse certeza de que havia sentido algo. Encolhendo os ombros, continuei a andar quando ouvi o grito de uma mulher e o barulho de talheres. Eu me virei bem a tempo de ver os pratos se espatifando contra o piso polido e sofisticado.

Meu coração saltou para a garganta, meu pulso disparou e a adrenalina correu em minhas veias. Observei com os olhos arregalados enquanto Alexei puxava o homem agarrando sua nuca, batendo seu rosto na mesa.

A mulher que estava sentada com o pobre homem se esforçou para fugir da mesa, enquanto os outros observavam com olhos arregalados e cheios de horror.

Jesus Cristo!

Como se estivesse em câmera lenta, vi tudo se desenrolar através de uma lente enquanto a mão tatuada de Alexei envolvia o pescoço do

homem, sufocando-o. Meus olhos se voltaram para Alexei e seu rosto estava tão imóvel como sempre. Não havia uma única emoção.

Ele poderia muito bem estar assistindo a um programa de TV chato enquanto levantava pesos. Sem raiva. Sem indignação. Sem qualquer lampejo de emoção quando ele levantou a cabeça do homem e a derrubou novamente com um baque alto, fazendo a mesa tremer.

Minha respiração ficou presa nos pulmões enquanto meu coração acelerava, dificultando a respiração.

Meus olhos se voltaram para meu irmão. Com certeza, ele veria que esse bando era louco e agora iríamos embora. Mas as mãos de Byron estavam enfiadas nos bolsos, seu terno caro estava impecável e a expressão em seu rosto parecia de entretenimento.

— Byron, — gritei. Os olhos do meu irmão, que me lembravam tanto o nosso pai, passaram para o meu rosto e ele sorriu. Sorriu de verdade!

— Tudo bem, Rora, — disse ele. — Ou era ele ou eu. Ninguém toca na minha irmã e sai impune.

Meu olhar voltou para Alexei, que não mostrava sinais de parar. A parte mais assustadora de toda essa cena era sua expressão. Ou a falta dela.

O homem é psicótico.

Isso me assustava completamente. Não poderia haver nenhuma outra explicação. E eu teria que trabalhar com ele na localização de um predador. Meu chefe havia me jogado para a porra dos lobos.

Dei um passo à frente. Já era o bastante.

— Pare! — exigi com uma voz calma, embora meu coração batesse freneticamente. Eu não poderia ser vista em meio a um crime violento. Isso arruinaria minha carreira. — Pare, agora mesmo.

E, sem mais nem menos, o movimento de Alexei parou, sua mão segurando a cabeça do homem contra a mesa. Prendi a respiração, esperando seu próximo movimento. Senti que ele faria isso.

— Corra. — Uma palavra. Sem emoção. Seu tom era uniforme. E, porra, eu queria correr. Mas as palavras não foram dirigidas a mim.

Desta vez, não.

— *Corra, Aurora! Corra e não olhe para trás, — gritou Kingston, o pânico em sua voz combinando com o que havia dentro de mim.*

Mas eu não queria deixá-lo para trás. Não podia deixá-lo para trás.

Meu Kingston.

— *Não quero ir sozinha, — gritei, com o medo me atacando. Em minha cabeça, gritei para que os homens maus nos deixassem em paz. Ele era meu irmão. Minha família. Embora eu não tenha ouvido o som da minha própria voz - fosse por causa do meu coração alto e palpitante zumbindo em meu ouvido ou porque minha voz não tinha som.*

— Não se preocupe, garotinha. — O homem assustador deu um passo em minha direção, com seu sorriso me deixando com uma sensação de torção por dentro. — Compartilhar é cuidar.

— Deixe-a em paz, — exigiu Kingston, com sua vozinha rosando. Como um pequeno lobo que ele às vezes fingia ser. — Corra, Rora! — exigiu ele, com uma voz mais forte e mais malvada do que eu jamais ouvira antes.

Meus olhos se voltaram para um homem. Um estranho de olhos azuis. Eu não conseguia vê-lo claramente, seu rosto estava embaçado em minha mente. Mas eu sabia, sem dúvida, que seus olhos eram azuis claros.

Cheios de dor e tristeza.

Pisquei os olhos e a lembrança desapareceu.

— Kingston, — sussurrei, minha mente ainda no passado.

Os olhos de Alexei, aqueles glaciares claros e estranhos, se ergueram e se conectaram aos meus. Não, não podiam ser os mesmos olhos. Não havia dor e tristeza em seus olhos azuis. Apenas uma expressão perturbada. Psicótico nem sequer começava a descrever esse homem.

Meus olhos se voltaram para o homem com o rosto esmagado. Seu nariz estava ensanguentado, provavelmente quebrado. Eu tinha certeza de que amanhã todo o seu rosto estaria preto e azul. Olhei para meu irmão, que parecia imperturbável, e depois para a mesa com os amigos e a família de Alexei. Os homens estavam sentados, observando toda a cena com uma expressão de tédio no rosto. As mulheres cochichavam entre si e, de vez em

quando, olhavam para fora. Nenhuma criança daquele grupo chorou. Na verdade, eu jurava que elas também pareciam entediadas com tudo aquilo.

O homem que teve a infeliz ideia de tocar minha bunda se levantou e saiu correndo do restaurante. Os olhos de Alexei o seguiram e tive a estranha sensação de que ele o perseguiria. Chamo isso de meu sexto sentido.

Respirando fundo para acalmar meu coração acelerado, concentrei-me em meu irmão. Isso só podia ser um pesadelo. Um maldito filme de terror.

— Byron. Lá fora. Agora. — Minha voz soou incrivelmente calma em comparação com as minhas emoções descontroladas.

Dessa vez, Byron se moveu, embora casualmente, e seguiu logo atrás de mim. Meus nervos estavam à flor da pele. Parecia que todos os olhares do restaurante estavam voltados para mim enquanto eu saía. Isso era ridículo, é claro. Eles provavelmente estavam olhando para o lunático que havia ficado no restaurante. Um homem das cavernas psicótico entre pessoas civilizadas.

Por que diabos ninguém chamou a polícia? Percebi que *nem um único membro da equipe se mexeu*.

— Quem é o dono deste lugar? — perguntei do nada, assim que saímos.

— Como diabos eu vou saber, Rora? — Eu odiava e adorava quando ele me chamava por esse apelido. Byron era a única pessoa no mundo inteiro que me chamava de Rora. Bem, além do irmão que não estava mais aqui.

Inspirando profundamente, olhei para ele, tentando controlar meu temperamento. E não consegui.

— Que porra é essa, irmão? — Eu gritei.

Capítulo 11

ALEXEI

Sentei-me novamente em meu lugar. Não precisei olhar para cima para perceber o sorriso de conhecimento de Vasili. A sobrancelha arqueada de Nico. A carranca preocupada de Bella. O sorriso estúpido de Sasha.

Não me preocupei em dizer nada. Não me interessava por reuniões sociais sem sentido. Eu saía com minha sobrinha e meu sobrinho com frequência. Mas não em ambientes sociais. Eu não precisava de conversa fiada, mesmo que fosse com pessoas de quem eu gostava.

— Bem, isso se agravou rapidamente, — anunciou Sasha, quebrando o silêncio que nem mesmo os pequenos ousavam interromper. — Aposto que esse foi o único motivo pelo qual Alexei concordou em se juntar a nós. Seu traseiro perseguidor sabia que nossa pequena agente do FBI almoçaria aqui.

Um dia desses, eu daria um soco tão forte em Sasha que ele não conseguiria falar por dias. E no momento em que ele começasse a melhorar, eu lhe daria outro soco. Seria o equivalente às férias de uma pessoa normal não ouvir a porra da boca dele por uma semana inteira.

— Vasili é o dono do bar, — Bella imediatamente veio em minha defesa. Não que eu precisasse me defender. — Nós sempre viemos aqui para comer.

Só que eu geralmente não me incomodava em participar. A suposição de Sasha estava certa. Essa havia sido a única razão pela qual eu vim. Cumpri minha cota de socialização ontem com o jantar. E na noite anterior com Vasili e Sasha. Porra, era mais do que minha cota para o trimestre.

— Que porra é essa, irmão? — A voz da agente Ashford atravessou a janela rachada. Ela parecia irritada, embora, de alguma forma, conseguisse manter a voz suave. Eu me perguntava se ela já havia gritado.

Não que eu me importasse muito, menti para mim mesmo.

— Seja específica, Rora. — A voz de Byron Ashford era fria e eu tinha que admitir que me surpreendeu o fato de ele não ser mais rígido. E sua amizade com Nico e Raphael me dizia que ele era mais do que aparentava.

— Em primeiro lugar, maldito seja você. Não posso me sentar e almoçar com criminosos. — Se ela se movesse um pouco, conseguiríamos vê-la pela grande janela, mas ela provavelmente veria que ela estava aberta. — Isso arruinaria minha carreira.

— Não exagere. Só porque você come com eles, não significa que você seja um criminoso.

— Você sabe muito bem que as aparências são tudo, — ela sibilou. — E, em segundo lugar, diga-me que não está conversando com os Morrellis. Ou com aqueles criminosos da Flórida. Meu pai já fez o

suficiente para nos vender e vender sua alma para a política. Diga-me que você não fará o que *ele* fez.

O comentário foi estranho, mas não fora de propósito. Foi o pai dela que trouxe Ivan até à porta deles. Se ele não tivesse tanta fome de poder, a família Ashford nunca teria chamado a atenção de Ivan.

Não me passou despercebido que todos na mesa também estavam escutando descaradamente a conversa.

— Conversa fiada? — Eu teria que concordar com o irmão dela. Era uma palavra estranha para se usar quando se tratava de nós. — Eu não faço isso. E você não se importou com o criminoso quando invadiu a casa dele.

— Antes de tudo, eu estava bêbada. Tinha acabado de fazer dezoito anos. Você já fez coisas piores.

— Mas nunca fui pego. Grande diferença.

— Idiota, — ela xingou o irmão.

— Bebida ilegal para menores de idade, — respondeu o irmão dela secamente. — Arrombamento e invasão de propriedade. Esses foram alguns delitos graves, Rora.

— Eu fiz meu serviço comunitário. Todas nós quatro fizemos. — Eu não conseguia imaginar a agente Ashford infringindo uma lei. — Durante todo o maldito verão. Pagamos nossas dívidas. E não vire isso contra mim. Você está ou não está fazendo merda com os Morrellis e Santos?

— Aurora, há muitos tons de cinza no mundo.

— Não comece com tons de cinza e criminosos. Ou você é um criminoso ou não é. Não há meio termo..

Se a agente Ashford não acreditasse em tons de cinza, eu seria um mal negro em seu livro. Eu já podia ver isso. A agente Ashford e eu trabalharíamos *muito bem* juntos. Não me surpreenderia se ela tentasse me prender.

— Sim, há. — Seu irmão protestou. — Sempre há outro criminoso para tomar o lugar de outro que é ainda pior. Então você opta pelo mal menor. — Ela bufou tão alto que pudemos ouvir de nosso lugar. — Nunca me desculparei por nos manter seguros. A nossa família, Rora.

Em um mundo diferente e sob circunstâncias diferentes, eu suspeitava que poderia concordar com Byron Ashford.

— Não há um único dia em que eu não me preocupe com a possibilidade de algo acontecer com você, — rosnou o irmão dela. — Por que você acha que seus irmãos e eu construímos toda essa merda? Não é para o nosso pai. Para que possamos manter você e os outros em segurança.

— Mas...

— Rora, se está esperando que eu lhe diga que sinto muito por ter lidado com eles, você vai esperar um longo tempo. — Bianca e Bella arfaram baixinho. — Lidarei com os criminosos tão facilmente quanto matá-los. Nico Morrelli é muito melhor que seu pai, então optei por lidar com ele. O mesmo acontece com Raphael. E desde que eles não ameacem você ou nossa família, eu lidarei com eles. E você também.

— Você está ouvindo a si mesmo, Byron? — A voz da agente Ashford tremeu, embora não fosse de medo. Eu sabia que o irmão dela

jamais a machucaria, mas mesmo assim tive que lutar contra a vontade de bater nele para que ele parasse de perturbá-la. — Lidar com eles trará problemas à nossa porta, — continuou ela. — Você viu o que acabou de acontecer? Psicótico, eu lhe digo. Papai lidou com eles e veja o que aconteceu... — Sua voz se embargou e foi uma punhalada em meu coração. — Por que você acha que toda essa merda aconteceu? Ele fez acordos com o demônio errado. Às nossas custas. Às custas de Kingston.

— Eu não sou ele, Rora. E você sabe disso. Ele fez isso para seu próprio benefício. Seu próprio progresso. Estou fazendo isto por nós. Porque eu arderei no inferno se vou deixar que outro irmão seja levado. E você sabe que a ligação de nossa mãe com os Kingpins mantém nosso pé nesse mundo.

Meus olhos se voltaram para Nico, perguntando-me se ele sabia. A surpresa em sua expressão me disse que ele não sabia, e isso era uma raridade. As expressões de Raphael e Vasili me disseram que eles também não sabiam.

— Como diabos não sabíamos que os Ashfords tinham conexão com os chefões do Sindicato? — Vasili sibilou em voz baixa. Sim, essa foi uma informação crucial que eu não compartilhei com ele. Entretanto, ela não tinha relevância aqui.

— Irmã, você confia em mim?

Em seguida, soltou um suspiro pesado.

— Eu quero, Byron. — A dor em sua voz me deixou arrasado. — Só não sei se conseguirei viver comigo mesma se algo ruim acontecer novamente.

— Eu cuido disso, — ele lhe garantiu. — Vou nos manter a salvo, de todos. E os inimigos de papai podem se foder.

Sua risada suave viajou pela brisa. Byron Ashford estaria ocupado enquanto seu pai estivesse vivo, porque aquele bastardo lidava com filhos da puta obscuros.

— Se as pessoas soubessem como você tem uma boca suja, irmão, — ela meditou.

Dessa vez, ele riu junto com ela.

— Certo, Srta. FBI. Diga-me qual é o problema para estar trabalhando com os Nikolaev.

O silêncio se estendeu. Três segundos e depois uma expiração.

— É confidencial.

— Você está no campo, não está?

— Não. — Mesmo sem vê-la, pude ouvir a hesitação em sua voz.

— Mentirosa.

— Você nos mantém seguros do seu jeito. Eu farei do meu, — argumentou ela, parecendo muito defensiva.

— Aurora, você tem que...

— Não me diga o que tenho que fazer, — respondeu ela. — Sou uma mulher adulta e estou fazendo meu trabalho.

— Seu trabalho não é estar em campo.

Ela zombou. — Porque você diz isso? — desafiou ela.

— Você acabou de me dar uma palestra sobre como lidar com criminosos e agora entrará em campo com um?

— Quem disse que eu vou para o campo com ele? — gritou ela. Ela ainda não sabia, mas estaríamos indo para o campo juntos. — Eu certamente não disse. É melhor que você não esteja invadindo o banco de dados deles, Byron. — Ah, então o querido irmão dela infringiu as leis. Mas eu não podia culpá-lo por isso, porque ele o fazia para protegê-la. — E agora que é conveniente para a sua causa, você vai concordar com a minha avaliação de um criminoso psicótico? — ela zombou. — Todos eles são psicóticos de uma forma ou de outra, eu lhe garanto. Só porque alguns deles estão escondendo isso melhor do que Alexei Nikolaev, não significa que sejam menos brutais ou loucos. Portanto, se você está lidando com Morrellis e Santos, eu lidarei com os Nikolaevs e você ficará fora do meu caminho.

Ok, não é exatamente um elogio, mas por que eu fiquei tão duro ao ouvir suas palavras? A agente Ashford tinha uma espinha dorsal.

Um instante de silêncio e, em seguida, a risada profunda de Byron rompeu a tensão.

— Você fez sua lição de casa, — elogiou o irmão. — Eu a ensinei bem. Vá em frente com os olhos bem abertos. Estou orgulhoso de você, Rora.

— Tanto faz. A lisonja não o levará a lugar algum, — murmurou ela. — Estou indo para casa. Perdi o apetite vendo toda aquela merda. Vá se divertir, irmão. Eu sairei com as garotas.

— Vamos lá... — Ele tentou acalmá-la. Aqueles dois se importavam um com o outro. Aposto que ela era próxima de todos os seus irmãos.

— Até mais tarde.

Seguiu-se uma série de xingamentos. — Estou indo com você, Rora. Por que tipo de irmão você me considera? Deixar você ir para casa sozinha depois disso.

— Não se preocupe, eu sei atirar. E se o psicótico idiota que está lá dentro não ficasse louco, eu mesma poderia ter lidado com as mãos que me agarraram. Vá se encontrar com seus amigos. Deus não permita que eles pensem que você os abandonou.

— Eles sobreviverão. Minha irmã talvez não, com sua boca esperta.

Em seguida, houve um tapa e uma risada suave.

— Pelo menos eu tenho uma boca inteligente. Ao contrário desse meu irmão.

— Venha, vamos para casa. Vou preparar um sanduíche de manteiga de amendoim e geleia para você. É muito mais sofisticado do que qualquer coisa que este lugar tenha. Talvez as meninas e eu até o convençamos a jogar no Xbox.

Sua bufada foi alta. — Sem chance.

O riso de ambos diminuiu.

Sem perder tempo, levantei-me e enfiei as mãos nos bolsos do paletó. — Nico, precisarei de informações sobre a mãe e os irmãos dela, — disse a ele e saí da mesa sem dizer mais nada.

Afinal de contas, o motivo pelo qual eu vim para este almoço acabou de sair.

Duas horas depois, eu estava no porão do Sazerac Bar. Fazia alguns anos que não tínhamos ninguém em nossas salas de interrogatório à prova de som. Não desde que aquele imbecil tentou colocar uma droga na bebida de Isabella, naquela época.

Caminhei pelo corredor mal iluminado. Séculos atrás, esses corredores eram usados para contrabando. Hoje, são usados para tortura e descarte de corpos. Parando em frente à porta de metal, digitei minha senha e entrei.

O idiota que ousou agarrar a bunda de Aurora estava acorrentado, pendurado no teto e esperando por mim. Aquela calma fria e familiar me invadiu, assim como acontecia toda vez que eu executava homens.

Matá-lo não deveria ser diferente de qualquer outro homem que tenha me prejudicado.

No entanto, era.

Eu sabia que seria, porque estava fazendo isso pela agente Ashford. Porque ele ousou colocar suas mãos imundas na bunda dela.

Ele começou a se debater quando me viu, e o barulho das correntes encheu a sala. Eu sabia que iria caçar quando dissesse a ele para correr. Eu ia brincar com ele por alguns dias e lhe dar uma lição.

Mas depois eu fiz minha lição de casa. O pessoal de Nico obteve as informações e descobriu o que esse idiota fazia para se divertir. Com garotinhas e mulheres jovens. Não havia nada que pudesse salvá-lo agora.

Meus nós dos dedos se apertaram, aquela raiva familiar me inundando como um veneno ao qual eu havia me tornado imune, mas que ainda me afetava.

Fui até à mesa de aço inoxidável, cheia de ferramentas de tortura imaculadas. Olhei para a variedade de ferramentas, decidindo qual seria a melhor para esse filho da puta doente que gostava de enfiar o pau onde não devia.

No momento em que peguei o descascador de legumes que podia cortar a pele de uma pessoa tão facilmente quanto descascar uma cenoura, o molestador de crianças deu um gemido abafado sob sua mordaça. Fiquei com dor de estômago ao pensar em quantas meninas inocentes choramingaram quando ele as torturou. Estuprava-as.

Eu me virei lentamente, caminhei até ele e lhe dei um de meus raros sorrisos. A pele do meu lábio se repuxou, a picada foi uma dor surda que tentei evitar, mas, naquele momento, valeu a pena.

— Isso vai doer só um pouquinho.

Capítulo 12

AURORA

No momento em que Byron e eu voltamos, Sailor e Willow sabiam que algo estava acontecendo. *Mais tarde*, falei para que elas não dissessem nada. A ideia de qualquer membro da família Santos estar na mesma cidade que Gabriel era aterrorizante.

Eram cinco da tarde quando Byron se ofereceu para levar Gabriel em uma das excursões de fantasmas para crianças. Sailor, Willow e eu só tivemos que dar uma olhada antes de decidirmos ficar para trás. Isso nos daria tempo para conversar sem Byron por perto.

Eu sabia que isso não tinha escapado ao meu irmão, pois, ao sair, ele nos advertiu para que não nos metêssemos em confusão.

— O que aconteceu? — Willow deixou escapar no momento em que os dois se foram.

Mesmo agora, cinco horas depois, meus batimentos cardíacos aceleraram ao me lembrar de ter encontrado os mafiosos implacáveis. Embora de todas as coisas que aconteceram, o medo de Raphael Santos estar tão perto de Gabriel era a mais assustadora.

— Encontramos os homens Nikolaev novamente, — murmurei, tentando facilitar a conversa.

— Ah, droga, — reclamou Willow. — Eu queria ver esse tesão mais uma vez. Talvez para alimentar meus orgasmos pelos próximos cinco anos.

Eu zombei. — Isso é um pouco exagerado.

Ela deu de ombros. — Acho que não. Esse tipo de calor derrete o cérebro, o coração e a boceta. — Revirei os olhos diante de seu exagero, mas isso não a impediu de continuar. — Seus irmãos são muito gostosos. Mas eles são mais do tipo gostosos e sujos pra caralho no quarto.

— Willow, eu nem vou perguntar, — murmurei. Isso soou perigosamente próximo a uma admissão de que ela estava testando um dos meus irmãos no quarto. — Eu não quero saber.

— Ah, eu não fiz sexo com nenhum de seus irmãos, — ela me garantiu rapidamente. — Só estava tentando me fazer entender. De qualquer forma, como eu estava dizendo. Seus irmãos provavelmente são sujos no quarto. Mas esses caras tatuados... — Ela acenou com a mão, tentando esfriar as bochechas coradas. Mulher excitada. — Você sabe que esses caras tatuados são gostosos para cacete no quarto. Garantido.

Sailor e eu rimos. — Não precisa de reembolso, — Sailor deu uma risadinha. — Quero dizer, realmente Aurora. Você já viu homens tão gostosos? — Balancei a cabeça. Se eu dissesse que sim, elas saberiam que eu estava mentindo.

Inspirei profundamente e depois expirei. Decidi não dizer nada sobre o fato de Alexei ter ficado furioso com o cara que agarrou minha bunda. Em vez disso, concentrei-me na questão mais importante que estava ocorrendo.

— Encontrei Raphael Santos, — murmurei, e minhas duas amigas arregalaram os olhos e ficaram chocadas.

E, sem mais nem menos, todos os pensamentos sobre sexo sujo e homens quentes e tatuados evaporaram.

O silêncio se estendeu enquanto eu esperava que elas controlassem o choque.

— Ele reconheceu você? — Sailor deixou escapar.

Balancei a cabeça. — Ele só parece saber que invadimos a casa do pai dele.

— O pai dele estava lá? — sussurrou Willow, embora não houvesse mais ninguém no apartamento.

— Não. Lembre-se, ele foi morto a tiro. Raphael estava lá com os Nikolaev e Nico Morrelli. — Nenhuma delas reconheceu Nico Morrelli como um mafioso que comandava o submundo de D.C. e Maryland. A única razão pela qual eu sabia desse fato era por causa de quem era meu pai.

— Você acha que ele sabe o que aconteceu? — perguntou Willow.

— Eu não sei, — eu disse.

— Graças a Deus não fomos com você, — murmurou Sailor. Assenti com a cabeça, com um nó na garganta. Foi só no caminho para casa que percebi o quanto Gabriel se parecia com Santos. Seu cabelo escuro, seus olhos azuis escuros, seu tom de pele oliva.

— É inteligente que Gabriel esteja vagando pela cidade com Byron? — perguntou Willow.

— Nenhum desses homens me parece ser um homem que faria passeios com fantasmas, — justifiquei. — Se por acaso eles o virem com Byron, vão presumir que Gabriel é dele. Eles são bastante parecidos.

Isso não era rebuscado. Assim como Gabriel, Byron tinha tom de pele oliva.

Os pedidos de Anya para que o velho Santos parasse ainda abalavam nós três. Enquanto nos amontoávamos em um canto, Anya pagou por isso. Naquela época, não sabíamos que os dois tinham se encontrado em uma das boates em que tínhamos entrado alguns dias antes.

O gosto de liberdade daquela semana não valeu o resultado final.

Capítulo 13

ALEXEI

Leio o relatório que Nico me enviou por e-mail.

Não era de se admirar que Byron Ashford conhecesse Santos e Morrelli. Ele trabalhava frequentemente com eles, mas Byron e seus irmãos mantinham-se em negócios legais, o que era inteligente. Magnatas do setor imobiliário, magnatas da tecnologia, hotéis. O que você quiser, eles tinham. Parecia que a família Ashford tinha o toque de Midas. O império deles se estendia por cada centímetro da Terra e tocava quase tudo, se você incluísse o irmão e a irmã ilegítimos.

No entanto, houve uma pequena parte que me surpreendeu. Os três irmãos tinham uma pequena empresa de segurança exclusiva que extraía os sequestrados. E eles faziam isso de forma gratuita.

E depois havia a informação sobre a mãe deles. Foi o que mais chocou a todos. Ela era irmã de Gio DiLustro, que comandava os Kingpins do Sindicato em Nova York. O irmão de Gio dirigia o Sindicato em Chicago e na Filadélfia. Gio DiLustro trabalhava em negócios e caminhos ilegais diferentes dos de Cassio King, de modo que os dois não tinham desavenças. O filho de Gio, Basilio DiLustro, expandiu seu império para negócios legais.

De qualquer forma, sua mãe foi morta por uma das outras gangues do sindicato. O culpado nunca foi identificado. Podem ter sido os irlandeses. Ou os russos. A irmã do chefe irlandês Liam Brennan foi baleada na mesma época. A coincidência era suspeita.

Continuei lendo o relatório, embora não houvesse outras surpresas. Os três irmãos se preocupavam com a irmã mais nova e a checavam com frequência. Ligações e mensagens de texto frequentes, independentemente de onde estivessem no mundo. Eles administravam impérios globais de bilhões de dólares, mas Aurora optou por um emprego público de baixa remuneração, apesar de suas conexões e riqueza.

E ainda havia o irmão mais novo.

Kingston Ashford. Dez anos de idade. Sequestrado durante uma visita ao zoológico de Washington. A única testemunha foi sua irmã de cinco anos. Vinte anos atrás. Mas eu também sabia disso.

— Aquele idiota mexeu comigo pela última vez, — sibilou Ivan, irritado por não ter conseguido o que queria. Ele sempre era assim quando alguém o enfrentava. Infelizmente para Ashford, ele pegou o dinheiro de Ivan e depois desistiu do acordo.

O governador local se recusou a aprovar a compra de duzentos acres na Virgínia para Ivan, juntamente com uma licença. Em vez disso, ele a vendeu para a Cassidy Enterprise e recebeu uma comissão. Acontece que Morrelli lhe ofereceu uma comissão melhor do que o mesquinho Ivan Petrov.

Observei a babá de cinquenta e poucos anos sair da mansão de um milhão de dólares com duas crianças. Uma garotinha de cachos escuros pulava de um pé para o outro, com seus cachos balançando a cada movimento. Mesmo daqui, eu podia ver que ela transbordava de energia e seu sorriso iluminava todo o rosto. Apesar de seu elegante casaco vermelho com laços pretos como botões, ela agia de forma selvagem, sem se importar com suas roupas elegantes.

Destemida, ela foi até ao portão onde eu estava escondido. Senti o cheiro de chocolate e meu estômago roncou. Eu não comia há mais de vinte e quatro horas.

Se eu não levasse isso adiante, não viveria o suficiente para completar dezoito anos, apesar de estar a apenas alguns meses de completar a idade legal. Eu estava tão perto de sair, que Ivan prometeu que me contaria quem era minha família... e me deixaria ir. Embora Ivan tivesse contado muitas mentiras ao longo dos anos, no fundo eu já sentia a verdade.

Ele não deixava ninguém sair.

— Rápido, rápido, — ela deu uma risadinha, sua voz leve viajando pela brisa. A garota não devia ter mais de cinco anos. Seis, no máximo.

— Rora, pare. — O garoto que devia ser seu irmão gritou atrás dela. Eles eram parecidos um com o outro. — Você será atropelada, — ele a advertiu.

Ela deu uma risadinha, girando no gramado imaculado. — Eu sou in-ven-cí-vel, — ela pronunciou a palavra, sua voz pequena brilhando de orgulho.

Em toda a minha vida, eu não me lembrava de ter sentido tanto orgulho. Ou felicidade. Seu irmão correu em direção à irmã e agarrou sua mão, puxando-a gentilmente.

— Fique comigo, Rora, — ele a repreendeu.

Ela ergueu o rosto, com confiança, para o irmão mais velho, oferecendo-lhe um grande sorriso. — Sempre.

Seu irmão mais velho puxou carinhosamente sua trança e uma risada borbulhou em seus lábios.

Eu os segui por cinco quarteirões, até que eles entraram no zoológico. Foi então que a pequena Rora ficou louca. Ela soltou sua mãozinha e correu em círculos ao redor do irmão e da babá.

— Leão, — ela gritou, sorrindo amplamente. — Aqui, venham cá. Ursos!

Seu entusiasmo lhe rendeu sorrisos de estranhos. Eu não podia culpá-los. Havia um calor nela que era cativante. Eu esperava que ninguém destruísse isso nela. Então, estremeci, lembrando-me do motivo pelo qual eu estava aqui.

Eu não deveria destruir essa felicidade. Era uma coisa rara de se ver hoje em dia. Pelo menos para mim, era, e por mais idiota que parecesse, eu queria engarrafá-la e preservá-la. Lembrei-me da última vez

que senti algo remotamente próximo de ser feliz. Foi antes do meu décimo aniversário.

Não era exatamente felicidade, mas parecia próximo disso. Eu não era filho deles. Eu os chamava de tetya e dyadya. Tia e tio. É claro que eles não eram nada disso. Eram apenas pobres almas que pegavam o dinheiro de que precisavam para sobreviver, mas pelo menos me tratavam com carinho. Eles me alimentavam, me vestiam e me mandavam para a escola.

A vergonha e a culpa me invadiram. Foi por minha causa que suas vidas foram interrompidas. E agora, eu estava perigosamente perto de destruir outra família. Droga, eu não queria fazer isso. Mas eu queria saber os nomes de meus pais. Cortar os laços com Ivan. Eu estava tão perto da liberdade que quase podia sentir o gosto dela.

Ivan não tolerava a desobediência de seus soldados. Ou o que quer que fôssemos. Seus soldados. Suas prostitutas. Seus ladrões. Seus assassinos.

Outra risada alta soou e minha atenção voltou para a menina. Seu cabelo escuro estava uma bagunça selvagem, mas seus olhos brilhavam como diamantes.

— Oh, meu Deus, — ela sorriu, com as bochechas rosadas pelo frio.

A cada minuto, a pequena Rora se tornava cada vez mais corajosa.

— Rora, fique por perto! — gritou o irmão dela. Ele se preocupava com sua irmãzinha. Seus olhos a procuravam constantemente.

Eu não sabia muito sobre a família do governador, mas na semana passada, ao observá-los, pude perceber que todos os irmãos eram próximos. No entanto, o pai raramente estava por perto.

Vinte minutos depois, enquanto o menino olhava fixamente para os elefantes, a pequena Rora deu um passo para trás. Mais um. E mais outro.

Como o menino estava com a babá, eu segui a menina. Para garantir que nada acontecesse com ela. Ela foi até ao canto da pequena área da piscina de água. Ela queria ver os hipopótamos.

Essa área estava vazia. Ou ninguém se importava com os hipopótamos ou os elefantes roubaram a cena.

Um dos hipopótamos abriu a boca e uma buzina alta, seguida de um grunhido, viajou pelo ar.

Ela virou a cabeça para mim, seus olhos escuros brilhavam de felicidade. Sua mão alcançou minha manga, sem se importar que minha camisa estivesse velha e suja.

— Você viu? — ela exclamou animada. Assenti com a cabeça, meu lábio se contraindo. Foi a primeira vez em muitos anos que algo parecido com um sorriso curvou meus lábios.

— Você também gosta de hipopótamos? — disse ela, com o rosto todo iluminado como uma lâmpada.

— Gosto.

Ela deu um passo à frente, ficando bem perto de mim. — Kingston gosta de elefantes, — ela confidenciou suavemente. — Mas os hipopótamos são os meus favoritos.

— Por quê? — perguntei a ela, subitamente curioso. Pessoalmente, eu também teria escolhido elefantes.

O sorriso mais brilhante iluminou seu rosto. Como uma árvore de Natal em um dia frio e ensolarado de dezembro. E então ela começou a cantar.

'Eu quero um hipopótamo para o Natal

Só um hipopótamo serve.¹⁸

Pisquei os olhos. O que ela estava fazendo?

De repente, ela parou e seu rosto se abateu. — Você não conhece a música, — ela murmurou tristemente e, por algum motivo, sua tristeza me atingiu em cheio no peito.

— Desculpe. — Foi estúpido. Pedi desculpas a uma garotinha por tê-la deixado triste, mas já matei mais homens do que gostaria de lembrar. E eu estava prestes a destruir o mundo dela.

Sua mão pequena veio até à minha e ela colocou os dedos em minha mão grande.

— Está tudo bem, — sussurrou ela, consolando-me. Ninguém havia tentado me confortar há tanto tempo que eu não conseguia me lembrar de ter sentido esse calor em minha alma. — Eu posso lhe ensinar.

¹⁸ Gayla Peevey - I Want a Hippopotamus for Christmas (Hippo the Hero)
I want a hippopotamus for Christmas
Only a hippopotamus will do

Eu tinha que tirá-la daqui. Eu tinha que tirar todos eles daqui.

— Rora. — A voz do irmão dela se espalhou pelo ar. O pânico em sua voz fez com que a garotinha virasse a cabeça na direção dele. Ele estava do outro lado do caminho da piscina, Ivan Petrov e seu laçao se aproximando por trás, como uma nuvem negra que destruiria a ele e sua família. Não demorou muito e Ivan estava ao lado do garoto. Elevando-se sobre ele, Ivan o puxou pelos cabelos e um pequeno gemido encheu o ar.

Eu e os hipopótamos esquecidos, Rora correu em direção ao irmão.

— Não, Rora! — gritou ele para a irmãzinha.

Seus passos vacilaram e ela parou. Olhando para o irmão, seu peito subia e descia a cada respiração.

— Corra, Aurora. Corra e não olhe para trás!

Eu deveria pegá-la e levá-la para casa. Ivan destruiria essa garotinha, sua inocência. Não havia como se recuperar de alguém como Ivan Petrov. Eu sabia disso em primeira mão.

— Não quero ir sozinha, — ela choramingou, com os olhos arregalados de medo.

— Não se preocupe, garotinha. — Ivan deu um passo em sua direção, sorrindo ameaçadoramente para ela. — Compartilhar é cuidar. — Ele faria da vida de ambos um pesadelo. Ivan não perdoava. Ele faria o pai deles pagar por ter negado o negócio. — Eu vim por você, mas podemos levar seu irmão também... dividir vocês dois será divertido, certo?

— *Deixe-a em paz, — gritou seu irmão, empurrando um dos lacaios de Ivan. Eu também era um de seus lacaios. E fiquei com nojo de ver dois inocentes sendo destruídos bem diante dos meus olhos. — Corra, Rora! — gritou o irmão dela a plenos pulmões, com uma exigência clara.*

Engolindo com dificuldade, com seus olhos olhando para mim. Tanto medo. Fiz um aceno de cabeça quase imperceptível, e ela saiu correndo.

Fui atrás dela. — Pegue-a, — ordenou Ivan em russo, presumindo que eu estava atrás dela para trazê-la de volta.

Que se dane! Corri com ela o caminho todo até em casa. Suas perninhas a levavam rápido. Eu não conseguia acreditar que ela se lembrava do caminho para casa, mas ela se lembrava. Quando ela estava em segurança em sua mansão, fui embora e nunca mais olhei para trás.

Eu havia destruído a vida dela antes mesmo de começar. E a constatação me atingiu como um tsunami. *Eu nunca a terei.* Não nesta vida. Nem na próxima. Ela me destruiria se soubesse o que eu fiz, e eu não a impediria.

Nico conhecia o irmão dela. Afinal de contas, ele voltou comigo para Moscou, junto com Cassio e a equipe, há dez anos. Não se esquecia de uma coisa dessas, por mais bêbados que estivéssemos enquanto esperávamos nosso voo para sair daquele país esquecido por Deus.

Algo dentro de mim endureceu como gelo sólido. E não sobrou muita suavidade.

Meu telefone tocou, interrompendo as lembranças. Ao olhar para ele, o nome de Raphael apareceu na tela. Por que diabos ele me ligaria? A única coisa que tínhamos em comum era Isabella e nunca conversávamos sobre ela. Nem preciso dizer que ele raramente ligava.

Apertei o botão de resposta. — Sim.

— Você alguma vez cumprimenta as pessoas de outra forma? — O tom de Raphael estava carregado de sarcasmo.

— O que você quer? — perguntei, já entediado e irritado com essa conversa, que nem havia começado. — Diferente o suficiente?

Raphael murmurou alguma coisa. Eu tinha certeza de que ele me chamou de *psicopata frio*, em espanhol. Não me dei ao trabalho de comentar. Já haviam me chamado de coisas piores, e ele não estava longe da verdade.

— Byron Ashford me ligou, — continuou Raphael. Meu interesse despertou, mas permaneci em silêncio. — Ele perguntou se você e seus irmãos poderiam ficar de olho na irmãzinha dele.

Era conveniente obter a aprovação do irmão mais velho para perseguir Aurora. Mas não seria trabalho de ninguém além do meu. Se meus irmãos tentassem fazer qualquer coisa com a jovem agente, eu os fatiaria vivos. Ela era minha para vigiar e manter em segurança. Embora eu nunca a tivesse, eu me certificaria de expiar meus pecados. Eu me certificaria de mantê-la segura.

— Achei melhor começar com você, já que ficou furioso no restaurante, — acrescentou.

Não importa. Não era da conta dele. Eu percebia que Aurora não gostava de Raphael. Ela se enrijeceu no momento em que o nome dele foi pronunciado. Embora tenha sido curioso o fato de Byron ter nos pedido para cuidar dela. Ele sabia quem éramos, mas não hesitou em pedir um favor. Embora ele revertisse esse pedido em milissegundos, se soubesse o que aconteceu há vinte anos.

Tarde demais.

— Você está aí? — Raphael chamou.

— Vou ficar de olho. — *Clique*.

Encerrei a ligação e dei uma olhada na hora. Não fazia sentido dizer mais nada. Eu pretendia ficar de olho nela de qualquer maneira.

Falando da agente do FBI. Ela deve estar aqui em meia hora.

Atravessei o complexo e me dirigi ao escritório de Vasili. A bela agente seria escoltada até lá e, embora eu soubesse que Vasili só tinha olhos para Isabella, algo dentro de mim se opunha a deixar Aurora sozinha com Vasili.

— Alexei, — Vasili me cumprimentou. Eu não o via desde ontem.

— Irmão.

— As informações de Nico revelaram mais alguma coisa? — Apenas que eu levei os cordeiros até ao lobo.

— Não.

Essa era a minha cruz para carregar, e eu pagaria por meus pecados. Eu tinha que me perguntar se a obsessão da agente Ashford com o

sequestrador de crianças estava relacionada ao que havia acontecido naquele dia. Ela acabaria se lembrando de mim. Disso eu tinha certeza.

— Quer conversar? — Meus olhos se fixaram em meu irmão mais velho. Sasha e eu tínhamos a idade mais próxima, sendo eu o mais novo. Mas minhas experiências me tornaram mais parecido com Vasili. Sasha era muito impulsivo, muito livre.

— Não. — Falar não me ajudaria em nada. E eu conhecia meu irmão. Se ele sentisse que sua família estava ameaçada, não seria um bom presságio para a agente Ashford.

— Você parece bastante interessado na agente Ashford, — continuou Vasili, casualmente, como se eu não tivesse acabado de lhe dizer que não queria falar sobre isso.

O silêncio gelado se estendeu. Eu estava bem com ele. Infelizmente, Vasili também estava. Não me dei ao trabalho de olhar para meu irmão, meus olhos se fixaram na porta que traria minha obsessão. Uma pequena agente de cabelos escuros que me considerava um psicopata.

— Levá-la ao clube será um problema? — Meu pau estremeceu ao pensar nisso. Na verdade, eu mal podia esperar para levá-la lá. Estava intrigado para ver sua reação. Porra, agora eu estava duro como uma rocha. Cerrei os dentes e me forcei a pensar em outra coisa. — Talvez eu deva levá-la? — Vasili sugeriu.

Meus olhos se voltaram para ele e um rosnado baixo soou em minha garganta. — Por cima de meu cadáver.

Vasili levantou uma sobrancelha, pois não estava acostumado a ouvir um ‘não’.

— *Se você sequer pensar nisso, vou quebrar suas mãos e pernas,* — eu disse friamente. — Ninguém fica perto dela, a não ser eu, — avisei, minha voz gélida. Irmão ou não, ele a tocava e estava morto.

Um sorriso consciente apareceu nos lábios de Vasili. O filho da puta estava me provocando.

— Bem, que se foda, — murmurou ele, divertido.

— Prefiro não, — disse-lhe secamente.

— Então, qual é o seu plano? — perguntou ele. — E como a bela agente se encaixa nele?

— Vasili.

— Sim?

— Eu cuido disso. Aurora é minha. — Porra, eu a chamei de minha. Mais valia ir até ao fim. — Comente sobre a aparência dela novamente e eu arranco seus olhos.

Uma risada profunda vibrou pela sala. Idiota provocador! Ele abriu a boca para dizer algo, mas, por sorte, o interfone tocou.

— A agente Ashford está subindo. Ela se recusou a entregar sua arma.

Meu lábio se contraiu. Não fiquei surpreso. No minuto seguinte, a bela agente estava sendo conduzida por um dos homens de Vasili.

— Sr. Nikolaev, — ela o cumprimentou com um olhar irritado no rosto. — Vamos estabelecer algumas regras, certo? — Ela não esperou que nenhum de nós respondesse antes de continuar: — Eu não trabalho para você. — Ela estreitou os olhos para nós dois. — Da próxima vez que quiser

me ver, vá até ao meu escritório. Você sabe, aquele mesmo onde você deu as caras na última sexta-feira. — Porra, a boca dela estava me deixando com muito tesão. — E caso você não consiga se lembrar do endereço, terei o maior prazer em colocar um aviso no seu telefone para que não se perca.

Que merda! Isso era amor ou o quê? Era quando ela cuspia fogo que eu tinha vontade de encher sua boca atrevida com meu pau e enfiá-lo nela, enquanto ela me observava com reverência em seus olhos.

— Você precisará se desarmar, agente Ashford, — anunciou Vasili, ignorando seus outros comentários.

Ela zombou. — Acho que não. Considerando quem você é, mantereí minha arma comigo.

— Eu não dou a mínima para quem você pensa que eu sou, — disse Vasili com a voz que normalmente assustava as pessoas. Não a agente Ashford. Se ela estava com medo, escondia-o bem. — Meus filhos estão em casa, e não quero uma estranha armada em minha casa.

Achei divertida a interação entre meu irmão e a agente do FBI. De fato, era a maior diversão que eu tinha em anos.

— Você queria essa reunião em *sua* casa, — ela o lembrou, mantendo a calma. — Vou ficar com minha arma. Se estiver com medo ou preocupado, vamos nos reunir em outro lugar.

Os olhos de Vasili brilharam com incômodo e um toque de admiração. Essa mulher era demais, e eu sabia que, no fundo, Vasili gostava de sua força. Ele também admirava o irmão dela.

Como se fosse a deixa, o pequeno Nikola entrou cambaleando na sala. Os olhos da agente Ashford se voltaram para o homenzinho e sua expressão se suavizou. No entanto, a postura de Vasili ficou tensa e um movimento errado poderia custar a vida da bela agente do FBI.

Eu me mexi um pouco. Vasili nunca tomava decisões precipitadas. Mas quando se tratava de sua esposa e filhos, ele matava sem pensar duas vezes ou sem remorso. Em sua opinião, era melhor prevenir do que remediar. Eu concordava normalmente, mas precisávamos que a agente Ashford chegasse até Ivan.

E ela era minha.

Meu irmão e eu observamos, maravilhados, os olhos de Nikola se voltarem para a moça e, em seguida, se dirigirem a ela com um grande sorriso. O garoto nunca se aproximava de estranhos. Nunca! Suas mãozinhas gordinhas foram até ao joelho dela. Ela se virou para que sua arma estivesse do lado oposto, fora do alcance de Nikola, e se abaixou.

— Olá, amigo, — ela o cumprimentou, sorrindo. — Qual é o seu nome?

— Nikola. — Vasili e eu trocamos um olhar fugaz. Ele falou. E para uma estranha. — Para cima.

A agente Ashford deu uma risadinha. — Coisinha mandona, não é?

— Para cima.

Jesus Cristo. Três palavras em um intervalo de dez segundos. Os olhos da agente se ergueram para encontrar o olhar de Vasili. — É seu?

Vasili assentiu com a cabeça. Meu irmão era bom em esconder suas emoções, mas eu podia dizer que o incomodava o fato de seu filho ter falado com uma simples estranha. Nikola disse mais palavras para ela em menos de um minuto do que para seus pais durante todo o mês.

— Se eu pegar você, — ela murmurou baixinho para o meu sobrinho, — não poderei ver o seu tamanho.

Nikola inclinou a cabeça como se estivesse pensando sobre isso. — E você é um menino tão grande.

Ela deve tê-lo conquistado, porque o pequeno Nikola sorriu, acenando com a cabeça avidamente. Surpreendentemente, a agente Ashford tinha jeito com crianças. Devia ter algo a ver com o filho de sua amiga. A verificação de antecedentes revelou que ela era a madrinha dele.

— Ok, Nikola, — Vasili interrompeu a sessão. — Venha cá.

Um sorriso suave se espalhou nos lábios de Aurora, lembrando-me da garotinha de vinte anos atrás. Ela piscou para o garotinho e o empurrou gentilmente em direção ao pai. Em seguida, ergueu-se até sua altura máxima quando Nikola se aproximou de Vasili.

— Com todo o respeito, Sr. Nikolaev, — ela começou, mantendo a voz suave, como se estivesse preocupada em perturbar o filho dele. Mas seus olhos estavam firmes em Vasili e em mim. — Isso é trabalho, e eu mantereí minha arma. Não é negociável. — Seus olhos escuros olharam para mim por uma fração de segundo, cautelosos. Aposto que ela se lembrou da maneira como eu bati no homem que ousou tocar em sua bunda ontem. Suas sobrancelhas se franziram, mas seus olhos permaneceram em mim. — Quando caminhei pelo complexo, passei por pelo menos dez

guardas que portavam armas de fogo. Portanto, perdoe-me por estar um pouco hesitante em me deixar indefesa. — Tique-taque. Tique-taque. Tique-taque. Tique-taque. Não havia dúvida de que o golpe era para mim. — Especialmente considerando sua reputação.

A garota tinha coragem, eu diria isso. Talvez esse fosse o motivo pelo qual ela me atraía tanto. As mulheres geralmente queriam que eu as fodesse, as sufocasse, as fizesse gozar, mas em todas elas havia um medo subjacente.

Em Aurora, senti a hesitação, mas não o medo.

A risada de minha irmã soou atrás dela e a agente Ashford se virou, ficando cara a cara com Isabella.

— Você tem toda a razão, — concordou minha irmã com a agente. — E vejo que você mantém sua arma em segurança. Isso é tudo o que eu peço. O pequeno Nikola tende a pegar em tudo. — A agente Ashford manteve os olhos nela, acenando levemente com a cabeça. — Sou Isabella Nikolaev. Nós nos vimos por uma fração de segundo ontem, — continuou ela, estendendo a mão para Aurora. — Sei que meu marido pode ser um idiota teimoso, mas é tudo pela segurança dos pequenos.

Aurora aceitou a mão de Isabella. — Aurora Ashford.

— Hmmm, Ashford, Ashford, — murmurou Isabella. — Por que isso me soa familiar?

A agente Ashford deu de ombros com um ombro só. — É um sobrenome comum.

— O pai dela é o senador Ashford, — explicou Vasili ao mesmo tempo, levantando o pequeno Nikola em seus ombros. — Especula-se que ele poderá ser nosso presidente um dia.

— Ah. — Isabella olhou para trás e para a frente entre seu marido e a agente Ashford. A expressão de Aurora se mostrou irritada, mas ela rapidamente a disfarçou, depois olhou diretamente para meu irmão.

— Por que não vamos direto ao ponto? — ela começou. — Tenho um longo dia pela frente e você está me fazendo perder tempo.

Isabella reprimiu o riso, seus olhos brilhando de diversão. Normalmente, bastava as pessoas olharem para mim ou para Vasili para se borrarem nas calças. Não a agente Ashford. Ela seria boa para o que tínhamos de fazer para nos aproximarmos de Ivan.

— Há uma maneira de nos aproximarmos da pessoa que acreditamos ser responsável pelos sequestros, — explicou Vasili enquanto eu os observava.

— E onde está o suspeito?

Eu a elogiei por tentar, mas ela não conseguiria nenhuma informação. Não até que aquele filho da puta estivesse morto, sem qualquer chance de ressurreição. Ela tinha os recursos e eu tinha o conhecimento para chegar até ele. Portanto, teríamos que trabalhar juntos para pegá-lo.

— Você saberá quando chegar lá. — Vasili não perdeu o ritmo.

— Ok, então qual é o caminho? — perguntou ela, com um ar de irritação em seus olhos escuros. Os olhos de Vasili se voltaram para mim.

Isso deve dar certo.

Capítulo 14

AURORA

Dizer que estava irritada era um eufemismo.

Primeiro, cheguei tarde ao trabalho depois de deixar as meninas e meu irmão no aeroporto. Depois, McGovan praticamente me cumprimentou com a ordem de seguir a pista de Nikolaev. Agora, eu estava diante de dois dos homens mais poderosos de Nova Orleans e de Isabella Nikolaev... antes Isabella Taylor. Fiquei surpresa quando soube que ela era ex-namorada de um astro do rock, Ryan Johnson, e uma das melhores cirurgiãs em sua área.

E para completar, Jackson foi transferido para outro caso, em um escritório de campo diferente. Uma maneira de me deixar na mão.

— Sou toda ouvidos, — acrescentei secamente. — Mas, por favor, acelere. Tenho um caso para resolver.

Isabella deu uma risadinha. — Oh, eu gosto de você. Vou pegar Nikola, porque tenho a sensação de que isso não é apropriado para os ouvidos do pequeno.

— Provavelmente é uma boa ideia, — murmurou Aurora.

Isabella foi até ao marido e pegou Nikola em seus braços. E, de repente, o filho da puta gigante parecia um grande urso de pelúcia. Quando

Vasili olhou para sua esposa, todo o seu rosto se transformou. Eu nunca tinha visto nada parecido antes.

Enquanto eu observava hipnotizada, Isabella e Nikola passaram por mim e o pequeno rapaz, que parecia a cara chapada do pai, me sorriu.

— Tchau. — Ele acenou com sua mãozinha gorducha. Ao contrário de seu pai, o garoto era adorável. Sua mãe lançou um olhar estranho para Nikola e depois olhou para mim. Ela olhou de volta para Nikola, balançando a cabeça como se estivesse surpresa com alguma coisa.

— Foi ótimo conhecê-la, — disse ela ao sair da sala.

— A você também.

Esperei que a porta se fechasse atrás dela antes de voltar meu olhar para os dois homens na sala. A maneira como Alexei me observava me dava vontade de me mexer, mas eu me recusava a mostrar como ele me perturbava. Na verdade, tentei evitar olhar para ele. Tentei mesmo. Mas meus olhos estúpidos sempre voltavam para ele, como se ele fosse uma espécie de ímã. Ele era diferente de qualquer outro homem que eu já havia visto. Coberto de tatuagens, como se estivesse se escondendo de propósito. Embora isso não fizesse sentido, já que as tatuagens faziam com que a maioria das pessoas o olhasse duas vezes.

Isso certamente me fez olhar para ele duas vezes.

Não pude evitar que meus olhos o observassem. Ele usava seu traje característico novamente. E, por alguma razão, eu realmente queria saber se o corpo inteiro daquele homem estava coberto de tatuagens. Eu odiava tatuagens normalmente; elas me lembravam de uma memória de muito tempo atrás.

Compartilhar é cuidar. O medo se infiltrou nos cantos escuros de minha mente. Era frio e sufocante. Minha pulsação acelerou e o medo amargo envolveu minha garganta. Ele cortava minha respiração.

Fechei os olhos à força, com medo de que esses dois homens vissem algo em meus olhos. Inspirei profundamente e depois expirei lentamente. Ouvi as pessoas dizerem que isso ajudava. Isso me deixou mais agitada do que calma. Mas acho que era melhor do que nada. Forcei os olhos a se abrirem para encontrar olhos azuis árticos olhando para mim.

— Ok, vamos começar isso para que eu possa sair daqui, — falei irritada. A pior parte é que eu estava irritada comigo mesma. Eu não queria mostrar minhas fraquezas a esses homens.

Meus olhos voltaram a olhar para Alexei. Eu não conseguia parar com isso, assim como não conseguia parar de respirar. Esse homem era uma força da natureza com uma tendência de algo bruto e perigoso. No entanto, a parte idiota de mim, lá no fundo, o achava fascinante.

Não é atraente, apenas fascinante.

— Há uma boate chamada Eve's Apple, — Alexei quebrou o silêncio. — É um clube de sexo.

Minha sobrancelha se ergueu. Ok, seu comentário me surpreendeu um pouco. Eu não estava esperando um clube de sexo.

— Que nome original de clube, — zombei, com o tom ligeiramente ofegante. Não gostei do rumo que isso estava tomando. Eu não era puritana, mas também não era selvagem. Willow sempre foi a mais selvagem do nosso trio. — Zero pontos por originalidade, — acrescentei, aparentemente sem ser afetada, enquanto minhas entranhas ardiam.

Por frustração, eu disse a mim mesma.

Ele ignorou meu comentário. Eu sabia que ele havia notado minha reação às suas palavras. Ninguém precisava me avisar que esse homem percebia tudo. E eu queria dizer *tudo*. Desde uma respiração levemente contraída até uma contração no meu olho devido a todo esse maldito estresse.

— Há um membro desse clube que pode nos levar para mais perto do predador, — acrescentou ele em seu tom gélido. Jesus, se eu tivesse febre, eu procuraria esse homem e o faria falar comigo. Isso me acalmaria por toda a eternidade.

— Ok. — Meu instinto estava me avisando que ele não estava me contando tudo. — Podemos ligar para ele?

— Não é tão simples assim.

É claro. Nunca era.

— Que tal você parar de fazer rodeios e me dizer qual é o problema? — perguntei exasperada. Nesse ritmo, meus dois globos oculares estariam se contorcendo.

— A única maneira de entrar no clube é como um casal. — Meus olhos se arregalaram, mas eu não disse nada. — Nós dois vamos nos disfarçar.

— Dois de nós? — repeti estupidamente, enquanto meus olhos se moviam entre Vasili e Alexei.

— Sim, você e Alexei, — esclareceu Vasili. — Ele com certeza não vai fingir que é um casal comigo.

Eu estreitei meus olhos para os dois, observando-os com cautela.
Idiota!

— E se eu fosse um homem, qual teria sido seu plano? —
Perguntei, com as mãos nos quadris enquanto olhava para eles.

Vasili deu de ombros. — Nós o vestiríamos como uma menina,
— ele resmungou, como se isso fosse autoexplicativo. E, pela minha vida,
eu não conseguia dizer se ele estava falando sério ou não.

— Você deve estar brincando, — objetei secamente. Isso tinha
que ser algum tipo de teste.

— Não. — Alexei Nikolaev estava me irritando. Nenhum
esclarecimento, nenhuma explicação. Nada. Apenas *não*. E era isso.

— Por que você não me dá o endereço da boate e eu consigo um
mandado? — argumentei. — Podemos interrogá-los até obtermos as
informações que nos levarão mais perto desse sequestrador.

— Não é assim que funciona.

A tensão subiu pela minha coluna e meus ombros se contraíram.
Isso não podia estar acontecendo. A ideia era ridícula. Rolei o pescoço,
tentando aliviar a tensão. Alexei deu três passos largos até ao pequeno
minibar e calmamente se serviu de uma bebida.

— Uma bebida? — ele ofereceu.

— Isso é o que você quer, — eu disse. — Para que possa me
embebedar e me arrastar para algum show de aberrações. — Eu sabia que
não estava me comportando de forma razoável, mas o que ele esperava?

Que soltasse algo assim e esperasse que eu ficasse tranquila quanto a isso? — De qualquer forma, estou de serviço, — acrescentei.

Além disso, imagens de muito tempo atrás que eu não queria lembrar passaram pela minha mente, como um filme de terror. Ver o que aconteceu com Anya deixou Sailor, Willow e eu marcadas. Teria marcado qualquer jovem de dezoito anos.

Nunca entendi por que Anya recomendou que invadíssemos a casa do velho Santos. E nos levou com ela, três adolescentes idiotas. Era algo que Sailor ficava perguntando a ela - repetidas vezes. Nós três íamos denunciá-lo à polícia, mas então Anya surtou.

Ela ficou louca, balbuciando que tinha sido consensual. Achei que ela estava com medo porque o homem era o chefe de um cartel em Miami. Eu lhe assegurei que meus irmãos nos manteriam em segurança; só tínhamos que lhes contar. Ela não quis saber disso e ameaçou se matar.

O suor frio escorria pelas minhas costas diante daquelas lembranças horríveis e eu as empurrei de volta para um buraco profundo e escuro.

— Como quiser, — respondeu Alexei com frieza e, estranhamente, isso me trouxe de volta à luz e ao assunto em questão. Clube de sexo.

— Dê-me o endereço e eu irei com outra pessoa, — pensei. Eu imploraria a Jackson de joelhos para voltar por um dia. Qualquer um seria melhor do que Alexei.

O copo de Alexei parou a poucos centímetros de seus lábios antes de ele responder: — Não.

Mais uma vez, sem explicação. Deus, eu nunca gostei de julgar uma pessoa sem conhecê-la, mas eu realmente não gostava dele. Sua voz era pior do que uma ducha fria. Ela me deixava nervosa.

— E por que não? — Eu o desafiei.

Seus olhos não piscaram. Nenhuma expressão passou por seu rosto. Exatamente como quando ele bateu no cara do restaurante.

— Quero dizer, vocês fazem sexo? — Eu deixei escapar estupidamente. — Pensei que sua espécie se divertisse matando pessoas.

Seus dedos marcados se curvaram em torno do copo e, por uma fração de segundo, achei que seu aperto estava mais forte. *Interessante*. Meus olhos se voltaram para seus olhos azuis glaciais, mas sua expressão estava vazia, e voltei meu olhar para seus dedos. Eles não estavam mais segurando o copo. Talvez eu tenha imaginado isso.

Meus olhos se detiveram em sua mão, segurando o copo, procurando qualquer sinal de raiva. Nada. No entanto, a força que ele tinha não me escapou. E, apesar das tatuagens, seus dedos eram lindos. Grandes. Fortes.

— Eu faço sexo, — respondeu ele.

Pisquei os olhos, confusa, enquanto o calor corria para o fundo do meu estômago e se espalhava por mim como um incêndio. Inspirei lentamente. Soltei o ar. Minha pele ganhou vida. Ela zumbia com um pecado sombrio e um timbre indescritível.

Um arrepio me percorreu e fiquei maravilhada com a estranha reação. Eu nunca havia experimentado uma reação como essa em relação a outro ser humano.

— Você quer? — Seu olhar se desviou com algo pesado e sem emoção. Sua voz era profissional e desinteressada, com um tom frio que me congelou até aos ossos, mas o significado por trás das palavras me deixou em chamas.

Jesus Cristo! O homem iria foder minha temperatura corporal.

E eu deveria ir a um clube de sexo com ele. É, acho que não. Minha bunda congelaria se eu ficasse muito perto dele. E se ele me tocasse, eu me transformaria em uma estátua de gelo. Ou talvez ele me queimasse viva, porque as chamas azuis que se escondiam em seus olhos eram mais quentes do que qualquer fogo normal.

— Tem que haver outra maneira, — tentei outra abordagem. — Talvez possamos nos disfarçar como alguns dos funcionários.

Prendi a respiração esperando sua resposta, mas ela não veio. Suspirei. Esse homem era difícil; eu sabia disso, sem dúvida. E a reação que tive ao seu redor foi a mais perturbadora de todas.

— Ouça, trabalhar disfarçado com você não vai dar certo. Eu tenho um parceiro, — eu disse a ele. Será que eu estava exagerando um pouco? Sim, mas ele não sabia disso. — Normalmente, meu parceiro e eu estamos no mesmo comprimento de onda. Com ele, será crível.

Só de pensar em Jackson me tocando, eu ficava desconfortável. Além disso, ele era casado, então isso seria um problema. No entanto, de alguma forma, ele parecia ser uma opção mais segura do que esse cara.

— Seu parceiro foi transferido. — Minhas sobrancelhas se ergueram. Como ele sabia disso? Eu só descobri há uma hora.

Nossos olhares se cruzaram. Um calafrio me percorreu e um suspiro audível soou na sala. Era meu.

Clube de sexo e Alexei Nikolaev na mesma frase era uma má ideia. Na verdade, não importava se era uma ida ao clube de sexo. Esse homem era uma más notícia por toda parte. Quero dizer, basta olhar para as tatuagens. Quem diabos tatuou seu rosto? Certamente ninguém que eu conhecesse.

Os homens que eu namorei não pintavam nenhuma parte da pele. Eles tinham um corte limpo.

No entanto, nenhum deles me impactou como Alexei. Sua postura exalava poder e confiança. Ele sabia que conseguiria o que queria e eu me ressentia disso. Ele era extremamente grande. Muito alto. Muito volumoso. Algo que simplesmente não funcionava para mim.

Meus olhos percorreram seus ombros largos. Ele usava novamente uma camiseta preta. Ela lhe servia como uma segunda pele. Dessa vez, em vez de calças cargo, ele usava jeans pretos. Relutantemente, tive de admitir que ele ficava bem de jeans. Eles se moldavam ao seu corpo tonificado. Seus braços musculosos cobertos de tinta provavelmente dominariam a maioria dos homens da Terra, quanto mais eu. Eu me exercitava e corria quase diariamente. No entanto, eu sabia, sem dúvida, que não havia chance de dominar esse cara. Mesmo com uma arma comigo, eu não conseguiria vencê-lo. Se ele me quisesse morta, eu estaria morta.

E tenho que ir a um clube de sexo com ele. De jeito nenhum. Eu acabaria morta e nunca mais se ouviria falar de mim. Uma estatística. Meu irmão não me salvou, então eu acabaria em outro cepo.

— Então, o que você espera que aconteça nesse clube de sexo?
— Eu murmurei. Minha imaginação estava em alta. Eu nunca tinha ido a um, embora tivesse ouvido falar muito sobre eles.

— Vamos fingir que somos um casal e seremos convidados para outro evento que nos deixará mais próximos de nosso alvo.

Ok, foi uma explicação melhor do que eu esperava. — E nós vamos apenas... — Engoli com força, incapaz de pronunciar as palavras.
— Apenas questionar as pessoas.

— Não, vamos fingir que somos um casal e participar.

Minhas sobrancelhas se ergueram. — Participar? — Eu disse, minha voz mal passando de um sussurro. — Em atividades sexuais... — Como ele não respondeu, acrescentei: — Não sei quanto a você, mas eu definitivamente não faço sexo com estranhos.

Uma sombra passou por seu rosto, mas foi tão fugaz que não tive certeza se minha mente estava me pregando uma peça.

— É um clube de sexo para casais, — disse ele, de forma fria, como se isso explicasse tudo. — Casais fazem sexo nele, não estranhos.

Engoli. Talvez tenha ofegado também, enquanto meu coração entrava em uma espécie de aceleração excessiva. — Fazer sexo com você?

Por que minha voz está tão trêmula?

— Se chegar a esse ponto. — Alexei poderia muito bem estar discutindo o clima.

— Não me pagam o suficiente por essa merda, — murmurei, passando as mãos pelos cabelos.

E se eu nunca mais voltasse? Os Nikolaev eram criminosos. Estavam no radar do FBI, mas sempre se esquivando dele. E agora eles encontraram uma maneira de fazer o FBI trabalhar com eles. Não, não com eles. Para eles.

Não havia código ou confiança entre os criminosos. Eles se livrariam de mim quando acabassem comigo.

Seu olhar capturou o meu, sem emoção, como se estivesse olhando diretamente através de mim, e meu coração ficou gelado no peito. Esse homem poderia muito bem ser cortado de uma pedra fria. Ele foi abençoado com o rosto de Adônis, mas nada disso importava quando ele deixava um rastro de gelo e morte em seu caminho.

Um assassino. Ele tinha ligações com a máfia irlandesa, a Bratva e os italianos. Todas as organizações criminosas do planeta que estavam no radar do FBI trabalhavam com Alexei Nikolaev. Ele era o homem que eles procuravam quando tudo o mais falhava. É claro que também não havia nenhuma evidência que sustentasse essa teoria.

Obrigada, Milo, pensei secamente.

— Você não respondeu, — ele comentou secamente. Pisquei os olhos, confusa com o que ele estava perguntando. — Você faz sexo?

Minha pele se inflamou. *Por sua grosseria*, disse a mim mesma. Meus olhos se voltaram para o irmão dele que, por algum motivo, permaneceu calado o tempo todo, observando a mim e a seu irmão.

A frustração se espalhou em meu peito por eu me encontrar nessa situação.

— Você não faz meu tipo, — respondi secamente.

As mulheres provavelmente desmaiavam em cima dele, até serem pegas por aquela expressão fria. Eu o consideraria facilmente um dos homens mais bonitos que já conheci. Se não fosse por aqueles olhos. Azuis. Sem alma. Mais frios que o Ártico. Seu olhar, por si só, era suficiente para fazer você correr. Mas havia algo escondido naquelas profundezas glaciais. Profundamente, na escuridão onde apenas monstros se escondiam.

— Esteja pronta. — Sua voz fria enviou um rastro de gelo pelas minhas veias.

Pisquei os olhos em confusão. Suas habilidades de conversação me deixariam com uma crise de nervos.

— Para quê? — Amaldiçoei minha voz. Ela saiu muito ofegante. Muito insegura. Muito trêmula.

Maldito seja ele.

— Para minha ligação.

Recuperando um pouco os meus sentidos, levantei uma sobrancelha. — Eu não concordei com seu plano ridículo.

— Você vai.

Minhas bochechas ficaram quentes de frustração. — Você não sabe disso, — eu disse. — Você e clube de sexo na mesma frase não é bom. Não importa o resto. Eu não estou... — Minhas palavras ficaram embargadas. — Não farei nenhuma merda de sexo com você. — Achei que tinha dito isso de forma bastante convincente.

— Não se preocupe, pegarei leve com você, — retrucou ele, com a voz nivelada.

Mas. Que. Porra?

Devo tê-lo ouvido mal. Meus olhos se voltaram para o irmão dele, que agora tinha uma expressão divertida no rosto.

— Não estou preocupada, — respondi com uma voz de provocação e um sorriso fingido no rosto. — Porque quando eu prender você, *não pegarei* leve com você.

— Estou contando com isso, kroshka. — Um timbre profundo em sua voz veio à tona, e poderia ser a única coisa que esse homem tinha a seu favor.

Mentalmente, fiz uma anotação para pesquisar o significado de kroshka.

— Eu não quero fazer isso, — sussurrei.

— Sim, você quer. — Seu maxilar afiado se contraiu, e percebi que ele estava irritado. Quase não percebi isso. — Você quer pegar esse predador, como se sua vida dependesse disso.

Era verdade. Uma informação que nunca compartilhei com ninguém era que o *modus operandi* de todos esses sequestros coincidia com o do meu irmão. Só que havia uma testemunha. Eu.

Eu queria expiar meus pecados.

Olhando para esse homem, eu odiava que ele pudesse me ler tão bem. — Quando eu o pegar, você será o próximo, — prometi, depois me virei para partir.

Um arrepio frio percorreu meu pescoço, e uma sensação familiar me invadiu. Como se alguém estivesse me encarando, fazendo um buraco em mim. A mesma sensação que tive durante todo o fim de semana. Desde que o conheci.

Uma onda de inquietação cresceu em meu peito. Esse homem não estava certo. *Psicótico*, a palavra não parava de tocar em minha mente.

Olhei por cima do ombro e meus dedos se enroscaram na maçaneta da porta.

— E, Sr. Nikolaev... — comecei.

— Alexei, — ele me interrompeu. — Me chame de Alexei, — ele exigiu. — Afinal de contas, estamos indo a um clube de sexo como um casal.

Maldito lunático.

— Pare de me seguir, — gritei, e saí correndo dali antes de perder a calma e fazer algo que pudesse me custar o emprego.

Ou pior, minha vida.

Capítulo 15

ALEXEI

A porta se fechou com força depois que a agente Ashford saiu e o silêncio permaneceu. Eu não tinha intenção de quebrá-lo. Senti que Vasili estava agitado, embora não tivesse certeza se era comigo ou com a mulher que acabara de nos repreender.

Bem, ele que se dane.

— Você está tentando irritá-la de propósito, Alexei? — Vasili finalmente quebrou o silêncio.

Dei de ombros. Devia ser uma forma de autodestruição, mas eu adorava ver o fogo se acender no olhar da garota quando estava irritada. Era um tipo especial de adrenalina que eu não sabia que existia até conhecê-la.

O profundo suspiro de Vasili acompanhou o silêncio.

— Acredito que você saiba o que está fazendo, — disse Vasili finalmente. *Talvez*. — Você não é tão impulsivo quanto Sasha. — Ao contrário de qualquer outra vez, eu não tinha a menor ideia do que estava fazendo quando se tratava da agente. Perto dela, eu sempre tropeçava. Quando ela estava perto de mim, eu só conseguia me concentrar nela. Ela era minha tentação ambulante.

Seu corpo pequeno e cheio de curvas. Seu perfume. Seus olhos de chocolate escuro. Seus cabelos espessos e escuros.

Vasili me observou, esperando que eu fizesse algum comentário.

— Jesus Cristo, — ele murmurou, esfregando o maxilar e diversão em sua expressão. — Você está com tesão por ela. — A tensão me invadiu porque eu sabia o que estava por vir. — Talvez você devesse considerar seriamente a possibilidade de eu ou Sasha levarmos a agente para o clube?

— Irmãos ou não, eu mataria vocês dois. — A ameaça escapou de mim, calma e mortal. Só de pensar em Vasili ou Sasha na boate com Aurora, com as mãos sobre ela, me dava vontade de sair em uma onda de assassinatos. A pulsação em minha têmpora latejava. A porra da pulsação batia e a raiva corria em minhas veias.

Muito bom. Nos poucos dias desde que a conheci, tropecei várias vezes. Como se ela fosse minha bomba-relógio pessoal. Meu irmão mais velho me observou e depois soltou um suspiro divertido.

— Deve ser muito divertido assistir a isso, — murmurou ele.

— Então observe, — eu disse. — Mas não se atreva a tocá-la. Jamais. Mesmo que ela aponte uma arma para minha cabeça. Você. Não. Toca. Nela.

Sua sobrancelha se ergueu de surpresa. Sim, era uma surpresa, mas eu lhe devia isso. Antes da agente Ashford, eu nunca havia ameaçado meu irmão e nunca havia colocado ninguém à frente de minha família. Mas ela era diferente. Eu estava em dívida com ela.

— Você prevê que vai acabar na Rússia com ela? — Vasili desviou o assunto da jovem mulher. Provavelmente era mais seguro para todos nós.

— Da. — *Sim.* A Rússia era o território de Ivan e onde ele se sentia mais seguro. — Se as coisas correrem conforme o planejado no clube e Igor morder a isca... — Eu não tinha dúvidas de que ele o faria. Ele nunca gostou de ser o segundo melhor - nem em uma briga, nem na cama. E ele sempre era o segundo. — Você e Sasha podem rastrear meus movimentos. Estejam na Rússia, o mais próximo possível. Não quero ver nem um arranhão nela.

Nós dois sabíamos quem *ela* era.

Vasili balançou a cabeça. — Não gosto de mandar você de volta para ele.

Eu também não gostava muito, especialmente com a agente Ashford. Mas era a nossa melhor chance.

— Você e Sasha apenas fiquem lá.

— Bella terá minhas bolas se algo acontecer com você, — resmungou Vasili, e a imagem da minha irmã pequena tendo esse efeito em Vasili, que era tão grande quanto eu, era no mínimo cômica.

— Não conte a ela até que tudo tenha terminado.

Sem dizer mais nada, Vasili foi em direção à porta e parou. — Chegou outra mensagem ameaçadora.

Ele sacou o celular e meu celular emitiu um bipe no segundo seguinte. Sem dizer uma palavra, eu o abri.

Nikola pelos pecados de Alexei.

A ameaça de Ivan ficou no ar. Vasili fechou a porta atrás de si, deixando-me sozinho com meu passado fodido.

Quando me afastei de Ivan, ele perdeu meu conjunto de habilidades. Ele me considerava seu patrimônio, aquele que ele cuidava e nutria. *Cultivava*. Eu tinha de zombar disso. Mas eu realmente o ferrei gravemente quando voltei dez anos atrás e tirei dele outra parte de sua preciosa carga.

Kingston Ashford, irmão de Aurora.

Agora ele queria que a dívida fosse paga.

Eu fiz besteira. Eu sabia que tinha feito isso no momento em que coloquei os pés em solo russo.

Maldito orgulho. No entanto, como alguém poderia admitir que foi ele quem levou Ivan a um menino e uma menina inocentes? A vergonha era profunda. Eu me salvei às custas deles. Isso não estava certo.

Agora, voltei para corrigir o erro. Para salvá-lo. O garotinho que salvou sua irmã, Rora. Para cumprir a promessa feita a uma garotinha.

Eu poderia ter construído um nome para mim agora e poderia pagar pelas coisas boas da vida, mas nada poderia apagar quem eu era. Um monstro vestido como um cavalheiro. Eu havia feito coisas inimagináveis. Coisas imperdoáveis. No entanto, até aquele dia de inverno no zoológico, eu me confortava com o fato de que todas as pessoas que

matei, todo o caos que causei, foram por causa de homens maus. Os homens que não mereciam nem mesmo a morte.

Mas naquele dia, no zoológico, passei dos limites.

Eu não deveria ter levado Ivan até eles. Eu deveria ter lhes enviado um aviso. Foi o pai deles que o enganou, não seus filhos. Mas aprendi uma dura lição ao longo de minha vida: geralmente são os filhos que pagam pelos pecados dos pais.

O vento frio me envolveu. Os invernos na Sibéria não eram brincadeira. E depois de anos longe desse país esquecido por Deus, o frio rapidamente se infiltrou em minha corrente sanguínea e foi direto para minha medula óssea. Porra, quando eu envelhecesse, eu tinha certeza de que teria artrite ou algo do gênero.

Cortesia do fodido Ivan Petrov.

Eu me escondia no escuro, bem perto do local conhecido de Ivan. O complexo. Era onde ele mantinha seus meninos. Era onde eu esperava encontrar o garoto a quem eu devia tanto.

Em todos os meus anos de vida, nunca pensei que fosse me odiar tanto, mas desde aquele dia, há dez anos, o ódio por mim mesmo me consumiu.

Eu estava nesse país há cinco dias, seguindo os homens de Ivan e pesquisando os arredores. O que me preocupava era o fato de eu não ter visto nenhum menino ou os homens que Ivan havia usado durante meu confinamento aqui. Normalmente, ele lhes dava uma hora por dia ao ar livre, independentemente das temperaturas congelantes.

Minha respiração turvou o ar gelado à minha frente. Fiquei parado em meu esconderijo em temperaturas abaixo de zero, observando os Belgas Malinois¹⁹ rondando a neve, circulando pela propriedade. De vez em quando, um deles parava a cerca de seis metros de mim.

Eu a reconheci. A cadela que eu chamava de minha. Eu a chamei de Puma. Não era um nome muito original, mas foi o primeiro ser vivo que me amou incondicionalmente. Até mesmo cegamente. Eu havia ajudado a trazer a ninhada de sua mãe para este mundo. De alguma forma, ela era a única com quem eu me relacionava.

As luzes brilhantes da casa iluminavam o quintal imediato, e eu podia ver Puma se aproximando cada vez mais de mim a cada parâmetro ao redor da casa. Até que ela estava bem na minha frente.

Seu rabo abanou e, antes que eu pudesse mandá-la embora, ela bateu em mim. Apesar do manto de neve em minhas costas, foi a melhor recepção de todas.

— Kotyonok²⁰, — sussurrei, enquanto ela lambia meu rosto. Esse era um apelido que eu usava para Puma, porque ela era como um gato. Ela abriu o focinho, preparando-se para latir alegremente, e eu gentilmente coloquei minhas mãos ao redor dele. — Shhh.

Passei a mão em seu pelo, abraçando-a com força. — Deus, senti sua falta, porra.

¹⁹ Pastor-belga-malinois é uma das quatro variedades da raça de cães pastor-belga, originária da Bélgica. De pelagem curta, de cor fulvo-encarvoada, é nativa da região de Malinas e tida como uma das mais comuns entre os pastores belgas. É um cão de trabalho de alta performance, rústico e funcional..

²⁰ Gatinha

Outra lambida em meu rosto. Isso deve ter significado que ela também sentiu minha falta. Meu coração se apertou no peito por tê-la deixado para trás. Ivan e seus homens não eram melhores com os animais do que eram com os meninos.

— Eu tirarei você daqui, — gritei, com a culpa me atingindo no peito. Eu estraguei tantas coisas. — Você e eu. E vamos salvar o garotinho. Talvez todos os meninos.

Já haviam se passado dez anos. Dez malditos anos.

Só que ele não era mais pequeno. Eu nem mesmo tinha certeza de que ele estava vivo. Poucos meninos sobreviviam até à idade adulta sob o comando de Ivan.

Mas o mundo havia mudado; eu havia mudado. Consegui criar uma vida para mim e construir minha própria riqueza. Depois que abandonei Ivan, vaguei pelos Estados Unidos por anos até encontrar Cassio. Mudar de vida e viver do lado certo da lei não era uma opção para mim. Tudo o que eu tinha era meu primeiro nome e data de nascimento. Não tinha dinheiro. Nenhum recurso. Nada.

Assim, eu fazia pequenos trabalhos para diferentes gangues, mas nunca ficava no mesmo lugar por muito tempo. Ivan havia colocado um preço na minha cabeça; ele me queria de volta sob seu controle. Quando fiz a conexão com Cassio, Ivan se afastou. Embora ele ainda permanecesse nas sombras, esperando a oportunidade certa para atacar.

Foi somente neste ano que finalmente tive recursos e uma maneira de penetrar no estabelecimento de Ivan para voltar para buscar o garoto. Aquele com cabelos e olhos escuros, como os de sua irmã.

Meu celular no bolso tocou e eu o retirei, enquanto Puma se recusava a sair do meu lado. Eu temia que eles percebessem que ela estava desaparecida, mas não queria mandá-la de volta para a toca deles.

Era uma mensagem de texto de Luca.

****Yo. Onde você está?***

Revirei os olhos. Luca provavelmente queria ir à caça de alguém e apostar quem o pegaria primeiro. Eu me preparava para guardar o telefone, quando recebi outra mensagem dele.

****Acabamos de explodir um complexo na Turquia.***

Levantei uma sobrancelha. Ele devia estar se gabando. Era o terceiro ataque deles aos complexos na Turquia, e tudo havia começado em maio passado.

Outra mensagem chegou e esta era de Cassio. Eu não sabia que Luca tinha feito um bate-papo em grupo.

****Algum lugar na Rússia que seja seguro para mulheres que foram traficadas?***

Foda-se.

Era o pior lugar e momento para trazê-los à Rússia. Pior ainda seria conectá-las a mim. Há meses, Cassio e Luca estavam se dedicando a salvar mulheres do tráfico. Inicialmente, achei que era a maneira de dizer ‘foda-se’ a Benito King, mas agora não tinha tanta certeza.

Pensei em ignorar a mensagem, mas se eles estavam salvando alguém, eu não podia simplesmente fingir que não a tinha visto.

****Não os traga para a Rússia. Digitei rapidamente. *Tempestade de merda chegando. Consegui um lugar em Portugal. Embora eu quisesse dizer isso para quem quer que eu salvasse desse inferno congelado na Terra.***

Pontinhos piscando. *Foda-se, você precisa ser salvo?

É claro que era Luca, aquele merdinha. Eu provavelmente precisaria ser salvo, mas não estava preocupado comigo. Eu queria corrigir o erro e salvar o máximo de pessoas que pudesse nesse processo.

****Leve-as para Portugal. Digitei rapidamente o endereço. Depois acrescentei. *Se você puder aparecer aqui até amanhã, tudo bem. Vou entrar no complexo do Ivan.***

*Pontinhos piscando novamente. *Porra, Alexei. Espere por nós. Era Cassio. Ele era o som da razão entre seus amigos.*

****Não fique com toda a diversão, russo frio e bastardo.***

****Espere por nós.***

Era mais sensato que eu esperasse por eles, mas meus recursos indicavam que Ivan voltaria depois de amanhã, e então este lugar seria uma fortaleza.

****Amanhã.*** *Eu tinha que expiar meus pecados. Salvá-lo a qualquer custo. Não havia um dia sequer em que eu não pensasse na garotinha que colocou sua mão na minha para oferecer conforto e no terror no rosto do garotinho, cuja única preocupação era salvar a irmãzinha.*

****Solte seu maldito pino de localização. Era Cassio. *Para que possamos encontrar seu traseiro.***

****Pare de falar do traseiro dele, Cassio. Meu Deus, Luca poderia levar um santo a beber. *Não é a imagem que preciso ter em minha cabeça.***

****Fodam-se vocês dois, idiotass. Foda-se Luca.***

Soltei o pino. E outra mensagem apitou. Essa era de Cassio.

****Merda, cara. Você não poderia ter escolhido um lugar melhor. A porra da Sibéria?***

*A mensagem de Luca veio em seguida. *Porra, estou em R&R. A Sibéria vai congelar minhas bolas nesta época do ano.*

*Eu não tinha tempo para essa merda. *Não pedi para você vir. E que bolas, Luca? Você tem amendoins.*

No dia seguinte, eu me senti mais grato que nunca pelos amendoins de Luca. Carregando um corpo maltratado em meu ombro, lutei contra os homens de Ivan.

— Blyat, — amaldiçoei enquanto esvaziava o carregador da minha arma em outra rodada de homens. Matei cinco, mais dez apareceram. O corpo maltratado do garoto precisava de cuidados médicos; caso contrário, ele morreria na próxima hora.

Reuni os outros rapazes e os orientei a me esperar na biblioteca desse maldito castelo. Ivan tinha um calabouço para aqueles que eram usados para sexo, uma seção de alojamento para seus lacaios e um castelo

luxuoso para si mesmo. Se eu saísse vivo dessa, explodiria a porra do lugar todo.

O corpo de Kingston começou a ter convulsões e, imediatamente, eu o abaixei no chão, ignorando a dor em meu ombro e tronco. Um filho da puta jogou sua faca em mim, como se fosse um maldito acrobata me usando como alvo de treino. Eu o matei com um tiro, mas não antes de a faca se alojar em meu torso.

Segurei a cabeça de Kingston, com seu cabelo escuro opaco e sujo.

— Não morra para mim, — gritei, minha voz tremendo. — Eu fiz uma promessa.

Os olhos de Kingston se reviraram em sua cabeça, o sangue escorrendo pelo nariz e pela boca. Já vi homens morrerem muitas vezes para saber que ele estava perdendo o controle.

Mais homens de Ivan irromperam pela porta. Ejetei o carregador da arma e enfiei um novo carregador nela. Era o último. Que droga!

Com uma mão em Kingston, eu o segurei para que não se engasgasse com o próprio sangue, enquanto atirava com a outra. Um. Dois. Três... Eu só tinha o suficiente para matar dez homens. Então nós dois morreríamos.

Os sons das balas se aproximavam. Elas não eram minhas. Um homem que eu não havia atingido caiu. Depois outro.

— Porra, eu disse para você esperar. — Cassio veio atrás do homem que caiu no chão a seus pés, gemendo e segurando o estômago. Como se isso o impedisse de sangrar. Cassio apontou a arma para a cabeça dele e apertou o gatilho.

Nico, Luca, Luciano e Alessio estavam logo atrás dele.

— Ele só queria ficar com toda a diversão para ele, — respondeu Luciano secamente.

— Alexei, diga-nos o que precisamos fazer, — rosnou Nico. — Para que possamos sair daqui e tirar quem precisarmos.

O corpo de Kingston começou a ter convulsões novamente enquanto eu pairava sobre ele, enfiando meu dedo na boca de Kingston.

— Há meninos na biblioteca, — eu lhes disse. — Tire-os de lá. Tenho uma casa em Moscovo. Levem quem puderem para lá.

Sem hesitar, Nico, Alessio e Luciano foram embora, enquanto Luca e Cassio ficaram para trás.

— Amigo, acho que ele não vai conseguir, — murmurou Luca. Assim que a última palavra saiu de seus lábios, o corpo de Kingston ficou mole.

— Não, — sussurrei. — Não se atreva, porra.

Iniciei a RCP²¹. Compressões torácicas. Boca a boca. Compressões torácicas. Boca a boca.

Foi a primeira vez em muito tempo que senti o desespero brotar em meu peito e o medo em minha língua. Promessas não cumpridas.

²¹ Reanimação cardio-pulmonar.

Cassio, Luca e eu levamos três horas para transformar a casa de Ivan em pó. Livrar-me das lembranças não era tão fácil. De fato, era impossível.

Horas depois, fiquei olhando para o meu copo vazio, sentado em uma cadeira que dava para a janela e para a porta. Os meninos que conseguimos salvar estavam em péssimo estado. Alguns fisicamente, mas todos estavam mentalmente fodidos.

— Droga. — Luca passou a mão no cabelo. — Preciso de mais dessa bebida barata para esquecer essa merda.

Essas imagens não se esquecem. Ficam com você pelo resto de sua vida.

— Como você sabia sobre os meninos? — Alessio gritou, com a mão tremendo ao levar o copo aos lábios.

Eu era um desses garotos, pensei em silêncio. — Um suborno, — respondi em vez disso.

Os olhos de Cassio se cravaram na lateral da minha bochecha, o que me disse que ele não acreditava em mim. Especialmente porque ele ouviu um dos guardas dizer que deveria saber que fui eu quem levou a Puma. Como se tivesse percebido meus pensamentos, minha cadela encostou o focinho em minha perna e deitou a cabeça em minha coxa.

Droga, eu me sentia velho. Tão velho.

Nico se aproximou de nós, enchendo todos os nossos copos. — Você fez a coisa certa, Alexei, — ele resmungou. — Para salvar aqueles garotos. — Minha garganta ardia por causa da bebida barata e das

emoções que eu havia aprendido a ignorar há muito tempo. — Sinto muito por não termos conseguido salvar todos eles.

Eu também, eu queria dizer. Mas minha garganta estava muito apertada, lembranças das promessas feitas à menina de olhos castanhos escuros.

— Vamos fazer um pacto, — sugeriu Luca com severidade, seu rosto sério, o que era raro. — Para sempre nos protegemos uns aos outros. Lutar sempre juntos.

— Vou brindar a isso, — concordou Cassio, e os demais o seguiram. Eu também o fiz, embora minha voz tenha falhado.

— Nossa família de sangue pode nos falhar, — disse Alessio, com o maxilar tremendo de raiva. Não era preciso ser um gênio para saber que ele estava pensando em seu próprio pai. — Mas não falharemos uns com os outros.

— Que se dane o sangue. Nós nos protegemos uns aos outros, — concordou Nico. — Não importa onde e quando, nós cuidamos de nós mesmos.

— Concordo. — Luciano tomou seu drinque. — E todos nós ficaremos podres de ricos, portanto, teremos recursos e fundos para eliminar aqueles que nos prejudicam.

Luciano tinha a mentalidade certa. Era o dinheiro e os recursos, combinados com a confiança mútua, que nos tornariam poderosos e invencíveis. E confiança era algo difícil de encontrar quando se crescia como eu cresci.

Embora eu ainda deva ter alguma esperança em meu coração, pois levantei o copo.

— Vamos brindar a isso, — eu disse com grosseria, enquanto meu coração se apertava no peito por causa da menina de cabelos escuros e olhos suaves.

A porta do escritório de Vasili se abriu, fechando o caminho da memória. Sasha entrou com seu sorriso idiota.

— Você está sonhando acordado com a nossa pequena agente que acabou de sair daqui? — Deus, sua boca seria a minha morte. Ou dele. Eu esperava que fosse a dele.

— Ela não é a nossa pequena agente, — eu disse com severidade.
— Ela é a minha agente.

Com isso, eu o deixei olhando para mim no escritório de Vasili. Deixe nosso irmão mais velho lidar com sua burrice.

Capítulo 16

AURORA

Procurei por um clube de sexo chamado *Eve's Apple*. Não consegui encontrar nenhum registro dele.

Em seguida, procurei por qualquer clube de sexo em Nova Orleans. Para minha surpresa, havia muitos. Foi assim que me encontrei nesse clube miserável, antes do horário comercial. Fingi estar procurando um emprego, mas no momento em que conheci o proprietário, meus instintos me disseram que aquele era o clube errado. Eu não tinha base para essa conclusão, mas tinha certeza de que ele não era o homem a quem Alexei se referia.

— Você pode vir a qualquer momento. — Ofereceu o proprietário de um clube de sexo chamado Venus and Mars²². Sim, o nome também era muito original. Parece que todos os clubes de sexo tinham nomes cafonas.

— Tão generoso, — pensei, pegando minha bolsa e saindo pela porta. O Sr. Starkov, proprietário do Venus and Mars, seguiu-me para fora do clube e para o ar úmido de Nova Orleans. Eram apenas seis da tarde e eu cheguei cedo de propósito, não querendo ser pega no clube de sexo quando toda a ação começasse.

²² Vénus e Marte.

Saí pela porta e lhe dei um sorriso educado.

— Obrigada pela oferta de emprego. — Não que eu fosse aceitar. Ele queria que eu fosse sua dançarina de gaiola. Estava fora de si.

Ele agarrou meu pulso quando me virei para sair. — Posso levá-la para jantar? — Franzi a testa diante da oferta repentina. Eu fingia interesse por um trabalho, não por um encontro. Ele sorriu, mas de alguma forma isso me assustou mais do que me encantou. Ele não era um cara feio, mas algo nele me incomodava.

— Ah, obrigada, — fingi estar lisonjeada. — A verdade é que tenho outra coisa para fazer esta noite.

Ele ainda não soltou meu pulso. — Leve-me com você.

O desespero nunca ficava bem em um homem. Nesse caso, era particularmente pouco atraente. A maneira como ele me observava fez com que os alarmes disparassem no fundo de minha mente. De repente, fiquei dolorosamente ciente de quão vulnerável eu era. Ninguém sabia onde eu estava ou que estava visitando os clubes de sexo, usando o processo de eliminação para encontrar o clube mencionado por Alexei.

Meus olhos o estudaram e cada fibra de mim se aquietou. Havia algo inquietante no Sr. Starkov. Eu não conseguia identificar, mas não gostava dele.

Puxei meu pulso, tentando não fazer uma cena, mas ele se recusou a me soltar. Pelo canto do olho, percebi um movimento na rua.

— Você tem brincado comigo, — sibilou o Sr. Starkov, de repente parecendo muito pouco atraente. — Agora vamos brincar.

Estúpida, eu me amaldiçoei. Eu era tão estúpida. A regra número um era nunca entrar no campo sozinha. Tentei puxar meu braço para longe dele, mas seu aperto era firme. Abri a boca para repreendê-lo quando uma voz fria e familiar chegou até mim.

— Solte-a. — O gelo que cobria a voz de Alexei gelou o sangue em minhas veias e meu coração parou. — Ou eu o livrarei de seus dedos e mãos.

Virei minha cabeça em sua direção, não mais preocupada com a ameaça na forma do Sr. Starkov. Se o incidente no restaurante fosse alguma indicação, Alexei quebraria a mão desse homem a menos que ele me soltasse. Ou a cortaria, como ameaçou fazer.

Com certeza, Alexei não estava olhando para mim. Seu olhar ameaçador estava totalmente focado no grudento Starkov. E, sem mais nem menos, Starkov soltou meu pulso, e eu o esfreguei com a outra mão.

— F-fácil, amigo, — gaguejou Starkov. *Amigo?* Starkov era um idiota? Alexei Nikolaev era tudo menos um amigo. — Eu estava terminando uma entrevista com sua namorada.

Alexei não corrigiu Starkov de sua suposição. Nem eu.

A intensidade em seus olhos era volátil e sombria, todo o seu foco em Starkov, que deu um passo para trás, afastando-se de mim. E mais um. Até que ele voltou correndo para dentro do prédio.

Deixada a sós com Alexei, enquanto o burburinho de Nova Orleans soava ao longe, tudo o que eu podia fazer era olhar para ele. Suas mãos estavam enfiadas nos bolsos do paletó, sem uma partícula de poeira

na roupa. Ele estava todo de preto novamente. Nenhuma surpresa, embora ele realmente devesse colocar um pouco de cor em seu guarda-roupa.

Como azul. Isso acentuaria ainda mais seus olhos. Em seguida, eu imediatamente me livrei do pensamento idiota.

Prendi a respiração enquanto esperava que ele dissesse alguma coisa. Qualquer coisa. Mas o homem estoico permaneceu calado. Jesus, ele me deixava frustrada. Eu estava agradecida por ele ter aparecido na hora certa, mas ele não precisava agir como um idiota agora.

— Obrigada. — Finalmente, quebrei o silêncio entre nós. Tentei passar por ele, mas ele entrou na minha frente, bloqueando meu caminho. Encarei seu olhar de frente e suspirei. — O quê? — Perguntei em um tom agitado.

— Você não vai encontrar dessa forma. — Seu tom era suave, calmo e final.

Ok, então ele não levou a sério meu aviso sobre perseguição. Isso não era surpresa.

— Não entrarei no clube Eve às cegas, — disse eu finalmente. Eu odiava me sentir vulnerável. Ele esperava que eu o seguisse sem qualquer preocupação com minha própria segurança. Um pequeno ruído de frustração me escapou e tive vontade de rosnar. — Você tem que me dar alguma coisa.

Meu coração parou, e as palavras ganharam um significado totalmente diferente. Droga, ele me confundia. E não em um bom sentido.

— Tudo bem, — ele respondeu e eu o olhei com surpresa. Não esperava que ele fosse ceder. Talvez me levasse para um canto escuro e me matasse. — Vamos para minha casa, — acrescentou. Ah, e aí estava. Ele queria me matar. Balancei a cabeça, mantendo minha respiração regular. — Aqui é muito aberto.

Sim, o motivo dele fazia sentido, mas diabos me levem se eu entraria de bom grado no porão de um assassino. Ou casa. Onde quer que ele dormisse.

— Podemos sentar no meu carro, — sugeri e imediatamente percebi meu erro. Eu peguei um Uber até aqui. *Que merda.*

— Tudo bem. — Ele se virou e começou a se afastar, enquanto eu pensava no que fazer. Sugeri um carro, portanto, recuar não seria prudente. Ele parou, olhou por cima do ombro e ergueu uma sobrancelha.

— Peguei um Uber até aqui, — admiti com um suspiro pesado.

Ele não perdeu o ritmo. — Meu carro, então.

Hesitei por mais um momento e depois segui com um suspiro.

A curiosidade matou o gato. Ou a agente.

Caminhei pela Bourbon Street, lutando para acompanhá-lo com meus saltos altos. Eu odiava usar salto alto. Eles não eram práticos e eram um horror para os pés. É claro que Alexei não iria ser um cavalheiro e esperar por mim. Observei seus ombros largos enquanto o seguia. Ele era, de longe, o maior homem que eu já havia conhecido. Ele e seus irmãos devem ter comido um monte de espinafre enquanto cresciam. Essa devia ser a única explicação para o tamanho deles.

Eu me pergunto se o tamanho do pau deles combina com o físico, pensei, e meus lábios se curvaram em um sorriso. Seria muito engraçado vê-los nus com um pau minúsculo contra um corpo tão grande.

— Alguma coisa engraçada? — Meus olhos se arregalaram e o vi me observando. Meu rosto se aqueceu. De jeito nenhum eu admitiria a ele o que estava pensando. Sim, isso tornaria as coisas estranhas.

— Não. Qual é a distância do seu carro?

Ele inclinou o queixo para um Mercedes Benz G-Class.

— Belo carro, — murmurei. — Classe G? — Eu dirigia um Honda com baixo consumo de combustível. Sim, minha família tinha dinheiro, mas não havia necessidade de ostentá-lo. Ele arqueou a sobrancelha, como se estivesse impressionado com o fato de eu conhecer veículos. — Meus irmãos gostam de carros, — expliquei.

Sem dizer uma palavra, ele abriu a porta do passageiro. Eu não queria me preocupar em estacionar no centro da cidade, por isso peguei o Uber. Naquele momento, eu me arrependi.

— Se você me fizer desaparecer... — eu o adverti, olhando em volta — ...meus irmãos o perseguirão.

Seus olhos permaneceram impassíveis, mas ele balançou a cabeça de forma sutil. Como se minhas palavras o divertissem.

— É bom saber, — disse ele em um tom sem emoção.

Ignorei seu olhar e deslizei para o banco do passageiro. A porta se fechou firmemente atrás de mim e ele foi até ao banco do motorista, depois fechou sua própria porta. Ligou o carro e o colocou em marcha.

— O que está fazendo? — Perguntei a ele, alarmada.

— Dirigindo.

— Nós íamos nos sentar no carro e conversar, — murmurei, de repente me sentindo estúpida por ter entrado no veículo de um criminoso. Isso não foi abordado na aula para iniciantes? Jesus Cristo, eu tinha que ser a pior agente que já passou por este mundo.

— Vamos conversar enquanto eu dirijo. — Suas palavras não diziam nada.

— Enquanto você me leva para... — Deixei a frase em aberto.

— Casa. — Ok, casa era bom, mas a questão era de quem era a casa. Meu braço estava apoiado no console e eu me esforcei para não movê-lo. A vontade de me mexer era grande.

— Minha? — Eu respondi a pergunta. — Minha casa?

Seu braço roçou o meu, e eu me movi apenas um centímetro, evitando outro toque acidental. Ao perceber meu movimento, seus olhos me observaram. Não foi um olhar rápido, mas mais preguiçoso e lento. Como se ele estivesse lendo todos os meus segredos. Arrepios se espalharam pela minha pele e meus dedos se curvaram sobre a borda do console.

— Nervosa? — perguntou ele, com os olhos voltados para a estrada. Ele não estava mais olhando para mim, mas eu sentia o peso de seu olhar.

Engoli com força e balancei a cabeça.

— Sim, sua casa, — ele respondeu à minha pergunta anterior.

Graças a Deus! O ar no carro era denso, seu corpo grande de alguma forma fazia com que o grande Mercedes parecesse pequeno demais. Observei seus movimentos enquanto ele dirigia, mudando de marcha suavemente, o que era surpreendente para um homem tão grande. Eu tinha a sensação de que ele era invisível quando queria.

Duh!

Ele certamente era invisível quando me perseguia, então não era surpresa que soubesse onde eu morava. Inspirei profundamente, o cheiro de sua colônia e do couro invadindo cada centímetro dos meus pulmões. Não era uma colônia que eu reconhecesse, mas combinava com ele. Era exótica, picante e forte, mas não forte demais para dominar todos os seus sentidos.

— Então, sobre esse clube, — comecei, esperando recuperar algum controle da situação. — E o homem que estamos perseguindo. Quero saber tudo.

O canto de seu lábio se ergueu. Maravilhoso, eu o divertia. — Tudo, não é?

Afastei um pedaço de cabelo do rosto. — Sim, tudo. Você está me pedindo para confiar cegamente em você, e eu não posso fazer isso.

— Por que não? — Ele não poderia estar seriamente fazendo essa pergunta.

— A lista é bem longa, — zombei.

— Temos tempo, — disse ele com frieza.

— Primeiro, você é um criminoso, — comecei, observando-o em busca de algum sinal. — Segundo, você não é meu parceiro. Terceiro,

preciso de um plano para poder organizar minha vida. Para garantir que eu não tenha nada para fazer nos dias em que você me arrastar para sabe-se lá onde.

— Você tem um encontro? — ele comentou e minha boca quase caiu. Será que ele tinha acabado de fazer uma piada? Seu rosto estava impassível, então era difícil dizer.

— Não, não tenho, — suspirei. Com esse homem, era uma chicotada de um minuto para o outro. — Meus irmãos gostam de me checar. Minhas amigas também gostam de me checar, embora não sejam tão loucas quanto meus irmãos. E elas se assustam se eu não estiver disponível, quando presumem que estou relaxando em casa. — Ele arqueou uma sobrancelha e eu senti a necessidade de explicar rapidamente. — Acredite em mim, eles terão toda a força e sua empresa de segurança à minha procura. O último lugar onde quero que eles me encontrem é em um clube de sexo. Com você. — Deixei as palavras afundarem e depois continuei: — Então, preciso do local e da hora do evento, você sabe.

Alexei não perdeu o ritmo.

— É um clube de sexo clandestino. — Bem, isso explicava por que eu não conseguia encontrá-lo. Que droga!

— Onde é? — Eu o questionei.

— O local é diferente a cada vez.

Revirei os olhos, irritada. — Bem, existe um padrão?

— Não.

Claro que não. Observei suas mãos firmes no volante. — Ok, quando será o evento?

— A data ainda não está definida.

Soltei um suspiro frustrado. — Você tem que trabalhar comigo, — bufei, irritada com aquele homem estoico. — Você não acabou de me ouvir dizer que meus irmãos ficarão loucos se ligarem uma noite e eu não estiver por perto?

Admito que parecia que meus irmãos estavam controlando minha vida. Eles não estavam, não nesse sentido. Mas eles se preocupavam comigo um pouco demais. Eu não me apavorava quando eles levavam uma hora para responder. Meus irmãos sim.

— Eles parecem ser bons irmãos, — comentou. — Estão fazendo o trabalho deles.

Minhas sobrancelhas se ergueram. — Uma vez, cheguei uma hora atrasada da casa de um namorado e eles destruíram a porta da frente dele. — Foi logo antes do meu vigésimo primeiro aniversário. Quando não voltei para casa no horário, Winston e Royce apareceram com seguranças e alguns de seus ex-colegas do SEAL, arrombaram a porta da frente e assustaram a família dele. — O que você acha que acontecerá se eu não responder às mensagens deles por várias horas?

Alexei deu de ombros, com apatia em seu rosto. — Jesus, espero que você nunca tenha filhas, — murmurei. — Tenho a sensação de que será pior do que meus irmãos. Na verdade, tenho quase certeza de que será obsessivo com seus filhos e filhas.

Ele não reagiu, mas seus nós dos dedos se apertaram ao redor do volante. Será que eu disse algo errado? O arrependimento me inundou instantaneamente. Eu não gostava de irritar as pessoas.

— De quem estamos tentando nos aproximar? — Tentei direcionar a conversa de volta para o clube de sexo e talvez tirá-lo da cabeça de seus futuros filhos.

Ele me olhou de lado, como se estivesse considerando o quanto deveria me contar. — Um cara chamado Igor é o dono do clube.

— Igor tem um sobrenome? — perguntei. Ele era bastante mesquinho com as informações.

— Não.

Droga. Ele não sabia que havia milhões de Igors neste planeta?

— Certo, e ele nos levará a quem? — Suas respostas curtas estavam me irritando, e eu me esforçava para não perder a calma.

— Ivan Petrov.

Meu coração parou de bater. O criminoso fantasma do FBI e o motivo pelo qual Alexei estava em seu radar. Até que Milo apagou o registro de Alexei.

— Você o conhece? — perguntei, tentando controlar o tremor em minha voz.

— Sim.

— Até que ponto? — Esforcei-me para manter minha voz firme enquanto meus nervos dançavam sob minha pele. Esperei três batimentos cardíacos. — Seu amigo.

— Definitivamente, não.

Suspirei, passando a mão pelo cabelo e me recostei no assento.

— Qual é a aparência dele? — De todas as perguntas, essa não era a melhor, mas a aparência era tudo o que eu lembrava do sequestrador de Kingston. Meus olhos voltaram para as mãos de Alexei e permaneceram ali.

— Feio. — Sua resposta curta não me surpreendeu.

O que me surpreendeu foi uma lembrança que piscou em minha mente, mas que desapareceu rápido demais.

A mão de um garoto que segurou a minha.

Capítulo 17

ALEXEI

Já faziam dois dias que eu não falava com a agente Ashford. Entrei nas câmeras de segurança do prédio dela para vê-la, só para ter uma ideia. Verifiquei como ela estava algumas vezes durante o dia. Foi somente quando confirmei sua segurança que pude finalmente continuar meu dia.

Eu odiava o fato de esse medo estar enraizado em mim. A cadela Nikolaev garantiu que eu estivesse tão fodido na cabeça quanto estava fisicamente. Ela havia me dado algo para valorizar e depois me tirou isso. Várias e várias vezes. Não importava o que era.

Família. Brinquedo. Animal de estimação. Sempre era levado embora.

E agora, toda essa paranoia estava concentrada na jovem. Essa obsessão por ela não era saudável. Eu sabia disso com tanta certeza quanto sabia que a lua nasceria todas as noites.

Até pensei em comprar um cachorro. Talvez isso dividisse a obsessão entre os dois seres vivos. Eu não tinha outro cão desde que tirei Puma da Rússia. Ela passou uns bons cinco anos comigo e depois morreu de velhice, pacificamente. Exatamente como deveria ter sido sua vida inteira.

Embora tenha sido outra derrota.

Talvez, quando tudo isso acabasse com Ivan, eu comprasse um cachorro. Não haveria julgamento e os cães eram excelentes ouvintes. Eles nunca repetiam as merdas que você confessava a eles. E Deus sabia que eu tinha algumas merdas fodidas para confessar.

Fiquei em frente ao elevador do prédio de Aurora. Apertei o botão e esperei que a porta se abrisse. Vê-la pelas câmeras era bom, mas não se comparava ao prazer de vê-la pessoalmente. E o cheiro de chocolate dela... eu adorava. Meu carro ainda cheirava a ela desde dois dias atrás, e eu proibi qualquer pessoa de tocá-lo.

A lavanda acalmava as pessoas normais. O perfume de Aurora me acalmava.

Quando peguei o elevador para o apartamento de Aurora, preparei-me para a tensão que sempre existiu entre nós. Tensão sexual junto com animosidade. Possivelmente, aversão.

Meu peito ficou apertado.

Eu merecia sua aversão. Eventualmente, ela se lembraria de que eu era o garoto do zoológico. Ela perceberia que eu a traí. Depois que o pai dela desistiu do acordo com Ivan, eu estava estudando as rotinas da família Ashford - hora da escola, hora do treino, hora de dormir. Eu estava presente quando a família acordava e quando ia para a cama. Eu sabia que eles iriam ao zoológico naquele dia. A babá que, por acaso, estava dormindo com o pai deles, compartilhava isso com outra babá.

Fui eu quem contou a Ivan sobre a oportunidade que tínhamos. Eu o levei até ela e seu irmão. Uma garotinha que me ofereceu o primeiro vislumbre de bondade em muito tempo. E eu queimei tudo até virar cinzas.

Talvez esse fosse o motivo pelo qual eu não conseguia parar de persegui-la. Meu cérebro maluco pensou nisso como uma forma de expiar meus pecados contra ela e seu irmão. Então, eu estava compensando demais da única maneira que eu sabia.

Vigiando-a.

Ela era minha responsabilidade. E quando vi aquele idiota do Starkov agarrar o pulso da agente Ashford, quase perdi a cabeça. De novo. Cheguei à conclusão de que odiava qualquer homem que a tocasse.

Porque ela é minha, minha mente sussurrou.

Enterrei as palavras em algum lugar no fundo de minha alma, escondendo-as do mundo. Lutei contra o desejo de tatuá-las em minha pele. Se as pessoas soubessem que ela era minha, alguém certamente viria e a tiraria de mim.

O medo ainda se escondia sob minha pele. Tão frio quanto os invernos na Sibéria. Percebi que poderia estar perdendo o controle sobre as coisas quando voltei e dei uma lição em Starkov. Eu sabia que a agente Ashford não aceitaria bem que eu o espancasse em plena luz do dia ou na frente dela. Então, eu o encontrei no meio da noite, assediando outra mulher.

E lhe dei uma lição.

O fato de saber que ele nunca mais machucaria outra mulher me acalmou. Por enquanto.

Graças à minha perseguição, eu sabia que ela buscava informações sobre Igor e Ivan. Quando mencionei o nome de Ivan, o

lampejo de reconhecimento em seus olhos não me escapou. Ela já tinha ouvido esse nome antes. Não era de surpreender, considerando que ele estava no radar do FBI, mas eu tinha que me perguntar se ela tinha ouvido o nome dele em algum outro lugar.

Soltei um suspiro frustrado enquanto estava em frente à porta do apartamento dela. Eu deveria me afastar, deixá-la ir à boate com seu parceiro. Teria sido a coisa certa a fazer. Ele só estava indisponível porque eu fiz com que isso acontecesse.

No entanto, eu não podia deixá-la ir.

Eu queria estar lá quando ela finalmente conseguisse justiça. E eu queria que ela estivesse lá quando eu fizesse justiça. Mas, de alguma forma, a dela tinha prioridade.

Fazia duas semanas que eu coloquei os olhos nela novamente e nada mais foi o mesmo. Minha obsessão se aprofundava a cada respiração que eu dava. Isso não era saudável. Não estava certo. No entanto, quanto mais eu dizia a mim mesmo que não poderia tê-la, mais eu a desejava. Eu nunca havia desejado nada tanto quanto eu a desejava.

Era como se eu fosse um viciado que precisava de outra dose. A cada vislumbre dela, ela alimentava meu vício, e eu temia que a qualquer momento chegasse a um ponto sem volta. Muito possivelmente, eu já estava lá.

Levantei a mão para bater em sua porta e minha mão tremeu. Tremia pra caramba. Um suor frio correu pela minha pele, e fiquei parado com a mão pairando no ar. Porra, eu tinha que me livrar disso. Eu a desejava tanto que isso estava me confundindo.

Minha mão se fechou em um punho apertado. *Bang. Bang. Bang.* Bati na porta como um louco.

A porta se abriu no segundo seguinte, e fiquei cara a cara com minha obsessão. Instantaneamente, meu coração parou e uma calma tomou conta de mim com o cheiro dela. *Chocolate*. Seu perfume único e a visão dela fizeram meus ombros relaxarem.

Jesus, o impacto que essa mulher tinha sobre mim não era legal.

— Que porra você está fazendo aqui? — ela disse, irritada. Soltei um suspiro sardônico, meus lábios se contraíram. Ela certamente estava feliz em me ver. Ou não. — Eu convidei você e esqueci?

Instantaneamente, todos os pensamentos de fazer a coisa certa evaporaram. Foda-se. Esta. Merda. Com sua boca, ela seria morta se fosse atrás de Igor e Ivan sozinha. Ela era minha para proteger e ninguém a roubaria de mim. Ela estava ao meu alcance, e eu a manteria assim, mesmo que tivesse que algemá-la em meu pulso e jogar fora a chave.

Levantei o pacote que estava segurando. Comprei uma roupa inteira para ela. Foi a primeira vez que comprei um vestido e sapatos para uma mulher.

— O que foi? — A sobrancelha dela se ergueu, a irritação ainda clara em seu rosto. — Por favor, me diga que você não veio aqui para mostrar suas habilidades de compras.

Eu o enfiei em seu peito. — É para você, — eu disse a ela. — Sairemos hoje à noite.

Ela colocou uma mecha de cabelo escuro atrás da orelha. — Eu já lhe disse antes. Você não faz meu tipo, — disse ela sarcasticamente e um canto de seus lábios se ergueu. *Ainda*, acrescentei mentalmente. — Além disso, não estou a fim de ter companhia.

Suas bochechas coraram e seus lábios se separaram ligeiramente. Pequena mentirosa. Ela também sentia essa atração ardente. Ela tinha que sentir; caso contrário, isso me tornaria um psicopata patético e obsessivo, e eu me recusava a ser assim. Não com ela. Ela me fazia *sentir*. *Desejar*.

— O evento do clube é hoje à noite, — acrescentei, contornando-a e entrando em seu apartamento sem convite. Não foi preciso ser um gênio para perceber que ela não queria me convidar para entrar. Quando a levei para casa no outro dia, ela enfatizou que eu só a estava deixando em frente ao seu prédio. A agente esperta nem sequer perguntou como eu sabia onde ela morava. Ela apenas me lançou um olhar de advertência e bateu a porta do carro na minha cara.

Ela provavelmente teria batido a porta de seu apartamento também se eu já não estivesse lá dentro.

Um suspiro profundo soou atrás de mim e ouvi o clique da porta se fechando.

— Por favor, entre, — ela murmurou exasperada. Olhei por cima do ombro e a vi encostada na porta e com os olhos em... minha bunda. *Interessante*.

— O que você está vestindo? — murmurou ela, com os olhos fixos em mim.

— Um terno.

Quando ela olhou para cima e nossos olhos se encontraram, um lampejo passou por seu olhar escuro. Normalmente, as pessoas eram um livro aberto. Especialmente as mulheres. Não minha pequena agente. Seus pensamentos eram seus e, por mais idiota que parecesse, eu queria ser dono deles também.

Eu queria ser dono de toda ela.

Seu corpo. Seus pensamentos. Seu coração. Sua alma.

Cada maldita parte dela.

A eletricidade dançava entre nós, sua expressão era sombria e tentadora. Era irônico porque, apesar de seus cabelos e olhos escuros, ela era a minha luz neste mundo. E, apesar de minha cor clara, eu era a própria definição de escuridão.

Ela lambeu os lábios, e eu enfiei as mãos nos bolsos ou arriscaria tocar nela. Eu queria tocar cada centímetro dela. Lambê-la por toda parte. Ela seria minha própria sobremesa pessoal.

Observei seu pescoço, seu pulso latejando visivelmente. Será que eu a deixava nervosa? Era difícil dizer. Ela não pensou duas vezes antes de me responder, apesar de minha aparência rude. Apesar de minhas atividades criminosas, que ela claramente havia descoberto.

Ela soltou um suspiro trêmulo e seus olhos se fixaram em meus lábios. Sua língua percorreu seu lábio inferior e todo o sangue do meu corpo correu para minha virilha. Alguém devia estar rindo de mim lá em cima. Uma pequena agente do FBI de um metro e sessenta e cinco estava entrelaçada em cada parte do meu ser.

Estou. Tão. Fodido.

Meus olhos percorreram sua pequena estrutura. Ela estava descalça, com os dedos dos pés pintados em uma perfeita manicure francesa. Ela era uma mistura perfeita de durona e elegante. Meu olhar subiu por suas pernas finas até seu torso. Ela usava o par de shorts brancos mais curto que eu já tinha visto em uma mulher. E Tatiana e Isabella ultrapassavam os limites, então eu já tinha visto shorts curtos. Combinado com uma camiseta regata rosa, seus ombros e braços finos à mostra, eu tinha imagens dela nua em minha cama king size passando pela minha mente. Meu Deus, o que eu faria com ela se ela estivesse amarrada à minha cama.

Porra, será uma noite longa.

Eu queria seu corpo curvado sobre o sofá, para que eu pudesse penetrá-la e fodê-la até ao esquecimento. Como se ela pudesse ler meus pensamentos, suas pequenas unhas cravaram-se nas palmas das mãos. Talvez ela lutasse contra o desejo de me tocar, assim como eu lutava contra o desejo de tocá-la.

Só que ela nunca teria permissão para me tocar. Por mais que eu quisesse. Havia uma razão para eu cobrir meu corpo com tinta. Era melhor do que deixar o mundo ver as cicatrizes que marcavam a maior parte do meu corpo.

Rosadas. Ásperas. Feias.

Não havia muito que sua pele pudesse curar até que ficasse permanentemente danificada. E meu tipo de dano era profundo.

— Kroshka. — *Garota*. Ela sempre foi minha garota. A garota que me salvou com um único gesto de bondade. Ela nunca me perdoaria quando soubesse. Eu sabia que não perdoaria quem machucasse meus irmãos. — Somente as boas meninas podem tocar. — Minha voz saiu áspera, meu sotaque pronunciado. Afinal de contas, passei os primeiros dezesseis anos da minha vida na Rússia. Embora eu não me considerasse russo.

Um suspiro agudo quebrou o silêncio tenso que pairava entre nós, e algo em seus olhos brilhou de forma tão feroz que tive de cerrar os dentes para lutar contra a necessidade que transbordava em minhas veias.

Para torná-la *minha*. Para transar com ela até que ela não se lembrasse de nada além de *mim*. Eu seria seu mundo inteiro e ela seria minha.

Por que eu disse a ela que só as boas garotas podiam me tocar quando, na verdade, ninguém podia? Não faço a menor ideia. Talvez eu gostasse de irritá-la. Ou gostava de me provocar com algo que nunca teria.

Ela se recompôs e uma zombaria indigna escapou por seus lábios. — Isso queria você, — ela respondeu com uma voz rouca. — Eu não tocaria em você nem que fosse o último homem deste planeta.

Ouch.

Seus olhos se encheram de desafio e uma amarga diversão me encheu. A pequena agente podia negar o quanto quisesse, mas ela *queria* me tocar. Meu estômago se retesou de desgosto pelo que ela encontraria se eu permitisse que ela chegasse tão longe. Ela ficaria enojada.

O desprezo pelo maldito destino que transformou minha vida em um inferno se espalhou como fogo em meu peito. Eu havia aprendido há muito tempo que os desejos não serviam para nada. Apenas uma perda de tempo.

Eu sobrevivi. Ponto final. Nada mais, nada menos.

Mas agora, ao ver a mulher que fazia meu peito doer quando olhava para mim, amaldiçoei todos os santos por terem me fodido. Porque quando se tratava dela, uma necessidade visceral se formava e a fome rugia em meus ouvidos e em minhas veias.

Para lhe dar tudo o que ela precisava. E tirar dela tudo o que eu desejava.

Só que eu sabia o que aconteceria se fosse tão longe.

Aversão. Pena Nojo.

— Vista-se, — eu disse a ela, cerrando os dentes. Eu tinha que ter controle sobre essa mulher. — Temos uma hora para chegar lá.

Ela encolheu os ombros magros e bronzeados e desapareceu em seu quarto. Por um momento, fiquei olhando para a porta, abrindo um buraco nela como se ela fosse se transformar magicamente em vidro para que eu pudesse vê-la se trocar.

Muito profundo, eu continuava me alertando. Isso não acabaria bem. Mas será que devo tentar impedir? De jeito nenhum.

Tentando não imaginar Aurora se trocando, meus olhos se deslocaram sobre seus móveis. Nesse aspecto, minha agente do FBI era semelhante a mim. Ela era minimalista. Nada de quadros. Nada de

bugigangas. Não tinha objetos pessoais por perto, exceto um laptop com proteção de tela na mesa de centro e um disco do filme *Star Wars*.

Estranho, ela não me pareceu uma fanática por *Star Wars*. Mas então me lembrei que era do irmão dela. A agente Ashford preferia *Senhor dos Anéis*. Os pequenos benefícios de perseguir e monitorar minha pequena agente, por mais moralmente questionável que isso fosse.

O lugar estava bem arrumado, como eu esperaria de alguém que nasceu em uma família de prestígio. Um sofá bege liso com almofadas brancas, mesas laterais brancas combinando com luminárias e uma mesa de centro baixa. Uma grande TV de tela plana pendurada na parede com um console de jogos em uma prateleira.

A porta do quarto se abriu e Aurora entrou na sala de estar, absorvendo todo o oxigênio do apartamento.

Blyat! *Que porra!*

Ela estava gostosa pra caralho, com o corpo mais doce que eu já tinha visto. Linda de morrer. Vestida de vermelho, ela era a definição de pecado. Sensual. Essa mulher deveria sempre usar vermelho. Fiquei pensando se haveria alguma maneira de patentear a cor e reservá-la somente para ela.

Meus olhos percorreram seu corpo. O vestido abraçava suas curvas exuberantes, dando-me um vislumbre de seus seios que se pressionavam contra o espartilho do vestido. Os sapatos vermelhos faziam com que suas pernas parecessem ainda mais longas, com a pele luminescente sob a luz suave de seu apartamento.

De repente, me arrependi de ter de ir ao clube e deixar que alguém a visse assim.

Capítulo 18

ALEXEI

— Nós nem sequer ensaiamos. — A voz de Aurora tremia, assim como sua mão, que alisava o vestido pelo corpo pela centésima vez. — Tem certeza de que não há uma maneira melhor?

Esse era o único caminho. Igor nos levaria até Ivan. A necessidade de provar a si mesmo para Ivan estava enraizada nele. E a tentação de levar a Ivan a garota que eu não tinha levado o ajudaria a ganhar pontos extras. Que merda.

— Sim.

Eu nunca deixaria que nada acontecesse com ela, mas suspeitava que era a parte sobre possivelmente ter que se apresentar que a deixava toda irritada. Era realmente irônico. Era a única parte pela qual eu esperava ansiosamente. Sim, as circunstâncias não eram ideais, mas certamente era uma vantagem. Pelo menos para mim.

Havia um ar de vulnerabilidade nela quando envolveu os braços em volta da cintura. Como se estivesse se protegendo.

Não pude deixar de admirá-la. Ela demonstrava força mesmo quando estava nervosa. Não havia muitas mulheres corajosas o suficiente para fazer isso. Embora o ato final ainda estivesse para acontecer.

Seu olhar passava constantemente em minha direção, como se estivesse me estudando. Estava claro que eu não era seu tipo. Se os ex-namorados dela fossem algum exemplo, ela gostava de caras bem arrumados. Eu estava longe de ser um cara certinho.

Seu tornozelo cedeu e, instintivamente, coloquei minha mão em volta de seu braço, segurando-a. A suavidade de sua pele foi registrada imediatamente. Impecável e macia. Eu quase podia imaginar como ela se sentiria bem contra mim.

Ela olhou para o local onde meus dedos agarravam sua pele nua e, em seguida, seus olhos escuros se voltaram para o meu rosto. Com cuidado para não revelar o quanto eu amava a sensação de sua pele sob minhas palmas, eu a soltei lentamente.

Seu pescoço delicado balançou enquanto ela engolia. — Obrigada.

Acenei com a cabeça, depois continuamos a andar e eu me certifiquei de que meus passos fossem mais lentos para acompanhá-la. Em pouco tempo, estávamos em frente à discreta porta preta.

Olhando para ela, dei-lhe outra chance de sair. Com um aceno brusco, bati na porta.

Um. Dois. Três.

— Mais uma, — ela murmurou, com a voz rouca. Levantei a sobrancelha em sinal de dúvida. — Três dá azar.

Sua explicação não fazia sentido. Mas bati na porta mais uma vez para acalmá-la.

A porta se abriu e Irena estava diante de nós com seu vestido preto característico. Ela vinha insinuando há algum tempo que estaria interessada em me entreter sexualmente. Estava disposta até mesmo a fazer coisas pesadas com Sasha. Eu preferia cortar meu pau a aceitar a proposta dela. Aparentemente, Sasha também, porque ele a evitava como uma praga.

Voyeurismo não era minha praia. Mesmo que fosse, eu nunca me incomodaria com alguém que se ligasse de bom grado a Igor. E eu sabia o quanto ela estava envolvida com Igor. Eu fazia questão de saber, embora a pequena doninha fosse boa em se esconder.

Ciente dos olhos de Aurora em mim, me estudando, deslizei minha mão para a parte inferior de suas costas e a empurrei para dentro. Se ela mudasse de ideia, eu sabia que não haveria nada que a fizesse dar esse passo. Eu certamente não a forçaria.

Aurora avançou, com passos ligeiramente hesitantes. Uma vez lá dentro, seu olhar aguçado estudou o ambiente. *Inteligente.*

— Bem-vindos ao Eve's Apple, — cumprimentou Irena, sorrindo para nós como se tivesse feito um grande gol.

Incentivando Aurora a avançar, seguimos pelo corredor até ao grande bar.

— Bebida? — Eu lhe perguntei. Ela assentiu e, quando nos sentamos nos bancos do bar, fiz um sinal para o barman.

— Vodca spritz para a senhora e conhaque para mim.

No momento em que nossos drinques chegaram à nossa frente, Aurora bebeu o seu. Seus olhos pareciam de um cervo nos faróis, olhando

para todos os lados. Eu me inclinei para perto de seu ouvido, para dar a impressão de que os amantes estavam sussurrando um para o outro.

Discutir potencialmente outros parceiros.

Ela nunca teria outro parceiro. Eu o faria em pedaços. Ela era minha. Eu deveria ter admitido dias atrás ou no momento em que ela entrou no elevador que eu estava fodido.

Mas não o fiz.

— Sem contato visual, — eu disse a ela, meus lábios roçando o lóbulo de sua orelha. — Caso contrário, é um convite.

E sua morte, acrescentei silenciosamente.

Para minha satisfação, seus olhos voltaram para mim.

— Jesus, Maria e José, — ela murmurou. E engoliu outro drinque. Eu senti sua presença antes de vê-lo.

— Alexei Nikolaev. — Eu odiava Igor. E no momento em que sua mão imunda pousou no ombro de Aurora, eu quis cortá-la.

— Tire suas mãos de cima dela, — disse a Igor em russo, mantendo minha voz baixa. Ele obedeceu imediatamente, sabendo muito bem o assassino que eu poderia ser.

— Está gostando do clube? — Igor disse, com os olhos fixos na agente Ashford. Droga, eu estava tão tentado a livrá-lo de seus globos oculares. O desgraçado não precisava deles para nos levar até Ivan.

— É ótimo, — respondeu Aurora, forçando um sorriso.

— Apresente-nos, Alexei. — Ele estava cada vez mais perto de perder a visão.

— Aurora. Igor. — Maldito filho da puta. Eu não queria que ele soubesse nada sobre ela.

Coloquei minha mão em sua coxa, garantindo que Igor entendesse que ela não estava disponível. O filho da puta não se perdeu.

— Você gostaria de uma visita guiada, Aurora? — Igor ofereceu, seus olhos nunca a deixaram.

— Ah, obrigado. Alexei já se ofereceu. — Na verdade, ela lhe deu um sorriso doce enquanto sua mão cobria a minha, dando-lhe um tapinha desajeitado. Por mais idiota que isso fosse, me deu vontade de rir. Eu não conseguia nem me lembrar da última vez que tive essa sensação.

Ela virou a cabeça e se concentrou em mim.

— Tenho uma sala VIP pronta para você, — acrescentou Igor.

— *Do svidaniya*²³. — Dispensando-o, concentrei-me na mulher ao meu lado. Ela estava atraindo muitos olhares de outros homens. Quanto mais cedo eu a tirasse do campo de visão, melhor.

Quando Igor estava completamente fora do alcance dos ouvidos, ela se inclinou um pouco e sussurrou: — É esse o cara?

— *Da*²⁴.

²³ Adeus.

²⁴ Sim.

Um grupo de homens se aglomerou no bar, seus olhos devorando minha acompanhante como se ela fosse uma iguaria rara. Ela era, mas não para eles.

— Sala VIP. Agora, — retruquei.

Eu a conduzi à nossa suíte VIP e foi só quando a porta se fechou atrás de nós que a névoa vermelha do assassinato finalmente desapareceu. Esse quarto era bastante comum, embora parecesse que minha acompanhante não estava acostumada com ele.\

Seus olhos se detiveram na Cruz St. Andrew fixada em uma parede, e ficou claro que ela estava chocada. Seu olhar se voltou para mim com exasperação.

— Nem pense nisso, — advertiu ela. Notei um leve tremor em sua voz.

— Relaxe. — Sasha gostava de coisas pesadas.

Fui até à única cadeira da sala e me sentei. Seria uma longa noite se ela não conseguisse relaxar. E, do jeito que estava agora, não estava nada relaxada. Seus olhos se moviam ao redor, para a frente e para trás, observando-me como se eu fosse seu inimigo.

Eu não era seu inimigo, mas talvez seus instintos não estivessem muito longe disso.

— Sente-se, — ordenei a ela.

Seus olhos se movimentaram e voltaram para mim. — Onde?

Eu lamentaria colocá-la em tal situação. No entanto, não consegui reunir a vontade para isso. Eu gostava da ideia de tê-la sentada em meu colo.

Como um animal selvagem, ela deu um passo para perto de mim. E mais um. Então, ela se virou e se sentou rigidamente em meu colo. Igor estava nos observando, mas ela não precisava que isso fosse dito. Ela já era uma bola de nervos.

— Ele está observando, — murmurou ela, mal mexendo a boca.

— *Da.*

Colocando minhas mãos em sua cintura, eu a mantive imóvel. Ela não tinha percebido, mas cada vez que se movia, sua bunda roçava em minha virilha. Havia um limite de tortura que eu poderia suportar. Minhas mãos desceram por sua cintura até suas coxas.

Seus olhos estavam grudados na tela, sua respiração estava acelerada e seus lábios entreabertos. Eu nem tinha certeza de que ela estava ciente disso. Ela continuava se mexendo, com a pele corada. Ela assistia ao show lá fora; eu apenas a observava.

Ela se moveu novamente, com a bunda batendo na minha virilha dura, e congelou. Seus olhos se voltaram para o meu rosto. Havia algo quente e belo em seus olhos, como uma tábua de salvação que eu nunca soube que precisava.

Eu não queria assustá-la. O fato de eu desejá-la não fazia parte do acordo. Mas, porra, eu a queria. Diferente de qualquer coisa ou pessoa antes dela. Era um tipo de fome depravada por ela. Uma obsessão que um único contato com ela alimentaria pelo resto de meus dias.

Desde o dia em que ela voltou à minha vida, eu sonhava com ela, fantasiava com ela e ficava obcecado por ela.

Sua língua percorreu os lábios vermelho-rubi e a luxúria cruzou sua expressão. Por mim? Eu não tinha certeza, mas meu controle se rompeu. Todo o sangue correu para minha virilha e meu cérebro parou de funcionar.

Levantei-me, com minha mão segurando seus quadris e pressionei suas mãos contra a janela. Inclinando-a, com as palmas das mãos apoiadas no vidro, minhas mãos empurraram seu vestido vermelho para cima, mostrando sua bunda para mim. A mulher usava a menor calcinha que eu já tinha visto. Pressionei meu corpo contra o dela para que ela pudesse sentir meu pau contra a curva macia de sua bunda.

Pressionando meus lábios em seu pescoço frágil, apreciei sua pele macia e a pulsação acelerada sob minha boca. Lambendo a pele de sua clavícula, levei as palmas das mãos à sua bunda redonda.

Isso não era para o show. Era para mim.

Sim, eu era um canalha, mas eu a queria. E o cheiro de sua excitação me dizia que ela também me queria. Pelo menos naquele exato momento.

— Pronta? — perguntei. Um pequeno gemido escapou de sua boca, sua respiração estava ofegante.

Ela olhou por cima do ombro e nossos olhos se cruzaram. Aqueles olhos castanhos profundos e quentes. Da cor do chocolate. Ela também cheirava a chocolate.

— Pronta, *kroshka*? — Era sua última chance de me impedir.

— S-sim. — Sua voz era ofegante, seus lábios vermelhos e seus olhos estavam embaçados de luxúria. Que se dane se eu sabia se era por mim ou pelo que ela viu aquele trio fazendo.

A pequena agente do FBI, de cabelos escuros, era cheia de surpresas. Eu não deveria ir muito longe. Tudo o que me tocava acabava quebrado. Tudo o que eu tocava acabava arruinado. Sujo.

Mas, a menos que fizéssemos isso direito, Igor nos denunciaria e nossa passagem para Ivan iria para o inferno. O modo como ele a encarou me irritou. Isso me fez sentir uma fúria fria na espinha e me deu vontade de matá-lo.

Aurora era *minha*. Seus seios. Sua bunda. Sua boceta. Tudo meu, porra. Sua boca, porém, não seria. Independentemente do quanto eu quisesse possuir e saborear cada centímetro dela.

Eu não beijava. Ponto final.

Estendi a mão e abri suas coxas, empurrando o material frágil para o lado e deslizando meu dedo pelas suas dobras. Ela estava encharcada. Tão molhada que meus dedos ficaram encharcados em segundos.

Deus me ajude, mas ela era intoxicante e enlouquecedora ao mesmo tempo. Diferente de qualquer pessoa que eu já havia conhecido antes.

Até mesmo sua excitação tinha cheiro de chocolate, como uma droga que você inalava e permanecia para sempre em seu sistema.

Empurrei meus dedos mais fundo e sua boceta se apertou ao redor dos meus dedos. Sua cabeça caiu para trás, seus olhos me observando por cima do ombro, através de suas pálpebras pesadas e suas bochechas coradas.

Com a mão livre, agarrei seu cabelo e o puxei para trás, ciente de que outras pessoas do clube estavam observando. No entanto, eles mal podiam nos ver. Apenas o nosso contorno, porque eu diminuí as luzes na medida certa para garantir que eles não pudessem nos ver claramente.

Sua boceta continuava apertada em volta dos meus dedos, ansiosa por mais, enquanto eu enfiava e retirava meus dedos. Seus gemidos ficaram mais altos, sua bunda empurrando contra mim. Então, sem aviso, retirei meus dedos e os levei à sua boca. Sem que eu pedisse, seus lábios se abriram e ela os chupou.

Lindo pra caramba!

Ainda segurando seu cabelo com uma das mãos, desabotoei minha calça, empurrei sua calcinha fio dental para o lado, deslizei meu pau duro como uma rocha ao longo de suas dobras quentes e depois bati nela. Ela estava apertada, sua boceta se apertando em volta do meu pau como uma fortaleza. Seus gemidos vibravam diretamente em meu peito enquanto eu a fodia com força. Nas últimas duas semanas, desde que ela abriu sua boca atrevida e inteligente, isso era tudo o que eu queria, e era melhor do que eu imaginava.

Ela parecia o paraíso. Meu próprio paraíso pessoal, ao qual eu não tinha direito, mas roubei um pouco dele de qualquer maneira. Todo o meu controle se desintegrou enquanto a fodia com força e sem descanso. Ela correspondeu a cada uma de minhas investidas com um gemido.

Preocupei-me em quebrá-la, forçando-me a relaxar quando seu rosnado baixo de advertência me fez acelerar.

— Mais. — Fiquei mais do que feliz em obedecer, acelerando o ritmo e batendo nela sem piedade. Seus gemidos suaves se transformaram em gritos ofegantes e urgentes. Ela estava perto. Eu sentia como se fosse meu próprio orgasmo. Virei sua cabeça para que pudesse ver seu rosto enquanto ela se desfazia em prazer. Para mim.

Seus olhos escuros ficaram vidrados de desejo, sua boca se abriu e eu a fodi cada vez mais rápido e mais fundo até senti-la gozar, sua boceta me ordenhando com tudo o que eu tinha. Ela era linda pra caralho.

Um estremecimento percorreu minha espinha e eu explodi minha carga diretamente em sua boceta apertada e quente, e o orgasmo mais poderoso da minha vida me atravessou.

Foda-se. Eu.

Seu corpo se inclinou para mim, como se ela buscasse meu conforto. Mal sabia ela que eu só trazia destruição. Nunca conforto.

Usei minha mão para virar sua cabeça para mim e, pela primeira vez na vida, fiquei tentado a beijar uma mulher. Não apenas uma mulher; essa mulher.

Ela deve ter sentido a mesma vontade, pois seus olhos se detiveram em minha boca.

Eu estava fodido. Tão fodido!

Capítulo 19

AURORA

Durante todo o tempo em que nos dirigimos à porta do Eve's Apple, eu reclamei que deveria haver uma maneira melhor de encontrar o homem que nos levaria a Ivan Petrov, que Alexei e eu nem sequer tivemos a chance de ensaiar o que precisaríamos fazer, dizer.

No entanto, nenhum ensaio poderia ter me preparado para isso. Para o modo como ele me fez sentir. A maneira como meu corpo reagiu a ele.

Era explosivo. Como fogos de artifício na escuridão. Lindo, emocionante e assustador.

No entanto, era incrível.

Eu não conseguia me mover. Meu corpo inteiro estava congelado contra o vidro.

Meus músculos tremeram depois que ele fez o sexo mais intenso da minha vida. O melhor sexo de minha vida. E isso aconteceu com um criminoso. Embora minha boceta não discriminasse. E, naquele exato momento, meu cérebro também não, porque eu gostava da sensação dele dentro de mim.

De alguma forma, não me surpreendeu o fato de Alexei ter transado à bruta. Eu deveria estar me assustando por ter ido tão longe com

um completo estranho, e em um maldito clube de sexo, mas a única coisa que consegui fazer foi me inclinar para ele.

Olhando por cima do ombro, meus olhos se detiveram em seus lábios. Eu queria sentir seu gosto. Traçar sua boca com minha língua. Sua cicatriz não me afastava. Na verdade, ela aumentava seu apelo.

Meu coração disparou e, de repente, o calor atingiu meu âmago. De novo. Ele tinha acabado de me foder, e eu estava pronta para a segunda rodada. Ele cheirava tão bem, seus músculos estavam duros contra minhas costas.

Minha pulsação soou em meu ouvido, o desejo pulsando em minhas veias. Mal me movi um centímetro para trás, a atração era forte. Eu precisava de mais. Muito mais dele.

Algo passou por seus olhos quando me inclinei mais para trás, apenas alguns centímetros.

— Nada de beijos. — Sua voz, profunda e gutural, quebrou o momento, congelando meu coração e minha alma. Ele certamente sabia como fazer uma mulher se sentir barata.

Prendi a respiração. Ele ainda estava dentro de mim, mas poderia muito bem estar em outro planeta. Não me preocupei em ponderar por que a rejeição me incomodava. Não era como se eu me importasse com o homem. Eu nem mesmo gostava dele.

Algo molhado deslizou pela parte interna da minha coxa e o fogo em minhas veias se transformou em gelo. Fizemos sexo sem proteção.

Foda-se! Foda-se! Foda-se!

Perdi a cabeça e deixei que ele me fodesse sem camisinha. Eu *nunca tinha* feito sexo sem camisinha. Nunca. Independentemente de estar tomando a pílula.

Meu corpo todo ficou tenso, o que ele deve ter sentido, pois seus olhos procuraram os meus.

— Por favor, me diga que está limpo, — sussurrei sem fôlego. — Você não usou camisinha.

Meu Deus, eu era tão idiota. Como pude deixar isso chegar tão longe?

— Não se preocupe, kroshka. — Seu olhar escureceu, e eu não sabia dizer se era de raiva ou de outra coisa. — Estou limpo.

Capítulo 20

ALEXEI

Cerrei os dentes.

Aurora era a mulher mais gostosa que eu já tinha visto ou tocado. Maçãs do rosto altas e suaves, cílios escuros, boca carnuda. Seu perfume era o meu sabor pessoal do céu. E a maneira como seus olhos se turvavam e sua pele cor de oliva se ruborizava de desejo por mim era inebriante.

Isso fez com que as coisas se movessem no fundo do meu peito, e eu não me importava em avaliar isso.

— Por favor, me diga que está limpo. — Era difícil não perceber o arrependimento em sua voz. — Você não usou camisinha.

Soltei um suspiro e passei o olhar por seu rosto. Eu poderia dizer que ela também não pediu camisinha, mas não confiava em mim mesmo para não perder a cabeça se ela voltasse com outro comentário atrevido.

Além disso, essa palavra. *Limpo*. Eu era tudo, menos limpo. Não, eu não tinha nenhuma doença sexualmente transmissível. Mas eu tinha sido usado tantas vezes que limpo era a pior maneira de me descrever. Dor física, angústia mental, humilhação e degradação. Desesperança. *Já havia passado por isso muitas vezes.*

Igor estava sempre disposto, e eu odiava isso. Embora as mulheres e os homens de Ivan parecessem preferir os olhos azuis às piscinas escuras de Igor.

As lembranças deixaram um gosto acre em minha boca.

— Não se preocupe, kroschka, — eu disse a ela, mantendo minha voz gelada. — Estou limpo.

A raiva brilhou em seus olhos escuros e me atingiu de forma totalmente errada. Eu sabia que tinha sido eu quem arruinou o momento no segundo em que pronunciei as palavras.

Nada de beijos.

Essa era a única regra rígida que eu tinha quando se tratava de sexo. Eu não beijava há vinte anos e só a lembrança do último beijo fazia a bile subir em minha garganta. Demorou anos para desfazer os danos causados pelo abuso sob o comando de Ivan. Agora, quando eu fazia sexo, era por minha escolha, e apenas para me liberar.

Eu odiava a sensação de ser puxado de volta no tempo, mas ultimamente parecia que não conseguia escapar do passado, e ele estava fazendo o possível para me alcançar. A lembrança me atingiu como um furacão contra a costa.

Pingo. Pingo. Pingo.

O som da água pingando me tirou da névoa induzida pelas drogas.

Meus olhos se abriram para as barras acima de mim. Uma galeria de observação improvisada que permitia que os espectadores acima tivessem uma visão clara.

— Para uma melhor visualização, — disse Ivan com satisfação.

Eu sacudi meus braços, mas as algemas frias de metal os mantiveram estendidos, assim como as algemas presas em meus tornozelos. As molas da cama protestaram embaixo de mim. As drogas em meu sistema estavam começando a passar, e eu sabia o que estava por vir.

Era sexta-feira à noite e os clientes de Ivan estavam de volta. Eu esperava que esta noite eles escolhessem Igor, mas a esperança era para os tolos, e esta noite eu era o maior tolo de todos.

Eu queria me enfurecer, gritar e lutar. Eu queria matar. Qualquer coisa, mas não ter de suportar outro homem ou mulher que quisesse me beijar. Gemer em minha boca. Me tocar.

Meus pulsos se chocaram contra as correntes, esperando que uma delas se rompesse, desesperado para me libertar. Se ao menos eu libertasse uma das mãos, poderia lutar. O último cliente acabou com o crânio rachado.

Todos esses anos fazendo o que era necessário para sobreviver. Eu não podia mais fazer isso. Eu tinha dezessete anos. Era hora de encontrar meu momento de fuga ou morrer tentando. Eu estava me preparando, esperando o momento certo para agir. Para deixar este lugar esquecido por Deus.

Eu estava cansado do frio. Cansado de sobreviver. Tudo o que eu queria era viver. Livre das restrições. Meus olhos encontraram Ivan e

Igor no topo, olhando por entre as grades; um com notas de dólar nos olhos e o outro com inveja enquanto lambia os lábios.

Igor adorava isso. Ele gostava das noites em que era escolhido para fazer isso. Homens... mulheres... ele não se importava. Tantas noites ele passou observando os corpos se contorcendo uns contra os outros, enquanto eu fechava os olhos e ignorava os sons, encontrando alívio em algum lugar no fundo da minha mente.

O som de passos leves chamou minha atenção para duas mulheres que caminhavam em minha direção. Cada passo as aproximava mais de mim e o suor se formou em minha testa. Ambas usavam vestidos longos, um de seda branca e o outro preto como a noite.

A luxúria e o desejo dançavam em seus olhos, enquanto observavam minha forma nua. A de branco veio ao meu lado, seus olhos castanhos claros observando meu corpo enquanto seus dedos dançavam levemente em meu peito e abdômen.

Ambas se demoraram, tocando-me, desfrutando do que haviam pago. Meus músculos tremeram e novamente me debati contra minhas amarras. As duas sorriram com minhas tentativas, rindo levemente quando começaram a passar as mãos pelo meu corpo mais uma vez.

— Acho que vou gostar do tempo que passarei com você, — comentou a de preto.

A mulher de branco se inclinou para a frente e sua língua deslizou pela minha bochecha. O cheiro avassalador de seu perfume floral fez meu estômago revirar. Sua boca roçou a minha e cada fibra dentro de mim se retesou.

As mãos da outra mulher pegaram meu pau em sua palma, acariciando-o enquanto ela gemia. Eu não conseguia impedir a reação do meu corpo, assim como não conseguia impedir uma nevasca violenta. Eu me odiei por isso. Eu não queria que isso acontecesse. Não fazia nada por mim, mas meu corpo ainda reagia, meu pau ficando mais firme a cada carícia.

A mulher de branco forçou sua língua entre meus lábios. Talvez eu não conseguisse controlar a reação do meu corpo, mas podia controlar isso. Abri ligeiramente a boca, permitindo que ela acreditasse que eu estava cedendo a ela. No momento em que sua língua entrou em minha boca, mordi. O sabor acobreado de seu sangue inundou minha boca, e ela gritou, recuando.

Sorri enquanto cuspi o sangue na mulher que ainda estava de pé na ponta da cama. Ela saiu rapidamente do caminho.

Um golpe veio de repente. Não pude dizer de onde veio, pois minha cabeça balançou para trás. Dois guardas entraram, levando a mulher com metade da língua presa por um fio para fora da sala. Outro golpe foi desferido, mas não me importei. Preferia levar a surra do que a alternativa que estava na ponta da cama.

Os olhos castanhos claros se encontraram com os meus, e fiquei surpreso ao perceber a avidez neles.

— Agora tenho você só para mim, — disse ela, com a voz rouca, como se tivesse fumado um maço de Belomorkanal²⁵ por dia.

Esperei, imóvel. Todos os músculos estavam tensos.

²⁵ Cigarros russos.

Se tivesse a chance, eu também a morderia.

Mas ela era mais esperta. Seus olhos se desviaram para algum lugar atrás de mim, e ouvi passos se aproximando antes que alguém agarrasse minha cabeça e outro par de mãos grandes abrisse minha boca. Uma versão retorcida de um ferrão de cavalo entrou em minha boca, não permitindo que eu mordesse, enquanto uma correia era apertada na parte de trás da minha cabeça.

A mulher montou meus quadris. Ela estava escorregadia, esfregando-se em mim e causando atrito. Meu pau reagiu, o peso dele aumentando a cada segundo.

Ela gemeu, acelerando seus movimentos, e eu queria cortar meu pau.

— Você é grande, — ela ofegou. Suas mãos percorriam minha pele, escorregadia de suor frio. Ela se movia contra mim, bombeando para cima e para baixo, com mais força e mais rapidez. Eu podia sentir meu corpo reagindo, aquele odiado e familiar formigamento começando nos dedos dos pés e percorrendo meu corpo.

Eu não queria gozar. Não queria dar a ela a satisfação de que poderia me tirar do sério, mas meu corpo se recusava a ouvir.

E então seu rosto pairou acima de mim, contorcido com seu orgasmo iminente. Seus lábios correram ao longo dos meus, a mordida espalhando minha boca me impedindo de reagir. Lutei contra as restrições enquanto ela mergulhava a língua em minha boca aberta. Beijando-me vigorosamente enquanto eu era forçado a permitir. Eu engasguei quando

sua língua deslizou para dentro da minha boca novamente. Ela não se importava.

Levantando uma faca que eu não tinha visto antes, ela cortou a lateral do meu lábio e o sangue jorrou, enchendo minha boca. Amordaçando-me.

Seguiram-se os gritos de seu orgasmo, com seus quadris me abraçando, aproveitando a onda. Ela se afastou antes de agarrar meu pau e acariciá-lo até que meu próprio corpo terminasse.

— Agora, você sempre se lembrará disso, — disse ela, ainda respirando pesadamente. — Você sempre se lembrará de mim.

Pisquei para afastar as lembranças, todas elas se desintegrando no fundo da minha mente. A cicatriz em meu lábio era um lembrete diário.

O passado pode estar me alcançando, mas eu me recusava a ser vítima dele.

Eu estava tão fodido. Tão quebrado e me atrevi a tocar em algo tão bom. Tão inocente. Meus olhos encontraram os de chocolate escuro, e neles encontrei paz.

Embora ela não tenha encontrado a mesma coisa nos meus.

Aurora se afastou de mim, como se não suportasse me ver. Não que eu a culpasse.

Estava na ponta da língua para lhe dizer que não era ela. Era eu. Parecia clichê, mas, nesse caso, era a pura verdade. Mas dar-lhe o motivo por trás disso não era uma opção. Eu não queria sua piedade.

Fomos interrompidos pela porta que se abriu atrás de nós e pela voz de Igor.

— Quero convidar vocês dois para minha casa.

Aurora ficou tensa na minha frente. Deslizei para fora dela, com as mãos em seus quadris, puxando seu vestido para baixo. Ela se esforçou para ajeitar a calcinha frágil, e eu instintivamente bloqueei seu corpo com o meu, enquanto me ajeitava.

Minha mão envolveu sua cintura e eu a aconcheguei mais perto de mim. Não queria que Igor tivesse alguma ideia. Ela estava comigo e somente comigo.

Igor sorriu, com os olhos famintos em Aurora. Eu odiava aquilo. Aquele filho da puta voyeurista. Eu odiava que alguém visse minha mulher enquanto eu a fodia. Ela era minha e só minha.

Igor deu vários passos em nossa direção e minha mão apertou a cintura dela, puxando-a para perto de mim.

Seus olhos escuros se desviaram para mim, levantando a sobrancelha em uma pergunta silenciosa. Quando eu não disse nada, ela voltou sua atenção para Igor.

— Adoráramos, — ela respondeu, embora seus músculos estivessem tensos contra mim. — Certo, Alexei? — acrescentou em um tom sensual, com aqueles lábios vermelhos curvados em um sorriso sedutor.

— Da, — eu disse secamente quando na verdade queria mandar Igor se foder e quebrar seu pescoço. Mas eu sabia o quanto estava em jogo

aqui se não chegássemos até Ivan. A mensagem era clara. Ele estava atrás da família Nikolaev e meu sobrinho seria o único a pagar por meus pecados se eu falhasse.

Tínhamos que chegar até ele antes que ele chegasse até nós.

— *Odlicno*. — *Ótimo*. Ele esfregou as mãos, com um brilho nos olhos.

Eu odiava Igor. O termo mulherengo e cafajeste ganhou um significado totalmente novo com aquele desgraçado. Ele sorria na sua cara e o apunhalava pelas costas sem pensar duas vezes. Ele se ofereceu para me manter imóvel todos aqueles anos atrás. Masturbou-se bem acima da minha cabeça enquanto via aquela mulher me comer.

Essa era a razão pela qual ele trabalhava tão bem com Ivan. Tínhamos a mesma idade, mas, ao contrário de Igor, eu nunca gostei das merdas de Ivan. Não importava se eu estava recebendo ou dando.

— Vamos, — disse Igor, seus olhos nem se deram ao trabalho de olhar em minha direção. — Você pode vir comigo, Aurora.

— *Ona moya*, — avisei em um tom baixo e ameaçador. *Ela é minha*. Não havia necessidade de dizer mais nada. Se ele a tocasse, eu o faria se arrepender de ter sobrevivido por tanto tempo.

— *Tvoya*. — *Sua*. A voz de Igor se desfez em meio às lembranças, com um sorriso estúpido e feio no rosto.

Ele assentiu, com surpresa em seus olhos. Eu nunca havia me apegado a ninguém ou a nada. Aprendi na primeira década de minha vida que criar um vínculo sempre terminava em perda. Em sua morte. Uma

sensação familiar de frio subiu por minha espinha, e mãos invisíveis apertaram meu pescoço com mais força.

Eu não dava a mínima para o fato de que Igor agora sabia que eu tinha um ponto fraco. Ele poderia manter isso sobre minha cabeça, mas sabia como eu podia ser brutal. E se ele se atrevesse a tocá-la com o dedo mindinho, eu destruiria tudo em sua vida. Sua riqueza. Seus clubes. Seus supostos amigos. E o deixaria para o final, para que ele pudesse esperar pelo seu fim em agonia.

Eu lutaria por essa mulher. Queimaria o mundo inteiro. E, no final, se ela exigisse minha vida como pagamento por seu irmão, ela a receberia.

De qualquer forma, era dela.

Todos os meus pedaços quebrados. Meu coração fragmentado. Minha alma fodida. As lembranças assombradas que tornaram impossível seguir em frente.

Não importava o quanto eu me esforçasse para suprimir as lembranças nos recessos escuros de minha mente, elas sempre voltavam. Me atormentavam em meus sonhos. Me atormentavam à luz do dia.

As cicatrizes físicas em meu corpo combinavam com as mentais. Minha carne estava tão marcada quanto minha mente. Só que eu não podia esconder minhas cicatrizes mentais com tinta, como fazia com meu corpo.

Capítulo 21

AURORA

Senti a tensão no ar, o oxigênio que envolvia Alexei era rarefeito e gelado. A tensão se desprende dele e seus ombros se contraíram. A iluminação era fraca, mas eu jurava que sua pele empalidecia ligeiramente sob toda aquela tinta.

Igor se virou, esperando que o seguíssemos, e olhei de relance para Alexei, que permanecia colado em seu lugar.

Sem pensar, peguei sua mão, coloquei meus dedos entre os dele e apertei. Sim, ele me irritava e me humilhava com seu comportamento, mas cada célula do meu corpo protestava por vê-lo sofrer. Claramente havia algo errado, e eu queria ajudá-lo.

— Você está bem? — Sussurrei baixinho, observando-o com preocupação.

Seus olhos baixaram para onde minha mão segurava a dele e eu segui seu olhar. Uma consciência se formou no fundo da minha mente enquanto eu observava nossas mãos conectadas. Uma imagem passou por trás de meus olhos. Sua mão com tinta sobre uma pequena.

Tive a sensação de que já havia andado de mãos dadas com ele antes. Mas isso era ridículo. No entanto, não conseguia me livrar dessa

convicção. Antes que eu pudesse refletir mais sobre o assunto, a resposta de Alexei o tirou temporariamente de minha mente.

— Estou bem. — Ele não olhou para o meu rosto, sua voz não tinha emoção. Esperei um instante e depois expirei lentamente. Não era como se eu pudesse pressioná-lo ainda mais aqui. Além disso, não era como se confiássemos um no outro. Sim, eu tinha o esperma dele escorrendo pela parte interna da minha coxa, mas isso não nos tornava íntimos.

— Vamos, — disse ele, com a voz fria e baixa.

Saímos da sala VIP com a mão dele ainda conectada à minha. Sinceramente, fiquei surpresa por ele não ter cortado a conexão, porque parecia que ele não gostava da ideia de me tocar. Meus saltos bateram no piso de mármore, nossos passos estavam sincronizados e apressados.

E o tempo todo, nosso encontro passava em minha mente. Eu não esperava ficar excitada com a visão do que estava acontecendo na boate. Voyeurismo não era meu forte e, normalmente, eu voltava minhas lembranças para Anya. No entanto, alguma coisa em Alexei, o fato de me concentrar nele e em sua força, me manteve com ele. Eu sabia que ele não deixaria ninguém me tocar ou me machucar. E eu sabia que ele nunca me forçaria a fazer algo de que eu não gostasse.

Foi o primeiro grama de confiança que lhe dei? Eu não sabia, mas sabia que não haveria mais ninguém com quem eu teria feito isso. Ele me fez sentir segura e muito bem. Até que ele disse ‘sem beijos’, mas mesmo essas duas palavrinhas não diminuíram o prazer que tinha acabado de sentir.

Seguimos o caminho pelo corredor escuro, com meus saltos batendo contra o mármore, e percebi que Igor já estava fora de vista.

— Onde ele está? — Perguntei em um tom abafado.

— Lá fora.

Eu realmente gostaria que Alexei não voltasse a usar respostas de uma palavra só. Elas me irritavam. Mas mantive minha boca e meu temperamento sob controle.

Enquanto caminhávamos pelo corredor em silêncio, a decepção inicial me inundou. *Nada de beijos*. Por que ele insistia em não beijar? Senti que sua regra de não beijar ia além do que aconteceu aqui. Um turbilhão de sentimentos confusos se agitou em meu peito.

Talvez tenha sido melhor assim; caso contrário, eu poderia perder completamente a cabeça.

Levando-nos para fora da porta, meu estômago se apertou de nervosismo. Eu não estava gostando disso. Igor nos convidou para ir à sua casa e depois desapareceu. O ar úmido da noite me atingiu e, como já havia acontecido várias vezes antes, de repente me fez sentir como se estivesse sufocando. A espessura nos cobria como um cobertor de lã úmido em uma onda de calor.

— Está muito quente, — murmurei. — Minha maquiagem vai derreter.

— Ah, aí estão vocês, pombinhos. — A voz de Igor me fez girar a cabeça para a direita e encontrar o canalha que se escondia no escuro. Cada fio de cabelo do meu corpo se eriçou ao ver o homem à espreita no

escuro, e eu me aproximei de Alexei. Com orgulho ferido ou não, eu sabia que estava mais segura com o homem de gelo do que com o homem assustador.

— Igor. — A voz de Alexei era como um chicote.

— Meu carro nos levará, — anunciou Igor, ignorando o comportamento frio de Alexei. Ele mal inclinou o queixo atrás de si, onde havia uma limusine.

O significado de suas palavras me fez perder o fôlego e fiquei tensa. — Por que não podemos segui-lo no carro de Alexei? — Eu retruquei.

Igor riu como se eu tivesse dito a piada mais engraçada. — Ele não pode seguir a menos que tenha um batmóvel que possa voar.

Dei uma olhada de relance para Alexei, mas era impossível ler seu rosto. Uma máscara fria. Não era sensato entrar no carro com ele, deixando-nos vulneráveis. Eu não confiava em Igor e isso me fez sentir como se estivesse indo para a armadilha às cegas, sem que ninguém mais soubesse onde eu estava. Eu não tinha meu telefone comigo. Nem minha arma de fogo. Nada.

Apenas um vestido apertado e um par de saltos que me faziam sentir mais como uma prostituta do que como uma agente secreta.

Alexei apertou minha mão e meus olhos se arregalaram. Eu estava segurando sua mão com tanta força que minhas unhas se cravaram em sua pele. Forcei-me a afrouxar o aperto, mas deixei minha mão na dele. Eu não confiava em mim mesma para não começar a me mexer.

Aparentemente, Alexei era melhor do que eu no quesito disfarce.

Outro aperto em sua mão e um suspiro silencioso escapou de meus lábios.

— Tenho uma bolsa em meu carro, — disse Alexei a Igor.

Igor assentiu com a cabeça, como se já esperasse isso. — Vou pedir ao meu homem que a pegue.

Alexei não perdeu o ritmo. — Não. Ninguém toca em meu carro.

Ergui uma sobrancelha. Parece que Alexei não era do tipo que compartilhava. A menos que ele tivesse algo no carro que não quisesse que Igor visse. De preferência, uma arma. Quando saímos da minha casa, entramos no Aston Martin e viemos direto para cá.

— Vá pegar sua bolsa, Alexei, — disse Igor, seu olhar me deixando nua. — Vou manter sua dama em segurança.

Minha coluna ficou rígida, mas mantive a boca fechada. Não queria arruinar nossas chances de conseguir Ivan.

— Ela virá comigo, — disse Alexei, de forma fria. Sua voz não era negociável. Eu já sabia bem disso.

Engoli com força e meus olhos se voltaram para Alexei.

— Meus dois rapazes o acompanharão até ao carro e garantirão que você não traga coisas indesejadas, — disse Igor a ele.

Um aceno brusco de cabeça, sem palavras. Embora eu tivesse certeza de que parecia um cervo sob os holofotes, a pulsação de Alexei não parou nem um pouco.

Igor deu uma risada como se tivesse vencido, depois se virou, acenando para alguém. Meus olhos se desviaram para o canto escuro e percebi que ele tinha reforços ali. Idiota!

Dois homens entraram em ação e, sem nenhuma palavra, fomos até ao elegante Aston Martin de Alexei, com os guarda-costas de Igor logo atrás de nós.

Clack. Clack. Clack.

Meu tornozelo quase cedeu, mas a mão de Alexei me envolveu para me apoiar e permaneceu em volta da minha cintura enquanto continuávamos nossa jornada pelo beco escuro. É tão apropriado que nossa noite terminasse da mesma forma que começou. Com meus pés vacilantes.

Fiquei dando uma olhada furtiva para Alexei. Eu queria que os guarda-costas tivessem ido com Igor, assim teríamos alguns minutos para discutir essa estratégia e os próximos passos. Mas quem pede não pode escolher, eu acho.

Fomos direto para o porta-malas, onde, depois de aberto, Alexei pegou uma bolsa grande e fechou o porta-malas.

— Espere.

Uma ordem veio de trás de nós e eu congelei, meus olhos se voltando para o guarda-costas. Alexei deve ter previsto isso, pois entregou a bolsa a ele sem pedir nada. O guarda-costas pegou a bolsa e a bateu contra o capô do porta-malas de Alexei.

— Ei, cuidado! — Eu o repreendi. O guarda-costas arqueou a sobrancelha, como se não entendesse o que havia feito de errado. — Esse

carro é a segunda coisa favorita de Alexei, — esclareci, revirando os olhos. Eu tinha que fazer minha parte, certo?

— Qual é a primeira dele? — perguntou-me o guarda-costas, intrigado.

— Eu, duh, — respondi secamente.

Os olhos do guarda-costas brilharam de diversão, mas ele não disse nada. Abriu o zíper da bolsa, vasculhou-a, fechou o zíper novamente e a devolveu a Alexei. Jogando-a sobre o ombro, Alexei me empurrou de volta para o carro e, para minha surpresa, pegou minha mão.

— Sem armas, — ele respondeu ao chefe pelo fone de ouvido. — Apenas roupas e um kit de primeiros socorros.

Interessante. Então eles esperavam que Alexei trouxesse armas.

Como se fosse uma deixa, uma limusine preta se aproximou de nós e parou. O segundo guarda-costas correu até ao carro para abrir a porta. O outro permaneceu atrás de nós, como uma nuvem negra que avisava que nos mataria em um piscar de olhos. Embora eu estivesse inclinada a pensar que ele teria dificuldade em vencer Alexei.

Jesus, Maria e José! Será que estou me gabando? ponderei.

— Vamos embora, — resmungou o guarda-costas.

Ele ia nos obrigar a entrar no carro, querendo ou não. Eu não esperava que a situação se agravasse tão rapidamente. Sim, Alexei indicou que o objetivo era atrair um convite de Igor, mas não na mesma noite. Quando aceitei o convite de Igor, não achei que ele quisesse dizer literalmente que estava nos convidando *agora*.

A cabeça de Igor saiu do carro e seus olhos se fixaram em minhas pernas. Eu não tinha percebido que havia deslocado meu corpo para trás, até que estava pressionada contra Alexei.

— Primeiro as damas, — ronronou Igor, causando todo tipo de arrepios errados em minha espinha. Todos os sinais de alerta em meu corpo me avisaram que era uma má ideia, deixando-me colada ao meu lugar. Era sobre isso que os pais avisavam quando você era uma garotinha.

Não. Entre. No. Carro.

Não haveria doces lá dentro. Apenas dor e sofrimento. Meu coração batia contra a caixa torácica, e cada respiração que eu dava era trêmula. A mão de Alexei escorregou da minha e ele colocou a palma na parte inferior das minhas costas, incentivando-me a avançar.

Voltei meu rosto para ele, buscando alguma garantia. Algo parecido com um sorriso apareceu em seu rosto, como se ele tivesse se esforçado ao máximo para me garantir. E, como uma tola, confiei nele. Um criminoso que estava no radar do FBI. Mas, por algum motivo, eu confiei.

Dando passos lentos em direção ao veículo, Alexei seguiu logo atrás de mim. Ignorando a mão de Igor para me ajudar, deslizei para dentro do carro, certificando-me de não chamar a atenção de Igor. Aquele cara não precisaria de muito estímulo para fazer alguma coisa. Havia algo maligno escondido sob aquele sorriso civilizado e aquele terno listrado horroroso. Alexei entrou logo atrás de mim, nós dois sentados em frente a Igor.

A porta se fechou e, de repente, parecia que as paredes estavam se fechando sobre nós. Meus dedos puxaram a bainha do meu vestido curto

e imediatamente os enfiei embaixo das coxas para evitar ficar inquieta. Eu era a porra de uma agente do FBI e o ‘I’ não significava inquietação.

A coxa forte de Alexei pressionou a minha quando ele se espalhou ao meu lado e percebi que minhas pernas estavam tremendo. Instantaneamente, eu me acalmei e sua mão foi até minha coxa, descansando ali, sua força se infiltrando em mim.

Não me passou despercebido o fato de que os olhos de Igor se detiveram na mão de Alexei em minha coxa. Algo brilhou em seus olhos. Algo sombrio. Algo cruel. Não gostei disso. A vontade de começar a sacudir minhas pernas era tão forte quanto a necessidade de respirar. No entanto, eu sabia que mostrar qualquer fraqueza a Igor seria um erro fatal. Então, em vez disso, baixei os olhos para estudar a tinta de Alexei e me concentrei no calor que a palma de sua mão deixava transparecer em meu vestido fino.

Havia tanta tinta em sua mão que eu não conseguia distinguir o que era. Mas em seus dedos havia símbolos. Ou letras. Minhas mãos ainda estavam enfiadas sob as coxas, mas meus dedos coçavam para tocá-lo. Traçar a tinta sobre sua pele. Ele esteve dentro de mim, mas eu não havia tocado em uma única parte dele.

Olhei pela janela, a cidade de Nova Orleans era um borrão quando entramos na rodovia.

Essa seria uma longa noite.

Capítulo 22

ALEXEI

Depois de duas horas de carro e um passeio de helicóptero, aterrissamos no telhado de um prédio. Ainda estávamos nos Estados Unidos. Embora ninguém soubesse por quanto tempo. Eu tinha minhas suspeitas de que acabaríamos na Rússia.

Graças a Deus, era verão aqui. Só de pensar na Rússia, minhas bolas congelavam. Coloque-me em qualquer buraco do inferno. No deserto sem água. Em qualquer lugar, mas não na maldita Rússia.

Ironicamente, a única coisa que me mantinha são era o sutil aroma de chocolate de Aurora, seus pequenos sorrisos que me iluminavam por dentro. Eu comia aquela merda como se minha vida dependesse disso. Eu precisava disso para garantir que nos manteria vivos. *Mantê-la viva*. Desde que ela sobrevivesse a isso, era tudo o que importava.

— Eu dei a vocês dois pombinhos uma suíte inteira. — Igor abriu a porta da cobertura. Ele agiu como se tivesse nos dado as chaves do reino, quando eu sabia muito bem que o maldito estaria nos observando. Ele levava o voyeurismo a um nível totalmente novo.

Aurora e eu entramos no quarto do hotel, a porta se fechou atrás de nós com um clique firme. Depois, outro clique. Ele nos trancou lá dentro. Que idiota de merda. Aurora olhou para a porta, seus olhos

passaram por mim e depois voltaram para a porta. Desde que saímos da boate, nós conversamos o mínimo possível. Ela estava se saindo muito bem, considerando todas as coisas.

Descendo dos saltos e voltando sua atenção para a suíte, ela soltou um suspiro profundo enquanto entrava no quarto.

— Pelo menos ficamos com a suíte da cobertura, — ela murmurou, dando de ombros. — Igor não é um pão-duro, embora seja definitivamente um cretino.

Ela olhou por cima do ombro direito, e aqueles olhos amendoados encontraram os meus. Ela arqueou a sobrancelha como se estivesse esperando que eu concordasse ou discordasse. Quando eu não disse nada, ela se virou novamente.

Demorando-se por um momento, no meio do quarto do hotel, seu olhar examinou todos os cantos do local. Percebi isso no momento em que ela viu as câmeras. Seus ombros ficaram levemente tensos, sua guarda voltou a se levantar.

Eu sabia que ele teria câmeras onde quer que nos colocasse. Igor, o cretino, como ela o chamava eloquentemente, estaria nos observando até se convencer de que não havia nada além de eu transar com essa mulher e querer levá-la ao clube mais famoso da Rússia, onde vale tudo e qualquer coisa - voluntária e involuntariamente.

Só que havia mais. Muito mais. E, quando tudo se revelasse, eu não duvidava que Aurora teria como missão me prender. Ou me matar. E eu não a impediria. Eu merecia toda a fúria que ela me daria.

Dirigi-me ao banheiro grande. Eu sabia que ela me seguiria. A pequena agente era curiosa e exigente.

Não me passou despercebido o fato de ela ter exigido que eu fosse mais rápido e mais bruto quando a comi no clube. Acontece que a pequena agente não era nem um pouco tímida no quarto, e eu adorava isso. Até que nós dois chegamos ao clímax e ela quis carinho. Para ser íntima.

Eu odiava o fato de não ter sido programado para isso. Eu odiava o fato de não ter a capacidade de lhe dar o que ela precisava. Isso me fazia sentir inadequado.

Frustrado comigo mesmo, parei no meio do banheiro, com espelhos decorando cada parede, e o corpinho dela prontamente correu para trás de mim.

— Merda, desculpe, — ela murmurou, com as palmas das mãos pressionando minhas costas. Por um breve momento, fiquei maravilhado com o calor de seu toque. Nunca me importei particularmente com o toque de uma mulher, mas, de alguma forma, eu ansiava pelo dela.

Eu me virei lentamente, ficando cara a cara com ela, e suas mãos caíram para os lados.

— Feche a porta, — ordenei-lhe.

Ela fez isso sem protestar. Observei suas costas, seu vestido vermelho abraçando suas curvas. Ela tinha a bunda mais magnífica e doce que eu já tinha visto. Redonda e perfeita. Eu queria agarrá-la com força e apertá-la, dobrá-la e bater nela. De novo e de novo. Mas já eram duas da manhã e Aurora parecia cansada.

Eu deveria ter percebido, desde o momento em que a vi no elevador, que ela se tornaria minha presa. Meu desejo. A atração foi instantânea. A inocente agente do FBI não tinha ideia do que estava por vir.

A culpa me atormentava por não ter sido franco com ela. Especialmente quando ela obedeceu sem me questionar. O clube era apenas o começo, a parte mais fácil.

Ela voltou para ficar na minha frente, seus olhos examinando o banheiro. Estava verificando se havia câmeras.

— Os banheiros não têm fiação, — eu disse a ela, colocando minha mochila no grande balcão de mármore.

— Como sabe? — sussurrou ela, aproximando-se um pouco mais de mim.

Seus olhos se fixaram em mim, esperando. Eu não sabia o que esperar. Garantias e palavras não eram minha praia.

Quando não respondi, ela suspirou.

— Tudo bem. Concorde com você; não vejo nenhuma câmera aqui. E agora? Quer dormir no banheiro? — Ela enrugou o nariz, com os olhos percorrendo o cômodo. — Vai ser desconfortável pra caramba.

— Não vamos dormir no banheiro. A expectativa é que as atividades do clube continuem.

Sua cabeça girou em torno dela.

— O quê? — gaguejou ela, com os olhos arregalados. — Mais sexo? — Assenti com a cabeça. — A expectativa de quem?

Ela não parecia muito feliz com isso. Não que eu pudesse culpá-la. Não era como se eu tivesse muito a lhe oferecer nesse departamento. Eu queria transar com ela amarrada e amordaçada. De quatro, com a bunda para cima e o rosto para baixo. Não era um BDSM hard core. Isso era mais do agrado de Sasha, mas meus métodos estavam longe de ser amorosos.

Minha experiência me transformou em um ser fodido.

— Não se estresse com isso, — eu disse a ela antes de ceder aos meus impulsos mais carnis e transar com ela bem aqui, contra o azulejo frio.

— O quê? — ela sibilou. — Você não pode jogar uma bomba como essa e depois dizer '*não se estresse com isso*'. — Ela enfiou a mão no cabelo. — Não conseguirei dormir depois de ouvir uma coisa dessas. Cara, isso é uma grande besteira, — ela murmurou. — Sou totalmente a favor de prender esse cara, mas não me inscrevi para me prostituir. E ainda por cima, ser observada enquanto estou sendo fodida. — Seus dedos puxaram os fios sedosos.

Meus olhos percorreram suas curvas e meu pau latejou. Eu a fodi há apenas algumas horas e já estava com tesão por ela, meu pau se esticando contra o zíper. Eu poderia transar com ela a noite toda e o dia todo, e ainda assim não teria o suficiente.

— Tudo bem, — ela exalou, com uma série de xingamentos passando por seus lábios vermelhos e carnudos. — Eu realmente preciso de um aumento para essa merda. Mas já que chegamos até aqui, é melhor irmos até ao fim. — Ela estendeu a mão para o lado, lutando com o zíper. — Esse trabalho de campo não é tudo o que se espera, — murmurou ela. —

Mas aqui estou eu, tirando minhas roupas. — Então, como se estivesse preocupada que eu fosse atacá-la, ela acrescentou: — Estou apenas tirando o maldito vestido. Não posso usá-lo nem mais um segundo. Da próxima vez, me dê algo mais solto. Odeio roupas apertadas.

Ela puxou o zíper, para a esquerda e para a direita. Para cima e para baixo. Ele não se mexia e, a cada segundo que passava, ela ficava mais irritada com isso. E o tempo todo, ela murmurava para si mesma.

— Deixe-me ajudá-la. — Peguei o zíper, cobrindo sua mão, e ela se acalmou instantaneamente. Seus olhos se fixaram em minha mão, e observei seu pescoço gracioso balançar enquanto ela engolia. Meu pau latejou com mais força.

O impacto que essa mulher teve sobre mim. Eu deveria tê-lo esmagado. Matá-lo. Em vez disso, deixei-o evoluir, e agora ela era uma obsessão total. Meu pau e meu coração não se importavam mais com o que era bom para ela ou para mim. Eles só a queriam.

Ela retirou lentamente a mão de debaixo da minha, depois a levantou acima da cabeça para permitir que eu abrisse o zíper. Mais um pouquinho de confiança. Eu não merecia isso.

Ela iria se quebrar. Muito em breve.

O som do zíper quebrou o silêncio do banheiro. Ela deixou o vestido deslizar pelo corpo, ficando apenas com a calcinha rendada. O vestido vermelho se acumulou em torno de seus tornozelos, deixando à mostra sua pele beijada pelo sol. Ela era tão bonita que até doía olhar para ela. Embora eu não achasse que era sua beleza exterior que me atraía. Era sua alma.

Apesar da maneira ruim com que a tratei no clube, ela ainda se preocupava se eu estava bem. Aquela garotinha carinhosa do zoológico ainda estava lá. E quando ela colocou a mão na minha, exatamente como havia feito há vinte anos, lamentei a perda iminente.

Não havia a menor dúvida de que ela se afastaria de mim quando soubesse a verdade. Se não me matasse primeiro.

Ficamos de frente um para o outro, com seus olhos fixos em mim. Amplos e inocentes. Ao mesmo tempo, cautelosos e confiantes. Ela não se acovardou, não desviou o olhar com vergonha.

Mulherzinha corajosa.

— O que você quer fazer agora? — Seu tom era rouco, sua respiração estava acelerada.

Quero transar com você, ouvi-la gritar, até que sua garganta fique seca.

Era uma merda eu não me importar em fazer isso, sabendo que no segundo em que voltássemos para o quarto, seríamos observados. Eu queria me satisfazer com ela - para preencher o vazio pelo resto da minha vida. Por mais longa ou curta que fosse. Eu estava em um tempo emprestado com ela. Embora eu não quisesse que Igor visse como a pele de Aurora ficava vermelha quando ela estava excitada ou ouvisse os ruídos que ela fazia. Porra, esses barulhos por si só poderiam me fazer gozar nas calças, e eu guardaria esses sons bem fundo em minha memória para os dias frios que viriam sem ela em minha vida.

Um zumbido fraco e um clique soaram do lado de fora do banheiro e a cabeça de Aurora girou, olhando para a porta. Ela prendeu a respiração por duas batidas de coração e voltou seus olhos para mim.

— Você ouviu isso? — sussurrou ela.

— Ele ligou as câmeras. — Mantive minha voz baixa.

Observei o movimento gracioso de seu pescoço enquanto ela engolia.

— Acho que ele está pronto para um pouco de ação, — ela sussurrou. — Esse homem não dorme?

Não fazia sentido dizer a ela que sobrevivemos a maior parte de nossas vidas com três horas de sono. Provavelmente foi assim que surgiu seu voyeurismo. Se você dormia, ficava vulnerável. Se estava acordado, ficava de olho. Infelizmente, a única coisa a ser observada era a luta e a transa, já que nosso quarto tinha apenas uma grande janela. Com vista para o ringue improvisado.

Eu não queria que ele visse Aurora sendo fodida. Na boate, a luz estava baixa e eu me certifiquei de posicioná-la de maneira que ela estivesse mais protegida. Mas aqui, na suíte da cobertura, ela seria visível por uma daquelas câmeras. Eu só poderia protegê-la com meu corpo de uma, no máximo duas câmeras. Mas o banheiro não tinha câmeras.

Meus olhos se fixaram nela, devorando-a como um homem moribundo.

Cristo, ela era linda. Eu já tinha visto muitos corpos de mulheres, mas nenhum deles se comparava ao dela. Sua pele era macia como seda,

seu corpo era firme e forte. Ela era uma estranha mistura de força e vulnerabilidade.

Seu peito subia e descia a cada respiração, olhando para mim com aqueles olhos grandes e escuros.

— Você está me assustando, — gaguejou ela, com o rubor colorindo seu peito. — O modo como está me encarando.

— *Ty prekrasnyy, kroshka.* — *Você é linda, querida.* Minha voz estava rouca. Sua beleza brilhava em seus olhos escuros, em seu toque suave. Ela estava tão perto de mim que eu podia sentir o cheiro de sua doce excitação.

Eu não deveria fazer isso. Eu a quebraria. Arruinaria.

Tarde demais.

Capítulo 23

AURORA

Isso era insanidade.

Estávamos no banheiro, minha respiração estava acelerada. Meu coração batia contra minhas costelas enquanto a minha mente se preocupava com todos os eventos que aconteceram nas últimas duas semanas. E especialmente com o que aconteceu no clube de sexo.

Eu poderia culpar o clube, a atmosfera, o caso. Mas a verdade é que eu queria isso. Alexei pediu permissão antes de me comer, e eu dei.

Livremente. Com entusiasmo.

Eu o queria, até mesmo o desejava. Se alguém tivesse tentado nos impedir, eu teria ficado tentada a matá-lo. E embora a expressão de Alexei não fosse exatamente eufórica, foi a primeira vez que vi algum tipo de emoção passar por seu rosto.

Exceto pelo fato de que ele não oferecia afeto depois do sexo. Ele gostava de transar comigo, mas era como se quisesse manter distância. Eu não conseguia entender isso.

— Vou tomar banho, — engasguei, meu interior tremendo com algo que não me importava avaliar. Talvez a questão fosse o fato de eu não fazer sexo há tanto tempo. Embora eu achasse que não. — Sozinha, — esclareci rapidamente, caso soasse como um convite.

O canto de seus lábios se contraiu em uma espécie de meio sorriso. O homem alguma vez sorriu? Eu estava tão envolvida com o prazer inesperado na boate que não vi como ele ficou quando gozou. Ele não emitiu nenhum som, mas eu sabia que ele tinha terminado porque senti seu esperma sair de mim.

Ele se virou para sua mochila e tirou uma camiseta, roupas íntimas e shorts, além de uma pequena bolsa de higiene pessoal, e depois me entregou. Pareciam muito pequenas para serem dele.

— Para você, — ele grunhiu. Peguei a camiseta e a olhei com desconfiança. A camiseta era do meu tamanho. Assim como o short e a calcinha. Abri o zíper da bolsa de produtos de higiene pessoal e fiquei ofegante. O xampu da marca Redken e o sabonete líquido Laura Mercier que eu usava estavam lá dentro. Por mais distorcida que fosse toda essa situação, algo em seu gesto me aqueceu por dentro. — Perseguidor, — eu disse, embora não houvesse mérito ou raiva em minha voz.

Ele não parecia preocupado com minha acusação. Não era a primeira vez que eu o chamava a atenção para isso.

— Tome seu banho.

Ele saiu do banheiro, fechando a porta atrás de si com um leve clique. Eu tinha que colocar minha cabeça no lugar e parar de perder a cabeça por causa dele. Liguei o chuveiro, esperando a água esquentar antes de entrar e lavar os acontecimentos do dia. Esperava que isso também limpasse minha mente.

Vinte minutos depois, saí do banheiro e encontrei Alexei sentado na espreguiçadeira lendo um livro. Ele havia tirado o paletó do terno e

arregaçado as mangas, exibindo os antebraços marcados. Meus olhos se voltaram para o título do livro que ele segurava. *Voyeurismo*. Minhas sobrancelhas se ergueram.

— Material de leitura interessante, — comentei. Nossos olhos se cruzaram e ele encolheu os ombros.

Colocando o livro na mesinha de centro, ele se levantou e eu observei suas costas largas desaparecerem no banheiro. Não demorou muito para ouvir o chuveiro ser ligado. Por alguns instantes, fiquei parada em meu lugar, sem saber se deveria deslizar entre os lençóis ou me sentar para esperar que Alexei terminasse de tomar banho. E o tempo todo eu estava dolorosamente ciente de que estava sendo observada.

Optei pela cama. A fadiga pesava em meus ossos e eu precisava descansar um pouco para manter o juízo. Especialmente em relação ao assustador Igor. Deslizei entre os lençóis e deitei na cama, ouvindo o barulho constante da água do chuveiro. Estava cansada, mas não conseguia dormir. Imagens de Alexei no chuveiro passavam em minha mente. A maneira como a água escorria por seu corpo ou como ele passava as mãos sobre a pele para se lavar.

Era errado imaginar isso. No entanto, eu não podia impedi-lo. Assim como não podia impedir a chuva de cair. Ou o sol de brilhar. Essa coisa, fosse o que fosse, terminaria em uma catástrofe. Eu era uma agente do FBI. Ele era um criminoso. Fiquei imaginando o que meu chefe diria se soubesse como se desenrolou o evento desta noite. Embora McGovan não parecesse preocupado com os métodos ou planos para encontrar o

sequestrador. Ele só queria que o caso fosse resolvido - por qualquer meio necessário.

O chuveiro se fechou e o banheiro ficou silencioso. Prendi a respiração enquanto ouvia qualquer movimento no banheiro, mas não ouvi nenhum. Mas então tive a sensação de que Alexei se movia como um jaguar, silencioso e mortal.

Tirei os lençóis, levantei-me e fui até à porta do banheiro. Bati suavemente e prendi a respiração. Nada. Meu coração disparou quando tentei a maçaneta. A porta estava destrancada. Abri a porta e entrei bem a tempo de ver Alexei vestindo uma calça de moletom cinza. Ele já estava de camisa, com o cabelo loiro úmido.

Ele se virou e meus olhos percorreram seu corpo. Eu nunca tinha entendido por que as mulheres ficavam excitadas com homens usando calças de moletom. Até agora. Alexei Nikolaev era o pecado encarnado em moletom. De repente, não me importava mais vê-lo de calça cargo ou terno. Embora ele os usasse bem, não se comparava a isso.

Engoli com força, esperando não estar babando.

— Você está bem? — Sua pergunta me assustou, fazendo com que eu voltasse à realidade.

Limpando minha garganta, respondi. — Humm, sim. É que eu... — eu me interrompi, sem saber se havia áudio e câmera nos gravando. — Era solitário lá dentro, — eu disse finalmente. Ele acenou com a cabeça em sinal de compreensão. — Posso entrar? — perguntei a ele.

Sem esperar por sua resposta, dei dois passos em sua direção, deixando a porta aberta. Gostaria de poder dizer que não sabia o que estava fazendo, mas sabia.

Mantendo minha voz baixa e de costas para a porta do banheiro, sussurrei: — Se tivermos que fazer *isso*, podemos fazer aqui?

Eu poderia mentir para mim mesma e dizer que era tudo por causa desse trabalho, mas a verdade é que eu queria mais dele. Talvez isso fosse degradante, uma falta de respeito próprio. Mas ninguém jamais havia me abalado como esse homem estoico. Nenhum homem jamais havia me desequilibrado como ele. Ou me fez reagir de tantas maneiras conflitantes.

Era confuso e intrigante. Quente e imprudente. Excitante.

Ele levantou uma sobrancelha, como se minha sugestão o tivesse surpreendido. Ficamos olhando um para o outro, enquanto eu prendia a respiração para esperar sua resposta. O fogo ardia no fundo do meu estômago, a luxúria percorria minhas veias. Isso era errado. Eu sabia que era, mas era inútil lutar contra isso.

Ele pegou meu queixo, segurando-o com firmeza, e aproximou meu rosto do seu. Nossos lábios estavam a centímetros de distância e suas palavras do clube voltaram à tona. *Nada de beijos.*

— Ele vai ouvir, mas não verá, — comentou, com a voz baixa e rouca. Acenei com a cabeça em sinal de compreensão e algo se manifestou em sua expressão. Quente, feroz e sombria. Desapareceu tão rápido, mas a adrenalina correu em minhas veias.

— Sim. — Jesus, o que estava acontecendo comigo? Eu nunca tinha ficado tão excitada em toda a minha vida.

— Apoie-se no balcão. — Meu corpo obedeceu sem pensar duas vezes. — Incline-se. — Eu me curvei. Observei fascinada pelo espelho enquanto seu olhar ártico se demorava em minha bunda. Então, suas mãos chegaram aos meus quadris e se engancharam no meu short. Lentamente, muito lentamente, ele o puxou para baixo, por minhas pernas, sua boca roçando minha bunda e depois a parte interna das minhas coxas. Parecia que ele tinha tatuado cada ponto que beijou, deixando uma marca permanente em minha pele.

Meu short e minha calcinha se foram, jogados sobre o balcão; eu ofegava de necessidade e ainda nem tínhamos começado.

— Abra as pernas, — ordenou ele, com a voz grossa. O banheiro inteiro era cercado de espelhos e eu observava fascinada seu reflexo.

Seus dedos percorreram um caminho desde os meus tornozelos até à boceta. Sua cabeça se inclinou para mais perto do meu corpo, bem na linha da minha bunda. Seus ombros largos atrapalhavam minha visão, mas isso só tornava tudo mais excitante. Minha boceta se apertou com a expectativa de sua boca em mim. Ele abriu mais as minhas coxas, sua respiração se espalhando na minha pele nua, e arrepios percorreram a minha carne. No momento em que seus dedos tocaram minha boceta encharcada, um gemido alto vibrou contra os azulejos.

Estremecimentos percorreram minha espinha e eu arqueei a bunda, ansiosa por sua boca. Palavras russas irreconhecíveis saíram dele e incendiaram minhas entranhas. Ele passou a língua na minha carne e ruídos guturais vibraram em minha boceta.

Cada fibra do meu ser tremeu com a liberação iminente. Jesus, ele acabou de me lambar e eu estava pronta para o orgasmo.

— P-Por favor, — ofeguei, empurrando-me de volta contra sua boca, me esfregando descaradamente contra ele. Ele fez um barulho de fome, como se estivesse gostando tanto quanto eu. Sua língua roçou meu clitóris, suas lambidas eram ásperas e exigentes, e um orgasmo iminente formigou na base da minha espinha.

Eu não era inexperiente, mas com esse homem, eu poderia muito bem ser, porque tudo com ele parecia tão novo. Tão deliciosamente sujo. E o fato de que alguém estava tendo um vislumbre disso e nos ouvindo apenas amplificava toda a experiência.

Ele se deliciava comigo como se estivesse possuído, com os dedos cravados na carne dos meus quadris, mantendo-me imóvel.

— Oh, Deus, — gemi em voz alta. — Eu preciso de mais.

Ele puxou meu clitóris com os dentes e eu explodi, meus gritos vibrando no chão de azulejos e nas paredes espelhadas do banheiro. Ele não diminuiu o ritmo enquanto eu tremia contra sua boca, lambendo cada gota do meu suco.

Girei a cabeça para olhá-lo por cima do ombro, baixando os olhos para onde ele estava ajoelhado no chão de ladrilhos. Nossos olhos se conectaram, com chamas azuis queimando em seu olhar ártico, e eu estremei.

Ele se ergueu até sua altura máxima, e nossa diferença de tamanho era impressionante. Ele se elevou sobre mim e sua mão foi até minha garganta e a agarrou.

— Pronta, kroshka?

A luxúria me atravessou com seu tom rouco e possessivo. *Putaque pariu*. Eu estava pronta. Estava pronta para a segunda e a terceira rodada. Quantas rodadas esse homem quisesse.

Assenti com a cabeça, um delicioso arrepio de expectativa percorrendo minha espinha.

— Segure firme, — ele exigiu, empurrando a calça de moletom cinza pelas coxas musculosas. Ele arrastou seu pau duro pelas minhas dobras molhadas e minha boceta se apertou. Abri as pernas até que cada centímetro de mim estivesse exposto a ele, ávido por ele. — Porque eu não pegarei leve com você dessa vez.

Meus lábios formaram um O silencioso, mas antes que eu pudesse refletir mais sobre suas palavras, ele bateu em mim. Rude e profundo.

— Porra, — eu engasguei. Podia senti-lo tão fundo dentro de mim, me esticando.

Ele grunhiu algo em russo e eu olhei para cima, encontrando seu olhar no espelho. A satisfação se formou em meu estômago quando vi a fome em sua expressão. Ele podia não querer me tocar ou me beijar, mas não conseguia esconder a necessidade crua em seus olhos por mim, refletindo a minha por ele.

Arqueei a cabeça, inclinando-me para sua mão enrolada em minha garganta, e seu aperto ficou mais forte. Se alguém tivesse me dito, há uma semana, que eu deixaria um homem apertar minha garganta enquanto me comia, eu teria atirado nele.

— Com mais força, — exigi, a necessidade de vê-lo se desfazer rapidamente se tornou meu vício.

Ele se aquietou e, em seguida, arrancou um suspiro de mim com uma investida violenta. Como se tivesse perdido toda a sanidade, Alexei me penetrou com investidas brutais. Ele penetrou fundo e com força. O prazer ardia em minhas veias e eu gemia, segurando-me no balcão para me apoiar. Cada investida provocava uma deliciosa onda de calor em mim.

As chamas do desejo ardiam cada vez mais quentes e selvagens. Nós nos transformaríamos em um incêndio destrutivo se não tivéssemos cuidado. No entanto, eu não conseguia me preocupar. Com o peito encostado em minhas costas e a mão em minha garganta, ele me penetrava em uma velocidade enlouquecedora. Meus lábios formigavam com a necessidade de sentir sua boca quente contra a minha. Não me esqueci de suas palavras, mas, naquele momento, a necessidade era mais forte do que a razão.

— P-Por favor, — gemi. — Beije-me.

Sua boca pousou em meu ombro, sua língua quente em minha pele. E então ele me mordeu onde meus ombros se encontravam com o pescoço, tão violentamente quanto me fodia. Nossas respirações ásperas eram os únicos sons no banheiro, sua mão fechada em volta da minha garganta. E, caramba, eu confiava que ele não me mataria e que só me daria prazer.

Uma onda de sensações ardentes se formou dentro de mim. Onde quer que nossas peles se tocassem, a minha ardia mais. Seus dentes perfuraram minha pele e algo loucamente erótico percorreu minhas veias.

Cada investida dele estava me despedaçando e depois me recompondo. Apenas para me destruir novamente.

— Alexei. Oh, Deus, Alexei, — entoei. Eu nunca mais me lembraria de outro homem depois desse. Gemi de prazer quando um orgasmo violento me abalou, atingindo-me com força e fazendo-me ver estrelas cadentes por trás das pálpebras. Alexei me fodeu durante o orgasmo com uma mão em volta da minha garganta e a outra segurando meus quadris. Ele continuou a me foder com força durante o orgasmo, minha boceta espasmando com o prazer mais violento que eu já havia experimentado.

Com um ruído áspero, ele gozou dentro de mim, seu esperma quente me preenchendo. Com um olhar pesado e semicerrado, vi uma pequena parte dele se desfazer. Para mim. Sua mão ainda estava enrolada em meu pescoço, as marcas de seus dentes visíveis em minha pele e sua respiração acelerada.

Eu havia me perdido nele. Nesse doce e depravado esquecimento.

E não queria mais acordar.

Capítulo 24

ALEXEI

Minhas mãos se entrelaçaram atrás de minha cabeça e eu cuidei de Aurora enquanto ela dormia. Depois do nosso *show* no banheiro, ela mal conseguia manter os olhos abertos. Eu estava acostumado a dormir apenas algumas horas por noite. Minha linda agente não estava.

Então, eu a peguei em meus braços e a coloquei na única cama do quarto. Seus olhos se fecharam no momento em que sua cabeça tocou o travesseiro e ela adormeceu. Subi para o outro lado da cama e, como se fosse puxada pela mesma força magnética que eu sentia, ela se aproximou mais de mim. Sua mão envolveu meu tronco e seu rosto se enterrou em meu peito. Fiquei tenso com sua proximidade, esperando que ela enfiasse a mão por dentro da minha camisa. Quando ela não o fez, forcei-me a relaxar.

Eu dormia regularmente de cueca boxer, mas não podia me arriscar a tirar a roupa enquanto dividia a cama com Aurora. Seria uma longa noite com seu corpo macio pressionado contra o meu. Suas sobrancelhas estavam franzidas e eu passei a mão em sua testa. Eu não gostava de sua angústia - não quando ela estava acordada e definitivamente não quando estava dormindo.

Desliguei a lâmpada lateral e deixei que a escuridão me envolvesse. Ela combinava com a que se escondia dentro de mim. Enquanto olhava para o teto, deixei minha mente vagar pelo passado.

Cinco anos nesse inferno.

Fiquei olhando para o teto de pedra suja, com um friozinho no ar. O quarto cheirava a mofo, sangue e suor. Os sons de gemidos, carne contra carne, uma batida escorregadia percorriam o ar e a fina janela de vidro. A maioria dos adolescentes tinha vista para a paisagem em suas janelas, ou para os oceanos, se tivessem sorte. Nós aqui não. Só tínhamos a visão de orgias acontecendo, voluntárias e involuntárias. Ou brigas que terminavam em sangue e morte. Cada. Maldita. Vez.

Eu morreria aqui.

Cinco malditos anos. Eu não me lembrava mais da sensação de ser livre. Talvez fosse uma fantasia. Ou apenas algo que continuava me empurrando para a frente para que eu não acabasse com tudo agora. Porque isso era um inferno.

Um inferno frio e de arrepiar os ossos.

Um som rítmico e suave fez com que meus olhos se desviassem para a esquerda e encontrassem Igor sentado perto da única janela. Ele observava com uma fascinação doentia toda a merda que acontecia no ringue enquanto se masturbava.

Restaram cinco de nós. Há duas semanas, havia trinta de nós amontoados nesta sala. Talvez tenham sido três semanas, que se dane se eu sei. Eu nunca sabia se era dia ou noite, em que dia da semana.

Nós matamos todos eles. Essa era a única razão pela qual nós cinco ainda estávamos aqui. Porque éramos mais fortes. Pensei tantas vezes em deixar que outro me vencesse no ringue. Mas o instinto e a necessidade de sobreviver sempre prevaleceram.

Havia tanto sangue manchando minhas mãos que nada me salvaria. Mesmo que eu conseguisse sair desse buraco de merda, eu sempre seria um assassino. Era a única coisa que eu sabia fazer.

Igor começou a grunhir, masturbando-se cada vez mais rápido e com mais força. Se ele estrangulasse seu pau com mais força, ele perderia o controle. Não seria a pior coisa. O maldito voyeur se masturbava várias vezes por dia. Provavelmente era a razão pela qual Ivan não se incomodava em levá-lo ao ringue para nada além de lutar. O bastardo sabia que Igor gostaria de ser fodido ao ar livre. O resto de nós não tinha a mesma sorte.

Eu odiava pensar nisso. Fazia minha pele se arrepiar. Ivan ainda não tinha nos dado uma ducha desde ontem e minha pele fedia como a deles. As mulheres. Os homens.

A bile subiu em minha garganta e eu a empurrei para longe. Caso contrário, perderia o pouco que tinha em meu estômago.

Valeu a pena sobreviver a todas essas lutas para suportar toda essa merda?

Abuso. Estupro. Tortura.

Um gemido me tirou de minhas lembranças e eu imediatamente fiquei tenso, procurando por Aurora. Ela estava enrolada em uma bola, virada para longe de mim.

Liguei a lâmpada de cabeceira e saí da cama no mesmo segundo, depois corri para a cama.

Ela estava balançando a cabeça para a frente e para trás, com o corpo curvado como se estivesse tentando se proteger. Seus lábios estavam apertados, como se ela não confiasse em si mesma para não contar um segredo. Suas sobrancelhas estavam franzidas e sua testa brilhava de suor.

Eu a sacudi gentilmente pelo ombro. Não queria assustá-la, mas também não queria deixá-la em seu pesadelo. Eu sabia em primeira mão como eles eram ruins.

— Acorde, — sussurrei. — É só um sonho.

— Não! — ela choramingou, fechando as pálpebras como se não suportasse ver o que quer que estivesse em seus sonhos. Não pude deixar de me perguntar se eu estava em seus pesadelos.

— Rora, acorde. — Tentei usar o apelido que ouvi seu irmão usar. Parecia invasivo usá-lo, mas eu não gostava de ver sua angústia. Sua respiração ficou ofegante e outro gemido escapou de seus lábios.

— P-pare, — ela gritou. — P-por favor. Não a machuque.

Meu coração disparou e minha garganta se apertou dolorosamente. A vulnerabilidade em sua voz e o terror em seu rosto foram o pior soco no estômago. Eu queria matar qualquer homem ou mulher que

tivesse machucado essa mulher. E que irônico que eu fosse uma dessas pessoas.

— Kroshka, — murmurei com uma voz suave. — Você está segura. — Seus olhos se abriram e fiquei aliviado. — Você está segura, kroshka, — sussurrei, alisando suas sobrancelhas franzidas.

Seus olhos escuros me observavam e seu corpo estava estranhamente imóvel.

— Você teve um sonho ruim, — expliquei, mantendo minha voz suave. Embora eu me preocupasse que minha voz estivesse muito áspera.

Ela não se moveu, com os cabelos escuros espalhados pelo travesseiro e a dor nos olhos escuros. Ela piscou os olhos. Depois, novamente. Seu lábio inferior tremeu e minhas entranhas doeram fisicamente.

— O que é, kroshka? — Eu lhe perguntei. — Quem eu tenho que matar?

Uma lágrima solitária e brilhante rolou por sua bochecha e minha mão tremeu quando a enxuguei. Talvez eu fosse o objeto de seu pesadelo e ela estivesse com medo.

— O Santos a machucou, — ela disse, com a voz rouca. — Ele nos obrigou a assistir.

Meus ombros ficaram tensos, pois suas palavras me deixaram em estado de choque.

— Raphael? — Ele estaria morto. Se ele a machucasse, irmão de Isabella ou não, ele estaria morto.

Ela inalou profundamente e depois exalou lentamente.

Seus olhos se fecharam, o sono a puxou de volta para baixo.

— O velho, — murmurou ela sonolenta, com os olhos lutando para permanecer abertos.

— Ele a machucou? — Tentei manter minha fúria sob controle enquanto aguardava sua resposta. Se ele encostasse um único dedo nela, eu o desenterraria e o mataria de novo. Eu o traria de volta à vida, para poder queimá-lo vivo.

— Anya. — Quem diabos era Anya? — Ele machucou Anya.

Capítulo 25

AURORA

O peso de um braço musculoso sobre a minha cintura. O delicioso aroma de um homem me fez aconchegar mais perto da fonte de calor, como se fosse meu cobertor de segurança pessoal. Fazia muito tempo que eu não acordava com um homem em minha cama. Não era algo que eu gostasse de fazer, mesmo com um namorado fixo.

O braço era forte e reconfortante. Protetor. Quando me mexi, o braço apertou minha cintura e me puxou para mais perto, seu peito pressionando minhas costas. Mantive meus olhos fechados, apenas saboreando seu calor e seu cheiro incrível. Não queria acordar, forçando meu cérebro a se desligar e me deixar voltar a dormir.

Mas foi em vão. Porque eu estava intrigada e queria saber quem estava em minha cama. Abri os olhos e minha visão parecia um pouco embaçada. Pisquei várias vezes e meus olhos se fixaram em um braço musculoso em volta da minha cintura.

Tatuado.

E, sem mais nem menos, minha lembrança da noite passada veio à tona. O clube de sexo. A apresentação que Alexei e eu fizemos para Igor. O sexo. *O sexo mais quente do mundo!*

Instantaneamente, o calor brotou em meu estômago com as lembranças. O sexo com Alexei Nikolaev foi uma experiência de arrepiar os dedos dos pés e de derreter o cérebro. Eu deveria me sentir mortificada, mas não me senti. Como alguém poderia se arrepender de algo tão excitante?

Mudando minha mão, observei com curiosidade a tinta complicada em seu antebraço. No momento em que estendi a mão para traçá-la com meus dedos, senti que ele ficava tenso nas minhas costas.

— Não faça isso, — advertiu ele suavemente. Sua respiração estava quente em meu ouvido e causou arrepios em minha espinha.

Meus dedos estavam a poucos centímetros de sua pele e a tentação de tocá-lo era grande. Eu queria senti-lo sob a ponta dos meus dedos, percorrer seu corpo com as mãos.

Mas não o fiz.

Eu nunca tocaria em alguém sem sua permissão. Embora eu não me importasse em refletir por que permiti que ele me tocasse. Não me passou pela cabeça proibi-lo de me tocar. A sensação era muito boa. Embora isso fosse apenas um trabalho. Um trabalho pecaminoso, fodido e secreto.

Meus irmãos destruiriam Alexei se soubessem.

Minha mão caiu ao meu lado, e a mão dele deslizou da minha cintura. Com um suspiro pesado, fechei os olhos.

Ficamos deitados em silêncio, enquanto eu lutava contra essa necessidade incontrolável de tocá-lo. Senti-lo contra mim. Essas emoções eram complicadas. Inesperadas.

Talvez fosse normal sentir essa atração por ele depois do que vivemos no clube e novamente na noite passada. Embora eu começasse a suspeitar que não tinha nada a ver com isso.

Seja lá o que for, ele me pegou de surpresa nas últimas semanas. E não me desagradava desnecessariamente. Isso fazia meu corpo vibrar com energia nervosa. Do tipo que eu sabia que ele poderia acalmar, por mais ridículo que isso parecesse. Ele tinha um cheiro tão bom, pele quente e um leve aroma sexy que era exclusivo dele.

Eu podia ouvir sua respiração, quente e confiante. E a dor entre minhas coxas pulsava, tornando mais difícil ignorá-lo. Eu o desejava. Tanto que cheguei a pensar em implorar para que ele me fodesse.

— Tire a roupa, — ele ordenou, suas palavras soando quase como um desafio. Meus olhos se abriram e encontraram seu olhar, seus olhos azuis claros enviando uma nova corrente elétrica pelo meu corpo. O olhar dele me aqueceu de dentro para fora, causando uma dor profunda e latejante entre minhas coxas. — E me passe sua calcinha.

Enigma.

Ele era o meu enigma tentador, tão afinado com o meu corpo que eu poderia jurar que ele me conhecia melhor do que eu.

Levantei-me e fiquei de joelhos, com o colchão balançando embaixo de mim. Mantive seu olhar enquanto puxava minha camisa por

cima da cabeça. Em seguida, despi meu short, deixando-me apenas com a calcinha frágil.

Minha pele vibrava com a expectativa. Alexei não se moveu, seu olhar ardente acariciando meu corpo. Quando ele me observava, o mundo inteiro se desvanecia. Nada mais importava além dele. Nem Igor. Nem as câmeras. Nem a possibilidade de que ele estivesse nos observando. Tudo o que eu sentia e via era Alexei.

Suas mãos chegaram aos meus quadris e um arrepio percorreu meu corpo no momento em que suas palmas ásperas se conectaram à minha pele.

— Da? — *Sim?* Uma pergunta rouca. Seu rosto podia não demonstrar emoções, mas sua voz e seus olhos sim.

— Sim, — sussurrei.

Ele enganchou dois dedos na minha calcinha em cada quadril e depois a arrastou pelas minhas coxas. Com cuidado. Lentamente. Como se esperasse que eu o impedisse. Nem em um milhão de anos. Em vez disso, eu me mexi, ajudando-o enquanto ele a descia pelas minhas pernas.

O ar do quarto esfriou contra minha pele aquecida. Eu estava completamente nua, exposta a ele. Meus mamilos endureceram e a umidade se acumulou entre minhas coxas enquanto seu olhar se fixava no meu corpo. Inspirei lenta e profundamente, ansiando por senti-lo dentro de mim. Não havia dúvida de que ele dominava meu corpo, quer quisesse ou não. Meu corpo cedeu à atração que havia entre nós.

Ele se inclinou, abaixou a cabeça e lambeu meu mamilo.

Um gemido ficou preso em minha garganta e minhas costas se arquearam, empurrando meu seio para sua boca. Ele prendeu meu mamilo entre os dentes e o puxou gentilmente. Voltou sua atenção para o outro seio, puxando lentamente e depois soltando o mamilo. Em seguida, passou a língua sobre ele.

— Oh. — Sua boca em mim fez minhas entranhas se apertarem com aquela dor familiar. Seu hálito quente em minha pele nua, eu precisava de sua pele contra a minha.

— Eu quero sentir você, — gritei, meus dedos se enroscando em seus cabelos loiros. — Por favor, Alexei.

Essa necessidade precisava ser saciada; ela ardia no fundo do meu estômago.

— Dê-me suas mãos, — ordenou ele, com a voz baixa e áspera. Meu corpo obedeceu antes mesmo que minha mente percebesse. Meus olhos se arregalaram para o seu olhar, mas tudo o que vi em seu rosto foi um desejo ardente. O mesmo que ardia em minhas veias.

Ele rasgou minha calcinha descartada em um movimento rápido. Ele moveu os braços mais junto do meu corpo, depois usou a calcinha rasgada para amarrar os pulsos. Meus seios se projetaram para a frente, roçando em sua camisa. Seus músculos duros se delineavam por baixo dela. Eu queria sentir sua pele contra a minha, carne contra carne.

Eu podia ver a pulsação em seu pescoço, seu olhar ardente queimando através de mim. Ele poderia estar exercendo controle sobre suas próprias reações a mim, mas também sentia essa atração magnética.

— Não vou machucá-la, — garantiu ele, com uma voz quase reverente.

— Eu sei, — respirei, levantando meus pulsos amarrados e enganchando-os em seu pescoço. Em algum lugar lá no fundo, eu sabia que ele nunca me machucaria. Apesar de seu exterior frio e de sua personalidade ligeiramente psicótica, ele me manteria segura. Assim como havia feito na boate. Ele me protegeu com seu corpo, garantindo meu prazer.

Nossos olhos se fixaram. Nossos rostos estavam a poucos centímetros de distância e lutei contra a tentação de roçar meus lábios nos dele.

Nada de beijos. Suas palavras ecoaram em minha mente.

Isso não era para um show. Ele sabia disso. Eu sabia disso. Não havia sentido em fingir que era. Nunca em toda a minha vida eu havia sentido algo remotamente parecido com isso. Um calor lânguido pulsou em mim, meu corpo gravitando em direção a ele.

— Por favor, — ofeguei.

Eu desejava seu prazer tanto quanto o meu próprio. Esfregando-me contra ele, eu queria tudo o que ele tinha para dar e estava ansiosa para sentir seus músculos contra mim.

Ele ergueu minhas mãos sobre seu pescoço e depois pegou algo na mesa de cabeceira.

Sua gravata de seda. Com habilidade, ele me vendou, bloqueando minha visão. Uma pessoa inteligente poderia estar cansada. Tudo o que

conseguia ficar era excitada. Senti seu hálito quente em minha bochecha quando ele a amarrou na parte de trás da minha cabeça. Sua boca descia pelo meu pescoço, queimando minha pele. Sua barba por fazer deixaria marcas em minha pele macia e essa ideia não me incomodou nem um pouco. Eu queria que ele me marcasse como sua.

O fato de estar com os olhos vendados deveria ter me deixado vulnerável. No entanto, eu me sentia poderosa. Sem a visão, todos os meus outros sentidos se intensificaram. A aspereza de sua respiração. O toque de suas mãos, o roçar de seus lábios. Seu cheiro tornou-se uma fragrância permanente em meus pulmões.

Suas mãos desceram ainda mais pelo meu corpo e sua boca mordiscou a curva do meu pescoço.

Ele se mexeu e um alarme passou por mim. — Não me deixe, — sussurrei.

— Nunca. — Era ridículo, mas soava como um voto. — Estou tirando minhas roupas.

— Finalmente, — murmurei, meus lábios se curvando em um sorriso.

— Você é gananciosa, kroshka. — Estava na ponta da língua admitir que isso parecia acontecer apenas com ele. Mas era cedo demais. Eu não entendia essa atração. O barulho suave dele se despiando, o colchão sob meus joelhos se deslocando enquanto eu me mantinha equilibrada com as mãos ainda amarradas atrás das costas.

Minhas entranhas tremeram, imaginando-o nu. — Você é todo tatuado? — Eu sussurrei a pergunta. Por alguma razão, eu queria conhecer cada centímetro dele.

Demorou um batimento cardíaco a mais para responder a uma pergunta simples.

— Da.

Um dia, eu veria cada centímetro dele. Decidi que minha missão seria beijar cada centímetro do seu corpo. Sua carne contra a minha, minha boca na dele. Meu corpo fervilhava de adrenalina, o fogo corria em minhas veias.

Ele deslocou nossos corpos para que minhas costas batessem no colchão, sua mão me segurando. Em seguida, enganchou meus pulsos amarrados ao redor de seu pescoço, nossas respirações se misturando. Ele estava tão perto que eu quase podia sentir o calor de sua boca em meus lábios.

O peso de seu corpo se pressionou contra mim e parecia um cobertor de segurança. Uma parede de músculos duros. Eu não podia vê-lo, mas o sentia em toda parte. Em cada respiração. Em cada centímetro de minha pele. E quando senti a cabeça de seu pau duro sobre meu clitóris, gemi.

Meu peito subia e descia, sempre roçando em seu peito. Envolvi minhas pernas em torno de sua cintura, incentivando-o a avançar. Seu pau roçou em minha carne, para cima e para baixo.

— Oh, Deus, — eu gemi. — Isso é tão bom.

Eu não podia vê-lo, tudo o que podia fazer era senti-lo. Ele pressionou ainda mais em minha entrada e eu me apertei ao redor dele. Ansiosa por ele todo. Minhas unhas se cravaram nas palmas das mãos, literalmente queimando com a necessidade de senti-lo.

Levantando meus quadris, ele se afundou mais em mim. Rolei os quadris, ofegando de desespero para senti-lo me preencher até ao fim.

Peito a peito. Coração a coração. Respiração a respiração.

Em um movimento rápido, ele enfiou seu pau o resto do caminho em mim, arrancando um gemido dos meus lábios. Ele se acalmou instantaneamente.

— Não pare, — rosnei. — Me dê tudo.

As palavras o libertaram. Ele me penetrou com força. Implacável. Suas mãos se cravaram em meus quadris e ele bateu em mim com mais força, fazendo com que eu me movesse contra sua pélvis.

— Pegue cada centímetro, kroshka, — rosnou ele, com sotaque carregado.

— Sim, — ofeguei, com os tornozelos presos em sua cintura, segurando-me para o passeio.

Talvez tenha sido a venda, ou talvez tenha sido simplesmente esse homem. Eu não sabia. A única coisa de que eu tinha certeza era que ninguém jamais havia me feito voar tão alto. Ele me fodeu como um homem possuído, esticando-me completamente.

Suas respirações quentes abanavam meu pescoço, seus quadris batiam em mim. — Você é tão apertada, — ele sussurrou contra meu pescoço. — Me sinto tão bem. Meu próprio paraíso.

Deus, suas palavras me fizeram voar alto. Suas investidas se tornaram selvagens. O atrito entre nossos corpos despertou algo sombrio e feroz dentro de mim. Eu temia nunca ter o suficiente dele.

— Porra, — eu gemi. — Sim. E-eu estou...

— Minha. Diga. Você é minha. — Cada palavra era seguida por um impulso selvagem.

— Sim, — eu gritei. — Sua. Oh, meu Deus. Alexei.

Eu me desintegrei, entrando em uma espiral com o orgasmo mais intenso. Minhas entranhas se apertaram em torno de seu pau e um calor lânguido se espalhou por cada centímetro de mim. Alexei bateu em mim grunhindo, com a respiração ofegante e áspera, e senti seu pau sacudir quando ele gozou dentro de mim, enchendo-me com seu esperma.

Seu corpo grande caiu em cima do meu corpo, minhas mãos amarradas empurradas em seu cabelo e nós dois ofegantes. Eu queria vê-lo. Beijá-lo. Sentir cada centímetro dele.

Nossa respiração pesada preencheu o silêncio, seu corpo pressionado contra o meu. Ele foi se trocar e eu quase implorei para que ficasse, pois precisava dele por perto. Em vez disso, guardei minhas palavras para mim. Quando Alexei se levantou, a perda foi surpreendente.

É apenas sexo, tentei me convencer. No entanto, parecia muito mais do que isso.

Um ruído suave de embaralhamento e um lençol cobriu meu corpo. Mais baralhamento. Então Alexei retirou minha venda. Alexei ficou ao lado da cama, completamente vestido. Em seguida, desamarrou meus pulsos e inclinou a cabeça, roçando os lábios nas marcas fracas.

O gesto foi gentil. Quase reverente.

A diferença entre nós era gritante. Eu ainda estava nua, como no dia em que nasci. Ele estava completamente vestido. Tive que admitir que sua necessidade de estar vestido me pareceu estranha.

— Você está bem? — perguntou ele, com os olhos fixos em mim.

Porra, eu estava mais do que bem. Eu só queria entender essa coisa com ele. Por que ele era tão paranóico por não dormir nu na cama comigo? Ou deixar que eu o tocasse? Beijá-lo? Eu queria me aconchegar nele e ouvir seus batimentos cardíacos enquanto sentia sua pele quente sob minha palma.

— Sim. — Eu *estava* bem. Pelo menos foi isso que tentei dizer a mim mesma. Meu corpo estava mais do que bem. Satisfeito. Ainda estava voando alto. Mas eu seria uma mentirosa se dissesse que a distância que ele estava claramente tentando manter não me incomodava.

Meu Deus, devo ter perdido a cabeça.

Eu estava em uma missão. Alexei fazia parte do trabalho. Isso era trabalho. Só que, dessa última vez, eu o *queria* dentro de mim. Não parecia ser trabalho.

— Igor deve estar convencido, — murmurei, sem saber por que eu sentia a necessidade de ter uma desculpa para o que acabamos de fazer. Eu era uma mulher adulta. Ele não respondeu e evitei olhar para seu rosto, com medo do que encontraria lá.

Não importa.

Com cuidado para não olhar em sua direção, levantei-me da cama, passando as mãos pelos cabelos. A cabelo despenteado da cama nunca me assentava bem. Eu tinha cabelo demais, e isso sempre me fazia parecer uma pessoa louca.

— Então, o que está programado para hoje? — perguntei-lhe, olhando por cima do meu ombro. Mais uma vez, achei estranho o fato de ele dormir vestido. Nunca conheci um homem, ou ouvi falar de um, que preferisse dormir com suas roupas.

Embora eu ainda pudesse senti-lo contra mim enquanto ele me fodia.

— Café da manhã.

Meu estômago roncou imediatamente e soltei uma risada desconfortável. — Isso parece perfeito. Aparentemente, estou morrendo de fome. — O homem de poucas palavras acenou com a cabeça. — Vou tomar um banho rápido, — murmurei, prendendo meu cabelo em um coque.

Fiquei irritada com o fato de o homem parecer completamente indiferente ao sexo que acabamos de fazer, enquanto eu tremia como uma maldita boneca de porcelana. *Talvez fosse totalmente unilateral.* Não pode ter sido. Certo? As imagens de nós flagrados no espelho na noite passada

passaram pela minha mente e, de repente, minhas entranhas estavam em chamas.

Engolindo com dificuldade, entrei apressadamente no banheiro e fechei a porta atrás de mim.

Eu precisava de uma ducha fria e de cabeça fria.

Quando saí do banheiro, Alexei já tinha tomado banho, feito a barba e se vestido. Olhei para trás e vi sua mochila sobre o balcão e franzi a testa em confusão.

Ele deve ter lido meus pensamentos.

— Tomei banho no banheiro vago.

— Como você conseguiu suas coisas? — Eu me engasguei. Esse homem se movia silenciosamente e de forma mortal.

Ele olhou para mim como se eu fosse louca. Ou estúpida. Qualquer uma dessas opções era discutível no momento.

— Eu tirei isso do saco. — Jesus! Ele entrou no banheiro enquanto eu estava no chuveiro e eu nem o ouvi. O alarme disparou em mim. O homem poderia me matar, e eu não o veria chegando.

Respirando fundo, expirei lentamente. Entrar em pânico agora não me ajudaria em nada. Eu tinha que manter a calma. Não que eu tivesse escolha. Estávamos trancados neste quarto e não se sabia quais seriam os próximos passos.

— Você precisa comer. — A voz de Alexei fez com que eu me concentrasse nele. Ele inclinou o queixo para o canto esquerdo do quarto e meus olhos foram em sua direção para encontrar uma bandeja cheia de

comida. Eles devem ter trazido comida enquanto eu tomava banho. Igor, ou quem quer que estivesse nos observando, provavelmente ouviu meu estômago roncar. — Depois vamos embora.

Não havia sentido em fazer perguntas. Eu sabia que Alexei não me daria nenhuma outra informação e que estávamos sendo observados e ouvidos, portanto não podíamos estragar nosso disfarce.

Dei cinco passos até ao carrinho e olhei para as opções. Um croissant e uma caneca de café depois, estávamos voltando para o telhado, onde um helicóptero nos aguardava. Enquanto caminhávamos para o helicóptero, Alexei colocou o braço em volta da minha cintura e me conduziu para dentro do helicóptero. Algo me fez olhar por cima do ombro e, assim que o fiz, senti uma pontada aguda na nuca.

— Alexei... eu... — Minha voz se arrastou e minha visão ficou embaçada. Cambaleei para trás e, como se estivesse em câmera lenta, vi suas mãos me pegarem. Pisquei os olhos, tentando dissipar a névoa em meu cérebro, mas ela não estava se dissipando. Tentei me livrar dela e dar um passo para trás, mas tudo o que acabei fazendo foi tropeçar e meu rosto se plantou no peito duro de Alexei.

— Coloque-a para dentro, — a voz de Igor soou distante, embora ele estivesse logo atrás de nós.

— Alexei. — Eu não tinha certeza se havia dito seu nome em voz alta ou apenas pensado nele.

Então, tudo ficou escuro.

Capítulo 26

ALEXEI

Bem, eu certamente estava determinado a fazer com que essa mulher me detestasse. Meus erros estavam se acumulando rápida e furiosamente. E fazer isso com ela logo depois do que aconteceu entre nós na cama hoje de manhã tornava tudo ainda pior. Ela confiou em mim para vendá-la, prendê-la e transar com ela. E eu retribuí drogando-a.

Aurora estava inconsciente em seu sono quando a porta do nosso quarto se abriu mais cedo. O maldito Igor achou que tinha me pegado desprevenido. Ele nunca aprendeu, e era um milagre que alguém não o tivesse matado até agora. O canalha era um traidor, mas talvez fosse por isso que ele ainda estava vivo.

Fiquei imóvel enquanto ele entrava no quarto, até chegar aos pés da nossa cama.

Rapidamente, saquei a arma que havia escondido atrás do travesseiro e a apontei para ele.

— Est' li shto-to, shto ty hoches'? — Eu lhe perguntei em russo. *Há algo que você queira?*

Ele sabia que se desse um passo em falso, eu explodiria seus miolos.

— Eu vim para conversar, — respondeu ele.

Minha arma ainda apontada para ele, eu esperei. Não havia nada que ele pudesse dizer que me convencesse de que tinha vindo para conversar. Ele provavelmente esperava nos cegar e colocar suas mãos imundas em Aurora.

— Ela terá que ser dopada, — ele finalmente quebrou o silêncio, com os olhos famintos em Aurora. — Não posso permitir que alguém como ela saiba a localização de minha casa.

— *Nyet*²⁶. — Ele estava louco se achava que eu o deixaria injetar qualquer coisa nela.

— É a única maneira. Ela é parente do senador.

Não me surpreendeu o fato de ele ter descoberto sua identidade. Não me preocupei em escondê-la, e isso tornaria tudo mais crível. Ela foi a garota que me ajudou a sair, e agora eu estava nos trazendo de volta.

— Eu cuidarei disso, — gritei. Eu não queria, mas desistir disso não era uma opção.

Sua expressão seguinte era presunçosa. — Vou trazer drogas...

— Não é necessário, — eu o interrompi, de forma gelada. — Ela estará inconsciente antes de entrarmos no helicóptero.

— Eu lhe darei a minha, — insistiu ele. Ele era um tolo se achasse que eu usaria qualquer coisa que ele me desse. Eu tinha um kit médico de emergência em minha mochila e duas doses de um sedativo. Eu o usaria para isso.

²⁶ Não.

No entanto, quando enfiei a agulha em seu pescoço e vi um lampejo de traição em seus olhos, isso mexeu com meu peito. Ela desmaiou em segundos, e eu levantei o corpo sem vida de Aurora para dentro do helicóptero, colocando-a ao meu lado. Eu estava fazendo um bom trabalho para que ela me odiasse quando saíssemos dessa. Mas era Igor ou eu, e eu não confiava que Igor chegasse a menos de um metro e meio dela. Ele estava olhando para ela desde o momento em que nos viu na boate, como se ela fosse a última gota d'água que ele conseguiria.

O pior é que eu nem podia culpá-lo, porque ela se tornou minha salvação aos cinco anos de idade, sem nem mesmo tentar. Ela simplesmente tinha aquela luz que atraía você.

O helicóptero nos levou para o avião particular e, nas dez horas seguintes, passei com o corpo drogado de Aurora ao meu lado. Eu me recusava a deixá-la sozinha por uma fração de segundo, mesmo para ir ao banheiro. Igor riu quando a levei comigo para o fundo da cabine e tranquei a porta. O doente provavelmente presumiu que eu a havia violentado enquanto ela estava inconsciente, porque isso era algo que ele, sem dúvida, faria. Mas tudo o que fiz foi deitá-la na cama grande e depois usar o banheiro. Depois, em vez de voltar para a cabine principal, fiquei com ela, sentado no sofá, e observei a jovem agente dormir na cama.

Truz.Truz. Truz.

— Estamos descendo, — a voz de Igor entrou pela porta.

Não me dei ao trabalho de responder. O suor frio escorreu por minhas costas, mas ignorei o pavor que se seguiu. Eu odiava muito esse país. Fazia dez anos que eu não voltava e, antes disso, haviam sido mais

dez. Não feriria meus sentimentos se eu nunca mais pisasse em solo russo. Cada visita trazia apenas lembranças sombrias e amargas. Meus olhos se detiveram na mulher de cabelos escuros esparramada na cama.

Independentemente do que acontecesse, eu teria que garantir que ela saísse ilesa. Eu já tinha sangue e morte suficientes em minhas mãos, sem a dela. E, de alguma forma, eu não achava que este mundo conseguiria lidar comigo se algo acontecesse com ela.

Levantei-me do meu lugar e fui até à cama, levantei-a em meus braços e, abrindo a porta da cabine principal, carreguei-a para dentro. Sentei-me com ela segura ao meu lado enquanto segurava seu corpo na posição vertical.

Seu cabelo escuro e sedoso cobria seu rosto e eu o afastei gentilmente do caminho. Ela não pertencia ao mundo cruel de Igor e Ivan. Ou ao FBI. Sim, ela era forte e protegia ferozmente seus entes queridos. Mas ela se importava demais. Isso a destruiria, e meu coração se apertou de desprezo por mim mesmo por tê-la usado. Eu deveria ter encontrado outra pessoa, qualquer outra, mas a jovem agente já estava perseguindo o mesmo vilão que eu.

— Ela ficará inconsciente por um tempo, — disse Igor com um sorriso estúpido no rosto. — Pode levar dias. Mais ou menos como quando eles drogaram você e o prenderam no porão para aquelas duas vadias.

Tive que apertar as mãos para não alcançá-lo e sufocá-lo. Ele achou que eu tinha usado sua seringa idiota. Não usei. Mas o fato de que ele esperava que ela ficasse inconsciente por dias se eu usasse a agulha dele

me disse que o desgraçado tinha tranquilizante suficiente para apagar um cavalo, quanto mais uma mulher.

Afastei meu olhar dela e lancei-lhe um olhar assassino que instantaneamente tirou o sorriso de seu rosto.

— É melhor tomar cuidado, Igor, — eu disse a ele, de forma fria.
— Você pode acabar no lado errado das grades. E não será por sexo.

Ele sabia exatamente o que isso significava.

Capítulo 27

AURORA

A escuridão penetrou em meu subconsciente. De vez em quando, eu ouvia ruídos distantes, mas não conseguia determinar se eram reais ou não.

Corra, Rora.

A voz do meu irmão, cheia de pânico estridente, causou arrepios em minha espinha.

Compartilhar é cuidar.

Um gemido saiu de meus lábios quando tentei me deslocar, mas meu corpo parecia pesado demais.

— Está tudo bem. — sussurrou uma voz familiar que eu não conseguia identificar. Uma mão grande me balançou e depois me levantou para me sentar. — Beba.

Algo frio encostou em meus lábios e um gemido escapou. Não percebi que estava morrendo de sede até que uma gota de água fria tocou meus lábios. Abri a boca e bebi avidamente.

— Devagar.

Eu obedeci, embora estivesse ansiosa por mais. O líquido frio desceu bem pela minha garganta. Minha boca estava seca como o deserto

do Saara. Alguém afastou a xícara da minha boca. Cada movimento do material soava muito alto para meus ouvidos. Curiosamente, meus olhos se abriram, mas eu os fechei novamente quando a dor atravessou minha cabeça.

Outro gemido escapou de mim, e lambi a gota de água em meu lábio.

— Relaxe.

Algo se agitou em meu estômago, e eu me inclinei sobre a cama bem a tempo de vomitar tudo o que estava em meu estômago. Não me lembrava da última vez em que fiquei doente, mas isso era péssimo. O ácido estomacal tinha um gosto amargo e queimava minha garganta. Meu corpo se enfraqueceu e um par de mãos fortes me segurou enquanto eu vomitava novamente.

— Está tudo bem. — A voz era fria. Familiar. Eu não conseguia localizá-la. No entanto, ela não me assustava.

Para meu horror, lágrimas escorreram pelo meu rosto. Eu me sentia horrível. Meus ouvidos zumbiam, minha garganta estava irritada e minha cabeça latejava. Eu não me sentia assim desde...

Eu me lembrava exatamente dessa sensação. A última vez que me senti assim foi quando fui anestesiada. No dentista. Quando removeram meu dente do siso.

Limpei a boca com as costas da mão e forcei a abertura dos olhos. Ignorei a dor em minha cabeça e virei a cabeça para encontrar um par de olhos azuis claros me encarando. Ficamos olhando um para o outro enquanto a fúria subia lentamente dentro de mim e lambia minha pele.

— Você me drogou, — eu o acusei, minha voz rouca como uma lixa.

O desgraçado nem se deu ao trabalho de negar. Se eu não estivesse tão fraca, eu o mataria. Mesmo em meu estado de náusea, suas ações me encheram de uma raiva tão profunda que vi vermelho. E estrelas, mas principalmente vermelho.

Respirei calmamente, o hálito ácido e viciado que era o meu, entrando em minhas narinas, e tive que lutar contra a vontade de vomitar. *Respire, Aurora. Respire.*

A raiva era tão amarga que inchava em meu peito, agarrava minha garganta e apertava até eu ver estrelas. Era minha maior fraqueza. Meu temperamento.

Minha mão tremeu de raiva quando o empurrei para longe e entrei no banheiro, com Alexei logo atrás de mim. Mal consegui entrar no banheiro até que minhas pernas fraquejaram e eu teria me ajoelhado se ele não estivesse atrás de mim para me agarrar.

— Eu vou matar você, — gritei, e a ironia da minha situação não me escapou. Eu estava fraca demais para ficar de pé depois de ter sido drogada e estava ameaçando matar meu sequestrador.

Ele não fez nenhum comentário e não precisei olhar para trás para sentir seu olhar apático. Eu gemia enquanto meu estômago revirava.

— Preciso de ginger ale, — murmurei enquanto um calafrio percorria minha espinha. Ninguém além de meus irmãos sabia de minha reação a sedativos. Bastou uma única vez para experimentar e perceber que meu corpo não reagia bem a eles.

E esse idiota me encheu dessa porra.

Lentamente, abaixando-me sobre a bunda, coloquei a cabeça entre os joelhos e respirei uniformemente. Esse era o pior tipo de sensação. Parecia que estava acontecendo com outra pessoa, mas a náusea e a dor eram minhas. Não me preocupei em verificar se Alexei estava comigo ou não. Apenas rezei para que um ginger ale aparecesse magicamente na minha frente para que eu pudesse acalmar meu estômago. Ou água com açúcar... qualquer coisa.

A parte sádica de mim queria ligar para meus irmãos e contar a eles o que esse idiota fez comigo. Depois, eu me sentaria e os veria matá-lo enquanto comia pipoca e tomava refrigerante. Nossa, eu quase podia imaginar como isso seria divertido. Talvez eu o salvasse no último minuto. Ou talvez não. Isso ainda era discutível, considerando o quanto eu me sentia mal.

O estalo do refrigerante soou ao meu lado e meus olhos se voltaram para ele. Alexei se abaixou até meu nível, entregando-me o refrigerante. Torci o nariz.

— Eu não bebo da lata. — Ok, eu soava um pouco malcriada, mas o fato de ter crescido com um pai germofóbico me afetou um pouco. Depois de ouvir comentários sobre ratos lambendo as tampas das latas nos armazéns durante toda a sua infância, era difícil não pensar nisso enquanto você bebia diretamente das latas.

Alexei se endireitou até sua altura máxima, gracioso como uma pantera, e pensei que ele me deixaria à vontade, mas, para minha surpresa,

ele pegou um copo, lavou-o, despejou o ginger ale nele e voltou para mim com o copo.

Ansiosamente, peguei-o de suas mãos e o engoli. Só por isso, eu o salvaria de meus irmãos.

— Não beba muito rápido, — advertiu ele. Ele estava certo, é claro. Forcei-me a diminuir o ritmo, sentindo as bolhas escorrerem pela minha garganta.

A animosidade, misturada com traição, pairava no ar quando nossos olhos se fixaram. *Azul*. Essa cor me faria lembrar para sempre desse homem. Era a cor dele. Azul envolto em escuridão e um lampejo de algo depravado no fundo de seu olhar.

Os segundos passavam, embora parecessem horas. Fui estúpida em oferecer a esse homem uma fração sequer de minha confiança. Mesmo agora, sabendo que ele me drogou, tive que dizer a mim mesma para manter a guarda alta, porque algo nesse homem abalava meus alicerces.

— Era eu ou o Igor a injetar em você. — Sua explicação meio idiota me surpreendeu. Mas havia verdade em seus olhos. Meu instinto me dizia que ele me protegia, embora eu não concordasse necessariamente com a forma como ele fazia isso. — Eu não confiava que ele não fosse matá-la. Ou machucá-la. Eu ficaria louco, e isso arruinaria nossos planos.

— Oh.

Sua voz era baixa, mas veemente, e me deixou muito quente. Era ridículo. Ele fez parecer que *se importava comigo*. E a maneira como ele me observava causou um arrepio em minha espinha. Ficamos olhando um para o outro, com algo inquietante nas profundezas de seu azul ártico.

Estudei sua expressão facial, ou a falta dela, e o tempo todo seus olhos ardiam com algo inquietante. Eu não entendia, mas meu corpo reagia a isso. Eu não entendia essa reação a ele. Eu não *o entendia*. No momento em que eu pensava que ele era um assassino psicótico e neurótico, ele dizia ou fazia algo que me fazia questionar se eu entendia alguma coisa sobre esse homem.

Assassino. Mafioso. Protetor. Amante fabuloso.

Eu não pensaria na última. Isso só me deixaria ainda mais confusa.

Instintivamente, eu sabia que ele não era do tipo que se explicava. Eu já tinha muitos homens desse tipo em minha vida - meus irmãos e meu pai. Que irônico que Alexei fosse tão parecido com eles nesse aspecto. Exceto pelo fato de que ele acabou de se explicar.

Sua presença era fria e intimidadora, mas, por algum motivo idiota, eu não tinha medo dele. Minha razão me avisou que eu deveria ter, mas não tinha. Meu sexto sentido me dizia que ele não teria batido em um homem por ter agarrado minha bunda se quisesse me matar. Ele não teria ameaçado Starkov. Depois, havia essa atração inexplicável, ou o que quer que fosse.

Apesar de todo o meu treinamento e perfil, tive dificuldade em aplicar meu conhecimento adquirido a esse homem. Ele parecia ser uma exceção a tudo.

— Se quisermos fazer isso... — comecei, com a voz um pouco rouca, — ...temos que confiar um no outro. Caso contrário, nenhum de nós sairá vivo dessa confusão. — Ele me observou como se estivesse refletindo

sobre minhas palavras. — Não sei quanto a você, Alexei, mas eu gostaria de sair dessa com vida.

Seguiu-se um longo período de silêncio, com seus olhos fixos em mim.

— Você confiaria em mim? — perguntou ele, com um sotaque mais forte do que eu já tinha ouvido antes. Sua voz era suave e gentil, mas sublinhada com algo cru que provocava arrepios em minha pele.

— Para nos tirar dessa situação com vida, sim, — eu murmurei. O mais assustador é que eu estava falando sério. Isso me confundiu, mas eu não podia ignorar aquela frágil confiança. — Não me deixe na mão de novo, — adverti.

Meu coração bateu com força no peito enquanto eu aguardava sua resposta. Escondendo o impacto que ele tinha sobre mim, sustentei seu olhar. Mais escuro do que o normal, algo depravado se escondia em suas profundezas. E, para minha consternação, eu queria alimentar sua depravação porque, de alguma forma, senti que era para mim. A pergunta era: por quê?

Ele me negou o direito de tocar seu corpo. Ou de beijá-lo. No entanto, quando olhei para aquelas profundezas azuis, pude ver a necessidade nelas.

Seu conforto com o silêncio podia ser tão enervante, mas, naquele momento, eu suspeitava que ele estava discutindo se eu era sincera ou não. Eu estava falando muito sério. Eu queria pegar o idiota que machucava garotinhos e que possivelmente estava ligado ao sequestro do meu irmão.

— Parceiros, então, — disse ele, sua voz sem emoção, enquanto minhas emoções estavam à flor da pele. A mão de Alexei se estendeu e eu coloquei a minha na dele. Enquanto seus dedos se envolviam nos meus, uma lembrança se acendeu em minha mente.

Outro lugar. Em outro momento. Minha mão consolando um garoto grande e assustador, mas que tinha os olhos quebrados e me fez querer abraçá-lo para que ficasse melhor.

Um suspiro agudo passou por meus lábios enquanto eu estudava Alexei. Essa era a razão pela qual eu me sentia atraída por ele. Ele me lembrava aquele garoto com os olhos quebrados. Uma respiração trêmula e agitada deixou meus pulmões.

— Já está se arrependendo? — perguntou ele.

— Não. — Balancei a cabeça enquanto ele ainda segurava minha mão.

O acordo foi fechado.

Capítulo 28

ALEXEI

— Estamos na Rússia? — Aurora perguntou novamente, com os olhos arregalados. Eu acenei com a cabeça. — Em um castelo? — ela perguntou.

Depois de tomar banho e comer, ela fez perguntas à vontade. Expliquei o que aconteceu desde o momento em que a droguei até nossa chegada à Rússia. Não havia muito o que contar, mas ela se sentiu melhor ao saber exatamente quantas horas passamos no helicóptero e quantas horas passamos no avião. Em seguida, ela me perguntou se eu a deixei sozinha com Igor, o Sinistro²⁷.

Ela achava que seu apelido para ele era original e se recusava a abandoná-lo.

— Tem certeza de que não estamos na Transilvânia? — resmungou ela, espiando pela janela. — Estamos em uma maldita ilha? — perguntou ela, com as sobrancelhas delicadas franzidas.

— Sim.

Seus olhos se arregalaram. — Porra, nadar não estava em meus planos.

Franzi a testa. — Você não sabe nadar?

²⁷ Igor, o Creeper. Optamos por traduzir o apelido porque melhor se entender o que ela pensa dele.

— Sim, eu sei nadar, — respondeu ela irritada. — Mas não estou nadando em águas russas. Eu morreria de frio. Odeio clima frio. — Tínhamos isso em comum, então. Eu também odeio a porra do frio. — Também odeio clima úmido, — acrescentou ela. — Quero um clima tropical perfeito, nem muito quente, nem muito frio. O oceano ou mar russo, ou seja lá que porra for isso, definitivamente não se qualifica.

Não me dei ao trabalho de corrigi-la sobre a água que nos cercava. Era um lago que surgiu em 1957 devido à construção de uma usina de energia do distrito estadual.

— Em que parte da Rússia estamos? — ela perguntou.

— Tatarstan. — Eu ficaria surpreso se ela conhecesse a cidade construída por ordem de Ivan, o Terrível, em 1551. A cidade fortificada foi construída em apenas vinte e quatro dias. Eu não achava que o mundo se preocupasse em saber esse pequeno fato inútil, exceto os russos.

Ela encolheu os ombros. — Isso não me diz nada.

— Você tem seu telefone? — Ela olhou ao redor da sala. Não havia linhas fixas. Também não havia câmeras. Toda a ação aconteceria no salão de baile, de acordo com Igor.

— Não.

— Meus irmãos devem estar ficando loucos, — murmurou ela, com a voz carregada de preocupação. — Odeio quando eles se preocupam. — Seus olhos percorreram a sala novamente e depois pararam em mim. — Seus irmãos vão se preocupar?

Dei de ombros. — Provavelmente.

Seus lábios se curvaram em um pequeno sorriso. — Aposto que a preocupação obsessiva de meus irmãos é maior do que a de seus irmãos.

— Provavelmente, — concordei. Como deveria ser. Estou sozinho há mais tempo do que os conheço, então eles sabiam que eu conseguiria. E se eu não conseguisse... Bem, então não era para ser.

— Você é próximo de seus irmãos? — perguntou ela, curiosa.

— Um pouco, — admiti. Eu mataria por eles, mas entraria em um ataque de loucura e assassinato por Aurora.

Ela se encostou na parede, com a janela à sua esquerda. Os raios de sol em seu cabelo escuro realçavam os fios castanhos e ruivos que o atravessavam. Ela era inteligente, elegante e corajosa. E tão linda que eu não conseguia ficar satisfeito com ela. Eu queria ouvir seus gemidos, seus gritos, sua voz. Porra, qualquer coisa. Desde que eu a ouvisse.

— Sou muito próxima de meus irmãos, — admitiu ela suavemente. Seus olhos hipnóticos e escuros olharam para mim e um impulso protetor brotou em meu peito. Porra, eu temia ter ficado tão obcecado por ela que não seria capaz de deixá-la ir embora quando tudo isso acabasse. — Eu os deixo chateados com suas constantes reclamações. Eles se comportam como meus pais desde que nossos pais... — ela fez uma pausa por alguns segundos, e eu pensei que ela não diria mais nada: — Bem, desde que minha mãe morreu quando eu era criança e meu pai não estava por perto. Ele estava muito ocupado subindo a escada política.

Ela suspirou pesadamente e voltou a olhar para a janela, permanecendo em silêncio por alguns minutos. Eu me perguntava que

pensamentos passavam por aquela linda cabeça dela. Era difícil adivinhar quais seriam as próximas palavras ou perguntas vindas dela.

— Estou suspeitando que a natação está em nosso futuro próximo, — anunciou ela, e um arrepio percorreu seu corpo. O canto de meus lábios se contraiu. Seus pensamentos estavam realmente muito dispersos. — Sem ofensa, Alexei, mas a Rússia é uma droga.

— Concordo.

— O McGovan sabe que estávamos indo para a boate ontem à noite? — ela me perguntou. — Ou foi na noite anterior? Não consigo mais controlar o tempo.

Ela ficou fora por quase um dia, então foi há duas noites.

— McGovan não sabe.

Seus dedos afastaram o cabelo rebelde do rosto, e notei o pequeno tremor em suas mãos. Ela estava nervosa. Ela tinha razão para estar, mas me pareceu errado vê-la chateada. Só que eu não tinha muita segurança. Éramos apenas nós dois. Já passei por situações piores, mas eu tinha certeza de que ela não tinha passado.

— Não deixarei que nada aconteça com você, — disse a ela, embora não tivesse o direito de prometer algo assim.

— Somos só nós dois, — ela murmurou. *Contra todos eles*. Foi a parte não dita que a deixou preocupada. — Você vem aqui com frequência? — ela continuou perguntando. Senti que ela precisava de palavras para extravasar seu nervosismo.

— É a primeira vez.

— Oh. — Ela ficou em silêncio por um momento antes de falar novamente. — Como é que você só entrou em cena há mais ou menos cinco anos? — As perguntas de Aurora eram muito confusas. Eu não achava que ela estava fazendo isso de propósito, mas admitia que sua mente funcionava de maneiras misteriosas que não faziam sentido para mim.

— Eu não sabia quem era meu pai. — Era a verdade. Meia verdade. Eu também não sabia quem era minha mãe de verdade. Até que Vasili me contou.

— Desculpe, — murmurou ela, com os olhos voltados para minha mão. Percebi que ela fez o mesmo antes, quando apertamos as mãos. — Eu sei quem é meu pai, mas não o conheço de fato. Se isso faz algum sentido. — Assenti com a cabeça. Eu já imaginava isso. — Ele também já teve outras mulheres, mesmo quando tinha uma namorada fixa. Ou seja lá como se chama isso na idade dele. E tenho certeza de que ele sempre as teve, mesmo quando minha mãe estava viva. Meus irmãos tentaram me manter protegida de tudo isso, mas eu gostaria de conhecer meus outros dois irmãos. Eu sempre quis ter uma irmã e depois descobri que tinha uma. Mas então, será que eu realmente quero atrapalhar a vida dela? Ela parece feliz.

Não me surpreendeu saber que ela conhecia os segredos de sua família. Sua mente era curiosa e inquisitiva demais para deixar as coisas de lado e viver no esquecimento. Ela olhava para um espaço vazio, mastigando o lábio inferior e seus pensamentos em algum lugar distante.

— É claro que, se papai fosse meu marido, eu o deixaria. — Não tive dúvidas de que ela o faria. — E eu levaria as crianças, — acrescentou, seu olhar voltando para mim como se quisesse ter certeza de que eu concordava com ela. Assenti com a cabeça, porque concordava. Se um homem fosse burro o suficiente para traí-la, ele não a merecia. — Meus irmãos se lembram de mamãe. Ela os fez prometer que cuidariam de mim. — Sua voz baixou, com emoções intensas. Não era de se admirar que ela fosse tão próxima de seus irmãos. — Meus quatro irmãos, — ela fez uma pausa, percebendo seu erro, porque apenas três estavam em sua vida. Mas depois continuou: — ...eles sempre cuidaram de mim. Eles mantiveram sua promessa, com certeza.

— Vasili cuidou de Sasha e Tatiana. — Tentei compartilhar. — O pai delas estava ausente.

Ela mastigou o lábio inferior nervosamente. — E quanto a você? — Fiquei em silêncio. Não achei que minha história seria a coisa certa para acalmá-la. — O pai deles era seu pai, certo? — Sua voz era cautelosa enquanto ela falava levemente.

— Sim, mas eu não estava por perto. — Ela esperou ansiosamente que eu explicasse. Era mais do que eu havia compartilhado com alguém em toda a minha vida. Vasili me encontrou e me deu a informação que eu estava procurando por toda a minha vida.

Sentei-me na varanda de minha casa em Portugal, com uma vista para o mar que se estendia por quilômetros. Era para ser uma vista que

oferecia tranquilidade. Pelo menos foi isso que o corretor de imóveis disse quando eu a vi.

Não era o caso.

Basta perguntar ao visitante que acabou de sair, a agitação do mar, refletida dentro de mim. As ondulações causadas pelos ventos na superfície tornam-se instáveis quando atingem águas rasas e começam a se quebrar.

Se isso não era uma metáfora para minha vida, eu não tinha certeza do que era.

Por dentro, eu estava quebrado. Por fora, com cicatrizes. No entanto, a tinta que cobria minha pele escondia tudo o que era feio. Havia apenas um homem que entendia o inferno que se formava constantemente dentro de mim, e ele precisava de mais ajuda do que eu.

Outra onda se chocou contra a costa rochosa, quebrando-a em um milhão de gotículas.

Ao contrário de Cassio e sua turma, eu não sentia uma forte ligação com nenhum deles. Embora eles ainda não tivessem me decepcionado. Mesmo quando eu não pedia a ajuda deles, eles me ajudavam. Como na Rússia.

Se Nico, Luca, Cassio e Alessio não tivessem vindo, eu teria morrido naquela missão de resgate. Mas eu não conseguia estabelecer conexões.

Eu sabia disso; eles sabiam disso.

Isso os fez desconfiar de mim inicialmente. Eu não podia culpá-los, considerando que eu havia experimentado em primeira mão quando se tratava de dois seres humanos, os instintos sempre prevaleciam. Não éramos melhores do que os animais. Na verdade, talvez fôssemos piores.

Uma sombra cobriu parte da varanda, sinalizando que havia alguém atrás de mim. Eu estava de pé em um piscar de olhos, com uma faca entre os dedos. Um homem alto em um terno sob medida estava ali, com as mãos casualmente nos bolsos.

— A porta estava aberta, — disse ele, como se isso explicasse o fato de estar em minha casa.

Eu não o reconheci. O instinto me avisou que ele era implacável e perigoso, mas não para mim. Nossos olhares se cruzaram, e a familiaridade de seus olhos me invadiu. Eles se pareciam com os olhos que eu encontrava no espelho todas as manhãs.

Só que os fantasmas e demônios não se escondiam em seus olhos.

— Alexei? — perguntou ele, quando eu não disse nada.

Ainda desconfiado, peguei minha faca, pronto para dar uma facada em seu estômago. Embora eu suspeitasse que esse cara, apesar de seu traje, fosse tão capaz em combate quanto eu.

— Vejo que isso será mais difícil do que eu pensava, — murmurou ele. — Você fala inglês?

Finalmente, acenei com a cabeça. As famílias com as quais eu ficava geralmente falavam inglês e russo, então eu era fluente em ambos.

— Podemos conversar sem a faca? — perguntou ele, nós dois ainda de pé e de frente um para o outro.

— Nyet.

Algo cintilou em seus olhos azul-claros. — Você fala russo?

Acenei novamente com a cabeça.

— Está bem, então, — ele murmurou. — Vou direto ao ponto. Eu sou Vasili Nikolaev. — O nome despertou o velho ódio contra uma mulher há muito esquecida. A mulher que eu não via desde meu décimo aniversário.

Quando não fiz nenhum comentário, Vasili continuou: — Somos irmãos. Tenho certeza de que você já percebeu isso, devido à nossa semelhança.

Irmãos?

Eu não tinha irmãos. Eu havia matado todos eles no ringue de Ivan. Mas como explicar isso a um mero estranho?

— Meio-irmãos, se você quiser ser exato. Mesmo pai, mãe diferente. Só descobri sobre você há alguns meses. — A amargura brotou em meu peito, como uma piscina sem fundo. Seu sabor era acre. — Conheci sua mãe em seu leito de morte. Ela me implorou para encontrar você.

— Você me encontrou, — eu disse, com a voz rouca.

— Eu esperava que pudéssemos levá-lo para casa, — continuou ele, ignorando minha atitude indiferente. — Sasha é meu irmão mais novo, embora seja um pouco mais velho que você. — Isso não significava

absolutamente nada para mim. — Eu gostaria que nós três trabalhássemos juntos, administrando os negócios dos Nikolaev.

— Já tenho um emprego, — respondi.

Além disso, trabalhar com dois irmãos que tiveram uma educação normal iria alimentar essa amargura dentro de mim. Eu não precisava de um lugar na primeira fila para ver o quanto eu era fodido, sendo colocado ao lado de duas versões de mim que não eram. Supondo que Sasha se parecesse com seu irmão.

— Tatiana é nossa irmã mais nova. Ela é um pouco selvagem, embora tenha acabado de fazer vinte e dois anos, — acrescentou Vasili, como se isso fosse me fazer mudar de ideia. Embora fosse tentador. Proteger uma irmã muito mais nova. Mas ela já tinha dois irmãos mais velhos; não precisava de mais um.

Eu não disse nada, a faca ainda estava em minha mão e os nós dos dedos estavam ficando brancos devido à força do meu aperto. Aprendi cedo que não havia motivo para emoções ou apegos. Nenhum deles importava. Ninguém se importava se você estava com ciúmes, triste, feliz ou bravo. Eles só se importavam com o que você podia fazer por eles.

Pashka. Ilya. Kostya. Eles morreram jovens. Eles tinham essas emoções e se apegavam a elas. Diziam que os bons morriam jovens. Isso só podia significar que eu era ruim.

Embora, naquele momento, fosse difícil ignorar a inveja amarga em meu peito. De Vasili, meu meio-irmão. Era melhor não saber.

— Você também tem outra irmã, da mesma idade de Tatiana. — Algo na voz de Vasili me fez focar em seu rosto. Seria... arrependimento?

— *Isabella Taylor. A mãe dela, sua mãe, acabou de falecer. Ela nunca deixou de procurar por você. — Só que ela nunca me encontrou. Encontrou? — Eu não sabia, mas meu pai também procurou por você. Ele amava sua mãe e minha própria mãe levou você embora.*

Engoli a vontade de cuspir. A porra do triângulo. Ele deveria ter guardado o pau em suas calças e poupado a todos nós um mundo de sofrimento. Não havia nada que Vasili pudesse dizer que me fizesse querer conhecê-los. Qualquer um deles.

— *O pai de Isabella é Lombardo Santos. — O nome imediatamente disparou um alerta em minha espinha. Ele traficava mulheres, assim como Benito King. — Ele não sabe sobre ela, e eu mantereis isso assim. É o mais seguro para ela. — Ele fez uma pausa e eu o observei com curiosidade. Seu maxilar se fechou, embora eu não conseguisse distinguir se era raiva dirigida a Isabella ou ao pai dela.*

Quando eu não disse nada, ele soltou um suspiro e, pensativo, passou a mão pelo maxilar. Quase como se estivesse cansado de tudo. Ao se virar, ele se dirigiu à porta. Parou com a mão na maçaneta da porta.

— *Isabella está sozinha e não sabe nada sobre este mundo, — ele disse. — Nem seu pai. Ela precisará de proteção. — Ele deixou as palavras entrarem na cabeça. — Ou ela acabará sendo vendida se os inimigos de seu pai descobrirem sobre ela.*

A proteção me invadiu. Nenhuma irmã minha seria colocada à venda. Como um maldito objeto. Ela não tinha ninguém. Vasili a estava protegendo, mas ele era apenas um homem.

Ela precisa de mim, meu coração sussurrou.

— *Espere.*

E eu fiz a escolha certa. Vasili e Sasha tornaram-se irmãos, não apenas de sangue. Tatiana era tão selvagem quanto seu irmão a descrevia. E Isabella era a pessoa vulnerável que mais precisava de nós.

Mas a descoberta foi ainda mais amarga do que eu poderia ter imaginado. Nunca me preocupei em explicar a ninguém o que diabos aconteceu na história de nossa família para chegarmos até aqui. O triângulo de nossos pais prejudicou todos nós, de uma forma ou de outra.

— Eu tive uma mãe diferente de Vasili, Sasha e Tatiana. Isabella e eu tivemos a mesma mãe.

Havia uma tensão incômoda entre nós. Ela queria fazer mais perguntas, mas não queria se intrometer. Senti a tensão apertar meus ombros, mas não queria negar-lhe a ela. Assim, quando tudo isso acabasse, ela poderia entender por que eu fiz o que fiz. Pelo menos parte disso.

— Pergunte, kroshka.

— Então você e Isabella cresceram juntos? — Sua voz era baixa, hesitante.

— Não.

— Mas como... — Sua pergunta ficou no ar.

— Fui tirado de nossa mãe antes de sair das fraldas, por isso nunca a conheci.

— Jesus, — ela murmurou, depois engoliu com força. — Acho que nenhum de nós conheceu nossas mães, mas pelo menos eu tinha meus irmãos.

Ela estava certa; ela tinha seus irmãos. Não importava o que acontecesse, os irmãos Ashford garantiam que sua irmãzinha fosse a prioridade deles. Como deveria ser.

Ela se aproximou e se sentou na mesa de centro, na minha frente. Eu me perguntava se era porque ela não queria se sentar ao meu lado ou se queria ver meu rosto com clareza. Aurora era uma daquelas mulheres que confiavam nas expressões das pessoas e não nas palavras.

Suas pernas estavam nuas, o short revelando a maior parte de sua pele nua, e eu seria um homem cego se não notasse isso. Cada centímetro dela era delicioso, e eu tive que apertar minha mão ou correr o risco de estender a mão para ela. Não achei que ela gostaria que eu a interrompesse, questionando. Embora, pelo menos, suas preocupações com nossa fuga parecessem ter parado por um momento.

— Você sabe quem o levou? — ela sussurrou.

— Sim.

— Quem?

— A mãe de Vasili.

Ela ofegou bruscamente. — Espero que você tenha matado a vadia.

Acontece que minha pequena agente do FBI era sedenta de sangue. Uma combinação perfeita de suavidade e fúria. Os cantos de meus

lábios se contraíram. No pouco tempo em que a conheci, senti vontade de sorrir mais do que em toda a minha vida.

— Ela se matou.

— Isso foi bom demais para ela.

— Concordo.

— Onde você estava? — ela gaguejou, e eu tive a sensação de que era porque ela estava com medo da resposta. Aurora, apesar de seu comportamento duro, tinha um coração mole. Esperei, deixando-a ganhar coragem para perguntar. — Seus pais adotivos eram legais?

Lembrei-me dos cinco grupos familiares dos quais me lembrava. Havia pelo menos mais dois que eu não conseguia lembrar.

— Eu me mudava a cada ano, — respondi secamente. — Alguns eram melhores do que outros. Minha última família... — Fiz uma pausa, a lembrança causando um arrepio desconfortável na minha espinha. Sorri com firmeza. — Eles eram boas pessoas. A mãe de Vasili os assassinou na minha frente.

Aqueles olhos quentes se arregalaram de horror e sua mão agarrou a minha. Era de seu coração mole que eu mais gostava.

Que droga! Será que me apaixonei pela agente enquanto não estava olhando? Tudo nela fazia meu sangue ferver em aprovação por tê-la como minha. Só de pensar que algo aconteceria com ela, o sangue corria para o meu cérebro e meus ouvidos zumbiam. Era a sensação mais aterrorizante, porque este mundo não seria o mesmo sem ela.

Seus olhos suaves se voltaram para mim, brilhando com lágrimas. Por mim.

— Sinto muito, — ela sussurrou suavemente, sua mão pequena apertando a minha. — As pessoas podem ser tão cruéis.

Meu Deus, eu queria ficar com ela. Para sempre marcá-la como minha.

— Sim, podem, — confirmei.

E logo ela perceberia o quão cruéis.

Capítulo 29

ALEXEI

Aurora andou de um lado para o outro no quarto.

A deixava louca estarmos trancados aqui. Também me deixava louco, mas eu o escondia melhor. Para o benefício dela. Era de se esperar que, depois de todos esses anos de prisão, eu lidaria melhor com isso.

Quando o jantar passou pela porta, vi Aurora olhando para a porta aberta com ansiedade. Mas havia um guarda ali. Seus olhos se voltaram para mim e permaneceram fixos em mim, como se ela precisasse de força para manter a calma. Acenei com a cabeça, odiando o fato de ela se sentir vulnerável.

Depois que eles saíram, jantamos. Depois, ambos tomamos banho, separadamente, é claro. O sol ainda não havia se posto. Calculei que eram cerca de sete horas da noite.

Sentei-me no sofá, pronto para pegar uma revista, quando sua voz me fez esquecer tudo.

— O que vamos fazer? — perguntou ela, com a voz levemente irritada pelo tédio. — É muito cedo para ir para a cama, — murmurou ela, olhando para mim e depois para o quarto até que seus olhos chegaram à grande cama king size. Ela usava uma das minhas camisetas que chegava

até aos joelhos. — Muito cedo para dormir. Talvez as atividades extracurriculares possam matar um pouco do tempo.

Ao perceber o que havia dito, ela ficou vermelha e olhou para mim. Seus olhos caíram em meus lábios, ela engoliu e desviou o olhar. Mas não antes de eu ver o desejo brilhar em seus olhos escuros.

Um meio sorriso surgiu em meus lábios. — Sou totalmente a favor de atividades extracurriculares, — respondi. Meu pau ficou duro como uma rocha, mais do que disposto a matar todo o tempo do mundo enquanto estivesse dentro dela.

Seus olhos castanhos suaves se fixaram em mim e eu sustentei seu olhar. — Você está disposta a isso? — Eu a desafiei, com minha voz rouca.

Seus lábios se curvaram em um sorriso sedutor. — Sr. Nikolaev, está me provocando? — provocou ela, com a voz ofegante.

Eu não deveria fazer isso. Eu precisava me afastar. Ela já havia se enterrado profundamente em minha pele. No entanto, como uma alma depravada, eu queria brincar. Dominá-la. Possuí-la.

— Estou, — admiti, com aqueles olhos suaves brilhando em mim. Não adiantava mentir para ela. — Está funcionando?

Ela deu um passo em minha direção. Depois outro. Até que estava bem na minha frente, com suas pernas nuas e tonificadas pressionadas contra as minhas. Depois do banho, vesti uma calça de moletom e uma camiseta. Não queria que ela visse minhas cicatrizes. Eu me arrependi de não sentir sua pele contra a minha.

Até essa mulher, um simples toque me causava repulsa. Agora, eu me encontrava desejando-a. No espaço de poucas semanas, essa mulher invadiu minha mente e meu coração. A ideia de nunca mais vê-la me fazia suar frio na espinha.

Toda vez que eu olhava para ela, sentia a paz tomar conta de mim. E felicidade; pelo menos, eu achava que era felicidade. Era um sentimento diferente de qualquer outro que eu já havia sentido antes. Quente, relaxante, leve. Fosse o que fosse, eu queria ficar com ele.

Eu me levantei e ela esticou o pescoço, mantendo os olhos fixos nos meus. Ela era tão pequena comparada à minha estatura que sempre me causava uma onda de preocupação. Que eu a machucasse.

— Cama? — perguntou ela, com a veia do pescoço visivelmente latejando. Ela merecia muito mais do que essa situação de merda. Alguém melhor do que eu.

— Tem certeza? — Perguntei, algo dentro de mim tremia com o medo de sua perda. Eu queria tudo o que ela tinha, mas sabia que era impossível exigir isso. Não com nossa história complicada. E não quando eu não podia lhe dar tudo o que eu tinha.

Porque se eu fizesse isso, eu a perderia. Eu não achava que conseguiria lidar com a repulsa naqueles olhos escuros.

Ela lambeu os lábios, com o peito subindo e descendo.

— Sim, tenho certeza.

Aurora pegou minha mão e nos levou até à cama. Um suspiro trêmulo escapou de sua boca. — Talvez seja a atividade de passar o tempo mais excitante que já fiz, — ela provocou suavemente.

Eu a abracei, com tantas palavras não ditas queimando minha língua, mas que se recusavam a sair. Em vez disso, encostei minha testa na dela, inalando seu perfume e nossas respirações se misturando. Seus lábios se entreabriram e, pela primeira vez na vida, eu quis roçar minha boca na dela.

No entanto, minha mente era uma merda porque meu corpo reagia contra meu coração. Minha mente estava muito fodida. Muito quebrada.

Ela queria um beijo. Eu podia sentir o gosto dele, quase como se fosse uma parte de mim, e me queimava o fato de não poder lhe dar.

— Devo tirar minha camiseta? — ela sussurrou suavemente.

— Deixe-me. — Alcancei a bainha da camiseta e a puxei sobre sua cabeça.

Jesus Cristo.

Ela era linda, parada ali apenas com sua calcinha. Seus mamilos estavam rosados e duros. Eu a sentei na beirada da cama, depois me ajoelhei e levei um mamilo à boca, girando o botão sob minha língua.

Suas costas se arquearam contra mim e ela ergueu as mãos, envolvendo-as em meu pescoço. Percebi que ela estava me tocando. Era instinto da parte dela, mas uma descoberta surpreendente da minha. Isso

não fez meu coração entrar em modo hiperativo. Nem fez com que velhas lembranças se estilhaçassem em minha mente.

Eu apenas *a* senti.

Eu dedicava minha atenção aos seus lindos seios - mordiscando, chupando, mordendo.

— Alexei, — gemeu ela, com os dedos passando pelo meu cabelo. Meu Deus, meu nome em seus lábios soava bem. Como uma canção de amor que eu nunca me cansaria de ouvir.

Puxando sua calcinha pelas pernas, mergulhei meus dedos em sua intimidade e a encontrei encharcada.

Eu rosnei minha satisfação, descendo por sua barriga com minha boca, beijando e lambendo cada centímetro dela. Sua excitação perfumava o ambiente, o vício mais doce e o único que eu jamais teria.

Meu rosto se abaixou entre suas coxas, abrindo-as mais e eu inspirei profundamente.

No momento em que minha boca se conectou com sua boceta, seus dedos se enroscaram em meus cabelos, puxando-me para a frente. Como se eu fosse para outro lugar. Ela era meu lar. Eu a lambi do clitóris até à entrada, engolindo cada gota. Ela tinha um sabor doce, seu gosto explodindo em minha língua.

Minha, as palavras zumbiam em meus ouvidos enquanto eu mergulhava minha língua em sua boceta.

Um estremecimento percorreu seu corpo e meu pau latejou nas calças, exigindo estar dentro dela.

— Oh, porra, — gritou ela, com as pernas tremendo enquanto se abriam mais. — Alexei, p-por favor.

Alternando entre a língua e o clitóris em minha boca, seus quadris balançavam sob mim. Levantei minha mão livre e a apoiei em seu estômago, mantendo-a imóvel. Determinado a lhe dar tudo o que eu tinha. Os gemidos suaves se tornaram mais altos, meu nome cantando em seus lábios.

Pressionando meu rosto em sua profundidade, deslizei meus dedos para dentro, curvando-os para cima e depois os retirei. Em seguida, voltei a introduzi-los.

Suas pernas se apertaram em volta da minha cabeça e ela se encostou no meu rosto.

— Oh, Deus, — ela gemeu baixinho. — Oh, Deus. Alexei, eu vou...

Eu a lambia como se ela fosse a última gota de água que eu teria. Como se ela fosse o oxigênio dos meus pulmões. Minha língua entrava e saía de sua boceta, enquanto meu polegar fazia círculos firmes contra seu clitóris.

Seu corpo inteiro começou a tremer e eu olhei para cima e vi a visão mais linda de todas. Seus olhos semicerrados em mim, escuros e luxuriosos. Sua boca se abriu. Suas bochechas coraram de um vermelho intenso.

Um grito suave escapou de sua boca, seu corpo se arqueou para fora da cama e eu continuei a lambê-la, com a intenção de beber cada gota

de seu suco. Eu gemia contra sua boceta, como se estivesse bêbado com ela.

Lentamente, seus tremores se transformaram em calafrios, e eu lambi seu corpo até que meus lábios encostaram em seu queixo delicado. Sua boca ainda estava entreaberta, seus olhos embaçados e fixos em mim.

Por uma fração de segundo, pensei que ela pediria um beijo. Algo em meu peito se contorceu, tentando-me a ignorar meu medo. No entanto, a ideia de ver pena ou repulsa em seu rosto era demais para contemplar.

— Deite-se na cama, kroshka, — ordenei. — De quatro.

Sem hesitar, ela subiu na cama, com as mãos e os joelhos batendo no colchão. Vim por trás dela, abrindo suas coxas com minhas mãos. Ela virou a cabeça para me olhar, seus olhos refletindo o desejo que eu sentia.

Eu agarrei sua garganta e um gemido vibrou nela.

Todo o meu controle se rompeu. Minha mão agarrou seus fios sedosos e gentilmente puxou sua cabeça para trás enquanto minha boca se conectava com seu pescoço, alternando entre mordidas e beijos. Minha outra mão empurrou minha calça de moletom para baixo e encontrou seu centro quente.

Sem aviso, bati nela, enchendo-a até ao fim. Essa mulher era meu paraíso. Minha salvação. Minha sanidade.

Eu puxei e empurrei novamente. Com força. Profundamente.

— Alexei, — ela ofegou. — Mais forte.

— Você precisa de mais profundidade, kroschka, — grunhi, embora ainda a fodesse com mais força, causando um atrito entre nossos corpos. Eu queria dar a ela tudo o que ela precisava e queria.

— Sim, Alexei, — gritou ela. — Sim, sim, sim.

— Diga meu nome novamente, — rosnei.

Eu a penetrei, com o calor se espalhando por todas as minhas células. Eu a empurro para dentro e para fora. Profundo e com força.

— Alexei, — ela geme, com a voz rouca, meus quadris se movendo profundamente dentro dela. — Alexei, Alexei, Alexei.

Essa mulher estava me consumindo. Ela dava e eu tomava com avidez. Meus quadris batiam nela, as bolas batendo contra sua carne, meu pau a preenchendo até ao fundo.

Eu temia quebrá-la com minha crueldade, mas ela me aceitava bem para cacete. Exigindo mais. Eu a fodi mais rápido e mais profundamente até sentir aquela pressão familiar na base da minha coluna. Aumentei meu ritmo. Empurrando para dentro e para fora. Com força e rapidez. Cada investida me roubava outro gemido.

— Deus, Alexei, — ela gritou. — Por favor, eu preciso de mais de você.

— Quem mais? — Eu rosnei.

— Ninguém, — ela gemeu. — Só você.

Foram palavras ditas no calor da paixão, mas eu as absorvi, deixando-as preencher as rachaduras em meu peito.

— Olhe para mim, — ordenei, minha voz gutural. Olhando por cima de seu ombro, nossos olhos se encontraram e ela estava de tirar o fôlego. Seus olhos estavam cheios de prazer. Seus lábios se abriram. Seus pequenos gemidos e meus grunhidos enchiam o ar. Eu memorizaria tudo. Cada palavra. Cada olhar.

Outro impulso profundo e ela se retesou, sua boceta se apertando ao redor do meu pau. Então, ela explodiu com um grito alto e meu nome em seus lábios. Observei sua expressão enquanto ela se gozava para mim. Somente para mim.

Impulsionei-a durante o orgasmo e a segui até ao limite, quando meus músculos se contraíram e o orgasmo me invadiu. Meu pau sacudiu loucamente, derramando meu esperma dentro dela.

Era tanto que observei o líquido escorrendo pela parte interna de sua coxa e, por uma fração de momento, imaginei se poderia unir essa mulher a mim engravidando-a. Assim, ela poderia ser minha para sempre. Para que nunca me deixasse.

A ideia ridícula se dissipou tão rapidamente quanto surgiu. Ela já me odiaria o suficiente quando descobrisse a verdade sobre seu irmão. Eu não precisava colocar mais lenha na fogueira.

Com a respiração ainda ofegante, ela caiu no colchão.

Rapidamente, vesti minha calça novamente, virei-a de costas e a coloquei em meus braços. Sem hesitar, ela se aconchegou em mim e seus olhos se fecharam.

Sua cabeça repousava em meu ombro, a palma de sua mão em meu coração, como se ela já soubesse que o tinha conquistado.

Soltei um suspiro, sabendo que isso levaria a uma catástrofe. Ainda assim, isso não me impediu de desejá-la.

— Aurora?

— Hmmm. — Seus cílios se abriram e depois se fecharam novamente quando o sono a puxou de volta para baixo. Seu corpo se aproximou mais de mim.

— Você está tomando a pílula?

— Mmmhhmmm.

Nossa segunda noite nesse lugar e Igor já estava organizando uma festa. Isso provavelmente significava que as coisas estavam indo de acordo com o planejado. E, embora eu estivesse ansioso para que elas avançassem, também temia isso.

Porque eu sabia que chegaria o momento em que Aurora me olharia com ódio e repulsa. Eu tinha uma promessa a cumprir, e ela tinha um irmão para vingar.

A porta do banheiro se abriu e Aurora passou por ela.

Fiquei olhando para ela, sem saber o que dizer. Não que eu tenha dito muitas palavras.

— Estou pronta, — anunciou Aurora com sua voz rouca, colocando uma mecha de cabelo rebelde atrás da orelha. Seu cabelo estava trançado em um coque em forma de coroa. Desde nossa conversa anterior sobre meu passado, o clima entre nós havia mudado. Expliquei a ela o que

esperar quando chegássemos ao andar de baixo. Ela não se intimidou com isso. Embora suas palavras ainda soassem em meus ouvidos.

— *Se você deixar outro homem me tocar, cortarei todo o seu pau. Sem anestesia.* — Depois acrescentou algo sobre russos esquisitos e suas orgias. Ela definitivamente nunca se acovardaria diante de mim. A ferocidade de Aurora me fez lembrar da esposa de Cassio. Sim, ela era suave e carinhosa, mas também sabia como cuidar de si mesma.

Ela alisou as mãos no vestido que lhe foi fornecido. Igor o mandou trazer para ela, e eu odiei isso. Não queria que ninguém a sustentasse além de mim. Acho que ela também não gostou muito. Não era seu estilo. Ela geralmente usava vestidos elegantes, discretos e bonitos.

Este estava muito chamativo. Ela usava um vestido cintilante com uma fenda na perna que revelava suas pernas lisas e bronzeadas e sapatos de salto alto combinando com o vestido. As alças de seda do vestido se cruzavam ao redor dos seios, da cintura e dos quadris, mostrando um pouco de sua bela pele. Um conjunto de pérolas pendurado em seu pescoço era tão longo que ela teve de enrolá-lo várias vezes. Eu tinha certeza de que aquelas pérolas tinham outro propósito.

Ela mudou de um pé para o outro, e o material praticamente tremeluziu.

Meus olhos se estreitaram em irritação. Ela estaria tão brilhante que todos os olhares estariam voltados para ela. Eu não queria que os filhos da puta doentes ficassem olhando para ela.

— Não ouse me chamar de bola de discoteca, — ela bufou. Seu rosto não tinha maquiagem, exceto o rímel e o batom claro aplicado. Ela

não precisava de maquiagem para acentuar sua beleza. — Maldito idiota que escolheu essa porcaria de vestido. Ele deveria ser fuzilado por falta de gosto para moda.

Meus lábios se contraíram. Quando ela falava assim, eu podia ver a princesa rica que havia nela. Aquela garotinha vestida com uma roupa elegante para ir ao zoológico.

Alisei uma ruga inexistente em minha manga. Meu terno era sob medida, o que me dizia que Igor havia avisado seu pessoal que estávamos chegando. A questão era se ele havia avisado Ivan. Eu esperava que o lambe-botas que havia nele o tivesse feito.

Um suspiro exasperado deixou os lábios rubros de Aurora e ela zombou, olhando para si mesma.

Era difícil para mim não olhar para ela, independentemente do que ela usava. Ela poderia usar trapos e eu ainda assim não conseguiria desviar meus olhos dela.

De cada palavra que ela falava. De cada olhar que ela me dava. E cada respiração que ela deu ficou gravada na medula de meus ossos. Isso permaneceria comigo até meu último suspiro.

Era difícil acreditar que ela estava aqui comigo. Que eu a tivesse tocado.

No entanto, persistia no fundo do meu peito o medo de que eu a destruísse. Que ela desaparecesse, como tudo o mais costumava acontecer.

— Pronto, kroshka?

Eu me afastaria dela quando Ivan estivesse com os pés no chão. Eu sabia que não poderia ficar com ela. Ela merecia mais. E eu não podia lhe dar tudo o que ela precisava. Mas, apesar das probabilidades contra mim, eu esperava que ela ficasse.

Ela colocou sua mão na minha, girou os ombros e suspirou. — Vamos ver essa maldita orgia.

Passei meu polegar pela palma de sua mão, sua pele tão macia sob meu toque áspero. Um leve arrepio visível sacudiu seu corpo e a parte sádica de mim esperava que ela ficasse viciada em mim para nunca mais me deixar.

— Orgia, hein? — Eu disse secamente, irritado comigo mesmo por sonhar o impossível.

— Não tenho certeza de como chamar isso, — ela admitiu em voz baixa, revirando os olhos. Expliquei a ela anteriormente que seríamos convidados para um evento para nos juntarmos a Igor e seus convidados. Ivan Petrov poderia ser um desses homens.

Sáímos da sala grande e entramos em um corredor grande e luxuoso. Estávamos hospedados em um dos castelos antigos. Somente na Rússia você verá prédios históricos antigos sendo propriedade de criminosos e transformados em algum tipo de show de aberrações.

Enquanto percorríamos o corredor de carpete vermelho, os olhos de Aurora se moviam para a esquerda e para a direita. A casa era iluminada por luzes elétricas, mas com pouca intensidade. As pedras grossas e as janelas pequenas não permitiam a entrada de muita luz solar.

Havia dezenas de quartos, embora parecesse que a maioria deles estava vazia. Fiquei imaginando se os convidados de Igor estavam visitando ou se hospedando aqui. Algumas paredes eram cobertas por tapetes orientais e outras por murais.

Igor parecia estar se saindo bem. Ele até conseguiu se garantir com algumas pinturas.

— Bem, o Sinistro tem uma arte valiosa, — comentou Aurora. — Não tenho certeza se estou impressionada ou enojada com o fato de alguém assim possuir essas peças.

— Enojada, — eu disse a ela.

Um sorriso suave e malicioso brincou em seus lábios. — Você está certo. Totalmente enojada, — ela comentou.

Descemos uma escada que deve ter sido descida pela realeza durante séculos. Eu não pertencia a um ambiente tão grandioso, mas Aurora sim. Ela se movia com graça, como se fosse a rainha e todos os presentes fossem seus súditos.

Os funcionários, que corriam para cima e para baixo, não paravam de olhar para ela. Ela não se encaixava no calibre dos frequentadores habituais de Igor.

Passamos por uma grande sala de jantar formal e finalmente nos aproximamos do salão de baile. Observei o grande saguão e a porta de entrada do outro lado e tomei nota disso. Não me passou despercebido o fato de que os olhos de Aurora também passaram por ali.

Nós nos olhamos por uma fração de segundo e ela assentiu.

Entramos no grande salão de baile e, instantaneamente, a sala ficou mais silenciosa.

— Hora do show, — murmurei baixinho.

A mão de Aurora apertou a minha e ela exibiu seu melhor sorriso falso. Eu a puxei para perto de mim e me inclinei, meus lábios roçando o lóbulo de sua orelha. — Respire, kroschka.

Ela se virou para olhar para mim e me lançou um sorriso automático. Ela já tinha experiência em fingir, considerando quem era seu pai. Mas não gostava disso. O que você via dessa pequena agente era o que você recebia; e eu adorava cada detalhe.

— Meus convidados de honra, — a voz de Igor veio de trás de nós. O maldito sempre gostou de apunhalar as pessoas pelas costas. O mais alarmante é que eu não o havia percebido porque estava muito perdido com essa mulher.

Com a fisionomia bem definida, Aurora se virou lentamente e sorriu para ele. Era um sorriso perfeito para a esposa de um político.

— Olá, Igor, — ela o cumprimentou, fingindo empolgação. — Que casa linda, — ela elogiou.

Igor riu, e o som era demoníaco. A expressão de Aurora não mudou, mas suas unhas cravaram em minha mão.

— Espero que o método da viagem de helicóptero e avião não a tenha ofendido, — ele zombou, com o olhar devorando o corpo dela. Eu queria pegar o garfo mais próximo e arrancar os olhos dele.

Aurora riu, como se estivesse se divertindo, enquanto eu sabia que ela queria matá-lo. Se ela tivesse sua arma, eu tinha certeza de

— Isso acontece mais do que você imagina, — respondeu ela, acenando com a mão livre, como se não fosse nada demais o fato de a termos drogado e contrabandeado para a Rússia.

Igor arqueou a sobrancelha, surpreso com a resposta dela e temporariamente sem saber o que dizer.

— Bem, faremos nossa ronda, — acrescentou ela, com um largo sorriso. Demos cinco passos quando ela se inclinou, sorrindo, e depois sussurrou: — Aposto que aquele desgraçado não esperava por isso.

Aurora gostou demais de sua vitória. Eu deveria saber que seria de curta duração.

Capítulo 30

AURORA

Igor, o Sinistro. Para sempre.

Ele tinha oficialmente um apelido. Talvez eu até o convencesse a ser batizado para que todos os humanos deste mundo pudessem ser avisados.

Alexei pode ser psicótico de uma forma protetora e estranha. Igor era simplesmente um psicopata. Em seu clube de sexo, ele escondia isso. Aqui, em seu domínio, ele o exibia. Só o fato de sentir seu olhar sobre mim já me deixava enjoada e com a pele arrepiada.

Parecia que um milhão de pares de olhos estavam sobre nós enquanto Alexei e eu deslizávamos pelo salão de baile. Fiquei surpresa por não haver nada de pornográfico acontecendo. Até agora, parecia um evento normal de black tie. Com a exceção de que meu vestido parecia uma bola de discoteca e atraía muita atenção.

— Podemos matá-lo quando isso acabar? — murmurei baixinho, alisando o vestido com minha mão livre. Como se isso o tornasse menos perceptível. A única coisa para a qual esse vestido servia era para acender fogo.

— Sim. — Estoico. Sem emoção. Perfeito.

Meus lábios se curvaram e eu olhei para ele, encontrando seus olhos. — Bem, senhor. Por isso, talvez eu o perdoe por ter me drogado.

Ele soltou um suspiro áspero, observando-me sob seus longos cílios, e percebi algo sombrio e emocionante em seu olhar pálido.

Ele ficava bem em seu terno. Na verdade, ele ficava bem em qualquer coisa, mas usar um terno lhe dava uma vibração mais sombria do que o normal. Um assassino bem vestido que poderia quebrar seu pescoço com um movimento. Você nunca o veria chegando. E, de alguma forma, isso o tornava ainda mais notável.

Passeamos pelo salão de baile. Procurei não fazer contato visual. Alexei não disse que o mesmo princípio se aplicava aqui, mas fazia sentido que fosse assim. Os homens daqui me davam arrepios. Como se Igor tivesse ido a todas as favelas do mundo e escolhido os homens mais assustadores, embora bonitos, e depois os tivesse trazido para cá. Eu não tinha certeza do que isso significava para nós.

Um arrepio de nojo percorreu minhas costas.

— Só nós, kroshka, — Alexei murmurou em meu ouvido, e eu esperava que ele estivesse certo, porque havia algumas mulheres lindas aqui e elas olhavam para Alexei como se fosse uma temporada de caça. A fome em seus olhos dizia muito. Achei que ele não teria problemas em arranjar mulheres para si mesmo, apesar de todas as suas tatuagens. Eu jurava que algumas mulheres até tentaram se aproximar dele, mas ele as encarava com um olhar assassino.

Tive que morder a parte interna da bochecha para não sorrir. Gostei do fato de ele ter levado a sério minha advertência. Ele se manteve

grudado a mim, garantindo que nenhum outro homem tivesse a chance de começar a flertar comigo. Então me processe; se eu tivesse que passar por essa merda perversa de ser observada enquanto faço sexo, eu poderia muito bem fazer isso com o melhor espécime deste planeta. E possivelmente de todos os planetas.

— Senhoras e senhores. — A voz de Igor ressoou pelos alto-falantes e eu compartilhei um olhar fugaz com Alexei. — Todos, dirijam-se à sala dos fundos e ao palco. Esta noite será uma noite inesquecível.

— Oh, Jesus, — murmurei em voz baixa. — Isso parece tão promissor.

— Fique perto de mim. — A voz de Alexei era firme. — Não importa o que aconteça.

— Você não conseguiria me afastar de você nem com um alicate, — eu disse secamente.

Ele sorriu, realmente sorriu, a cicatriz em seu lábio se esticou, e eu observei hipnotizada enquanto seu rosto se transformava. Minha respiração ficou presa nos pulmões e algo se agitou em meu peito. Talvez fosse falta de oxigênio, eu não tinha a menor ideia. Mas não conseguia desviar meus olhos.

Sua única sobrancelha se ergueu, como se ele estivesse se perguntando para onde eu estava olhando. Pisquei os olhos e limpei a garganta.

— Eu não sabia que você realmente sorria, — eu murmurei. Desviei o olhar dele e olhei para a multidão que já estava correndo para a outra sala. — Você deveria fazer isso mais vezes. Até que é legal.

Senti minhas bochechas esquentarem com minhas palavras. Fiz sexo com ele em uma boate e no banheiro com a porta aberta para que Igor, o Sinistro, pudesse ver ou ouvir, e corei ao elogiá-lo. Tão nerd.

— Vou me lembrar disso, — respondeu ele.

Fomos os últimos a entrar na sala dos fundos, onde a *ação* deveria acontecer. Dei um passo para dentro e parei.

— Uau. — Não era o que eu esperava.

O piso preto aqui estava brilhando com perfeição, você quase podia ver seu reflexo nele. Os lustres foram abaixados e as luzes foram diminuídas, dando a impressão de que você estava entrando em um mundo separado. Algumas pessoas já estavam em seus próprios grupos, tocando-se, beijando-se, gemendo. Outras se misturavam e algumas apenas conversavam. Eu odiava admitir isso para qualquer pessoa, mas a sala parecia ter um apelo sexual.

Meu coração disparou e tive de apertar as coxas. A reação do meu corpo ao ambiente estava me assustando.

Engoli com força, subitamente insegura. Alexei me deu uma ideia do que esperar, mas eu não esperava ficar excitada. Então, como se fosse um sinal invisível, os olhos de todos se voltaram para nós e um murmúrio baixo se espalhou ao redor.

Alexei me empurrou gentilmente para a frente e caminhamos lentamente pela sala. Meus olhos percorreram-na, passando pelos rostos de mulheres e homens, mas nenhum deles me parecia familiar. Eu também não conseguia ver Igor.

— Igor não está aqui, — murmurei baixinho.

Um aceno de cabeça quase imperceptível de Alexei. Eu deveria saber que ele também notaria. Um homem desconhecido se aproximou de nós e eu me enrijeci, evitando olhar para seu rosto. Eu estava apavorada com a possibilidade de dar uma impressão errada.

— Sr. e Sra. Nikolaev, — ele nos cumprimentou e uma risada ligeiramente histérica escapou de mim. Dois pares de olhos se voltaram para mim e eu silenciosamente amaldiçoei. — Desculpe, — murmurei. — Nervosismo.

De alguma forma, não achei que alguém aqui me tomasse pela esposa de Alexei. Talvez tenham usado o sobrenome dele, já que não sabiam o meu.

— Como vocês são nossos convidados de honra, — continuou o homem, provavelmente me rotulando de idiota em sua mente, — ...podem se sentar no trono.

Ele apontou para o centro da sala. Alexei e eu seguimos a direção de sua mão e meu queixo caiu. Havia um trono, um trono de verdade, colocado em um patamar redondo e elevado no centro da sala.

Isso só podia ser uma piada. Minha boca secou e, de repente, o oxigênio parecia escasso. No clube de sexo, a sala VIP era semiprivada. Mas essa... essa era totalmente aberta. No centro da porra da sala.

Meus olhos se voltaram para Alexei. Meus olhos deviam estar arregalados, com um olhar de cervo nos faróis.

— Perfeito, — respondeu o homem e me guiou até ao trono.

— Respire, kroshka. — Seu hálito quente em meu ouvido me fez inspirar profundamente e depois expirar lentamente. Segui seu exemplo em uma névoa, cada passo de meus saltos altos como um martelo contra o piso de mármore. Estava tudo *tão* silencioso nesta sala.

Eu só precisava me concentrar em Alexei e conseguiria superar isso. Ele era minha rocha nesse oceano. Ou como quer que seja a porra do ditado. Eu só sabia que ele me fazia sentir segura. Eu confiava nele para nos ajudar a superar isso, pegar o maldito pervertido que estava sequestrando garotos e então sairíamos desse show de horrores.

Talvez eu não prenda o Sr. Nikolaev, afinal de contas, pensei comigo mesma. Ele meio que se enraizou em mim. Não tinha certeza de como ou quando, mas comecei a perceber seu apelo. Sim, ele era rude e tenso, mas havia luz em sua escuridão. Era cru e raro.

Alexei se afundou na cadeira, como se fosse um rei e pertencesse a ela, e me puxou para o seu colo. Eu meio que esperava que ele acenasse com a mão para seus súditos e ordenasse que continuassem com sua farsa sexual.

Então, como se tivesse lido meus pensamentos, ele fez exatamente isso.

— *Bow-chick-a-wow*²⁸, — murmurei com o canto da boca, só porque não consegui resistir.

Alexei afundou ainda mais na cadeira, com as mãos nos meus quadris, puxando-me mais para o seu colo. Ele me reposicionou de modo

²⁸ Expressão sem tradução à letra mas que significa um eufemismo para o sexo, como sons bregas ou música.

que minhas costas ficaram pressionadas contra seu peito. Eu me mexi levemente e minha bunda acidentalmente se chocou contra seu pau duro.

Olhei para seu rosto por cima do meu ombro e ele ergueu uma sobrancelha, enquanto seu braço envolvia minha cintura.

— Relaxe, kroshka.

Forcei um sorriso. — É fácil para você dizer isso.

Era impossível relaxar com suas mãos sobre mim. Suas coxas estavam firmes embaixo de mim e o homem estava duro. Mexi um pouco os quadris e senti seu pau grosso contra a minha bunda, o que me fez esquecer de todos ao nosso redor. Seu rosto não tinha expressão. Na verdade, ele parecia entediado.

Um gemido alto me fez voltar minha atenção para a sala ao nosso redor. Havia pelo menos cinquenta pessoas naquele espaço. E, por um momento, esqueci-me completamente de Alexei enquanto um vestido escorregava de uma mulher alta, deixando-a nua para todos verem.

Ela não tinha calcinha. Nem sutiã. Embora eu tivesse que admitir que ela era deslumbrante. Curvas deliciosas. Cabelos longos e escuros. Seus olhos percorriam uma multidão de homens, um convite claro neles, e eu preendi a respiração enquanto esperava.

Um homem deu um passo à frente. Depois outro. E mais outro.

Virei a cabeça ligeiramente, incapaz de desviar o olhar da cena. Certamente os três não...

Não consegui concluir o pensamento.

— Ela escolhe um? — sussurrei. Sim, meus olhos estavam voltados para a mulher e para os três homens, mas meu corpo e minha mente se agarraram a Alexei.

— Ou todos.

Um sorriso se espalhou no rosto da mulher e ela sussurrou algo que somente os três homens à sua frente puderam ouvir. No segundo seguinte, os três homens a rodearam, com as mãos passando suavemente por seu corpo.

— Malditas orgias russas, — murmurei baixinho, embora não pudesse negar o impacto que essa cena tinha sobre mim. O desejo me invadiu e minhas coxas se contraíram. Relaxei ainda mais contra Alexei.

A mulher devia estar gostando da atenção generosa, pois seus olhos se fecharam e sua cabeça caiu para trás. Os três levaram a mulher cinco passos para trás, onde notei que havia uma Cruz St. Andrew. Como pude deixar passar algo tão grande quando entramos, não fazia ideia e só podia culpar meu nervosismo.

Apesar de tudo, não consegui desviar o olhar do grupo e preendi a respiração quando a mulher ergueu os braços no ar. Um dos homens estendeu a mão para o lado da cruz e pegou uma sacola. Ele pegou uma corda e começou a amarrar os pulsos da mulher, enquanto o segundo homem pegou outra corda e se ajoelhou. Ele começou a amarrar seus tornozelos, deixando-a de pernas abertas. O terceiro homem estava lhe dando beijos no pescoço.

Engoli com força e depois inspirei lentamente. O desejo entre os quatro era palpável e visível, mesmo de nosso lugar. A cada segundo que

passava, a pulsação entre minhas coxas aumentava e minha respiração ficava instável.

A mulher estava aberta, não apenas para que os três homens a vissem, mas também para toda a sala. Os gemidos que saíam de seus lábios e o olhar de êxtase em seu rosto me diziam que ela estava gostando de tudo o que aqueles homens estavam fazendo com ela. O rubor se espalhou por sua pele e, por alguma razão maluca, eu quase desejei sentir o prazer que ela estava sentindo.

Quase. Mas somente com um homem. Aquele que tinha sua mão grande firmemente em meu quadril.

Eu me mexi desconfortavelmente e senti sua protuberância ainda mais forte sob minha bunda e um suspiro agudo escapou por meus lábios. Senti o hálito quente de Alexei em meu pescoço, seus lábios tão próximos que quase podia senti-los em minha pele.

Suas mãos percorreram minha barriga, seus dedos fazendo círculos preguiçosos sobre a pele exposta e um arrepio percorreu minha espinha.

— Quer que eu a toque, kroschka? — ele soprou em meu ouvido e, em seguida, mordeu gentilmente o lóbulo da minha orelha.

Isso era uma loucura. Ele mal estava me tocando e fogos famintos lambiam minha pele. Meu âmagô doía de necessidade, e eu sabia que somente ele poderia saciá-la.

Eu me mexi ligeiramente e minhas pernas se abriram. Essa foi a minha resposta, mas eu deveria saber que não seria suficiente para ele.

— Diga-me, — ele exigiu, sua voz áspera em meu ouvido.

— Por favor, me toque.

Ele arrastou o dedo ainda mais pela minha cintura e o enfiou por baixo do vestido. A fenda lateral do vestido lhe deu a abertura perfeita. Ele estava cada vez mais perto do meu âmago, e eu tremia de ansiedade. Minhas pernas se abriram mais e seu dedo indicador passou sobre minha calcinha, fazendo com que um gemido abafado escapasse por meus lábios. Inclinei-me mais para ele, desejando mais dele. Mais de seu calor.

Minha mão cobriu a dele e meus quadris se chocaram avidamente contra sua palma.

— Você está encharcada, kroshka. — Seu sotaque engrossou e, droga, isso me excitou ainda mais. Isso era apenas luxúria? Porque eu confiava nele para me ajudar a superar isso e não permitir que mais ninguém se aproximasse de mim. Eu não fazia ideia do motivo.

Lambi os lábios e meus seios pareciam mais pesados a cada respiração profunda que eu fazia. Ele se moveu lentamente, muito lentamente, e quando finalmente tocou minha boceta, outro gemido vibrou em mim enquanto meus olhos se fechavam. A sala inteira estava esquecida. A única coisa que eu podia sentir era Alexei.

— Por favor, — gemi baixinho, me esfregando contra sua mão.

Sua outra mão agarrou meu quadril e ele apertou o punho.

— Vamos fazer isso do meu jeito, — ele gemeu em meu ouvido.

Abri mais as pernas, com um pequeno gemido. — Preciso de mais.

Ele enfiou a mão dentro da minha calcinha e, no momento em que senti seus dedos contra meu clitóris, minhas costas se curvaram e minha cabeça caiu para trás contra seu ombro. Isso era diferente do que havíamos feito até então. Era mais lento. Mais preguiçoso. Mais sensual.

Em algum lugar no fundo da minha mente, eu podia sentir os olhos de todos sobre mim, mas não me importava. Naquele momento, tudo o que me importava era perseguir esse prazer. Seu dedo roçou em meu clitóris, espalhando a umidade sobre ele, e tive de engolir meu gemido.

— Eu vou arruinar você, kroschka. — Sua voz ficou mais grave e gutural. E aquele maldito sotaque russo estava me matando. Lentamente, da maneira mais deliciosa. Seu dedo escorregou para dentro de mim e minha boceta se apertou com avidez por mais. Ele moveu a mão para que a palma roçasse em meu clitóris enquanto enfiava e tirava os dedos.

Meus quadris se ergueram novamente. O fogo ardeu no fundo do meu estômago. Eu precisava de mais, muito mais, e sabia que ele era o único que poderia me elevar a alturas inimagináveis.

Todo o meu corpo se contraiu, minhas paredes internas agarraram seus dedos, mas não era suficiente.

— Sua boceta é minha, — grunhiu ele em meu ouvido. Possessivo e duro, enquanto seus dedos me penetravam profundamente.

— Sim, — gemi, perseguindo o prazer sem pensar. Estendi a mão direita atrás de mim e puxei seu pescoço, meu corpo macio pressionado contra o seu corpo duro. Seu polegar circulou meu clitóris enquanto ele adicionava outro dedo e empurrava profundamente dentro de mim, atingindo meu ponto G. — Ah, porra, — gemi em voz alta.

Em algum lugar distante, eu estava ciente de carne batendo contra carne. Outro conjunto de gemidos e grunhidos. Mas todos os meus sentidos estavam voltados para esse homem. Meus lábios ardiam com a necessidade de sentir sua boca na minha. Eu teria dado qualquer coisa para que ele me beijasse, com a luxúria percorrendo meu corpo. Eu estava intoxicada com essa necessidade. Por ele.

Ele continuou a empurrar para dentro e para fora. Com força e profundamente. Eu estava perto. Muito perto.

— Uma boceta tão apertada, — ele gemeu. Meus quadris cavalgaram sua mão, com força e necessidade. Eu estava me esforçando. Minha pulsação batia freneticamente em meu peito. Eu podia sentir o olhar de Alexei em mim, seus lábios no lóbulo de minha orelha, sussurrando coisas imundas. — Mostre a todos o que eles não podem ter.

Minha exalação saiu em um pequeno soluço quando seus dedos se empurraram, minhas entranhas tremeram e meus ouvidos zumbiram. Minhas pernas em ambos os lados de suas coxas, não havia como confundir o que estávamos fazendo. Eu estava à mostra para todos verem. No entanto, eles não podiam ver minha boceta, porque Alexei fez com que meu vestido e sua mão me cobrissem da vista deles.

Meu orgasmo dançou na base da minha coluna. Iminente. Minha respiração saía irregular e entrecortada a cada movimento de meus quadris contra sua mão. Sua outra mão livre foi até meus seios e ele beliscou meu mamilo através do vestido.

Com uma das mãos atrás de mim, enrolada em seu pescoço, e a outra segurando sua coxa, eu cavalgava seus dedos enquanto o prazer se

enrolava cada vez mais em mim. Eu estava tão perto. Alexei mordeu o lóbulo de minha orelha, seus dedos apertaram meu mamilo e gozei mais forte do que nunca. Foi como cair da montanha mais alta.

Palavras incoerentes saíram de minha boca misturadas com gemidos enquanto eu surfava onda após onda do mais belo prazer. E então, tudo o que consegui fazer foi cair de costas contra ele, enquanto ele me abraçava.

Seus dedos saíram de dentro de mim e ele os levou aos meus lábios. Sem que ele pedisse, abri os lábios e senti meu gosto em seus dedos. Ele murmurou sua aprovação, e eu jurei que meu peito brilhava como uma lâmpada de cem watts.

— Minha kroshka.

— Esqueci de ver o que isso significa, — falei, porque não sabia mais o que dizer, e estava curiosa para saber o que significava desde a primeira vez que ele me chamou assim.

— Minha garota.

— Oh. — O rubor aqueceu minhas bochechas e algo de vertiginoso se formou em meu peito. *Sua garota*. Eu queria ligar para Sailor e Willow e gritar, e contar a elas o que tinha acabado de acontecer. Sim, minha razão tinha me deixado e provavelmente tinha voltado para Nova Orleans.

Quando meus sentidos voltaram lentamente, percebi que os olhos de todos estavam voltados para nós. Era oficial. Eu havia perdido a cabeça. A vergonha me invadiu, mas antes que ela pudesse se agravar, a voz de Alexei sussurrou em meu ouvido. — Você é linda quando goza por mim.

E, sem mais nem menos, todas as inseguranças se dissiparam. Ninguém mais importava, a não ser ele. Sim, minha mente havia desaparecido. Muito possivelmente meu coração também.

— E quanto a você? — murmurei baixinho, arriscando uma olhada por cima do ombro. Um desejo sombrio cintilou em sua expressão e o calor se acendeu em seu olhar. Isso provocou um desejo ardente em minha corrente sanguínea.

— Pombinhos, essa foi uma performance e tanto, — a voz de Igor soou atrás de mim e eu me assustei. A expressão de Alexei mudou para a habitual, que fazia o gelo correr pelas veias. Só que, para mim, não era mais assim. — Você roubou os holofotes.

Alexei não disse nada, mas lentamente virei a cabeça para ver os olhos de Igor fixos em mim.

— Desculpe. — Eu não sabia mais o que dizer. As linhas estavam ficando borradas. Esse era o meu caso para levar um sequestrador de crianças à justiça, mas aqui estava eu no meio de uma performance sexual e deixando um homem me tocar. Pior ainda, eu havia gostado.

— Veremos você retribuir? — A pergunta de Igor deixou minha espinha tensa. — Esqueci de mencionar... a roupa não é opcional durante o prazer. — A palma da mão de Alexei pousou na parte inferior das minhas costas, o toque reconfortante e quente. Eu esperava sinceramente que Alexei conseguisse acabar com esse imbecil.

Meus lábios se curvaram em um sorriso e eu até ousaria dizer que não foi muito forçado. Pode ter sido por causa do orgasmo que acabei de sentir. Voltei meus olhos para Alexei.

— Sim. — Porra, eu disse ‘*sim*’? Devo ter surpreendido Alexei também porque seus olhos se arregalaram um pouco antes de voltarem ao olhar vazio normal. — É claro que só há espaço para dois nesse pedestal, — acrescentei sem fôlego.

Alguém, por favor, coloque um pouco de juízo em minha cabeça. Se algo assim chegasse ao conhecimento dos repórteres, com ou sem trabalho secreto, a carreira do meu pai seria arruinada. E a chance de Byron ter uma carreira política acabaria antes mesmo de decolar.

Meu Deus.

— É claro, é claro. — Igor esfregou as mãos e eu tive vontade de bater nele. — Deixe-me ajudá-la a se despir antes de deixar os dois pombinhos à vontade.

— Não. — Alexei e eu dissemos ao mesmo tempo. Só que o ‘não’ dele era mais um rosnado. — Somente minhas mãos sobre ela, — advertiu ele, sua voz era assustadora como a merda, mas eu estava feliz por isso.

Igor se afastou e eu me levantei lentamente, com os joelhos um pouco trêmulos. O braço de Alexei envolveu minha cintura enquanto ele se levantava.

— Tem certeza, *kroshka*? — Sua respiração estava quente em meu ouvido, sua boca na parte sensível do meu pescoço. Para qualquer outra pessoa, parecia que ele estava enchendo meu pescoço de beijos.

— Sim, — eu ofeguei. Eu me concentraria apenas nele.

Senti seu corpo tenso e me afastei um pouco para olhar para ele. Nossos olhares se encontraram e algo sombrio se escondia em seus olhos azuis glaciais. Escuro e frio. Eu tinha certeza de que não estava mirando em mim, mas se estivesse, eu ficaria com medo.

Ele abaixou a cabeça novamente e pressionou a boca na parte sensível do meu pescoço, logo abaixo da minha orelha.

— Não vire a cabeça para longe de mim, — sua boca se moveu sobre minha pele. — Ivan está na varanda, à nossa direita. Este é nosso último teste.

Meu coração tropeçou, depois acelerou em uma velocidade perigosa. Tive de lutar contra a vontade de olhar para aquele lado, em vez disso, concentrei-me na boca de Alexei em meu pescoço e em suas mãos sobre mim. O som suave do zíper encheu o ar e meu vestido deslizou até meus pés. Ao sair dele, o ar frio causou arrepios em meu corpo.

Frente a frente, ele era uma cabeça mais alto do que eu e eu mastigava nervosamente o lábio inferior. Eu estava tão fora do meu elemento aqui. No meu lugar, Willow saberia exatamente o que fazer. Ela se ajoelharia com confiança e começaria a trabalhar, parecendo uma maldita deusa enquanto fazia isso. No entanto, tudo o que consegui fazer foi ficar parada e olhar.

Engoli com força, enquanto meu coração martelava contra meu peito. Alexei se aproximou de mim e suas mãos passaram ao redor de minha garganta para tirar meu colar de pérolas ridiculamente longo.

Antes mesmo que eu pudesse pensar no motivo, ele deu uma ordem. — Seus pulsos.

Minha cabeça girou para olhá-lo por cima do ombro. — Por quê?

— É a única maneira.

Sua explicação não fazia sentido para mim, mas, obedientemente, coloquei minhas mãos para trás e ele as amarrou nas minhas costas. Com minhas pérolas. Provavelmente o melhor uso para pérolas que eu já tinha visto, mas a decepção tinha um gosto ligeiramente amargo. Ele não queria que eu o tocasse.

Ele deu a volta e se sentou na cadeira do trono, com as pernas bem abertas.

— Chegue mais perto, kroshka. — Meu Deus, seu sotaque era mais forte do que eu jamais ouvira. Havia uma escuridão erótica à espreita em seu olhar, atraindo-me.

Passei por entre suas pernas, nós dois nos encarando, com um comando claro em seus olhos.

Sem demora, tirei meus saltos e deslizei para me ajoelhar entre suas coxas.

Capítulo 31

ALEXEI

Aurora tirou os saltos e se ajoelhou, vestindo apenas uma calcinha preta e um sutiã rendado combinando. Seus olhos escuros me observavam com fome, seus lábios ligeiramente entreabertos. Precisei de toda a minha contenção para não dobrá-la sobre o trono e fodê-la sem sentido.

— Por que não posso tocá-lo? — sussurrou ela, com a decepção colorindo sua voz e sua expressão triste.

Passei meus dedos em sua bochecha, sua pele macia sob os nós dos dedos. Eu sofria, na verdade sofria muito, por não poder lhe dar tudo o que ela precisava. Mas ela nunca mais olharia para mim da mesma forma se eu a deixasse me tocar. Se ela sentisse as cicatrizes. Eu preferia que ela tivesse ódio a pena.

Ajoelhada entre minhas coxas, ela me olhou com expectativa. Tive de deixar de lado todos os meus sentimentos e me concentrar no agora. Mantê-la segura. Tirá-la dessa situação com vida.

— Sem tocar, kroshka.

Ela soltou um suspiro triste e meu peito se apertou, então ela sorriu.

— Então me dê seu pau, — murmurou ela, revirando os olhos, e isso me deu vontade de bater nela. Depois esfregar sua bunda redonda e beijá-la ainda mais. Ninguém nunca havia me feito sentir assim, e eu suspeitava que ninguém faria novamente.

Meu coração deu um baque surdo, e algo em meu peito doeu, mas eu o esmaguei bem no fundo.

Abri a braguilha da minha calça e meu pau se soltou, chegando até ela. Seus olhos escuros ficaram embaçados e ela lambeu os lábios. Eu estava duro como uma rocha e o pré-sêmen brilhava no topo do meu pau.

Ela se inclinou para a frente, com os pulsos amarrados com pérolas atrás dela, e levou meu pau à sua linda boca. Meu pau pulsava enquanto ela me chupava e seus pequenos gemidos vibravam em mim. Todos os músculos do meu corpo ficaram tensos e tive de lutar contra o desejo de penetrar fundo em sua garganta. Eu queria deixá-la explorar, aproveitar isso tanto quanto eu estava aproveitando.

Porra, se eu morresse assim, seria uma maneira gloriosa de morrer.

Ela lambeu meu pau com a língua como se fosse um pirulito, fazendo pequenos ruídos ofegantes de aprovação. Só o fato de ouvir esses ruídos poderia me fazer derramar, mas eu ainda não estava pronto. Seus olhos se ergueram para mim, e o olhar em seu rosto me deixou sem fôlego.

Minha mão tremia enquanto eu alisava os fios rebeldes de seu rosto.

Meus quadris avançaram e meu pau penetrou mais fundo em sua garganta. Ela piscou e eu parei. Não queria machucá-la.

Embora o pequeno ruído de protesto que ela fez, quase me tenha feito sorrir. Eu a desejava mais do que qualquer outra coisa em minha vida. Ser perfeito para ela. No entanto, era tão óbvio o quanto eu estava quebrado. Eu não podia nem mesmo permitir o toque que ela precisava. Ou beijos.

E ela estava me dando muito.

Levantei-me lentamente e meu pau deslizou para fora de sua boca exuberante com um som suave de estalo.

— Qual é o problema? — Sua voz era rouca, suave e sem fôlego. Suas bochechas estavam coradas com sua excitação.

Bati suavemente em seu lábio inferior com o polegar. — Preciso de mais força. — Um suspiro suave e o desejo em seus olhos me disseram que ela estava disposta a isso. — Se ficar muito forte, pisque duas vezes.

— Não será demais. — Ela parecia convencida.

Introduzi meu pau em sua boca, que aguardava, empurrando-o lentamente mais fundo até que eu estivesse enterrado completamente em sua garganta. Ela gemeu baixinho, e foi tão erótico que um arrepio percorreu todo o meu corpo. Os olhos de Aurora lacrimejaram, mas ela se recusou a piscar, aqueles olhos cor de chocolate me atraindo.

Comecei devagar para que ela tivesse tempo de se ajustar ao meu tamanho. Ela chupou e lambeu avidamente, balançando a cabeça para cima e para baixo, rompendo o fino fio de autocontrole que me restava. O desejo sombrio tomou conta de mim e seus gemidos enviaram vibrações por toda a minha espinha.

Meu ritmo aumentou, penetrando cada vez mais fundo e mais rápido em sua boca. A plateia prendeu a respiração, mas eu estava tão perdido nela que não conseguia distinguir ninguém. Minha respiração ficou irregular. Os únicos sons eram de carne batendo contra carne e seus pequenos gemidos. Eu estava enterrado tão fundo em sua garganta que eu esperava que ela finalmente piscasse.

Seus olhos se fecharam e o ciúme irracional de que ela pensasse em outro homem com os olhos fechados percorreu minhas veias.

— Olhe para mim enquanto eu fodo sua boca, — grunhi.

Seus lindos olhos escuros se abriram e o olhar em seus olhos quase me fez acreditar que ela também queria isso. Que ela poderia me amar. Sua submissão naquele momento era completa. O prazer crescia em minha espinha a cada investida, ameaçando me despedaçar.

Lágrimas escorregaram dos cantos de seus olhos, e eu gentilmente segurei seu rosto, depois as limpei com meus polegares enquanto continuava a penetrá-la brutalmente.

Outro gemido dela vibrou em mim e eu gozei em sua boca. Ela me chupou durante meu orgasmo que ardia como um incêndio. Ela era magnífica.

Observei meu esperma escorrer pelo canto de seu lábio. Ela passou a língua para lambar uma gota de esperma do canto da boca. Juro que nunca vi nada tão erótico.

Essa mulher era minha dona, e ela nem sabia disso.

Puxei-a para que ficasse de pé e me aproximei por trás dela para desamarrar seus pulsos. Ela cheirava a chocolate e sexo, e não pude resistir a inalar seu aroma profundamente em meus pulmões. Assim, ela permaneceria enterrada ali, parte do meu oxigênio.

— Kroshka. — Esfreguei seus pulsos, examinando seu rosto para ver se ela estava bem. Ela estava tão linda.

O horror entrou em seus olhos, mas antes que eu reagisse, ouvi a tão temida voz.

— Alexei.

Capítulo 32

AURORA

Compartilhar é cuidar.

Eu o reconheci no momento em que o vi. Eu queria correr. Queria gritar. Mas fiquei congelada enquanto meu coração batia contra o peito, tornando impossível respirar.

Compartilhar é cuidar, garotinha.

O ódio corria em minhas veias e os nervos estalavam sob minha pele.

— Ivan, — disse Alexei com frieza, enquanto tirava a jaqueta e a colocava em meus ombros. Rapidamente enfiei os braços nas mangas e a abotoei para que cobrisse meu peito. O perfume único de Alexei me envolveu e foi como uma injeção de força. O fato de que a maior parte do meu corpo estava protegida da visão de Ivan pela jaqueta de Alexei ajudou.

— Que bom ver você, — disse Ivan, com os olhos voltados para mim. Eu odiava seus olhos em mim. Escuros e cruéis. Malignos e ameaçadores. Esse homem gostava de infligir dor - física e mental. Eu apostaria minha vida nisso.

Meus olhos percorreram sua comitiva. Seus grandes guarda-costas e uma mulher que estava ao lado dele. Não, não era uma mulher. Uma concha. Seus olhos estavam vazios. Ela era magra e frágil. Parecia

que estava olhando para um fantasma. Seus cabelos brancos estavam em um chignon perfeito, os diamantes ao redor do pescoço brilhavam. Como se tentassem compensar o vazio de sua dona.

No entanto, havia algo de estranho nisso. Como se ela estivesse escondendo algo. Mas o que poderia ser? Ela devia estar na casa dos setenta anos, mas eu não tinha certeza.

— Não posso dizer o mesmo, — disse Alexei, de forma irônica, e minha atenção deixou a mulher e voltou para Ivan.

Encontrei os olhos de Ivan já em mim, me encarando, e um arrepio de nojo percorreu minha espinha. Embora eu afirmasse que o modus operandi do sequestro era igual ao do meu irmão, nunca acreditei que ficaria cara a cara com ele novamente.

— Srta. Ashford. — Ele sabia meu nome.

Não é mais possível estar disfarçado, pensei comigo mesma com ironia.

Seus olhos se fixaram em mim. Olhos provocadores e cruéis. Um sorriso ainda mais cruel. Ele parecia tão repugnante quanto eu me lembrava dele. O terror me invadiu quando seus olhos percorreram meu corpo exposto.

— Está se divertindo, Srta. Ashford? — Algo nisso não parecia certo. Um alerta subiu por minha espinha e todos os meus pelos se eriçaram. — Você cresceu e se tornou uma linda mulher.

Meu coração batia forte nos ouvidos. Esse homem levou meu irmão. Destruíu minha família. Tirou muito de nós. O prazer era a coisa mais distante em minha mente.

— Onde está meu irmão? — cuspi, com a raiva fervendo dentro de mim.

Seus olhos se voltaram para Alexei, cuja mão estava enrolada em minha cintura, e o sorriso de Ivan se transformou em algo feio. Um formigamento de aviso se transformou em um alarme total. De repente, eu não tinha tanta certeza de que nosso plano era tão bom assim. Eu deveria ter pedido ajuda a meus irmãos. Alexei e eu, sozinhos, éramos muito vulneráveis aqui. Ivan tinha muitos homens e Alexei era apenas um. Eu sabia atirar, mas o combate corpo a corpo não era o meu forte.

Ivan disse algo em russo, com o olhar fixo em mim. A expressão de Alexei se transformou em gelo e um arrepio frio surgiu na base da minha espinha. O medo se instalou em meu estômago e internamente eu me amaldiçoei por não saber russo.

— Nyet. — A resposta negativa de Alexei em sua voz fria foi a única palavra que entendi. *Não*.

Em seguida, veio a risada de Ivan, e foi a primeira vez que pensei que uma risada realmente soava maligna. Instintivamente, me aproximei de Alexei.

— Isso será divertido. — Ivan mudou para o inglês. — Como nos bons e velhos tempos. *Da*, Alexei?

Meu coração ficou gelado. Isso não era um bom presságio. Antes que eu pudesse inspirar meu próximo fôlego, o inferno começou. Enquanto

Alexei e eu estávamos concentrados em Ivan, seus homens nos cercaram. Uma mão pousou em meu ombro, mas antes que eu pudesse me livrar dela, os dedos marcados de Alexei agarraram o braço e o quebraram em um só movimento.

Igor apareceu atrás de Alexei com uma faca, pronto para esfaqueá-lo. Antes que ele pudesse fazer isso, eu me lancei sobre ele e acertei um gancho em sua maçã do rosto. Logo em seguida, dei um golpe em suas costelas e sua lâmina voou pelo ar. Alexei a pegou e avançou contra o guarda mais próximo de Ivan. A lâmina encostou na garganta do guarda e, em um movimento rápido, seu pescoço foi aberto em filetes.

— Estúpido por voltar, Alexei, — Ivan riu, dando dois passos para trás. A mulher ficou ali, imóvel, com os olhos fixos no pescoço cortado e no sangue que jorrava dele. Era como se ela estivesse em transe.

Enquanto Ivan deu um passo atrás com dois guardas, dois guardas permaneceram com a mulher idosa que parecia hipnotizada pelo homem que gorgolejava em seu próprio sangue no chão. Se eu tivesse tempo para absorver isso, certamente ficaria assustada.

Durante todo esse tempo, Alexei estava passando de um homem para outro. E ele não estava apenas quebrando os ossos deles. Os cadáveres estavam se acumulando.

Ele era magnífico.

Portanto, me processe por parar um momento para admirar seu trabalho manual. Escolhi o mais fraco entre os homens, para não atrapalhar o trabalho de Alexei.

Trabalho em equipe.

Os movimentos de Alexei eram calmos e precisos. Era assustador como um homem daquele tamanho podia se mover quase graciosamente pela sala, matando homens pelo caminho. Meus irmãos ficariam impressionados com a eficiência de Alexei.

Todos os três eram ex-militares das forças especiais, mas eu tinha certeza de que a habilidade de Alexei era igual à deles. Poderia até mesmo superá-los.

Alexei atacou o guarda seguinte, enquanto Igor tentou fugir. Eu me recusei a deixá-lo. Ele merecia morrer tanto quanto Ivan. Então, dei uma rasteira nele e torci sua mão direita atrás das costas, da maneira que Royce me ensinou para machucar mais o ombro. Usando toda a minha força, puxei-o e ouvi seu ombro estalar.

— Puta que pariu, — sibilou Igor enquanto eu torcia seu braço ainda mais para trás.

Ignorando-o, fiquei de olho em Alexei. Era estúpido, eu sei, mas não queria que nada acontecesse com ele. Ele continuava tentando fazer com que os guardas se aproximassem de nós. Eu estava adivinhando, mas achei que ele não queria deixar muito espaço entre nós. O homem acabou de matar sete homens e não suou nem um pouco.

Percebi tarde demais que Ivan e seus guarda-costas estavam se aproximando pelo lado oposto.

Levantando-me e deixando Igor com o ombro quebrado no chão, onde era o seu lugar, assumi uma postura de luta. Mentalmente, anotei para agradecer aos meus irmãos por terem me ensinado todos esses truques.

— Vamos ver como você luta agora, sua vadia burra, — provocou Igor de seu lugar no chão, embora sua voz soasse fraca. Ele realmente deveria aprender a manter a boca fechada.

O guarda-costas de Ivan veio em minha direção. Aproveitando o impulso, lancei um gancho direto em seu olho, exatamente como meus irmãos haviam me ensinado, e vi seu rosto cair no chão.

— Quem é a vadia agora? — Eu me vangloriei, mas isso durou pouco, pois senti o cano frio e metálico da arma pressionado contra meu crânio e me acalmei instantaneamente. Ivan havia me pegado.

— *Porra.* — Alexei rosnou, parando imediatamente seus movimentos.

— Droga. — Eu xinguei ao mesmo tempo.

O corpo de Alexei se enrijeceu e seus olhos se encheram de fúria fria contra o homem ao meu lado. Ele deu um passo em minha direção, e os dedos de Ivan agarraram meu maxilar com tanta força que eu tinha certeza de que ficaria com hematomas no rosto. Supondo que saíssemos vivos dessa. Ele enfiou a arma em minha boca e meus olhos se arregalaram de medo.

— Mais um passo, Alexei, e eu vou estourar os miolos dela, — alertou Ivan, com a voz assustadoramente baixa.

Ele se aquietou instantaneamente, com os olhos fixos em mim. Agora, tanto Alexei quanto eu tínhamos armas apontadas para nós. Os convidados desse show de horrores estavam grudados em seus lugares, alguns deles sentados confortavelmente em suas poltronas. A única coisa que lhes faltava era a pipoca. Esse era um plano tão estúpido.

E que tipo de pessoa eles não eram para nos ajudar. Desgraçados. Como eu pensava, Igor provavelmente escolheu o pior tipo de mente criminosa para se juntar a ele em sua festa de orgia.

Embora isso tenha nos aproximado de Ivan, que deu três passos em minha direção, sorrindo sombriamente.

— Vou me divertir muito com você, — ele ronronou em meu ouvido, lambendo o lóbulo da minha orelha. — Vou foder todos os seus buracos, exatamente como fiz com seu irmão.

Estremeci com suas palavras e, de repente, não tinha certeza se deveria esperar encontrar Kingston vivo ou morto.

Meus pulmões se contraíram com força, e flashes do jovem Kingston de que eu me lembrava passaram por minha mente.

Ele me perseguindo em volta da piscina ou subindo e descendo a escadaria. Sua risada. Seus olhos castanhos escuros. As histórias que ele lia para mim na hora de dormir. Ou como ele comia meu brócolis porque me dava vômito, mas a cozinheira insistia que eu tinha de comê-lo.

Cada lembrança ardia, rasgando meu peito e abrindo novas feridas. As chicotadas de um chicote devem doer menos do que isso. Mas eu não me permitiria chorar.

Em vez disso, deixei que o ódio me engolisse. Deixei a raiva apodrecer dentro de mim e ferver. Ela me inundou como lava quente.

Encarei o olhar feio de Ivan de frente e curvei meus lábios em um sorriso feio.

Esperando. Só mais um centímetro. O cobre se acumulou em minha boca enquanto eu mordia minha bochecha. *Mais um centímetro.*

E então minha cabeça balançou para a frente com um golpe quando lhe dei uma cabeçada.

— Puta italiana de merda, — cuspiu Ivan, segurando o nariz. — Você não herdou a luta de seu pai. Então tem que ser aquele sangue imundo do Kingpin DiLustro.

A mulher que veio com Ivan me encarou, o vazio de seu olhar não estava mais vazio. Mas havia algo perturbador em seus olhos, o que me deixou alarmada. Ela deu um passo à frente, e eu recuei um passo.

Seus olhos quase me assustaram mais do que os de Ivan. A ansiedade invadiu cada fibra do meu corpo, dificultando a respiração.

Sua mão se estendeu e ela me deu um tapa no rosto com tanta força que fez minha cabeça balançar para o lado. Alexei rosnou, lutando contra os quatro homens que o prendiam.

Cerrei os dentes, com a bochecha ardendo por causa da queimadura, mas não tirei os olhos dela.

— Leve-os para as masmorras. — Sua voz era baixa e suave. No entanto, era um dos sons mais assustadores que já ouvi.

No segundo seguinte, Alexei e eu fomos arrastados para fora do quarto e descemos mais escadas. A cada passo que davamos, ficávamos cada vez mais longe do luxo. Esse lado do castelo era vazio, úmido e escuro.

Que merda!

Capítulo 33

AURORA

— Todas essas acomodações são péssimas, — murmurei. — Rebaixamento, com certeza.

Meus olhos percorreram o pequeno quarto, com paredes de pedra e uma cama de solteiro. Não havia banheiro. Não era exatamente uma cela, mas também não era um quarto. Andei de um lado para o outro, tentando ter algumas ideias. Eu ainda estava de calcinha e sutiã, usando o paletó do Alexei e descalça. Não era o cenário ideal. Mesmo que conseguíssemos sair daqui de alguma forma, eu não poderia correr descalça.

Embora eu esteja pronta para nadar, pensei ironicamente.

Forcei-me a pensar em tudo e em qualquer coisa, mas não no fato de que o homem que havia levado meu irmão há vinte anos estava aqui. Neste prédio. E ele era Ivan Petrov.

Compartilhar é cuidar.

O medo frio foi suficiente para me paralisar, mas continuei andando. Um passo. Dois passos. Inspire. Expire.

Olhei de relance para Alexei. Ele não parecia preocupado. Embora estivesse um pouco pálido. Presumi que fosse uma descarga de adrenalina ou algo assim. Continuei andando.

Tenho *que continuar andando*, dizia a mim mesma, embora soubesse que não havia como escapar dessa cela.

— Você conhece aquela mulher? — perguntei a ele, assim que fiz outra inversão de marcha.

Alexei balançou a cabeça. — Não.

— Acho que ela é louca pra caramba, — murmurei.

— *Da*. — Outra inversão de marcha. Estalei o pescoço, a tensão pesada apertando meus músculos.

Meus olhos o procuraram enquanto eu dava mais uma volta em nossa pequena cela e, para minha surpresa, Alexei sacou uma faca. De sua meia esquerda.

— O que está fazendo? — Perguntei em um sussurro. Meus passos pararam e olhei por cima do ombro para a pesada porta de madeira e depois de volta para ele.

— Enviando nossa localização. — Sua explicação não fazia sentido para mim, mas ele não fez nenhuma pausa. Ele torceu o antebraço esquerdo. Em seguida, enfiou a ponta de sua faca na parte de trás do antebraço.

— Uau, — exclamei sem fôlego e corri até ele. O sangue escorria por sua pele e procurei desesperadamente por algo para colocar em seu ferimento. — Você está louco?

Ele nem sequer vacilou, com a ponta da faca penetrando ainda mais. Tive que lutar contra a vontade de vomitar ao ver sua carne.

— Alexei, pare com isso, — sussurrei, sentando-me na pequena cama suja ao lado dele. — Você vai se machucar.

Ignorando-me, ele continuou a enfiar a faca em seu músculo e depois parou. Antes que eu pudesse suspirar de alívio, ele enfiou a faca ainda mais fundo e um sinal sonoro soou. Fiquei olhando para o braço dele, quase esperando que algo saltasse dele.

Então, como se não fosse nada, ele tirou a faca do antebraço e a limpou na calça.

Franzi as sobrancelhas. Eu não era de me encolher com sangue, mas, por algum motivo, ver Alexei ferido e sangrando não me agradou muito. Peguei o paletó do terno por dentro e rasguei a camada de material interno.

— Dê-me seu braço. — Sem esperar por ele, peguei o braço e o levantei, depois enrolei o pano em volta do ferimento para estancar o sangramento. — E agora? De alguma forma, acho que você deixou de fora parte do nosso plano. Você me contou tudo sobre as orgias, mas nem uma palavra sobre isso.

O canto de seus lábios se contraiu. Foi perturbador o fato de ele não ter sequer recuado quando se esfaqueou no braço. O que ele havia passado para ser capaz de fazer isso sem que nenhuma emoção transparecesse em sua expressão?

Olhei para o meu trabalho manual. Por enquanto, teria de servir. Eu só esperava que não ficasse infectado.

— Ainda estou esperando por uma explicação, — lembrei-o, encostando meu ombro no dele.

— Meus irmãos receberão essa localização e virão.

— Quanto tempo eles levarão?

— Não muito tempo; eles já estão na Rússia. — Ele deve ter visto a surpresa em meu rosto. — Sabíamos que Ivan estava aqui, só não sabíamos o local exato.

— Oh. — Alexei e seu irmão nunca explicaram por que estavam atrás de Ivan. — Ivan mencionou os bons e velhos tempos. — Tique-taque. Tique-taque. Tique-taque. Tique-taque. — O que ele quis dizer?

O silêncio se estendeu e eu prendi a respiração à espera de uma explicação. Não queria perder uma única palavra que ele dissesse. Parecia importante, a conexão e o motivo pelo qual eles estavam atrás de Ivan. Mas ele permaneceu calado. A decepção teve um gosto amargo. Algo em meu peito se apertou e uma dor oca se espalhou.

Achei que tínhamos concordado em sermos abertos um com o outro. No entanto, eu sabia que ele escondia informações. Eu sabia que eles tinham uma história juntos. Como não poderiam, se Alexei parecia tão empenhado em encontrar Ivan? Mas os bons e velhos tempos?

Uma sensação de nervosismo sob minha pele tornava difícil ficar parada, então me movi para liberar a energia irritável. Levantando-me, andei de um lado para o outro. Era ridículo que eu estivesse magoada por Alexei não confiar em mim o suficiente para me contar o que estava acontecendo. Eu tinha ido a um maldito clube de sexo com ele. Fiz sexo com ele... várias vezes. Fui drogada por ele. Fui apalpada por ele na frente de uma sala cheia de pessoas. Pelo amor de Deus, eu me ajoelhei para ele e o deixei foder minha garganta.

E ele nem sequer consegue me contar sua história com Ivan. O mesmo homem que levou meu irmão. Kingston. Oh, meu Deus, eu tinha que descobrir onde Kingston estava. Eu precisava saber o que havia acontecido com ele.

Meus passos pararam novamente quando um pensamento me atingiu em cheio.

— Alexei?

— *Da.*

— Se você acha que usarei o que me disser para o caso do FBI, prometo que não vou, — comecei suavemente, — O que acontece na Rússia, fica na Rússia, — brinquei, minha voz não retratando bem o humor.

Eu lhe dei um sorriso fraco, esperando que ele visse sinceridade em meus olhos. Eu estava falando sério. Eu não usaria sua confiança contra ele. Jamais! De alguma forma, nos últimos dias, as coisas mudaram e ele se tornou importante.

Aquele olhar ártico me observava, com desejo e tristeza. *Olhos quebrados*, minha memória sussurrou. Eu queria abraçá-lo, fazer com que ele melhorasse.

Tique. Taque. Tique. Taque. Eu esperei. *Nada.*

Voltei a andar. Inspire. Expire. Um passo. Dois passos.

Concentrei-me no pequeno espaço e em cada passo. Chão de terra. Paredes de pedra. Nenhuma janela. Eram necessários dez passos para

atravessar a sala. Uma câmera. Respirei fundo, virei-me e continuei andando, evitando olhar na direção de Alexei.

Depois de trinta minutos, ou uma hora, eu já podia ver uma trilha no chão de terra batida de tanto andar. Nesse ritmo, amanhã eu já teria feito um buraco nele. Alexei disse que seus irmãos já estavam na Rússia. Eles poderiam chegar aqui muito em breve. Eu tinha que encontrar uma maneira de obter informações de Ivan sobre meu irmão. Eu não poderia sair deste lugar sem descobrir o que aconteceu com ele.

Meus olhos se voltaram para Alexei, que ainda estava sentado na cama de solteiro de mola. Meu passo vacilou e eu o olhei duas vezes.

Ele não parecia estar bem. Estudei seu rosto. Ele parecia abalado. Era a primeira vez que eu via um lampejo de emoção forte em seu rosto. Uma pitada de suor brilhava em sua testa, algo perturbado em seus olhos. Eu não teria percebido se não o estivesse observando com tanta atenção.

O rosto do homem me fascinava. Para minha consternação. Parece que eu o queria, apesar de minha decepção e raiva atuais.

Um leve traço de suor escorria por seu rosto. E algo se apertou em meu peito. Talvez fosse meu nervosismo ou, possivelmente, preocupação com ele.

Não, não. Era apenas uma preocupação com nossa situação. Se ele estava preocupado, talvez estejamos em uma situação mais grave do que eu pensava.

Eu continuava dizendo a mim mesma que sairíamos dessa merda, completariamos a tarefa e eu seguiria meu caminho. Logo depois de obter

informações sobre meu irmão. No fundo, eu sabia que ele não poderia estar vivo.

Se estivesse, ele teria encontrado um caminho para casa. Para nós. Papai não era muito de se relacionar, mas meus irmãos e eu sempre fomos próximos. Todos nós nos preocupávamos uns com os outros e sempre nos protegíamos.

Eu tinha que me concentrar nisso. Encontrar informações sobre meu irmão. Encerrar o caso. Seguir em frente e esquecer Alexei. Eu não precisava complicar minha vida com qualquer ligação suspeita com membros da máfia. E os homens Nikolaev... bem, eles eram a porra da máfia. E, claramente, Alexei não confiava em mim o suficiente para compartilhar certas coisas comigo.

Sim, eu só precisava que eles nos tirassem daqui para que pudéssemos...

Uma respiração estrangulada e ofegante fez com que eu voltasse minha atenção para Alexei. Jesus, ele parecia pior.

— Alexei, você está bem?

Aqueles olhos azuis pálidos e frios tinham uma maneira de enviar temperaturas frias do Ártico até minha alma quando ele olhava para mim. No entanto, neste momento, havia algo vulnerável neles. A expressão estoica e ártica havia desaparecido e em seu lugar havia um homem. Um homem que eu tinha certeza de que sentia algo. Medo ou pânico, eu não sabia dizer.

Cautelosamente, dei um passo em sua direção. Depois, outro.

— Ei, — eu disse, sem saber o que dizer.

Ele não se mexeu, não falou. Isso não era novidade. No entanto, seus olhos estavam gritando com alguma coisa. Algo horrível.

Dando mais um passo, levantei lentamente minha mão até seu rosto. A qualquer momento, eu esperava que ele a afastasse com um tapa, agarrasse meu pulso e me repreendesse. No entanto, nada aconteceu. Como se eu estivesse observando através de uma ampulheta, meus movimentos pareciam exagerados e lentos, cada respiração atrasada, nossos olhos fixos.

Minha palma se conectou à sua bochecha úmida. *Ele está transpirando*, percebi em choque.

Em todas as semanas em que eu o conhecia, não tinha visto emoções cintilarem em seu belo rosto. No entanto, agora, era como se as sombras dançassem em seus olhos azuis pálidos, assombrando-o. Foi a sensação mais perturbadora e, pela primeira vez em muito tempo, o medo apertou meu peito.

Um medo por ele. Assim como eu temia por meu irmão há vinte anos.

Engoli e me abaixei para que pudéssemos ficar frente a frente. Eu não gostava de ver esses fantasmas assombrosos em seus olhos quebrados.

Alexei era geralmente enlouquecedor com seu silêncio. Seu rosto estoico poderia levar um santo à loucura. E eu não era nenhuma santa. No entanto, neste momento... eu preferia ter tudo isso de volta a vê-lo sofrer.

— Concentre-se em minha respiração, — sussurrei. Inspirei profundamente e expirei lentamente. Depois, fiz isso novamente. E mais

uma vez. Exatamente como ele fez comigo na boate. Só que não estava funcionando.

Procurei freneticamente em minha mente toda e qualquer informação que eu conhecia sobre esse homem. O que poderia ter provocado isso?

A respiração de Alexei ficou irregular, causando uma tempestade em meu próprio peito.

Que se dane!

Eu me ajeitei em seu colo, segurando seu rosto entre as mãos. Inclinei-me para mais perto, mantendo nossos rostos a poucos centímetros de distância. Mas tive o cuidado de não nos aproximar demais. Eu não estava prestes a violar sua regra de não beijar.

— Ei, ei, — murmurei baixinho. — Eu sei, este lugar é uma porcaria. Acomodações de uma estrela, — brinquei suavemente. — E este é provavelmente o pior momento para dizer isso. Mas acho que você é gostoso. Tipo super insanamente gostoso. — Algo cintilou em seus olhos. Surpresa, talvez? Eu não tinha certeza, mas era melhor do que aqueles fantasmas, então continuei. — Para dizer a verdade, é enervante. Você me olha como se eu fosse um pedaço de vidro, e eu fico toda quente e incomodada.

Eu o observei para ver se havia algum sinal. Ele estava concentrado em mim, mas sua respiração ainda estava irregular. Olhei para seus lábios. Não havia nada mais que eu quisesse fazer do que me aproximar dele e diminuir a distância roçando meus lábios nos dele.

Ele não se moveu, mas sua respiração diminuiu ligeiramente. Bom progresso!

— Sabe, você nem faz meu tipo, — continuei com uma voz suave. — Todos os homens que namorei ou com quem me relacionei, — revirei os olhos. — Não se atreva a contar isso aos meus irmãos. Eles estão convencidos de que ainda sou virgem. Tenho quase certeza de que eles acham que morrerei virgem. — Continuei murmurando com uma voz suave, meus olhos atentos a ele. Eu não queria perturbá-lo e falar parecia ajudar. — De qualquer forma, voltando ao ponto principal. Todos os homens com quem namorei eram mais do tipo Orlando Bloom. Não no *Senhor dos Anéis*. Meu Deus, ele era loiro demais para mim. Cabelos escuros e olhos escuros eram o que eu sempre procurava. Talvez eu quisesse que eles fossem chatos como eu, com meus cabelos escuros. — Passei meus dedos de leve em seus fios incrivelmente loiros. Ele e seus irmãos eram os únicos espécimes neste planeta que eu já tinha visto com olhos tão claros e cabelos loiros.

Ele permaneceu imóvel, sem se mexer, mas quase como se estivesse se agarrando a cada palavra minha.

— Mas gosto de seu cabelo, — murmurei. — Seus olhos também. E essas tatuagens. — Passei o polegar sobre a que estava em sua bochecha direita. A pele parecia áspera ali. Será que toda a sua tinta escondia cicatrizes? Passei levemente minha mão esquerda sobre sua bochecha e descobri que a pele com tinta sob os olhos esquerdos também era áspera e tinha cicatrizes.

Cicatrizes, percebi com um soco no estômago. Ele estava escondendo suas cicatrizes.

A raiva que correu em minhas veias ao pensar em alguém machucando esse homem forte foi repentina e violenta. Eu não estava preparada para ela. Era o tipo de raiva que fazia você agir precipitadamente e cometer um assassinato sem qualquer evidência de culpa. Eu queria ser juiz e júri.

Abri a boca para perguntar a ele sobre isso, mas me contive. Não era hora nem lugar para isso. Ele estava tendo uma crise, e eu não queria aumentar sua dor.

Isso é sobre ele, lembrei a mim mesma.

— Essas tatuagens são muito legais, sabia? — Inclinei-me e dei um beijo em sua tatuagem sob o olho esquerdo. A pele parecia ainda mais áspera sob a pele sensível de meus lábios. — Pensando bem, nunca namorei um cara com tatuagem.

Eu não sabia ao certo por que minha voz estava embargada e meu coração disparado. Eu estava apenas tentando distraí-lo de seu pânico, mas meu coração acelerou como se minha vida dependesse disso.

Minha boca percorreu seu rosto e parou no canto de sua boca. De repente, eu queria beijá-lo como se minha vida dependesse disso. Mas eu sabia que não podia fazê-lo. Ele estabeleceu essa regra lá no clube de sexo. *Nada de beijos.*

Ele nem mesmo transava cara a cara. Seria tirar vantagem de seu estado vulnerável para beijá-lo da maneira que eu queria. Eu ia me afastar

quando sua mão apertou meus quadris, com os dedos cravados em minha carne quase dolorosamente.

— Fale. — Sua voz estava rouca. Talvez até um pouco trêmula.

— Tão mandão, — murmurei baixinho. — Está bem, então. — Eu o olhei nos olhos. — Vamos ver. Tenho quatro irmãos, Byron, Winston, Royce e Kingston. Nasceram nessa ordem. Eu fui a última. Amo muito todos eles, embora eles me deixem louca, mas não consigo viver sem eles. Foi por isso que escolhi uma faculdade em casa. Kingston, ele... — Meu coração se apertou, como sempre fazia quando eu falava sobre meu irmão. Eu já estava acostumada com isso. Anos de dor e culpa constantes por causa disso, mas não conseguia me livrar delas. Eu não queria me livrar delas. Não até descobrir o que aconteceu com meu irmão. — Quando eu tinha cinco anos, logo após o Dia de Ação de Graças, decidi que queria um hipopótamo para o Natal. Naquela época, morávamos em Washington. — Merda, por que ainda estava doendo? — Meus irmãos disseram que eu não poderia ter um hipopótamo no Natal, mas que poderíamos ir ao zoológico para que eu pudesse ver um.

Passei meus dedos pelo cabelo de Alexei. — O cabelo de Kingston era tão escuro. Ele, Royce e eu somos muito parecidos. Byron e Winston são provavelmente mais bonitos.

— Você é a mais bonita, — ele disse, com uma gota de suor escorrendo pela têmpora.

Eu sorri. — Talvez seja o primeiro elogio que recebo de você fora do sexo louco e exibicionista que tivemos, — provoquei, embora, toalmente, meu peito tenha vibrado com os sentimentos.

— Termine a história.

Pisquei os olhos, mas depois me lembrei de que estava lhe contando sobre o zoológico. Mordi o lábio, as lembranças em minha mente como chicotes cortando as velhas feridas. — A babá me levou, e Kingston veio junto. — Inspirei profundamente e depois expirei. — Byron sempre foi protetor com todos nós, mas Kingston era o único que sempre ficava do meu lado. Mesmo quando eu estava sendo uma pirralha. Ele era cinco anos mais velho do que eu, portanto, era o mais próximo de mim em termos de idade. — Engoli com força, sabendo o que estava por vir e as palavras pareciam ferrugem em minha boca. — Às vezes eu me pergunto se ele ouviu alguma coisa, porque ele insistia que eu não saísse do lado dele. Então eu prometi. Até fiz promessa de mindinho em como não sairia correndo por aí. Mas eu estava tão empolgada. — Meus dedos tremiam enquanto eu continuava a passar os dedos pelo cabelo dele. Acariciar seus fios me acalmava. — Eu não conseguia ficar parada naquela época. E mal podia esperar para ver o maldito hipopótamo. Então, enquanto a babá e Kingston estavam distraídos, eu fui até à exposição.

O ardor em minha garganta sufocou quando pensei nas próximas palavras. A dor em meu peito apertava, dificultando a respiração. Mas continuei minha história.

— Foram apenas alguns minutos, cinco ou dez no máximo. E isso mudou tudo. Kingston veio me procurar e um cara o pegou. Eu escapei; Kingston não. Meu pai... — Meus pulmões se fecharam, eu não conseguia respirar, mas consegui resistir. Esse homem precisava disso. Talvez eu também precisasse. — Soube mais tarde que meu pai fazia acordos com criminosos e frequentemente trazia problemas à nossa porta.

Isso me fez desprezá-lo. Mas eu me desprezava ainda mais porque, se eu tivesse escutado... se eu tivesse escutado, todos nós teríamos voltado para casa juntos.

Meu rosto estava molhado e senti o gosto de sal em minha língua, mas ignorei tudo isso. Minha garganta ardia, mas também ignorei isso.

Um suspiro pesado escapou pelos meus lábios, fazendo com que o oxigênio passasse.

— Sabe, desde então, houve tantas noites em que fiquei acordada desejando poder voltar no tempo. Eu teria escutado. Juro que o faria, mas os desejos são em vão.

A mão direita de Alexei chegou à minha bochecha e seu polegar roçou o canto do meu olho.

Lágrimas rolaram pelo meu rosto.

Capítulo 34

ALEXEI

Os velhos fantasmas e a angústia se abateram sobre mim como um trem de carga. Nenhuma janela. Nem uma única. Vivi por quase uma década assim e não conseguiria suportar um único dia em um porão frio e escuro sem janelas. A menos que eu estivesse no comando e torturando alguém. Mas, mesmo assim, eu preferia ter uma janela.

Irracional. Sim. Consertável. Não.

Eu estava longe de Ivan há duas décadas e os mesmos velhos fantasmas ainda me atormentavam. E ela me confortava. De todas as pessoas do mundo, era ela quem me confortava. *Eu*, que lhe custara o irmão querido.

Eu tinha que lhe contar. Deveria lhe contar. A perda seria iminente, mas eu não estava pronto para isso. Nunca estaria pronto para isso.

Abri a boca para admitir meus pecados quando houve uma forte explosão e, instintivamente, envolvi-a com meus braços e nos virei para que meu corpo protegesse o dela. No segundo seguinte, a porta se abriu com estrondo.

— Sério? — A voz de Sasha era a última coisa que eu queria ouvir. — Vocês dois estão se pegando como coelhos e nós estamos salvando a pele de vocês.

Aurora se enrijeceu embaixo de mim, seus olhos brilharam com fogo. — Seu irmão é um idiota.

— Concordo.

Levantei-me rapidamente e a puxei para cima. — Jesus, ela está de sutiã e calcinha.

— Pare de olhar, — rosnei.

— Sim, voyeur, — ela o repreendeu. — Pare de olhar. Fomos empurrados para cá logo depois de..., — ela se interrompeu e suas bochechas ficaram muito vermelhas. — Apenas pare de falar, idiota.

Sasha sorriu. — Sem chance. Agora, mexa-se, bunda pelada, — provocou ele, jogando uma arma para mim.

— Ei, — ela se opôs. — Eu também sei atirar. Dê-me uma. — Ele a olhou com desconfiança. — Eu sei, — ela sibilou. — Agora me dê uma arma, ou eu o mato e fico com a sua.

Sasha sorriu, claramente adorando seu desafio. Ela nunca seria capaz de dominá-lo ou vencê-lo. Eu sabia, pois Sasha e eu lutávamos com frequência. Sempre terminávamos empatados e ambos ficávamos machucados.

— Dê a ela uma arma, — ordenei a meu irmão.

Outra explosão soou e Sasha grunhiu. — O maldito Vasili está decidido a arrasar este lugar com Ivan e todos os seus homens.

Aurora estendeu a mão direita e bateu o pé com impaciência. Ela podia estar descalça, mas estava totalmente no clima de chefe. Há apenas cinco minutos, ela estava me ajudando a superar um maldito e embaraçoso ataque de pânico e agora estava encarando o meu irmão de temperamento explosivo.

Por duas batidas de coração, ele apenas a observou antes de ceder. Eu sabia que ele cederia. Ele tirou uma arma da parte de trás da calça e a entregou a ela.

— Já matou alguém? — ele perguntou enquanto ela verificava o carregador para garantir que estava totalmente carregado.

— Estou prestes a matá-lo, a menos que você pare de falar, — ela respondeu. — Agora, vamos embora. A menos que você queira que Alexei e eu o prendamos neste quarto.

Ele deu uma risadinha. — Não, obrigado. Eu não tocaria naquela cama nem com luvas, considerando o que você e Alexei estavam fazendo nela.

Ela revirou os olhos e eu já estava farto do meu irmão. — Vá embora, ou eu mesmo vou atirar em você, Sasha.

Aurora lhe deu um sorriso doce, enquanto seus olhos brilhavam maliciosamente. Ela gostava de provocá-lo.

Ele se virou sem dizer mais nada e mostrou o dedo do meio por cima do ombro. Aurora olhou para mim com diversão. Essa mulher tinha que encontrar humor em nossa situação. De vez em quando, encontrávamos os homens de Ivan. Sasha e eu nos revezávamos para eliminá-los. Eu nunca tinha ficado tão feliz em sair de um porão.

Não demorou muito e encontramos Vasili. Ele havia encurralado Ivan em seu escritório. Os cadáveres estavam espalhados, com sangue por toda parte. O suspiro de Aurora foi o único som que rompeu o silêncio mortal.

Vasili olhou em nossa direção. Esse era o implacável homem Nikolaev que todos temiam. Se você mexia com a família dele, ele queimava tudo o que você possuía. Ivan tinha uma calvície no lado esquerdo da cabeça, com a pele do couro cabeludo manchada e vermelha. Pela primeira vez em todos os anos em que o conheci, vi medo em seus olhos. Um verdadeiro terror.

Já era hora de ele saber como se sentia.

— Aí está você, Alexei. — O sorriso de Vasili era assustador, mas eu adorei. — Eu o guardei para você.

Em dois passos largos, eu estava na frente de Ivan. Antes que ele pudesse dizer qualquer outra palavra, meu punho se chocou com seu maxilar, o osso sendo esmagado sob meu punho era o melhor tipo de música que já ouvi. No segundo seguinte, saquei minha arma e atirei em seu pé direito.

Seu gemido alto era suficiente para acordar os mortos. Eu esperava que acordasse todos os meninos e mulheres que ele matou. E quando ele estivesse morto, eu esperava que houvesse uma vida após a morte para que ele pudesse experimentar a tortura por toda a eternidade.

— A mulher de antes, — perguntei. Dei uma palavra para Bianca Morrelli. — Quem era ela?

Ele deve ter ficado surpreso com a pergunta, pois respondeu sem pensar. — Minha esposa.

— Qual é o nome dela?

— O que isso...

Atirei no mesmo pé, exatamente no mesmo local, e ele gritou de dor. Não era à toa que me chamaram de melhor atirador.

— Sofia Catalano. — Porra, *era* a tia-avó da Bianca Morrelli.

— Onde ela está? — Eu gritei. Não havia nada que eu quisesse mais do que matá-lo com um tiro. O medo me incomodava no fundo da mente. Aterrorizante e frio. Isso me custaria tudo.

— Ela pegou um helicóptero, — reclamou Ivan. Aurora tinha razão; algo não estava certo com aquela mulher e as palavras seguintes de Ivan confirmaram isso. — Ela virá atrás de todos vocês. Morrellis, Kings, Nikolaevs. Até mesmo aqueles Kingpins imundos. É melhor vocês tomarem cuidado, — ele sorriu, com a boca ensanguentada.

Levantei a arma e a aponte para sua têmpora, com o dedo no gatilho. Não o puxei rápido o suficiente. Eu deveria tê-lo matado no momento em que entramos nesta sala, sabendo o que estava em risco.

— Espere. — Aurora deu um passo à frente para ficar bem ao meu lado, à minha esquerda. Ela colocou sua mão na minha, com a arma em sua mão esquerda. Ela era canhota. Esse poderia acabar sendo o meu funeral, tanto quanto o de Ivan. — Tenho uma pergunta.

Eu deveria ter puxado o gatilho. No entanto, eu não podia fazer isso com ela. Eu a amava, e se isso lhe trouxesse paz, que assim fosse. Eu não precisava de mais anos de vida, contanto que ela fosse feliz.

— Kroshka. — Inclinei a cabeça em concordância.

Ela inalou profundamente e depois exalou lentamente. Seus olhos se fixaram em Ivan, com a ansiedade e o medo se desprendendo dela em ondas.

Ivan podia sentir o cheiro do medo a quilômetros de distância. Ele sorriu um sorriso horrível, com sangue colorindo seus lábios.

— Pergunte à vontade, Srta. Ashford.

Eu tinha certeza de que ela não percebia a força com que estava apertando minha mão. Tão simbólico que era a mesma mão que ela havia apertado antes.

— Onde está Kingston? — sua voz tremeu e um tremor visível passou por seus ombros. — Onde está meu irmão, seu bastardo?

Não precisei olhar para meus irmãos para ver o choque em suas expressões. Eles não sabiam sobre ele. Tudo com Kingston aconteceu antes de sabermos que eu também era um Nikolaev.

O sorriso horrível de Ivan me disse que ele contaria a ela que Kingston estava morto. Maldito bastardo doente! Ele não sabia de nada. Nada sobre decência humana e nada sobre lealdade. Apenas seus jogos doentios e perversos. Seus olhos passaram por mim e depois voltaram para ela com um brilho malicioso.

— Ele gritou como uma menina, — ele provocou e a espinha de Aurora ficou rígida. — Chorou por você e pelos irmãos dele. Até mesmo por seu pai traidor.

Ela engoliu um gole, enquanto seu corpo e meu mundo tremiam, prontos para nos separar antes mesmo de começarmos.

— Você está mentindo, — ela gaguejou em um sussurro.

— Será que estou? — ele a provocou. A bomba explodiria a qualquer momento. Tique-taque. Tique-taque. Tique-taque. Tique-taque. — Pergunte a Alexei. Ele voltou para buscá-lo e o encontrou morto. — *Bum*. Aurora se enrijeceu. — Não foi, garoto? Alexei voltou para buscar seu irmão e o encontrou chicoteado até à morte. A melhor parte é que foi Igor quem fez isso.

A risada maníaca de Ivan encheu a sala, e a cabeça de Aurora veio em minha direção, o horror em seus olhos me atingindo em cheio. Doeu mais do que uma bala em meu peito. Como se nós dois estivéssemos em nossa própria bolha, o mundo inteiro ficou em segundo plano. Eu podia ouvir a risada provocadora de Ivan, Vasili lhe dizendo para calar a boca.

— Você não se lembra, garota? — Ivan continuou, alegremente e desfrutando da dor dela como se estivesse se alimentando dela. Ele era o pior tipo de sanguessuga. — Foi Alexei que nos levou até você.

Ela balançou a cabeça. — Olhos quebrados, — sussurrou. — Não, não, não.

Eu não sabia o que ela queria dizer com isso, mas o aperto em meu peito se intensificou. Era difícil respirar. Mesmo assim, eu me mantive imóvel, incapaz de desviar meus olhos dela. Eu precisaria dela para me

carregar durante o tempo que me restava nesta terra e para a vida após a morte. Talvez lá eu encontrasse paz. Embora isso fosse altamente improvável, considerando o que eu havia feito.

— Não, não, não, — ela gritou novamente, mas o reconhecimento estava lá. Os pontos estavam conectados.

Lentamente, o choque e o horror em seus olhos se transformaram em repulsa e aversão. Puro ódio. Ela tirou a mão da minha e depois a limpou no paletó.

Então, como se ela tivesse percebido de quem era a jaqueta, um grito saiu de seus lábios e me machucou mais do que qualquer chicotada que eu já havia recebido. Foi pior do que qualquer tortura que eu já havia sofrido.

Ela gritava de raiva e dor, e eu me preocupava com a possibilidade de ela perder sua bela voz, embora soubesse que ela nunca mais me deixaria ouvir suas palavras. Ela nunca mais deixaria que eu a tocasse. Mesmo que ela me deixasse sobreviver a isso.

— Porraaaa, — gritou ela, com lágrimas rolando pelo rosto. Eu não conseguia desviar o olhar, memorizando cada linha dela, para que pudesse guardá-la para a escuridão que se aproximava rapidamente de mim. Talvez Deus me concedesse esse único alívio e me permitisse levar comigo as lembranças dela.

— Seu maldito bastardo, — ela gritou, com lágrimas caindo de seus olhos.

Ela ergueu a arma e disparou três balas contra Ivan. Sua mira era mortal e certa. Em seguida, ela mudou de posição e apontou a arma para mim. Instantaneamente, Vasili e Sasha apontaram suas armas para ela.

— Não atirem, — eu os adverti. — Se a machucarem, eu os matarei.

A expressão dos meus irmãos teria sido cômica se meu coração não estivesse se despedaçando.

— Você está louco se acha que deixarei que ela atire em você, — rosnou Vasili. — Abaixar a maldita arma, mulher.

Aurora nem sequer lhe deu um olhar. — Todo esse maldito tempo, — ela acusou. — Você sabia!

Permaneci mortalmente imóvel enquanto minhas entranhas se rompiam.

— Diga! — ela gritou e eu temia que sua garganta doesse com a força do grito. — Diga, porra!

— Eu sabia. — Meu peito estava doendo muito. Parecia que uma bala já havia se alojado em meu coração e permaneceria lá para sempre. Mas eu fiz uma promessa. Uma promessa que eu tinha de cumprir. Era minha dívida a pagar.

— Você nos quebrou, — ela choramingou, com o rosto molhado de lágrimas. Seus olhos brilhavam como diamantes negros e seu peito subia e descia. — Eu...eu lhe disse e você não disse nada. — Eu faria qualquer coisa por ela. Se me matar fizesse com que ela se sentisse melhor, eu estava pronto para morrer. — Por quê? O que fizemos com você?

Não havia justificativa que funcionasse aqui. Nenhuma palavra que fizesse sentido.

— Você não fez nada comigo, — eu disse, com a garganta apertando dolorosamente. Eu queria lhe dizer que ela me salvou. Ela não sabia, mas me salvou.

— Eu vou matar você. — Suas palavras eram calmas. Finais.

— Vai se foder, — rosnou Sasha, dando um passo ameaçador em direção a ela.

— Fique longe dela, — adverti meu irmão em um tom frio. Se fosse preciso, eu lutaria com os dois para mantê-la segura. Voltei meu olhar para a mulher, memorizando suas feições. Talvez eu pudesse encontrá-la em minha próxima vida. — Faça o que você precisa fazer, kroschka. Está tudo bem. Ninguém vai machucá-la.

Ela gemeu e seus olhos se encheram de mais lágrimas. Mas, em vez de manter o dedo firmemente no gatilho, ela abaixou a arma, segurando-a ao lado do corpo. Ela parecia derrotada. Cansada.

— Você não disse nada, — ela engasgou, com o peito arfando e o rosto molhado. — Todo esse tempo e você não disse nada.

Sua acusação. Minha traição. Nosso futuro que poderíamos ter tido. Tudo isso girava nesta sala, como um redemoinho sem saída. Ela não podia apertar o gatilho e liberar tudo.

O fato de ela não ter me matado foi pior. Porque agora eu teria que viver o resto da minha vida sabendo como era o gosto dela, como ela se sentia, sabendo que eu nunca a teria.

Seu corpo caiu no chão e eu dei um passo em sua direção. — Não se atreva a se aproximar, — advertiu ela, com a voz um pouco acima do sussurro, enquanto soluçava. Seus braços envolveram seu estômago e ela se balançou. Para a frente e para trás.

— Você o matou, Alexei, — acusou ela, soluçando. — Você matou nós dois naquele dia, — ela chorou baixinho. — E todo esse tempo... você não disse nada.

Ela limpou o rosto com as costas da mão, com a arma ainda na mão esquerda. Outro soluço saiu de seus lábios. Seus olhos se arregalaram, e a dor que senti neles me deixou sem palavras.

A porta se abriu e seus irmãos entraram com dois homens atrás deles. Deviam ser seus outros irmãos. Um deles parecia uma versão mais jovem de Byron e o outro se assemelhava a Kingston e Aurora.

Os irmãos Ashford não eram quem eu esperava encontrar aqui.

— Que porra está acontecendo aqui? — Byron gritou, seus olhos percorrendo os cadáveres na sala, depois Vasili, Sasha e eu e terminando em sua irmã. Quando ele viu o rosto dela, com lágrimas escorrendo pelo rosto e o estado de seu guarda-roupa, ele apontou a arma para meus irmãos e os irmãos dele seguiram o exemplo.

— Quem machucou minha irmã? — rosnou ele, irritado. — Quem?

— Se você tocar em um Ashford, você morre. — Só pode ter sido Royce quem disse essas palavras. — Você tocou nela, sua escória imunda?

— Vamos matá-los e fazer perguntas depois, — acrescentou Winston, com os olhos duros.

— Sim, você gostaria de tentar, — Sasha zombou. É claro que sempre era Sasha. — Você estará morto antes de...

Uma bala voou pelo ar e Sasha se esquivou no último segundo. Os irmãos Ashford não estavam brincando.

— Seu idiota, — Sasha rosnou quando Vasili o agarrou pelo pescoço e o empurrou para trás.

— Pare, Sasha, — alertamos Vasili e eu.

— Byron, Winston, Royce. Não foram eles! — Aurora deu um pulo, suplicando em sua voz. Seu rosto estava pálido e seu lábio inferior tremia. — P-Por favor, ouçam. — Suas palavras fizeram com que meus irmãos a olhassem com cautela, mas isso fez com que a atenção de seus irmãos se desviasse de nós para a irmã deles. — Não foram eles, — ela murmurou fraca.

Sua voz estava fraca, e eu estava me sentindo mal por dentro ao vê-la derrotada dessa forma. — Foi ele.

Ela apontou a arma para o corpo morto de Ivan. Byron se enrijeceu. — Eu o conheço.

Isso fez com que a cabeça de Aurora se voltasse para o irmão. — Como?

— De um tempo atrás. — Ele franziu as sobrancelhas como se estivesse tentando localizar a memória. — É isso mesmo. Era algum tipo de terreno ou algo que ele queria. Foi há muito tempo. Meu pai e ele

tiveram um desentendimento porque meu pai se recusou a vendê-la a ele. Em vez disso, ele a vendeu para Nico Morrelli.

Os lábios de Aurora se afinaram. Ela jogou a arma no chão e ela deslizou até meus pés. Nossos olhos se fixaram e algo cintilou em seu olhar escuro.

— Se eu vir você e seus irmãos novamente, mandarei prendê-los.

Sasha riu e me deu vontade de bater na cabeça dele. Mas isso exigiria algum esforço e, neste momento, eu não queria perder o último vislumbre da mulher que roubou meu coração. Simplesmente o roubou de meu peito, sem nem mesmo tentar.

— Vamos sair dessa bagunça, — resmungou Royce. — Eu odeio a Rússia. E os russos, mas principalmente a Rússia.

— Você só está bravo porque Byron não deixou você pegar a boceta no avião, — respondeu Winston secamente. — Sua bunda de playboy precisa de reabilitação.

Bem, pelo menos seus irmãos não eram diferentes de nós.

— Vamos levá-la para casa, Rora. — Seu irmão colocou o braço em volta dos ombros dela e a conduziu até à porta.

— Nós cuidamos de você, irmã. E, ao contrário dos malditos russos, temos roupas limpas para que você possa se livrar da merda que está usando. — Deus, eles pareciam Sasha.

Seus irmãos estavam logo atrás de seus dois irmãos. Olhando por cima do ombro, Byron estreitou os olhos para nós. — Nem pense em

colocar a culpa dessa bagunça nela. — Ele parecia irritado. — E fiquem bem longe da minha irmã. Vocês não me querem como seu inimigo.

Vasili nem sequer recuou, mas queria atacá-lo. A única razão pela qual ele não o fez foi por mim. Não precisavamos dos Ashfords em nosso lado ruim. Eles seriam oponentes dignos e desnecessários. Todos os três poderiam causar problemas que não precisavamos.

— Nossos homens vão limpar isso, — eu disse a ele com frieza.
— Não haverá mais nada para encontrar aqui.

Sem dizer mais nada, os dois desapareceram de nossa vista, embora tenha demorado apenas quatro batidas no coração para que os soluços estrangulados de Aurora ecoassem e percorressem o corredor.

Capítulo 35

AURORA

Com os joelhos pressionados contra o peito, sentei-me no assento da janela e fiquei olhando para fora, sem ver nada. Fazia quatro semanas que tínhamos voltado da Rússia. Quatro semanas inteiras, e eu não tinha ideia de como funcionava. Mas eu funcionava, embora me sentisse como uma concha vazia.

As evidências da morte de Ivan foram entregues ao FBI. Os primeiros dias foram muito movimentados. Uma abundância de provas dos sequestros nos últimos trinta anos. Localizações de garotos que sobreviveram e que não sobreviveram. O nome de Kingston não estava em nenhuma das listas. Dias e noites vasculhando toda a papelada. O nome de Sofia Catalano fazia parte dessa papelada, embora ninguém parecesse preocupado com a mulher. Eu estava.

Eu estava emocional e fisicamente esgotada. Mas era melhor do que esse silêncio. Nada para fazer a não ser pensar em cada detalhe, enquanto eu usava a jaqueta que cheirava a Alexei. Devo ter perdido a cabeça.

O aroma que permaneceu nela me acalmava.

Tão estúpido, mas me acalmava e me torturava ao mesmo tempo.

Eu deveria passar para o próximo grande caso. Esse foi resolvido. O departamento me reconheceu pelo trabalho bem feito e me deu um período sabático. Um sabático obrigatório. Por tempo indeterminado. Aparentemente, a exigência veio de superiores, e eu suspeitava que fosse um de meus irmãos. Ou todos os três.

McGovan foi promovido. Todos gritavam que o mundo agora era um lugar melhor. No entanto, para mim, estava mais bagunçado do que nunca.

Como eu previra, meus três irmãos ficaram em alerta máximo quando não conseguiram entrar em contato comigo. Eles literalmente esperaram uma hora antes de vir atrás de mim. Fiquei impressionada por terem esperado tanto tempo. Usando todos os recursos à sua disposição e a empresa de segurança que dirigiam, eles seguiram a trilha que os levou até mim. Nunca lhes ocorreu que eu estava disfarçada e, é claro, McGovan não os esclareceu.

Byron insistiu em ficar por perto, recusando-se a me deixar. Quatro semanas com Byron levariam qualquer pessoa a beber. Ele cuidava de mim como se eu fosse um bebê.

Meus outros irmãos ligavam todos os dias. Eu não havia compartilhado com nenhum deles o que havia descoberto. Eles seguiram em frente com Kingston; eu não. Portanto, não havia sentido em abrir velhas feridas para eles. Não queria que eles revivessem aqueles tempos sombrios.

Meu telefone tocou. Peguei-o na mesinha lateral e atendi, sem sair do lugar. A vista não era nada espetacular, mas era melhor do que as

imagens em minha mente. Do corpo torturado de meu irmão. Seus gritos. Em minha mente, ele ainda era um garotinho que precisava de ajuda.

— Olá. Olá? — A voz de Royce gritou através do fone de ouvido que eu segurava. Droga, esqueci que tinha atendido.

— Olá, Royce. — Meu Deus, eu estava cansada. No entanto, dormir era ainda mais tortuoso ultimamente. Minha mente se perguntava o que queria em meus sonhos. Se Alexei, suas mãos em mim, suas cicatrizes e seus olhos azuis pálidos. Se Kingston e o medo que eu imaginava que ele sentia.

— Você está aí? — A voz de Royce me fez voltar.

— O que você quer, Royce? — perguntei cansada.

— Essa é a maneira de responder ao seu irmão favorito? — brincou ele.

Meus lábios se curvaram em um sorriso suave. — Boa tentativa, mas todos vocês são meus irmãos favoritos.

— Mas só entre nós, — ele sussurrou. — Eu sou seu favorito. Não é?

Baixei o tom de voz. — Só entre nós, — comecei, depois fiz uma pausa para dar um efeito dramático, — todos vocês são meus irmãos favoritos.

Ele deu uma risadinha e ouvi a risada profunda de Winston atrás dele. — Ela pegou seu traseiro, Royce.

— Vocês dois são os piores, — murmurei.

— Mas você quase admitiu que sou seu irmão favorito, — Royce sorriu.

Balancei a cabeça. — Não, não fiz isso. O que você quer? — Seu suspiro pesado veio através do fone de ouvido e imediatamente me arrependi de ter sido rude. Eles estavam apenas preocupados e tudo o que eu fazia era dar uma bronca. — Desculpe-me, — acrescentei rapidamente. — Só estou cansada.

— Você vai ficar em Nova Orleans? — Ele sabia que eu estava em um período sabático obrigatório. Quando se tem muitos irmãos, é difícil manter segredos. A verdade é que não havia sentido em ficar aqui. Eu não tinha amigos neste lugar. E o sequestrador que estava caçando crianças estava morto. Eu nem tinha certeza se queria continuar trabalhando para o FBI.

— Não sei. — Voltar para D.C. era o que fazia mais sentido. Sailor, Willow e o pequeno Gabriel estavam lá. Isso me manteria distraída de tudo isso. No entanto, sair de Nova Orleans era como cortar o último fio que me ligava a... acho que era Alexei. Ou talvez fosse a Kingston. Eu não sabia. A esperança de encontrar meu irmão havia se extinguido, mas eu não estava pronta para seguir em frente.

Ele respirou fundo e depois expirou. — O pai está dando um jantar político. — Eu me enrijei, sabendo o que estava por vir. Ele me convidaria para ir. Sempre ficava melhor quando a família estava perto de você durante esses jantares políticos. Eu não queria ir. Ele não havia me telefonado nenhuma vez nos últimos oito meses. Oito malditos meses. — Ele quer todos nós lá.

— Não.

— Eu sabia que você diria isso, — disse ele. — Faça isso por nós. Por Winston, Byron e por mim.

Eu entendi o que ele quis dizer. Ele reclamava e os culpava se eu não aparecesse. Nunca passou pela cabeça de meu pai que ele era o motivo pelo qual eu nunca o procurava. Eu odiava sua perspicácia e falta de escrúpulos para subir no mundo político. E a última descoberta fez com que eu o detestasse ainda mais.

Matei um homem que ele trouxe até à nossa porta. Não senti remorso por tirar a vida de um homem. Ivan merecia morrer, mas isso não curou o buraco em meu peito.

— Quando é? — perguntei.

— Em quatro semanas, — ele murmurou. Ele também não queria ir. — Então, falta mais mês e você terá espaço em sua agenda para isso. E não use a desculpa do trabalho. Todos nós sabemos que você está em licença sabática. Por tempo indeterminado.

Idiota. É claro que ele eliminaria a desculpa antes mesmo que eu tivesse a chance de pronunciá-la.

— Se você quiser um pouco de paz, pode ficar na minha casa. — Eu podia ouvir um sorriso em sua voz. — Porque eu sou seu favorito.

Assim como todos os meus irmãos, Winston tinha sua própria cobertura em D.C., embora passasse mais tempo fora do que dentro dela.

— Tudo bem, eu ficarei em nosso apartamento, se eu for. Sinto falta das meninas e de Gabriel.

— Bom, bom, — ele murmurou. — Passar um tempo com as meninas será bom para você.

Em seguida, ele se afastou como se tivesse falado demais. Seguiu-se um silêncio, nós dois sem saber o que dizer. Na verdade, eu me sentia vazia e, ultimamente, preferia o silêncio em vez de falar.

— Eu o avisarei se for, — murmurei. — Além disso, Gabriel é o meu favorito, — provoquei suavemente, tentando aliviar a tensão.

— Você não pode voltar atrás, — ele zombou. — Eu sou seu favorito. Além disso, Gabriel é um sobrinho, então ele pode ser seu sobrinho favorito. Eu sou seu favorito entre os três irmãos.

Três irmãos.

Deveriam ser quatro irmãos. Alexei me custou um irmão. No entanto, eu não atirei nele. Não podia atirar nele. E não conseguia parar de pensar nele.

— Ok, tenho que ir, — murmurei, de repente meu humor azedou e rapidamente cliquei no botão de encerrar. Eu me odiei por não odiar Alexei. Eu queria odiar suas entranhas, fazê-lo sofrer. No entanto, não conseguia me livrar da sensação de que ele sofria.

— Não é problema meu, — murmurei, irritada. Embora o problema fosse meu, já que eu queria que ele melhorasse. A vontade de abraçá-lo ou conversar com ele, não que ele fosse falante, permanecia constantemente em meu coração. No entanto, toda vez que eu pensava nele, eu também pensava em Kingston. E em como ele me custou meu irmão. Eu não conseguia pensar em um sem o outro.

A campainha da porta do meu apartamento tocou e eu gemi silenciosamente. Eu sabia que Byron havia esquecido a porra das chaves de novo. Ele insistia que as chaves eram coisa do passado e que eu precisava de uma fechadura com impressão digital. De jeito nenhum. Eu gostava de minhas chaves, muito obrigada. Ele tinha que voltar para sua vida. Nesse ritmo, eu voltaria ao trabalho mais louca do que antes do período sabático.

— Entre. Está aberta, — gritei, sem me preocupar em abrir a porta.

Encostei a testa nos joelhos, sentindo-me exausta. Todas essas malditas emoções eram exaustivas. Talvez eu devesse conversar com um psiquiatra, como sugeriu a agência. Só que eu não podia contar a ninguém o que realmente me incomodava. Assim como não podia contar a ninguém o que aconteceu com Anya. Nós lhe prometemos.

Sailor, Willow e eu ajudamos umas às outras a superar esse horror. Byron, Winston e Royce ajudaram aquela menina de cinco anos que chorou durante meses por seu Kingston.

Mas agora... eu estava sozinha. Eu queria conversar, mas não ousava dizer a ninguém que Alexei, o garoto de olhos quebrados, havia me custado meu irmão.

— Olá, agente Ashford.

Não era a voz do meu irmão. Levantei a cabeça e vi Sasha Nikolaev em pé na minha sala de estar, vestido com seu terno escuro e caro, escondendo sua crueldade. E aquele sorriso de tubarão em seu rosto.

— Que porra você está fazendo no meu apartamento? — sibilei, levantando-me.

— Relaxe, querida, — disse ele, sem se mover de seu lugar. Ele até enfiou as mãos nos bolsos, como se isso o fizesse parecer menos ameaçador. — Você e eu precisamos conversar.

Franzi a testa tão profundamente que minhas sobrancelhas doeram. Talvez Alexei não fosse o verdadeiro psicopata. Talvez fosse esse cara, porque ninguém são se atreveria a se aproximar de mim depois que Byron os ameaçou.

— Você é louco. — Olhei em volta do meu apartamento vazio, tentando localizar qualquer coisa que pudesse usar como arma. Minha arma de fogo estava no quarto, guardada e, apesar do porte avantajado de Sasha, tive a sensação de que ele se movia como uma pantera. Assim como Alexei.

— Provavelmente um pouco louco, — ele admitiu e eu arqueei a sobrancelha. Sim, a loucura certamente estava na família Nikolaev.

— O que você quer? — Eu lhe perguntei. Não havia sentido em discutir a insanidade do homem.

— Quero falar sobre Alexei. — Fiquei quieta, meu coração se contraiu dolorosamente e depois voltou a bater. Eu odiava que só de ouvir o nome dele, meu peito doía. Fiquei em silêncio, esperando. — Você sabe que minha mãe o sequestrou quando ele tinha dois anos? — Assenti com a cabeça, lembrando-me de sua história. — Você sabia que ela o mudava todos os anos, para que ele não pudesse se apegar a uma família? — Engoli um nó na garganta e assenti com a cabeça. — Então, quando ele tinha dez anos, a primeira família que cuidou dele, que tentou defendê-lo, foi

assassinada a sangue frio. Por minha mãe e Ivan Petrov. Enquanto ele assistia.

O oxigênio parecia estar em falta no meu apartamento. — Por quê? — Eu me engasguei.

— Ela era uma vadia psicopata. — Sua voz era fria e sem emoção, mas algo vulnerável cintilou em seu olhar pálido. Eu achava que meu relacionamento com meu pai era uma merda, mas isso não chegava nem perto da superfície dos pais Nikolaev. — Ivan o torturava, abusava dele. Deixava-o faminto. — A lembrança passou em minha mente. Olhos quebrados. Ele parecia triste, suas roupas estavam em mau estado. Quase trapos. Coloquei minha mão na dele porque ele estava muito triste. Eu me lembrei dele. *Dele*. No zoológico comigo quando eu era uma garotinha. E quando eu corria, ele estava atrás de mim. Toda vez que eu quase parava, ele me incentivava a continuar.

Ele me salvou, mas não salvou meu irmão. Por quê? Lembrei-me de que ele correu atrás de mim durante todo o caminho para casa. Parei bem perto do portão de nossa mansão.

— *Venha comigo, — eu implorei.*

Seus olhos eram tão tristes. Pálidos como o céu mais claro do verão. Minhas bochechas estavam molhadas de lágrimas e sua mão grande limpou outra lágrima que rolou pela minha bochecha.

— *Você foi corajosa, kroshka. — Sua voz era rouca, embora ele tentasse mantê-la baixa. — Continue sendo corajosa. Vá para dentro da casa. Ficarei aqui até que você entre em segurança.*

— Kingston, — choraminguei. — O quanto a Kingston? Meu irmão.

Ele era tão grande e alto que se abaixou e eu agarrei sua camisa, apertando-a com força para garantir que ele não me deixasse.

— Eu o pegarei. Encontrarei um jeito, — ele jurou com um sotaque grosso, sua voz áspera e cheia de emoções. — Eu o encontrarei, *kroshka*. Não importa o que aconteça.

Alexei voltou para Kingston. Até o Ivan disse isso. Alexei manteve sua palavra, mas já era tarde demais para meu irmão.

— Ele não cria vínculos, agente Ashford. — A voz de Sasha me trouxe de volta ao presente. — Ele foi tão severamente abusado que não permite que *ninguém* o toque. No entanto, eu vi você sentada no colo dele. Tocando seu rosto. Não o destrua também.

Eu não queria destruí-lo. Eu só queria que essa dor em meu peito parasse. Queria esquecê-lo.

— Ele levou Ivan até meu irmão e a mim, — eu disse calmamente.

— Não sei o que aconteceu, mas tenho certeza de que ele não teve escolha. — Eu daria o braço a torcer para Sasha, ele se importava com o irmão. Assim como eu me preocupava com todos os meus. — Deixe-me levá-lo até ele para que ele possa explicar.

— Ele mandou você?

— Não.

É claro que não. Embora eu não tivesse o direito de ficar chateada com isso. Afinal de contas, eu disse a ele para ficar longe. Eu o ameacei.

— Não há nada a explicar, — eu lhe disse. — A hora de explicar já chegou e já passou. Ele poderia ter explicado à polícia quando Ivan levou meu irmão pela primeira vez. — Deixei as palavras entrarem em minha mente antes de continuar. — Ele poderia ter me explicado quando me conheceu.

— Então você vai jogá-lo fora? — perguntou ele, com a acusação pesada em sua voz. — Assim como todos os outros em seu passado fizeram.

Minha garganta ardeu e minha alma se despedaçou. Alexei também sofreu bastante, durante toda a sua vida. Será que eu poderia culpá-lo por ter se salvado? Não poderia e não o faria. Se ao menos isso não me custasse meu irmão. Ou talvez fosse minha própria culpa que me consumia. Eu não sabia mais.

Apertei os lábios com força e meus olhos se desviaram do homem que me lembrava aquele que, de alguma forma, havia se infiltrado em minha pele. Um mês sem Alexei parecia longo. Era apenas sexo, eu dizia a mim mesma. No entanto, parecia muito mais do que isso. História. Palavras. Cada respiração. O sorriso lindo e maldito que ele me deu. Meus olhos ardiam e eu sentia uma angústia no fundo de minha alma.

— É melhor você ir embora, — eu disse a ele, minha voz tremendo. Eu precisava que ele fosse embora antes que eu desmoronasse. — Meu irmão voltará a qualquer momento.

Ele balançou a cabeça, com uma expressão de decepção.

Sem dizer mais nada, saiu do meu apartamento.

Capítulo 36

ALEXEI

Desacelerei os meus passos enquanto subia as escadas até ao portão da propriedade. Na Flórida, entre todos os lugares.

Raphael Santos me deu a dica. Eu a retribuí com outra informação. Ele agora estava procurando uma mulher em Washington D.C. Descobri a informação sobre Anya, irmã de uma das melhores amigas de Aurora. Desde a Rússia, o sonho de Aurora estava me incomodando. As informações que encontrei eram perturbadoras.

Já havia se passado um mês desde o fiasco na Rússia. Resisti ao impulso de perseguir Aurora. Queria ter certeza de que ela estava bem e segura. Sentia falta de seu cheiro de chocolate. Sua pele macia. Havia tanta coisa que eu queria lhe contar. No entanto, eu sabia que tinha que me afastar. Mesmo que ela de alguma forma me perdoasse, eu não poderia ser o homem que ela queria ou precisava.

Por isso, concentrei-me em caçar Igor. A doninha que, de alguma forma, sempre encontrava uma maneira de escapar sem um arranhão. Eu não permitiria que ele se tornasse o próximo Ivan. E ele conhecia Aurora, portanto, deixá-lo viver não era uma opção.

Meu celular tocou e eu xinguei. Esqueci de desligá-lo. Foi outra coisa que aconteceu desde a Rússia. Eu estava tão distraído que não conseguia funcionar. Realmente patético.

Respondi. — O quê?

Era Vasili. — Que porra você está fazendo na Flórida?

— Nada.

Uma batida de coração de silêncio. — Por favor, me diga que isso não tem nada a ver com aquela agente, — ele resmungou.

— Não tem nada a ver com a agente. — Tinha tudo a ver com ela.

— Morrelli ligou, — ele continuou, fingindo que acreditou em minha resposta. — Ele está atrás de informações sobre Sophia Catalano, a tia-avó de Bianca. Ele disse que tentou ligar para você, mas não conseguiu.

Meus dedos agarraram o telefone, agitados. — Tenho estado ocupado.

— Você poderia enviar a ele uma descrição da mulher idosa?

— Eu estava muito ocupado cuidando da minha mulher, — eu disse, — ...para garantir que Ivan não a estuprasse. Então, porra, não posso lhe contar nada sobre ela. Ela era velha. E louca pra caralho. E você pode dizer ao Morrelli que, se eu puser as mãos na porra da tia louca dela antes dele, ela será uma mulher morta.

Porra, eu perdi a cabeça.

— Por quê? — perguntou Vasili. — O que a velha fez com você?

— Ela bateu na minha mulher, foi a merda que fez, — eu disse.

O silêncio temporário foi minha única resposta. Era algo que normalmente me confortava, mas ultimamente, nem tanto. Eu ouvia a voz *dela* e isso me fazia procurá-la, mas acabava descobrindo que era minha mente me pregando peças. Ultimamente, o silêncio estava me sufocando, colocando sua mão invisível em volta do meu pescoço e me sufocando.

— Sua mulher? — A voz de Vasili cortou o silêncio. Era calma e razoável. Isso só serviu para me incitar ainda mais. — Alexei, *moy brat*²⁹. — Ele me chamava de irmão. Vasili nunca ficava sentimental. Ele era tão frio quanto eu. — Os Ashfords são homens poderosos. Se a agente Ashford der a entender a eles o que aconteceu, eles voltarão, atacando. É melhor ficar longe deles.

As palavras não ditas de Vasili foram claras. Não se meta *com a família Ashford*.

Sem disposição para ouvir argumentos, encerrei a ligação, desliguei o celular e continuei subindo as luxuosas escadas de mármore. Igor sempre gostou de coisas bonitas. Primeiro aquele castelo na Rússia, agora esta mansão de mármore branco.

Se eu conhecesse bem Igor, e infelizmente eu conhecia, ele provavelmente estava escondido em algum lugar aqui e me atacaria pelas costas. No entanto, o covarde era mais covarde do que eu imaginava. Eu o encontrei encolhido embaixo da escrivaninha, com a pele parecida com giz, o rosto cheio de pavor e os olhos arregalados de terror.

O bastardo nem sequer tentou lutar ou fugir.

²⁹ Meu irmão.

Meus lábios se curvaram de desgosto. Caminhei em sua direção. Antes mesmo que ele tivesse a chance de se mover, eu o agarrei pelo pescoço e o levantei no ar. Eu o preendi em um estrangulamento.

Minha boca se torceu em um sorriso cruel que eu sabia que assustava as pessoas. *Exceto minha pequena agente.*

Meu braço passou pela escrivaninha de vidro, fazendo com que todas as coisas que ele tinha sobre ela caíssem no chão. Meus dedos agarraram seu pescoço com muita força, fazendo com que seu pescoço de frango ficasse roxo. Eu o bati contra a escrivaninha, e ele gritou quando seu precioso rosto bateu no vidro e o estilhaçou.

Eu o levantei novamente e joguei seu corpo no chão, deixando o vidro cortar sua carne. Ele se debateu, tentou se ajoelhar e fugir. Minhas narinas se inflamaram de fúria.

Não há mais fuga para esse maldito. O ódio gelado inundou minhas veias. Ele se atreveu a olhar para minha mulher. Achou que poderia machucá-la. Minhas botas pretas de combate cravaram-se em suas costas, e eu empurrei meu peso corporal contra suas costas.

Sobre. O. Meu. Cadáver. Ou o dele; de preferência o dele.

— Espere, espere, — ele implorou, levantando as mãos ensanguentadas em sinal de rendição. Ele esperava por misericórdia; não teria nenhuma. — Eu lhe darei qualquer coisa, Alexei.

Ele não resistiu e a vontade de liberar a tensão se instalou em meus músculos, a sede de sangue exigindo ser satisfeita.

Sorri, inclinando-me ligeiramente. Deixei que ele acreditasse que poderia me comprar. — A velha, — rosnei. — Como faço para encontrá-la?

Os olhos de Igor se arregalaram. Eu não achava que fosse possível vê-lo mais apavorado, mas ele estava. Quem diabos era aquela mulher para que ele estivesse tão apavorado com ela? Sim, ela era a esposa de Ivan. A tia-avó de Bianca. No entanto, eu sentia que estava faltando algo importante aqui.

Assim como Aurora, eu sentia que havia algo de desequilibrado e louco na idosa.

— Onde? — Eu gritei. Abaixando a mão, eu o virei e o preendi com meu antebraço em seu pescoço. — Não me faça perguntar de novo.

— Escondida, — ele choramingou. — Ninguém sabe onde ela está.

— Por quê?

— Eu não sei, porra. — Esse cara era inútil.

Meu maxilar se cerrou, e minha mão livre se ergueu e agarrou seu cabelo, levantando-o e batendo-o contra o chão. Empurrei seu rosto contra o vidro e seu choro ficou mais alto.

— Eu lhe disse que você estaria do lado errado das grades, — zombei.

Eu engatilhei a arma, mas antes mesmo de ter a chance de apontá-la para sua cabeça, ele gritou. — Grécia, — ele gritou. — Ela está em algum lugar da Grécia. Isso é tudo o que eu sei.

— Por isso, talvez eu o mate mais rápido, — disse eu em tom de conversa. Com precisão, disparei dois tiros em suas rótulas. Seus gritos de dor fizeram o vidro tremer. Puxei a faca da bota e enfiei a ponta da lâmina em seu pescoço. — Mas não muito rápido, — eu disse. — Afinal de contas, temos um acerto de contas a fazer.

Eu tinha prazer em ver sua vida miserável se esvair de seus olhos.

Capítulo 37

AURORA

— Tem certeza de que ficará bem? — Byron me olhou com preocupação. Estávamos no estacionamento em frente ao meu prédio. Ainda estava quente e úmido lá fora.

Ele não se importava em ir embora até ontem. Quando uma caixa foi entregue. Ela continha mãos e uma foto de Igor. Morto. Eu sabia quem tinha feito isso, mas mantive minha boca fechada. Quando a polícia chegou, agi como se nunca o tivesse visto.

E aqui estávamos nós. Meus irmãos entraram em pânico.

Só que eu sabia que Alexei tinha feito isso para vingar Kingston. Foi doentio? Sim. Eu me opunha? Claro que não. Talvez eu fosse tão louca quanto Alexei.

— Eu deveria ficar, — Byron protestou. — Não quero deixá-la agora. — Apreciei sua consideração e o fato de que ele se importava, mas não havia mais nada que eu quisesse fazer além de ficar sozinha.

— Você tem que ir, — eu disse a ele. — Caso contrário, nós vamos nos matar.

Ele puxou minha orelha. — Pirralha. — Mostrei a língua para ele. Não era muito maduro, mas ou era isso ou eu lhe dava um tapa. — Um guarda será deixado para trás para vigiá-la.

— Byron, — protestei, irritada.

— Você nem vai saber que ele está aqui, — justificou. — Ele está aqui desde que voltamos de...

Ele se conteve. Era absurdo que evitássemos todas as menções à Rússia. Os homens de Byron invadiram a vigilância e o que ele viu não foi bom. Ele disse que nem ele nem seus homens assistiram, mas eu sabia que ele estava fazendo suposições. Ele destruiu todas as provas de que eu tinha estado lá.

Agora, eu tinha que lamber minhas feridas sozinha e na escuridão, até que pudesse aceitar tudo o que aconteceu.

— Está bem. — Forcei um sorriso feliz enquanto o empurrava para dentro da limusine. Ele não se mexeu com o guarda, então eu poderia muito bem concordar com ele. — Pare de importunar sua irmã e volte ao trabalho.

— Não gosto disso, — ele murmurou e eu dei uma risada.

— Sim, eu também não gosto de trabalhar, — brinquei.

Eu o empurrei para dentro da limusine, depois bati a porta antes que ele pudesse dizer outra palavra e bati no teto, dando um sinal ao motorista da limusine para seguir em frente.

A janela do passageiro de trás se abriu imediatamente e o rosto perfeitamente simétrico do meu irmão apareceu. O homem parecia bom demais para seu próprio bem.

— Não pense que esta conversa acabou, — advertiu ele, com sua voz atravessando o ar.

Em vez de comentar, eu apenas acenei.

— Amo você, — gritei atrás dele. — Não me ligue.

Ele me deu um olhar de reprovação pela janela do carro, o que me fez dar uma risadinha. Eu sabia que ele estava me deixando ir muito fácil. Ele poderia facilmente ter dito ao motorista para dar a volta e deixá-lo sair.

Fiquei ali, meio que esperando aquele formigamento familiar na nuca. Aquela mesma sensação que tive desde o momento em que conheci Alexei e que me avisou que ele estava me seguindo. Mas desde a Rússia, a sensação não estava mais lá. Eu não conseguia decidir se estava aliviada ou angustiada com isso.

Eu lhe disse que o prenderia se o visse novamente. Naquele momento, eu estava falando sério, mas agora, nem tanto.

Eu me apaixonei por ele. Soube disso no momento em que não consegui atirar nele, mas demorei um pouco para admitir. Só a ideia de vê-lo morto já me causava um forte pavor nas veias. Os sentimentos por ele se infiltraram em mim enquanto eu estava concentrada no caso.

— Srta. Ashford. — A voz de um homem estranho veio de trás de mim e fiquei irritada.

— Se você é o guarda-costas de Byron, pode ir embora, — eu lhe disse sem olhar para trás e comecei a caminhar em direção à porta do saguão. — Eu não preciso de um.

Uma inesperada e suave risada feminina fez com que meus passos parassem e eu me virei para encontrar dois pares de olhos

desconhecidos. Meus olhos se desviaram do homem alto com cabelos escuros e olhos ainda mais escuros, vestindo um terno de três peças. Tatuagens em seu pescoço. Uma tatuagem de rosa em sua mão direita. A essa altura, já era um hábito catalogar tudo.

Ele segurou a mão da mulher com a mão esquerda e, de alguma forma, achei que era de propósito. Para manter sua mão direita livre. Meus olhos percorreram a mulher. Ela era incrivelmente bonita e estava grávida. Eu não conseguia adivinhar em que fase da gravidez ela estava, mas com certeza estava bem avançada.

— Então quem é você?

— Sou Cassio King, — respondeu o homem. — Esta é minha esposa, Áine.

Reconheci o nome. Cassio King era filho do falecido Benito King. Toda a família dirigia uma organização criminosa. Cheguei a investigar Benito King, pensando que ele poderia ser a pessoa certa para levar a Kingston. Mas ele não se encaixava no *modus operandi* e gostava muito de estar sob os holofotes.

— E daí? — Arqueei uma sobrancelha. Eu me comportava como uma pirralha, exatamente como meu irmão me chamava. — Escute, seja lá o que for que você quer, eu não tenho. — Meus olhos se voltaram para a mulher. — É melhor entrar em uma sala com ar condicionado, — eu disse a ela, olhando para sua barriga. — Este calor pode ser brutal, e você parece que vai estourar.

Ela me deu um sorriso brilhante. — Achei que você nunca convidaria. — Pisquei os olhos em confusão. — Indique o caminho, Srta. Ashford. — Que diabos acabou de acontecer?

— Para onde? — Perguntei estupidamente.

— Para seu apartamento, — respondeu ela com um sorriso radiante.

Um riso estrangulado escapou de mim. — Hummm, acho que não. Não levarei estranhos para o meu apartamento.

— Somos amigos de Alexei, — disse Cassio. Instantaneamente alertada, meus olhos percorreram os arredores. Eu quase esperava vê-lo.

— Isso é por causa da entrega? — sussurrei em voz baixa.

— Entrega? — Cassio perguntou, com uma expressão confusa. Ok, talvez ele não soubesse sobre a entrega.

— Não importa, — murmurei.

— Srta. Ashford, essas pessoas a estão incomodando? — Olhei para trás e, no momento em que vi o homem, soube que era meu guarda-costas. Ele parecia exatamente o tipo que Byron contrataria. Provavelmente um ex-Navy SEAL.

Cassio deu um passo à frente, mas sua esposa pegou seu braço e o segurou. Ele se comportou como se meu próprio guarda-costas fosse me atacar.

— Ah, não, não, — respondi rapidamente antes que as coisas piorassem. — Eles são... velhos amigos, — menti, corando. — Vamos

entrar. Cassio, Áine. — Forcei o que eu esperava ser um sorriso aceitável. — Por aqui.

Espero não ter sido idiota ao deixá-los entrar em minha casa, mas, considerando que Alexei ameaçou seus próprios irmãos de me machucar, não achei que seus amigos fossem me machucar também.

Quando entraram em meu apartamento, os dois se sentaram em meu sofá moderno. Eu os observei olhando ao redor enquanto levava uma garrafa de água para cada um.

— Este lugar parece um hotel, — murmurou Áine. — Não parece que alguém mora aqui.

Ocupei meu lugar perto da janela, com os olhos na porta e toda a sala de estar à minha vista. — Não passo muito tempo em casa. Do que se trata agora?

Cassio e sua esposa trocaram um olhar.

— Ouvi dizer que você e Alexei capturaram Ivan Petrov. — Meu coração deu um nó. — O irmão dele nos deu um resumo. — Exalei um fôlego irregular e me certifiquei de que minha expressão não refletisse nenhum de meus pensamentos.

— E daí?

— Tenho uma pergunta para você. — Cassio estreitou os olhos para mim, estudando-me. — Você ama Alexei?

Reprimindo um estremecimento, sustentei seu olhar.

— Isso não é da sua conta, Sr. King, — disse a ele, impressionada com o fato de minha voz não refletir nenhuma das emoções que se agitavam em meu peito.

Ele não parecia impressionado.

— Vou lhe contar uma história, — ele começou e eu revirei os olhos. Esse cara veio mesmo para me incomodar com algumas histórias. Ele ignorou meu olhar de reprovação, embora sua esposa tenha dado uma risadinha. — Há pouco mais de dez anos, Alexei voltou para a Rússia. Ele foi sozinho. — Meu coração martelou no peito, preocupado com a possibilidade de alguém ir sozinho para aquele país. — Por coincidência, Luca e eu entramos em contato com ele porque precisávamos de um local para levar algumas mulheres.

Minha coluna se endireitou. — É melhor você tomar cuidado com o que vai dizer a seguir, — avisei. — Porque não hesitarei em prendê-lo.

Áine deu uma risadinha. — Cassio salvou mulheres do tráfico humano, — ela o defendeu. — Ele precisava de um lugar seguro para colocá-las.

Uma rápida olhada entre o marido e a esposa, e percebi que havia uma história ali.

— De qualquer forma, perguntei a Alexei se poderíamos levá-las para a Rússia, — Cassio continuou, ignorando minha ameaça. — Foi assim que descobri que ele estava lá. Ele me ofereceu um santuário para elas em Portugal. Era para lá que ele estava preparado para levar qualquer pessoa que encontrasse viva no complexo russo de Ivan. — Uma respiração aguda

se espalhou pelo ar. Era a minha. — Pedimos a ele que nos esperasse. Era suicídio ele ir sozinho.

— Por que seus irmãos não foram com ele? — Perguntei, com a voz trêmula.

— Nenhum de nós, incluindo ele ou seus irmãos, sabia naquela época que ele era um Nikolaev, — explicou Cassio.

Isso fazia sentido, afinal de contas, seu arquivo o mostra na foto ao redor da família Nikolaev há apenas cinco anos ou mais. — Ele esperou?

Meu coração batia descontroladamente contra minhas costelas, encurtando minha respiração.

— Um dia, — respondeu ele. — Ele queria tirar qualquer um de lá antes que Ivan voltasse. — Assenti com a cabeça diante da lógica. Fazia sentido, especialmente se ele estava tentando tirar as pessoas de lá. — Nico Morrelli, que você conhece, chegou lá primeiro, — continuou ele, e de alguma forma não fiquei surpresa ao saber que ele sabia que eu conhecia Nico Morrelli. Embora eu não diria exatamente que o conhecia. — E alguns outros, junto com Luca, meu irmão e eu, chegamos lá bem na hora. Alexei já estava na casa, atacando os homens e chegando aos prisioneiros.

— Exceto meu irmão, — murmurei.

— Incluindo seu irmão. — Confusa, eu o observei. Ele estava mentindo? — Ele estava em mau estado, mas nós o tiramos de lá. — Por um momento, esqueci de respirar. Esqueci-me de funcionar. Fiquei apenas olhando para esse estranho à minha frente.

— K-Kingston, — gaguejei, minha voz mal ultrapassando o sussurro. — Meu Kingston?

— Sim, Kingston Ashford. Nós o tiramos de lá. Ele estava em péssimas condições. Ficamos presos em Moscou, enquanto esperávamos por uma saída daquele inferno. Todos nós nos revezamos para cuidar dos sobreviventes, mas Alexei ficou com seu irmão.

— E ele morreu? — Eu gritei. Cassio balançou a cabeça. — Não?

Eu estava confusa. Nada disso fazia sentido. — Não, seu irmão está vivo.

Olhei para a esposa dele, que assentiu com um sorriso simpático no rosto.

— Mas como? — Alexei me disse que Kingston estava morto. Não disse? Eu examinei cada palavra que foi dita naquela sala miserável. Ivan disse que Kingston estava morta. Alexei não confirmou nem negou.

— Ele se curou, — explicou. — Foi por pouco, mas Alexei nunca desistiu dele.

Pisquei os olhos. De novo e de novo. Minha garganta ardia. Meus malditos olhos ardiam. No entanto, eu me recusava a desmoronar. Não agora, quando esse homem acendeu essa esperança em meu peito.

— Mas ele me deixou acreditar que Kingston estava morto, — gritei, meu coração se contorcendo com outra traição. Será que Alexei gostava de me fazer sofrer?

— Ele deu sua palavra, — explicou Cassio.

Franzi as sobrancelhas e a dor permaneceu em minhas têmporas. Apertei o nariz, tentando aliviar um pouco da tensão.

— Para quem? — perguntei.

— Para seu irmão.

— Mas por quê?

— Alexei sentiu que devia isso a Kingston, — explicou. — Seu irmão estava em mau estado. Nós podíamos curar seu corpo, mas não sua mente. — Um arrepio percorreu minha espinha. — Alexei prometeu que não contaria à sua família que ele estava vivo. Kingston não queria que você visse em que ele havia se tornado.

Uma lágrima rolou pelo meu rosto e eu a limpei com raiva com as costas da mão.

— Por que ele não queria que soubéssemos? — Eu me engasguei. — Nós o amamos. Eu nunca deixei de ter esperança...

Não consegui terminar a frase. Meu lábio inferior tremeu e eu cobri a boca, depois corri para o banheiro e fechei a porta atrás de mim. Encostada na porta, deslizei para o chão frio de ladrilhos. Continuei engolindo com dificuldade, tentando manter os soluços afastados. Mas, por fim, eles venceram. Meu corpo inteiro tremeu enquanto soluçava.

Kingston está vivo.

Capítulo 38

AURORA

Minhas entranhas tremeram enquanto eu andava pelas ruas de Lisboa.

Portugal.

Essa foi a única informação que Cassio King compartilhou. Eu entendia sua lealdade a Alexei, mas depois não entendia mais. Era do meu irmão que estávamos falando. Eu precisava vê-lo. Ouvi-lo. Senti-lo.

Eu me senti novamente como aquela garotinha que sempre corria atrás do irmão mais velho. Eu amava todos os meus irmãos, mas a disparidade de idade com os outros me fazia sempre correr para Kingston primeiro. Byron, Winston e Royce estavam quase na categoria de meus cuidadores. Enquanto Kingston era meu irmão. Aquele com quem eu me metia em problemas. Aquele que apoiava minha ideia de desenhar na parede ou jogar todas as minhas cores de tinta na piscina para que víssemos um arco-íris eterno.

Os outros três irmãos tinham mais bom senso do que nós.

Prendi a respiração até meus pulmões sufocarem e depois expirei lentamente.

Vinte anos. Todos os tipos de cenários passaram por minha mente. Ele era tão alto quanto meus outros irmãos? Tinha o mesmo cheiro? Ele ainda gostava de balas de goma?

Era uma estupidez, eu sabia disso. Ele era um adulto agora. Provavelmente não havia comido gomas desde aquele dia.

Senti arrepios na pele, lutei contra um calafrio e as imagens em minha mente criavam os piores cenários. Eu tinha que dizer a Kingston o quanto eu estava arrependida. Pedir-lhe perdão. Ajudá-lo de alguma forma.

Alexei o ajudou. Cassio disse que ele o ajudou financeiramente e que Kingston começou a agir a partir daí. Ele havia feito sua própria fortuna desde aquele dia, mas Alexei o visitava com frequência e, às vezes, até investia nos negócios de Kingston.

Talvez Kingston também me deixasse ajudá-lo de alguma forma.

Então, um pensamento me ocorreu e meu passo vacilou. Talvez eu fosse o motivo pelo qual ele não queria voltar. Engoli com força o nó em minha garganta, meu estômago ardia de culpa. A culpa era pesada e amarga e me percorria por inteiro.

Um suspiro trêmulo escapou por meus lábios e eu me acalmei com determinação. Se ele não quisesse ter nada a ver comigo, então eu... Meu coração ficou preso na garganta ao pensar que ele não queria me ver. Eu funguei, já com os olhos cheios de lágrimas.

Que besteira.

— Cresça um pouco, Aurora, — murmurei baixinho. Tudo estava me fazendo chorar desde a Rússia. Já se passaram quase dois meses

desde a última vez que vi Alexei. Uma semana desde que soube que Kingston estava vivo. E tudo o que eu fiz foi chorar.

Tudo o que importava para mim era o fato de Kingston estar vivo. Todo o resto, eu superaria. Se ele não quisesse me ver, eu respeitaria sua vontade. Mas eu encontraria uma maneira de compensá-lo enquanto estivesse vivo.

Acelerei o passo, absorvendo a cidade velha e as palavras apressadas ditas em português enquanto meus olhos encontravam os rostos dos homens, procurando qualquer semelhança com meu irmão. Era tola? Sim. Kingston seria um homem adulto agora. Trinta.

Seu aniversário estava chegando em julho e ele faria trinta e um anos.

Tanta coisa foi roubada de nós. Talvez ele percebesse o quanto eu estava arrependida e, se não quisesse me ver, eu lhe imploraria para ver nossos irmãos. Eu ficaria longe. Kingston precisava de nossos irmãos tanto quanto eles precisavam dele.

Uma estranha sensação de propósito me fez correr pelas ruas, fazendo-me querer descobrir o que o futuro nos reservava. Ouvi os passos de meu guarda-costas atrás de mim. Ele estava sempre por perto. Provavelmente achava que essa viagem era uma loucura, mas eu não me importava. Vendi uma história idiota para meus irmãos sobre umas férias muito necessárias.

Não foi tão difícil vender isso para Willow. Eu a chamei quando sabia que ela estaria ocupada, para que ela não se distraísse tentando fazer duas coisas ao mesmo tempo. E tive sorte com Sailor. Ela e Gabriel tiraram

umas pequenas férias, embora fosse estranho que tivessem ido sozinhos. Eles sempre levavam Willow e eu junto.

Um homem se chocou contra mim, fazendo com que eu perdesse o equilíbrio. Antes que eu caísse no chão, as mãos do meu guarda-costas me seguraram. Pelo menos eu achava que eram, até que olhei para cima e minha respiração ficou presa nos pulmões.

Cabelos escuros. Pele cor de oliva. Olhos escuros com um frio quase assombroso em suas profundezas. Minhas mãos agarraram sua camisa, seu corpo alto era uma parede sólida de músculos.

— Você está bem? — Sua voz era grave, com um leve sotaque em suas palavras. No entanto, eu o conhecia. Eu o conhecia, porra.

— Kingston, — eu sussurrei. Só podia ser ele. Eu reconheceria aqueles olhos em qualquer lugar. Só que eles não brilhavam mais como antes. O garotinho que costumava rir comigo havia desaparecido. Em seu lugar, havia um homem duro. Ângulos agudos. Expressão dura. Seus cabelos negros levemente desgrehados.

— Não mais.

Meu peito ficou apertado. Ele me odiava. A expressão suave de que eu me lembrava foi substituída por algo cruel e... quebrado. Isso me fez lembrar dos olhos de Alexei quando o vi pela primeira vez no zoológico.

— O que você quer dizer com isso? — Eu engasguei, lutando contra as lágrimas que ameaçavam transbordar. Engoli com força para conter os soluços que sufocavam minha garganta. Eu não queria envergonhá-lo ou parecer fraca. Depois de ele ter sido tão forte durante anos sob a brutalidade de Ivan.

— Não uso esse nome há duas décadas.

O silêncio se estendeu. O burburinho da cidade ao nosso redor se apagou nesse momento. Lentamente, quase com delicadeza, ele me endireitou e o ambiente voltou a se concentrar. Olhei em volta, mas o guarda-costas de Byron não estava em lugar algum.

— Meus homens cuidaram dele, — explicou Kingston. Meus olhos se arregalaram. — Ele vai acordar no hotel, — esclareceu, como se estivesse preocupado que eu pensasse que ele o havia matado. Minha bússola moral deve ter virado para o sul, porque a preocupação com o meu guarda-costas nem sequer piscou.

Voltei meu olhar para meu irmão, absorvendo as características do homem adulto e substituindo o menino de quem eu me lembrava e que ficaria para sempre em meu coração. Ele era tão alto quanto nossos irmãos e tive que esticar o pescoço para estudar seu rosto. Memorizando cada detalhe dele.

Meus dedos ainda agarravam sua camisa, segurando-o e com medo de soltá-lo. Com medo de que ele se transformasse em um produto de minha imaginação. Havia tanta coisa que eu queria lhe dizer. No entanto, não conseguia pronunciar uma única palavra. As palavras pareciam estar faltando.

— Cassio disse que você viria, — acrescentou Kingston, seu tom quase gentil. — Deveria voltar para casa.

Eu queria chorar, gritar, implorar. Qualquer coisa para mantê-lo conosco. Mas tudo o que eu podia fazer era balançar a cabeça, com palavras não ditas me sufocando.

— Sinto muito, — sussurrei por fim. Um nó se alojou em minha garganta, então não consegui dizer mais nada. Mas eu tinha tantas outras para dizer.

Sua mão se levantou e, distraidamente, observei as tatuagens em seus dedos. Prendi a respiração, esperando. Embora não tivesse certeza do que fazer. Minha consciência me dizia que eu merecia seu ódio, mas meu coração queria meu irmão de volta.

Os nós de seus dedos passaram pela minha bochecha. — Ainda tão macia quanto naquele último dia, — disse ele.

E foi o suficiente. Lágrimas brotaram em meus olhos e desceram pelo meu rosto, pingaram do meu queixo e caíram nos nós dos dedos dele.

— Sinto muito, — eu me engasguei. — Se eu pudesse mudar aquele dia, eu mudaria. Eu ouviria. Nunca sairia do seu lado. — Minha voz embargou, mas agora que as palavras saíram, eu não conseguia parar. — Eu deveria ter escutado. Ter ficado com você. Eu deveria ter gritado. Sinto muito, Kingston. Eu queria que ele tivesse me levado e não a você. A culpa é toda minha. — Todas as emoções se agitaram em meu peito e eu funguei, tentando impedir que meu nariz escorresse com as lágrimas. E, assim como quando éramos crianças, ele pegou um lenço e o enxugou. Minhas entranhas se romperam com as lembranças de antes de tudo ter ido por água abaixo. — P-Por favor, Kingston, eu...

Engoli com força, mas as palavras que eu temia tinham de ser ditas. Era para o bem dele e de meus outros irmãos.

— Eu posso ficar longe, — eu disse, meu corpo tremendo de emoção. — Por favor, não nos descarte, a nossos irmãos. Fui eu que estraguei tudo.

Meus pulmões doíam. Parecia que ácido queimava em meu estômago, mas ignorei tudo, implorando a ele. Meu coração batia no peito, e as duas mãos agora agarravam sua camisa.

Olhando diretamente nos olhos de meu irmão, procurei o menino que sempre estive ao meu lado.

— P-Por favor... — Um soluço escapou de mim, mas ignorei o quanto eu parecia ridícula e fraca. — Por favor, Kingston. Eu farei qualquer coisa.

Minhas entranhas se contorceram enquanto eu o olhava. Contra todas as probabilidades, eu esperava o impossível. Talvez fosse a sonhadora que havia em mim? Ou a garotinha que amava sua família? Ela nunca se sentiu completa sem meu irmão. Éramos nós cinco juntos que formávamos uma unidade familiar.

Meus nervos ficaram à flor da pele enquanto eu esperava por sua chicotada. Que ele me dissesse o quanto me desprezava.

— A culpa foi do nosso pai. — Suas palavras me deixaram atordoada e eu pisquei confusa. Suas palmas pegaram meu rosto entre as mãos. — Foi por culpa do velho que eles vieram atrás de nós. Não sua, *minha pequena aurora*.

Seu pequeno amanhecer. Meus irmãos me disseram que somente minha mãe me chamava assim. Ela me deu o nome de Aurora, porque nasci

de madrugada e ela achou que era o nome perfeito depois de passar dois dias em trabalho de parto.

Nosso pai destruiu nossa família. Kingston pagou o preço. Cada um dos meus irmãos pagou algum tipo de preço graças a meu pai. Kingston costumava ser o irmão que sempre encontrava tempo para me abraçar, oferecer conforto e sorrisos calorosos. E agora, na minha frente, estava um homem adulto emocionalmente distante. Muito parecido com Alexei. Será que ele teve de aprender a se desligar das emoções para lidar com tudo o que teve de suportar?

Dessa vez, eu me desestruturei. Um soluço se soltou e enterrei meu rosto no peito do meu irmão, tentando abafá-lo. Estávamos no meio de uma cidade, em plena luz do dia, e eu chorei como um bebê.

— Eu amo você, Kingston, — murmurei em seu peito. — Por favor, não me mande embora.

Capítulo 39

ALEXEI

Idiota.

Foi a única conclusão a que cheguei enquanto observava Aurora deslizar pelo grande e elegante salão de baile. Fui um idiota por ter vindo, pensando que de alguma forma poderíamos conversar. Ela me deixaria tocá-la mais uma vez.

Mas ao ver esse mundo brilhante em que ela cresceu, entre os mais ricos e chiques do cenário político de Washington, eu sabia que éramos tão diferentes quanto o sol e a lua. Eu cresci nas favelas, entre a escória da terra, na escuridão da noite. Não poderia haver evidência mais clara de nossa incompatibilidade.

Dois meses sem ela foram um inferno. Eu não conseguia nem pensar no resto da minha vida. A garotinha do zoológico levou um pedaço do meu coração com sua bondade. A mulher à minha frente exigiu cada grama dele.

Cada respiração. Cada batida do coração. Cada maldito pensamento.

Essa deve ter sido a forma de punição de Deus. Um carma doentio. Por toda a morte que causei e pelo sangue que manchou minhas

mãos. Tive um vislumbre do que eu poderia ter tido e, em seguida, ele me foi arrancado.

Mas não havia mais ninguém para mim. Apenas essa pequena mulher com a pele mais macia, a boca mais atrevida e o sorriso mais caloroso. Eu não a via há dois meses. Dois malditos meses. Eu me afastei de toda a turma e de meus irmãos. Eu também não tinha ido ver Kingston. Tampouco falei com ele. Eu lhe enviei uma desculpa patética. Embora ele tenha me deixado escapar.

Eu não podia vê-lo ainda. Seus olhos me lembrariam muito de sua irmãzinha. Eu teria que superar essa merda. Achei que vir aqui me ajudaria a seguir em frente. Sim, isso foi idiota. Agora minhas mãos tremiam porque eu desejava tocá-la.

Os olhos dos homens a seguiam avidamente, mas ela ignorou todos eles. Estava com seus irmãos, com champanhe em uma das mãos, enquanto eles a entretinham. Os três irmãos a rodeavam como se fossem seus protetores, afugentando qualquer homem que tentasse se aproximar dela.

Seu sorriso, porém, não era tão feliz, sua pele estava um pouco mais pálida. E o idiota em mim esperava que fosse por mim.

Como eu disse, um idiota.

Eu me confortava com o fato de ela não olhar para nenhum outro homem. Seus olhos estavam voltados apenas para os irmãos, seus sorrisos eram sinceros apenas com eles, e eu lutei contra o desejo de matar os bastardos. Era impossível esmagar o assassino que havia em mim. Era quem eu era.

Oito semanas e três dias desde a última vez que a vi. A provei. Transei com ela. E era o pior tipo de abstinência.

— Alexei, as pessoas estão se borrando nas calças, — murmurou Vasili. — Pare de rosnar e abra os punhos. Não estamos aqui para brigar.

Certo! Estávamos aqui porque eu queria vê-la novamente. O senador Ashford convidou Vasili, tentando garantir os votos de Nova Orleans. Todos sabiam que Vasili governava a Louisiana e quem quer que ele apoiasse, obteria a maioria dos votos naquele estado. É claro que o senador Ashford não sabia o que estava acontecendo na Rússia.

Resumindo, como um idiota, não consegui resistir à oportunidade de ver Aurora mais uma vez. É claro que essa não era a ideia de Vasili para mim. Bem, que pena. Se ele tivesse recusado, eu teria ido até Cassio para pedir um convite e depois desceria pela lista. Foda-se, eu iria lucrar com a dívida de todos até ficar sem opções.

Outra mulher passou por nós, lançando-nos um olhar que claramente dizia que não fazíamos parte do grupo. Malditos puxa-saco e esnobes.

— Alexei, — avisou Vasili em um sibilo.

Forcei a abertura das palmas das mãos. Como se isso me tornasse menos ameaçador. Eu tinha plena consciência dos olhares que me eram dirigidos. Meu tipo não era o tipo de pessoa que se metia na alta sociedade. Eu era do tipo que se escondia nas sombras e assustava esses filhos da puta.

O senador Ashford se juntou a Aurora e seus filhos. Suas mãos envolveram a filha de um lado e Byron do outro. Como se estivessem em

sincronia, todos os irmãos se enrijeceram levemente. O velho disse alguma coisa e riu com vontade, mas seus filhos não se juntaram a ele.

Então ele puxou a filha e, a menos que ela estivesse pronta para fazer uma cena, sabia que teria de acompanhá-lo. No entanto, ao se afastar dos irmãos, ela lançou um olhar de súplica por cima do ombro.

— Ajudem-me, — ela murmurou aos irmãos, depois foi forçada a se virar.

O senador e ela se juntaram a um grupo de homens e então começaram as apresentações. Levou apenas cinco minutos e Aurora se desculpou, com um sorriso forçado nos lábios.

— Alexei, você está bem? — A mão de minha irmã chegou ao meu braço, dando um tapinha gentil em minha mão. Eu não gostei disso. O único toque que eu conseguia suportar remotamente era o de Aurora.

— Da.

A mão de Isabella caiu para o lado e Vasili rapidamente a pegou na sua. Era muito estranho, mas eu preferia não ser tocado. E a única pessoa que eu conseguia imaginar me tocando era a jovem que não me suportava porque eu lhe havia tirado algo que ela amava. Eu não podia culpá-la por me odiar.

Observei quando um homem parou Aurora enquanto ela voltava para junto de seus irmãos. Ela inclinou a cabeça para o lado, ouvindo e sorrindo. Meus dentes rangeram, meu sangue ardeu e minha respiração foi roubada de meus pulmões.

Ela é minha, eu queria gritar para toda a sala e ameaçar com o pior tipo de tortura qualquer um que olhasse para ela.

Minhas mãos tremiam com a vontade de começar uma matança. Mas eu sabia que isso a afastaria ainda mais. E ela já estava tão longe. Talvez nós dois fôssemos como o sol e a lua, sempre passando um pelo outro, mas nunca realmente destinados a ficar juntos.

Agora pareço uma maldita boceta, pensei com ironia. Era isso que o amor fazia com você. Quem em sã consciência precisava dessa dor de cabeça?

— Vá falar com ela, — sussurrou Isabella ao meu lado. Minha irmã não sabia o que tinha acontecido. Apenas que nós dois eliminamos a ameaça juntos. Se ela soubesse que eu tinha custado a Aurora seu irmão, que o fiz passar pelo inferno que passei e que ele provavelmente ficaria fodido pelo resto da vida, ela me diria que eu não tinha chance com a agente do FBI.

— Vou pegar uma bebida. — Afastei-me sem dizer mais nada. A gravata em volta do meu pescoço estava me sufocando. O terno era muito apertado e muito restritivo. Vasili usava ternos como se fossem uma segunda pele. Eu usava armas e um guarda-roupa militar como se fosse parte de mim. Não essa merda.

Em dez passos largos, encontrei-me perto do bar.

— Whisky, — eu disse ao barman. — Duplo.

Essa foi uma péssima ideia. Eu sabia que Vasili era frequentemente convidado para eventos de arrecadação de fundos políticos. Dois meses sem ela mexeu com minha mente. Eu não conseguia funcionar.

— Você trabalha aqui? — Uma senhora idosa com uma bengala estava ao meu lado, olhando para mim como se eu fosse a escória da terra. Não havia nada de *semelhante* naquela afirmação. Eu estava entre a pior escória que já passou por este mundo. — Eu preciso...

— Não, — eu disse a ela de forma fria.

— Parece que você trabalha aqui, — ela balbuciou quando eu só queria que ela calasse a boca.

O barman a salvou colocando minha bebida na minha frente e eu a bebi de um só gole. Eu precisava de uma garrafa inteira. Nunca gostei muito de beber. A necessidade de manter o controle estava enraizada em mim. No entanto, desde que conheci Aurora como mulher adulta, minha pressão sanguínea disparava constantemente, minha respiração estava irregular e minha mente estava uma bagunça. E eu precisava de álcool.

O controle voou para fora do elevador no dia em que ela entrou nele, no prédio do FBI.

— Preciso que alguém vá buscar meu carro, — exigiu a idosa. Jesus, será que ela queria morrer?

— Sra. Kennedy, como a senhora está? — Uma voz suave veio de trás de mim. O cheiro de chocolate. Eu me enrijei. — Este é Alexei, meu namorado.

Minha cabeça se virou para ela. Ela estava fazendo graça? Aurora não olhou para mim, seus olhos estavam fixos na velha.

— Oh, minha querida, acho que seu pai não vai aprovar. — Eu sabia que ele não aprovaria. Ninguém em sã consciência me aprovaria. — Ele parece um bruto.

A mão de Aurora deslizou para a minha, embora ela ainda não olhasse para mim. Como se não suportasse olhar para mim. Mas por que ela me chamava de namorado?

— Talvez, Sra. Kennedy. — Os ombros magros de Aurora se encolheram e eu quis dobrá-la, cravar meus dentes em sua pele e marcá-la para o mundo inteiro ver. — Mas ele é o meu bruto. Agora, por favor, peça desculpas ao meu namorado.

Os olhos da mulher se arregalaram e ela soltou um suspiro indigno. Ela não me achou digno do pedido de desculpas. Não me importei com sua opinião nem com seu pedido de desculpas. Tudo o que me importava era que minha mulher estava me tocando.

— Eu nunca faria isso, — a velha zombou e saiu correndo, com seus diamantes brilhando sob as luzes fortes do salão de baile e escondendo sua superficialidade.

Aurora tirou a mão do meu aperto e deu um passo para trás, depois encontrou meus olhos. O marrom chocolate escuro me levou a um doce esquecimento. Eu não precisava de um drinque forte quando ela me olhava daquele jeito.

— Por que você está aqui, Alexei? — ela perguntou com uma voz suave e rouca.

Ela ainda tinha aquele sorriso educado nos lábios, e eu odiava isso. Porque era o mesmo que ela dava a todos os outros. Eu queria seu sorriso verdadeiro, suas carrancas verdadeiras. Queria a verdadeira mulher.

— Você é minha. — Porra, a frase saiu antes que eu pudesse impedi-la. Eu deveria falar com ela, seduzi-la. Só que eu não sabia como fazer isso.

Sua sobrancelha se ergueu em questionamento, esperando que eu elaborasse. Mas não havia mais nada a dizer; nada que ela considerasse aceitável.

Ela exalou lentamente, com os olhos voltados para trás de mim. Eu sabia que Vasili e Isabella estavam se aproximando de nós.

— Agente Ashford. — A voz de Vasili veio atrás de mim. — Prazer em vê-la novamente.

— Gostaria de poder dizer o mesmo, — respondeu Aurora secamente. Seus olhos se voltaram para Isabella e ela acenou com a cabeça. — Sra. Nikolaev.

— Por favor, me chame de Isabella. — Minha irmã odiava conflitos e desentendimentos. Ela só queria que todos se dessem bem e fossem felizes. — Meu marido me disse que você ajudou a eliminar uma ameaça ao nosso filho.

A irritação brilhou nos olhos de Aurora. — Ah, então foi pelo seu filho? — ela zombou. — Teria sido bom se os homens Nikolaev tivessem me contado a verdade desde o início, sabe. Em vez de me enganar.

A sensação de ser apunhalado no coração devia ser essa. Suas palavras preencheram o silêncio, o significado por trás deles dançando nesse salão de baile chique. A tristeza cruzou as feições de Isabela e Vasili rosnou, dando um passo ameaçador em direção a Aurora. Eu o interrompi, ficando na frente de Aurora.

— Nyet. — *Não*. Uma palavra, mas ele sabia que eu lutaria com ele por ela. Eu nunca permitiria que alguém a machucasse. Nem meu irmão, nem minha irmã. Qualquer um!

— Me desculpe, Aurora. — Isabella pegou a mão de Vasili e o puxou de volta. — Vasili, pare de agir como uma fera, — ela o repreendeu com sua voz suave.

— Irmã, está tudo bem? — Eu sabia que os irmãos dela chegariam até aqui. Afinal de contas, ela era a irmãzinha deles.

— Esses homens estão incomodando você? — Winston rosnou, com os olhos entre Vasili e eu. Ele parecia um perfeito cavalheiro, embora fosse mais alto e mais corpulento do que a maioria dos outros idiotas por aqui. — Pensei que tínhamos dito para você ficar longe, — ele sibilou para mim, com ressentimento nos olhos.

— Posso chamar os guardas, — disse Royce. Os três já eram seus guardas, ela não precisava de mais.

— Sim, estou bem, — assegurou ela aos dois. — Irmãos, vocês se lembram da família Nikolaev, certo?

As mãos de Byron deslizaram para os bolsos, embora eu pudesse dizer que ele estava cerrando os punhos em seu terno caro. Vasili me disse

que o irmão dela invadiu toda a vigilância do castelo na Rússia. Imagino que ele provavelmente detestava todos os Nikolaev.

— Eu me lembro deles, — Byron resmungou, mal conseguindo manter a compostura. — É difícil esquecer homens que quase custaram a vida de minha irmã.

— Byron...

Ele nem se deu ao trabalho de ouvir o que sua irmã tinha a dizer. — Vou lhe dizer uma coisa, Nikolaev. — Eu me perguntei se ele estava falando com Vasili ou comigo, porque seus olhos se moviam entre nós dois. — Volte a se meter com a minha irmã, — ele me encarou e eu recebi minha resposta. A ameaça era dirigida principalmente a mim. — E eu destruirei sua família. E não faço ameaças vazias.

Sim, os Ashfords eram tão selvagens quanto os homens de nosso mundo. Eles apenas escondiam isso melhor.

— Brindarei a isso, — disse Winston, com um sorriso cruel que combinava com a expressão em seus olhos. É claro que ele nunca se igualaria à brutalidade de Nikolaev. Embora eu suspeitasse que ele chegaria perto.

Byron se voltou para a irmã e seus olhos se suavizaram instantaneamente.

— Quero que você conheça Kristoff Baldwin, — continuou ele, ignorando-nos. Não que eu pudesse culpá-lo. Provavelmente era impossível para ele nos ver e não pensar no irmão que lhe custamos. Ou o irmão que *eu* lhe custara. Eu tinha certeza de que, a essa altura, Aurora já havia contado a seus irmãos sobre suas descobertas. — Eu lhe falei sobre ele.

Meus dentes se cerraram. Eu perderia a cabeça e isso seria ruim para todos nesta sala. *Para os meus. Ninguém toca no que é meu.* As palavras zumbiam em minha cabeça, e eu queria esmagar o rosto do irmão dela no chão de mármore.

— Não. — Uma única palavra cortou o ar, como um chicote. Os olhos do irmão dela se voltaram para mim, com um desafio sombrio à espreita. Ele queria uma briga e eu estava mais do que feliz em lhe dar uma. — Aurora é minha e ninguém toca no que é meu, — rosnei. — Eu até odeio quando as pessoas olham para o que é meu. Toque nela e eu o matarei.

A ameaça era clara, bruta e indomável.

Só que senti o gosto do meu próprio pânico por trás de tudo isso.

Capítulo 40

AURORA

Uma injeção de adrenalina me percorreu quando Alexei fez sua reivindicação. Não era inteligente, mas eu nunca afirmei ser. Não quando se tratava dele. Seguiu-se um silêncio incômodo, com a escuridão possessiva de Alexei envolvendo todos nós.

Era distorcido. No entanto, algo nele me deixava em chamas. Nos últimos dois meses, eu me sentia como um zumbi. Eu não estava vivendo, mas simplesmente existindo. Desde que o conheci, ele de alguma forma se tornou tão importante quanto meus membros ou meu coração.

E, é claro, havia a descoberta de Kingston, que me contou o que Alexei havia feito por ele. Os dois se tornaram tão próximos quanto irmãos na última década. Reconheci o quanto Alexei ajudou Kingston a se curar. Meu Kingston não era mais um garotinho doce. Ele era duro, implacável, mas também bom. E o mais importante, ele estava vivo.

Ele não estava pronto para sair e revelar que estava vivo. Ele prometeu que contaríamos aos nossos irmãos. Juntos. Voltei de Portugal ontem, mal conseguindo me afastar dele. Com medo de não vê-lo por mais vinte anos. Não havia nada mais que eu quisesse do que contar a meus irmãos sobre Kingston. Mas Kingston e eu concordamos que contaríamos a eles juntos. Em uma semana.

Kingston merecia voltar da maneira que achasse melhor ou que pudesse suportar. Ele não foi capaz de se abrir completamente. Mas a tortura que ele sofreu. O abuso. O pouco que ele me contou dilacerou meu coração. Abuso. Estupro. Tortura. Kingston admitiu que até hoje não conseguia lidar com porões porque havia sido acorrentado e amarrado neles. Isso me fez lembrar de Alexei e da Rússia. Sua reação enquanto estávamos trancados no porão.

Não era de admirar que Alexei e Kingston tivessem se unido. Ambos compartilhavam experiências traumáticas.

Meus olhos buscaram aquele olhar ártico. A conhecida sensação de frio percorreu minha espinha. Eu a senti no momento em que Alexei entrou na sala. Era uma sensação bem-vinda. Como uma sombra que você perdeu.

O cheiro de sua colônia permaneceu no ar. Eu podia sentir seu calor daqui. Meu coração batia em minha garganta e contra minhas costelas. Era errado que sua ameaça me excitasse? Sim, em muitos níveis. De alguma forma, durante os poucos dias que passamos na Rússia, eu me apaixonei por ele, profundamente. Ou talvez isso tenha acontecido nas semanas que antecederam nossa viagem à Rússia. Eu não sabia mais.

Tudo o que eu sabia era que eu o amava. Todos os seus pedaços quebrados. Todos os seus pedaços psicóticos. E, acima de tudo, seu coração. Sim, ele era duro e nada nele se encaixava no molde, mas era exatamente isso que o tornava perfeito. Ele manteve sua palavra com uma garotinha. Ele salvou meu irmão. E me salvou.

Sentia borboletas no estômago. Eu queria ir para casa com ele. Queria agradecê-lo por salvar Kingston. Queria me desculpar pelas palavras cruéis que disse a ele. E, acima de tudo, eu *precisava* lhe dizer que o amava.

Meus olhos percorreram seu corpo. Seu terno Armani azul escuro fazia com que seus olhos parecessem ainda mais claros. Como o mais brilhante dia de verão. Doía olhar para ele. Ele enchia o terno, seus ombros largos eram suficientes para deixar qualquer mulher com água na boca. As tatuagens em cada centímetro visível de sua pele o diferenciavam do resto dos homens nesta sala - da melhor maneira possível. Desde que o conheci, essa era a única forma de arte que eu achava fascinante. Eu não me importava com pinturas, balé, nada. Apenas as tatuagens - as tatuagens dele.

— Aurora, vamos embora, — Byron resmungou.

Meus olhos se moviam entre Alexei e meu irmão mais velho, prendendo a respiração. Eu sabia que, se meu pai se juntasse a eles, o inferno iria explodir aqui. Ele teria um ataque cardíaco. Alexei era o tipo de homem para o qual ele me alertaria. E Vasili Nikolaev não ficaria de braços cruzados. O homem era letal, embora meus irmãos não fossem menos.

Byron e Alexei se encararam, com expressões sombrias e voláteis.

— Ficarei, — disse eu com determinação, meus olhos fixos no homem por quem me apaixonei. Os olhos quebrados cintilaram com algo cru que me fez estremecer.

Eu sabia que ele não beijava, nem tocava. Talvez nem mesmo amasse. Mas talvez, aos poucos, pudéssemos trabalhar nisso. Juntos. Eu me recusava a acreditar que Ivan tivesse extinguido tudo isso nele.

— Rora, eu não... — Byron tentou me fazer mudar de ideia, mas minha decisão estava tomada.

— Eu disse que ficarei, — eu o interrompi.

Alexei era minha outra metade e, se ele me aceitasse, eu ficaria ao seu lado pelo resto da vida. Não me importava com o que o mundo ou meus irmãos pensavam dele. Contanto que ele fosse meu e eu fosse dele.

Meus irmãos sabiam que eu não mudaria de ideia. Escolhi Alexei. Eu deveria tê-lo escolhido na Rússia. Ou quando o irmão dele foi ao meu apartamento. Parece que eu devia um pedido de desculpas a Sasha.

— Você não é bom o suficiente para ela, — cuspiram Royce e Winston.

— Eu sei. — A voz de Alexei era baixa. Sem emoção. Resignada.

Eu amava meus irmãos, mas sabia que eles não entenderiam esse amor que eu tinha por Alexei. Eles chamavam isso de Síndrome de Estocolmo. Tudo o que eu sabia era que os últimos dois meses foram uma tortura sem ele.

Sim, ele me magoou ao omitir a verdade e me excluir. Embora, depois de ouvir a história de Cassio King, eu tenha aceitado meu amor por ele.

Eu o perdoei por ter me mantido no escuro porque ele voltou para salvar meu irmão. Na primeira chance que teve, ele voltou para salvá-lo e o ajudou a se recuperar. Ele não o esqueceu e o deixou apodrecer. E por isso eu o amava ainda mais. Alexei foi vítima das circunstâncias, assim como Kingston.

— O que está acontecendo aqui? — A voz do meu pai veio atrás de mim, com uma ponta de raiva por baixo de sua polidez fria e esnobe. — A Sra. Kennedy me disse que você tem um namorado, Aurora. Um bruto.

Seus olhos percorreram a família Nikolaev, com as sobrancelhas franzidas. Eu me perguntava se ele os avaliava para possíveis doações de campanha. Mas, então, seus olhos pousaram em Alexei e uma zombaria indigna passou por sua boca gananciosa. — Não me diga que é esse membro da mafia.

Minha coluna se endireitou e a raiva se acumulou no fundo do meu estômago.

— A Sra. Kennedy deveria se meter em seus próprios assuntos, — eu disse. Um homem passou com uma mulher no braço e meu pai imediatamente entrou no modo senador.

— Ahhh, você é amigo de Byron, — disse o pai, ignorando a família Nikolaev e a mim. Ele estendeu a mão e o homem olhou para ela, com uma sobrancelha arqueada. Ele fez uma pausa o suficiente para fazer meu pai se contorcer e meus lábios se curvaram em um sorriso. Eu não tinha ideia de quem ele era, mas já gostava dele.

— Kristoff, Gemma. Este é meu pai, — disse Byron.

Kristoff Baldwin finalmente aceitou o aperto de mão do pai. — Senador Ashford, — ele o cumprimentou com frieza.

Meus olhos se fixaram no rosto de Kristoff. Seus olhos eram uma estranha mistura de azul-esverdeado. Tonalidade errada. Muito escuros. Muito tempestuosos. Rosto muito limpo. Nossos olhos se encontraram, sem que nenhum de nós falasse uma palavra. Ele era mais velho que Alexei. Gostoso. De corte limpo. O bilionário forte e alfa gritava em cada olhar que ele lançava. Antes de Alexei, Kristoff Baldwin teria sido exatamente o meu tipo.

Só que agora, Alexei era meu único tipo.

— Ah, Kristoff e Gemma. Esta é minha irmãzinha. — Byron pegou minha mão e a apertou gentilmente. — Aurora, este é um bom amigo. Kristoff Baldwin e sua outra metade.

Meus olhos se voltaram para seu par. Ela era bonita. Cabelos escuros, olhos escuros. Pequena. Com um sorriso suave. Eu também gostava dela. E se o olhar fugaz de Kristoff para sua acompanhante fosse alguma coisa, ele estava apaixonado por ela.

Sem pensar, acenei com a cabeça e meus olhos se voltaram para Alexei bem a tempo de ver o copo dele cair com um baque, e o barzinho tremer com a força do impacto. Ele se virou e saiu sem dizer mais nada. Sem olhar para mim. E arrancou meu coração do peito, deixando-me sem ele.

— Não tenho palavras para agradecer sua contribuição para a campanha. — O senador Ashford estava em pleno modo político, mas eu

ignorei tudo. Para mim, era apenas barulho. — Estamos muito felizes por tê-lo aqui conosco. Minha filha quer...

Eu o ignorei, com meus olhos grudados na porta pela qual Alexei desapareceu.

— Certo, querida? — O ombro de Royce se chocou contra mim e, quando o encarei, ele me deu um olhar incisivo e depois olhou para o papai.

— Hã? — murmurei, ainda distraído.

— Você se sentará com o Sr. Baldwin, e a adorável companheira dele se sentará comigo. Eu quero...

— Com licença, — interrompi meu pai. Ele estava louco se achava que eu ficaria mais um minuto. Meus olhos se voltaram para a porta. Ele foi embora? Seu irmão e Isabella ainda estavam aqui. Dei uma olhada para os dois e depois voltei para a porta. Sim, ele saiu. — Acabei de lembrar que tenho que ir a um lugar, — murmurei.

Saí correndo, deixando Vasili e Isabella para trás, junto com meus irmãos, meu pai e Kristoff Baldwin. Acenei em meio à multidão de homens de terno e mulheres com vestidos elaborados, passando pelos guardas na entrada do salão de baile.

— Aurora. — Alguém chamou meu nome.

Meus passos vacilaram e olhei por cima do ombro. Isabella correu atrás de mim, com Vasili logo atrás. Eu não estava com disposição para nenhum deles e dei um passo para sair correndo dali quando sua voz

me impediu. — Por favor, espere, — gritou ela, atraindo atenção indesejada. Eu jurava que ela tinha feito isso de propósito.

Amaldiçoei minha educação adequada, virei-me ligeiramente irritada e esperei, batendo o pé com impaciência. Vasili me lançou um olhar ameaçador, com seu corpo enorme se movendo atrás de sua esposa. Droga, Alexei geralmente estava ao meu lado, lançando ao irmão mais velho olhares assassinos.

— Obrigada por esperar, — disse Isabella. Não era como se eu tivesse escolha, a menos que eu quisesse que todos os pares de olhos estivessem me encarando.

— O que você quer? — perguntei, um pouco mais incisiva do que pretendia. O marido dela rosnou prontamente e meus olhos se voltaram para ele. — E, pelo amor de Deus, você poderia parar de rosnar para mim?

Nossos olhos se fixaram, a pulsação dele trovejava em sua garganta, nossas vontades lutando em um olhar silencioso. Isabella deu uma risada e sua palma direita foi até ao braço do marido, apertando-o gentilmente.

— Ele é protetor, — ela o justificou.

— Não me diga, — respondi secamente.

— Posso ver por que Alexei se apaixonou por você. — Ao ouvir as palavras de Isabella, esqueci tudo sobre Vasili.

— Ele disse isso? — sussurrei, engolindo um nó na garganta.

Isabella deu uma risadinha. — Alexei lhe parece um homem que diria qualquer coisa?

Não, ele certamente não era. Suas experiências o marcaram de várias maneiras.

— Em que hotel vocês estão hospedados? — perguntei.

Não importa onde isso me levasse, eu estaria com ele.

Capítulo 41

AURORA

Bati na porta da cobertura de Alexei.

Uma. Duas. Três. Quatro vezes.

Ele me disse que nunca poderia me dar o que eu precisava. No entanto, sem ele, era ainda pior.

Se a única coisa que ele pudesse me oferecer fosse não transar cara a cara e não beijar, eu aceitaria. Como uma mulher patética e fraca, eu aceitaria qualquer migalha. Porque, sem ele, eu me sentia vazia. Desde o momento em que me afastei dele, cada célula do meu corpo se rebelou e exigiu que eu voltasse para ele.

Eu me mantive firme. Por pouco.

Eu me mantive ocupada. Quase nada.

Eu só conseguia pensar nele. Cada respiração e batimento cardíaco era para ele. As noites em minha cama eram muito frias. Os sonhos eram muito vívidos. Alexei em meus sonhos me abraçava, sussurrava palavras de amor e um futuro juntos. Eu acordava todas as manhãs com o coração dolorido e a dor piorava a cada respiração. Até que finalmente encontrei um alívio em meu sono, onde ele esperava por mim.

Prendendo a respiração, esperei enquanto a energia nervosa zumbia em minhas veias. Ele estava tão perto de mim esse tempo todo. O

andar inteiro desse prédio pertencia a Alexei. Adivinhe quem era o proprietário do prédio? Kristoff Baldwin. Estranho, não é? Especialmente porque encontrei o homem na porra do elevador. A viagem de elevador mais longa de todos os tempos.

Sem resposta.

Levantei a mão para bater novamente, quando a porta se abriu e me deparei com o olhar ártico de Alexei, que já não me gelava até aos ossos. Meu coração acelerou, mas depois se aquietou quando um calor me invadiu.

— Obrigada por salvar meu irmão, — eu disse sem rodeios.

A surpresa brilhou em seus olhos, depois ele assentiu, sem que nenhum de nós se movesse. Os sentimentos em meu peito ficaram mais pesados. Havia tantas coisas para dizer que eu não sabia por onde começar.

Sinto sua falta, eu queria dizer. No entanto, isso não parecia adequado. *Eu preciso de você; eu desejo você; eu amo você*. Nenhuma dessas palavras passou por meus lábios. Eu não sabia o que as impedia, porque elas gritavam em minha cabeça.

Alexei se afastou, abrindo bem a porta. Novamente sem palavras. Mas era tão enervante quanto antes. Era quem ele era. Era quem eu amava.

Passei por ele e entrei em sua cobertura.

A porta se fechou atrás de mim com um *clique* suave, e eu me virei para vê-lo encostado nela. Ele cruzou os braços, com seus grandes bíceps bem esticados. Não estava mais com o paletó do terno nem com a gravata e as mangas da camisa branca estavam arregaçadas. Esse era ele.

Que se danem os ternos ou os salões de baile reluzentes. Eu o queria como ele era.

Ele me observava com um olhar semicerrado, seu olhar azul-claro queimando como combustível. Ele esperou que eu desse o primeiro passo. Que eu o escolhesse.

Dei um passo em direção a ele. E mais um. Ele observava cada movimento meu, como uma pantera perseguindo sua presa, embora não fosse ele quem estivesse se movendo. Parei frente a frente com ele, nossos corpos quase se tocando.

— Eu sou sua, — falei.

Seu olhar em minha pele queimava e a tensão parecia se estender para sempre.

— Se você me quiser, — sussurrei, com o coração disparado no peito, bem acima da vida que criamos. Afinal, meu choro era muito bem fundamentado. — Eu escolherei você para sempre. Sempre. Sinto muito pela Rússia, — murmurei, as malditas emoções ameaçando me dominar. — Eu também deveria ter escolhido você naquela época.

— Kroshka, — disse ele asperamente, com a voz rouca e cheia de emoções. Como eu poderia tê-lo achado frio? Havia tantas camadas nesse homem que não havia nada de estoico ou frio nele.

— Você também é meu, — eu disse com a voz trêmula. — Não quero mais ninguém. Só você.

Ele ficou quieto por tanto tempo, e o medo lentamente se infiltrou em minha corrente sanguínea e se espalhou. Talvez ele tenha mudado de ideia.

Em seguida, ele pegou minha mão e observei nossos dedos se entrelaçarem, suas tatuagens bem marcadas contra minha pele.

— Venha comigo, — exigiu ele, com sua voz acentuada. Eu já havia aprendido que seu sotaque ficava mais forte quando ele sentia mais. Enquanto percorríamos o cômodo, de mãos dadas, notei que ele tinha apenas alguns móveis. Nenhum objeto pessoal.

Ele abriu a porta no final do corredor, deixando-me entrar primeiro. Meus passos vacilaram e olhei para a grande cama no meio do quarto. Instantaneamente, minhas entranhas tremeram.

Ele entrou atrás de mim e se dirigiu ao sofá. Fiquei observando, curiosa, esperando sua instrução. Nossos olhos se fixaram, dois batimentos cardíacos se passaram. Ele começou a desabotoar sua camisa social. Minha respiração ficou presa, meus olhos estavam atentos a cada movimento dele. Ele tirou a camisa dos ombros e fiquei com água na boca ao vê-lo. Cada centímetro dele era firme, coberto de tinta.

Suas calças o seguiram e a luxúria disparou em minhas veias enquanto meu coração trovejava forte contra minha caixa torácica. Em todo o tempo que o conheço e em todas as vezes que ele transou comigo, essa foi a primeira vez que o vi nu. Seu pau se projetou para a frente, duro e pronto para mim. Uma dor latejava entre minhas coxas e eu as apertava, na esperança de aliviá-la. Dois meses sem que ele estivesse dentro de mim era tempo demais.

No entanto, me pareceu totalmente errado. Apesar de sua evidente excitação, ele parecia muito nervoso. Suas mãos tremiam visivelmente, quando ele havia desabotoado as calças minutos atrás. Sua testa estava ligeiramente brilhante.

— Alexei... — comecei, mas ele me impediu.

— Amarre-me, — ordenou ele, deitando-se na cama. Ele parecia um deus, esparramado sobre a cama. Seus braços se esticaram para cima e ele agarrou as barras de ferro na cabeceira da cama. — Há uma corda na mesa de cabeceira.

Eu engasguei, sabendo exatamente o quanto ele odiava ser amarrado. Depois de saber o que aconteceu com ele, eu não o culpava.

— Mas, por favor, tire seu vestido, — ele implorou com voz rouca. — Estou sonhando com você há oito longas semanas, kroshka. Deixe-me ver você.

Minha mão tremia enquanto eu obedecia, lutando com o zíper. Finalmente, puxando-o para baixo, o vestido escorregou do meu corpo, deixando-me apenas de sutiã e calcinha. Saí do monte de tecido a meus pés.

— Vire-se, — ele ordenou. — Quero ver sua bunda. — Fiz o que ele pediu, virando-me lentamente, dando-lhe um show. Seu olhar queimou minha pele da maneira mais deliciosa.

— Venha e me amarre, kroshka. — Sua voz estava carregada de emoções, cheia de uma vulnerabilidade que eu não estava acostumada a ver ou ouvir desse homem forte. Ele havia passado uma vida inteira aperfeiçoando a capacidade de esconder suas emoções sob uma máscara fria. Era algo que ele precisava fazer para sobreviver e agora... *Sou egoísta,*

cheguei à conclusão. Não era justo que eu exigisse destruir tudo; que eu exigisse tudo dele porque eu queria lhe dar tudo de mim.

O que deveria ter sido dado a ele o tempo todo.

— Alexei, não quero amarrá-lo, — sussurrei, com a pulsação acelerada em meus ouvidos.

— Eu quero ser o que você quer, Aurora.

Meus olhos ardiam com lágrimas não derramadas. — Você é, — assegurei-lhe, engasgando com as emoções intensas. — Você é tudo o que eu quero. — Minha voz ficou embargada. — Eu não posso amarrá-lo, Alexei. Por favor, não me peça isso.

Ele me deixava amarrá-lo, mas eu ficava fisicamente doente ao fazer isso com ele, sabendo o quanto isso o afetava. Havia tantas palavras que eu queria lhe dizer. O quanto eu o amava, o bom e o ruim, o quebrado e o fodido. Eu queria me desfazer em suas mãos. Por ele.

— Venha aqui e me toque então, — ele exigiu, com a voz grossa. — Você precisa disso e eu quero dar isso a você, kroshka.

Ele me olhava intensamente. Possessivo. E eu me afoguei de bom grado nas profundezas de seu azul ártico.

Meu peito se encheu de amor. Eu nunca imaginaria que fosse possível amar alguém a ponto de doer. No entanto, aqui estava eu. Eu amava cada pedaço dele - todas as suas perfeições e imperfeições. Sua crueldade. Sua proteção. Tudo.

Meu olhar foi para seu peito, estudando suas tatuagens. Caveiras. Símbolos. Um coração com uma faca atravessada e sangue pingando dele.

Sua história estava escrita em todo o seu corpo. Lentamente, meus olhos desceram sobre seu abdômen e torso, depois sobre suas pernas. Os deuses gregos ficariam com inveja dele; ele era só músculos, sem um pinga de gordura.

Dei quatro passos até ele e subi na cama, ficando de frente para ele. Seu corpo duro pressionava a parte interna de minhas coxas, fazendo minha entrada pulsar com a necessidade ardente. Mesmo assim, ele não se moveu. Não assumiu o controle, como normalmente fazia. Minha mão se esticou para tocá-lo, mas então me lembrei de como ele detestava que as pessoas o tocassem. Insegura, minha mão permaneceu no ar.

— Toque-me, kroshka.

Seus músculos tremeram. Meus olhos fitaram seu rosto, preocupados em machucá-lo. Não fisicamente, mas emocionalmente. Ele acenou com a cabeça, com um olhar quase resignado. Como se estivesse dizendo adeus.

Hesitantemente, com um toque leve, passei meus dedos sobre seu peito. A pele era áspera, recortada, irregular. Cicatrizada. Isso me fez parar, com a insegurança correndo em minhas veias.

— Não fique enojada. — Sua voz era distante. Suas paredes se ergueram lentamente entre nós. Meu coração se partiu com suas palavras. Meu pobre Alexei.

Inclinando-me sobre ele, abaixei-me e passei a boca sobre a cicatriz que acabara de tocar. Em seguida, passei a boca por seu peito, parando em cada cicatriz e beijando-a, depois lambendo-a. Sua pele era quente, queimando meus lábios da melhor maneira possível.

Ele tinha o sabor de um pecador e de um santo. E meu homem.

— Eu amo você, — murmurei contra sua pele. Senti-o ficar tenso embaixo de mim e levantei os olhos para encontrar seu olhar ardente em mim. — Não posso parar com isso, assim como não posso parar de respirar. — Ele respirou fundo, mas não disse nada, então continuei: — Adoro suas cicatrizes, Alexei. O homem que você é. Amo seu coração. Sua alma. Tudo em você. Eu sei, — engoli com dificuldade e decidi ser corajosa por nós dois, — ...eu sei que não é o que você está procurando. Eu posso amá-lo o suficiente por nós dois.

Sua respiração ficou mais ofegante e, por uma fração de segundo, eu me preocupei em ter falado demais. Mas era a verdade, e eu não queria voltar atrás. Eu o amava. Eu aceitaria avidamente o que ele pudesse me dar e o resto, nós resolveríamos.

— Eu destruí sua família, — disse ele, com um sotaque tão pronunciado que quase dificultou a compreensão. — Não mereço seu amor. O amor de ninguém.

Coloquei meu dedo sobre sua boca, silenciando-o.

— Você não destruiu minha família. Você foi um instrumento usado por Ivan. — Tracei levemente seus lábios com meu dedo, a cicatriz sobre seu lábio era áspera sob meu polegar. — A culpa também foi do meu pai. Ele fazia negócios obscuros e é mais culpado do que você. — Eu queria tanto beijá-lo, mas ele já estava me dando tanto. — Você merece tudo. Tudo mesmo.

O ar ficou parado, meu coração ameaçando sair do peito.

— Não posso deixar você ir, kroshka, — ele disse.

— Então não deixe. — Minha pele ardia sob seu olhar quente. Tive de resistir à vontade de me esfregar em seu corpo duro. — Não quero que você me deixe ir, — disse-lhe. — Podemos discutir e discordar de muitas coisas. Mas eu sempre ficarei com você. — Eu me inclinei, encostando minha testa na dele.

— Sempre, — prometi.

O calor de seu olhar e a expressão sombria de seu rosto se acenderam. — Então você é minha.

— Sua, — confirmei novamente, minha voz suave. Meu coração ardia de amor por ele. Estava em cada respiração, cada batida do coração, cada pensamento. Suas mãos soltaram os trilhos que ele segurava com força, ele pegou meu rosto entre as mãos e nos aproximou tanto que seus lábios estavam a poucos centímetros de distância.

Eu quase podia sentir o gosto dele. Quase podia sentir seus lábios queimando os meus. Mas fiquei quieta. Eu não o pressionaria. Não agora que eu sabia que a vida sem ele era tão sombria. Tão vazia. As palmas de suas mãos agarraram meu maxilar enquanto ele pressionava sua boca contra a minha.

Sua língua passou pelo meu lábio inferior, molhada e bagunçada, e minha boca se abriu. Senti sua cicatriz roçar em meus lábios.

— Eu te amo tanto, — sussurrei contra sua boca. Ele introduziu a língua em minha boca, com um rosnado profundo ressoando em seu peito. Nossas línguas deslizaram uma contra a outra, em perfeita harmonia.

Nosso primeiro beijo. Foi perfeito. Preguiçoso e doce. Delicioso e pecaminoso. Molhado e bagunçado.

Gemi em sua boca e meus dedos se enterraram em seu cabelo, precisando dele mais perto. Devorando-o. O gosto dele era um vício que eu nunca abandonaria.

— Alexei, — murmurei contra seus lábios, aproximando meu olhar semicerrado e cheio de luxúria do dele. Minhas palmas estavam pressionadas contra seu peito, sua pele áspera sob as pontas dos meus dedos. Lambi gentilmente a cicatriz em seu lábio e depois o inundeí com pequenos beijos.

— Mmmm.

— Diga-me se for demais, — sussurrei. — Eu não quero machucá-lo.

Eu queria protegê-lo. Encontrar cada uma das pessoas que já o haviam machucado e matá-las novamente.

— Minha pequena agente está preocupada em me machucar, — ele brincou suavemente. Mas a transpiração em sua sobrancelha não me escapou.

— Dê-me o que puder, — eu disse a ele, aconchegando-me em seu pescoço e inalando aquele perfume do qual sentia falta há meses. — Podemos ir devagar. Não me importo quando você está no controle.

Em um movimento rápido, ele nos virou, seu corpo grande cobrindo o meu e o som de minha calcinha e sutiã rasgando encheu o ar. Um pequeno grito escapou de mim. Não esperava que ele aceitasse a proposta no mesmo instante.

— Você ofereceu, kroshka, — ele gemeu, seu hálito quente contra meus lábios. Suas sobrancelhas estavam franzidas, seus músculos se tensionavam quando sua pele tocava minha carne.

Levantei a mão, alisando sua testa e limpando o brilho dela. Eu não conseguia nem imaginar o que custava para ele me deixar tocá-lo, ficar em cima dele ou beijá-lo.

— Ofereci, — murmurei. — Você pode me amarrar, — grunhi. — Não vou me importar.

Ele já havia me dado muito. Seus olhos examinaram meu rosto, como se ele estivesse preocupado que isso me levasse longe demais. Eu sorri de forma tranquilizadora. — Tenho certeza.

Ele se ajoelhou e alcançou a gaveta. Tirou uma corda preta, mas quando voltou para mim, uma incerteza se manifestou em sua expressão.

Ofereci minhas mãos a ele. — Está tudo bem, — sussurrei. — Você me tem.

— Kroshka...

Eu o interrompi. — Você me deu o que eu precisava. Agora pegue o que você precisa. — Observei seu pomo de Adão balançar enquanto ele engolia com força. — Eu também quero isso, — garanti suavemente.

A determinação se estabeleceu em sua expressão. Ele colocou a corda em meus pulsos, enrolando-a duas vezes, e depois puxou com cuidado. Levantei minhas mãos acima da cabeça e ele amarrou a corda na

cabeceira da cama. Eu estava exposta, à sua mercê, e sabia que ele me pegaria se eu caísse. Não importava o que acontecesse.

Eu estava deitada na cama, esparramada com as mãos acima da cabeça amarradas à cabeceira. Só para ele. Se era disso que ele precisava, eu lhe daria. Seus olhos percorreram meu corpo e minha pele ardeu com sua avaliação quente. Seu corpo grande pairava sobre mim e puxava a corda esticada enquanto eu observava cada movimento seu. Uma pequena pontada de dor me atravessou quando a corda cortou meus pulsos, mas não recuei.

Ele encostou os lábios nos meus e meu peito brilhou de satisfação.

— Você é tão perfeita, kroshka, — ele vociferou e eu pensei que fosse me despedaçar com suas palavras. Sua mão percorreu a curva do meu cotovelo com um leve toque de pluma, passou pelo meu pescoço e desceu pela minha barriga até chegar ao seu destino. A almofada de seu polegar pressionou meu clitóris, e senti uma umidade escorregadia escorrer pela parte interna da minha coxa.

Dois meses sem Alexei pareceram um século. Eu não queria que ele fosse devagar. Eu precisava dele dentro de mim. Agora. Levantei os quadris e me esfreguei contra ele.

— Não me faça esperar, — implorei.

— Em breve, kroshka, — sussurrou ele, encostando a testa na minha. — Quero desfrutar de você primeiro. — Sua voz estava rouca. — Senti sua falta.

Minha garganta ficou apertada com as emoções que ouvi em sua voz. Com nossos rostos próximos, encostei minha bochecha na dele. — Também senti sua falta.

Suas pernas musculosas me montaram sobre o peito, e meu olhar baixou entre nossos corpos. Foi a primeira vez que tive um vislumbre completo dele. Alexei era uma obra de arte - cada centímetro dele. E seu pau não era diferente. Grande. Duro. De dar água na boca.

— Quero sentir seu gosto, — murmurei, erguendo os olhos para encontrar seu olhar quente. — Posso?

Seu rosto era difícil de ler. Como se ele estivesse travando uma batalha interna sobre o que era bom ou não era bom fazer comigo.

— Alexei, — sussurrei. — Eu posso aguentar. O que quer que você queira fazer comigo, eu aguento.

Isso deve ter sido suficiente para o tranquilizar, porque ele se inclinou para a frente de modo que seu pau ficou a poucos centímetros do meu rosto. Minha língua lambeu a ponta da cabeça inchada e seu gemido alto encheu a sala. Encorajada por sua resposta e pelo modo como ele me olhava, sombrio e faminto, passei a língua pela coroa e o deslizei profundamente em minha boca, mantendo meus olhos nele.

Sem aviso, ele agarrou meu cabelo com uma das mãos e avançou mais fundo em minha boca. Eu murmurei minha aprovação, enquanto o calor brotava em meu estômago, movendo-se para baixo. Apertei minhas coxas enquanto ele entrava e saía de minha boca em movimentos curtos. Ele deslizou profundamente em minha garganta e eu mantive meu olhar

cheio de luxúria sobre ele. A felicidade em seu rosto era a coisa mais linda que eu já tinha visto.

— Relaxe sua garganta, kroshka, — ele gritou. — Deixe-me entrar, — ele acalmou, seu tom ligeiramente desesperado. Eu queria ser tudo o que ele precisava. Relaxe a garganta, seguindo suas instruções, e sua mão áspera acariciou minha bochecha com tanta devoção. Aquilo me dominou e eu não conseguia me satisfazer com ele. Comecei a lambar e sugar desesperadamente, levando-o mais fundo com a curva da minha língua, respirando seu delicioso almíscar. Ele era meu veneno mais doce.

— Você fica tão bonita engolindo meu pau, — ele sussurrou e eu gemi, observando o êxtase em seu rosto como se minha vida dependesse disso. Ele me olhava fixamente, seus olhos brilhavam como safiras. Ele segurou meu rosto enquanto sacudia os quadris mais rápido e mais fundo. Meus olhos lacrimejavam, mas eu não queria que ele parasse. Deixei-o foder minha boca, porque queria que ele me usasse da maneira que precisasse. Do jeito que ele quisesse. Ele se inclinou para a frente, com as mãos apoiadas na cabeceira da cama, enquanto metia com mais força na minha boca. Cada impulso de seus quadris correspondia à pulsação dolorosa em meu âmago. Meu corpo estava sensível a cada som, a cada movimento dele.

Observei fascinada seus gemidos ficarem mais altos, seus olhos se arregalarem e ele se enrijeceu ao gozar em minha boca. Ele era lindo quando perdia o controle. Eu o chupei com avidez, engolindo cada gota de seu esperma enquanto minha pele se aquecia sob o calor de seu olhar. Chupei cada gota dele, lambendo-o, passando a língua em sua coroa enquanto ele ofegava.

Ele saiu da minha boca com um estalo, rosnando no fundo do peito. Parecia a nossa primeira vez, e eu não queria que acabasse nunca. Ele pairou sobre mim, peito contra peito, com a respiração ainda um pouco áspera.

— A minha kroschka quer gozar? — rosnou ele, enquanto levava uma mão atrás dele e deslizava os dedos em minha boceta. Um gemido alto escapou de mim e meus quadris se sacudiram ao seu toque.

— Por favor, — gemi, a dor em meu âmago latejando de necessidade. Eu me contorcia embaixo dele, quente de necessidade. Puxei meus pulsos amarrados com desespero e ele sorriu sombriamente. Sinceramente.

Isso me fez abrir as coxas e esfregar meu núcleo pulsante contra ele. Alexei lambeu meus lábios, mas não me beijou. Era tão erótico. Ele desceu sua boca pelo meu pescoço, lambendo e mordiscando. Marcando-me.

A cama balançou sob seu peso. — Abra suas pernas.

Fiz isso sem demora. Eu estava fisicamente ansiosa para senti-lo ali. Sua mão deslizou entre minhas pernas, as palmas ásperas marcando minha pele macia. Quando ele colocou os dois dedos dentro de mim, inclinei a cabeça para trás e meus olhos se fecharam.

— Alexei, — eu respirei.

Seus lábios mordiscaram a pele onde meus ombros e pescoço se encontravam. — Você está tão encharcada, — ele sussurrou, deslizando os dedos para dentro e para fora de mim, espalhando minha excitação. Eu tremia de necessidade, e cada respiração que eu fazia era difícil.

— Senti falta de seu sabor, — ele murmurou. — Você é a única sobremesa que consigo comer, kroshka. — Eu choraminguei embaixo dele, me esfregando contra sua mão. — Nunca me deixe.

— Nunca, — prometi, enquanto sua boca descia em beijos pela minha barriga. Em um movimento suave e repentino, ele agarrou a parte de trás das minhas coxas e as enganchou sobre o ombro, depois pressionou o rosto entre minhas pernas.

— Ah, droga, — eu respirei enquanto o prazer me atravessava enquanto ele lambia e chupava minha boceta, provocando-me. Ele estava se esforçando, sua língua nunca tocava meu clitóris. Eu me contorcia e me remexia contra seu rosto, desesperada para que ele atingisse *aquele* ponto.

— Você é gulosa, kroshka, — ele ronronou. Eu o observei através das pálpebras pesadas, seus olhos em mim enquanto ele me devorava.

— Só por você, — eu gemi.

Deve ter sido a coisa certa a dizer, porque sua boca se prendeu ao meu clitóris e sugou com força. O orgasmo explodiu em meu corpo e percorreu cada fibra de mim com força, enquanto a luz brilhava em meus olhos.

Eu gemi, meus dedos agarrando as barras da cabeceira da cama enquanto elas se cravavam na palma das minhas mãos. Meus quadris se chocaram contra sua boca, aproveitando a onda de prazer e extraindo tudo o que ela me proporcionava.

Meu corpo ficou mole e ele se afastou, seus olhos encontrando os meus. Havia satisfação em seu olhar azul e eu o observei limpar a boca

com as costas da mão. Um arrepio me percorreu e eu estava pronta para o segundo round. Ou seria o terceiro?

Ele subiu pelo meu corpo e depois arrastou a ponta quente de seu pau sobre minha carne sensível. Ele empurrou contra minha entrada e minha boceta se apertou avidamente para ele.

— Eu também amo você, kroshka, — ele murmurou, mordiscando meu maxilar e meu pescoço.

Meu pulso acelerou com suas palavras, sua boca se fechou em meu pulso e sugou enquanto meu coração ia para as nuvens. Ele empurrou até ao fim, enchendo-me, e lágrimas de felicidade me saltaram aos olhos.

Ele começou a se movimentar. Pressionei minha boca contra seu pescoço, lambendo sua carne, sussurrando palavras de amor contra sua pele enquanto ele me penetrava repetidamente.

— Essa boceta é minha, — ele rosnou enquanto me batia no colchão. Meus gemidos desavergonhados encharcaram o ar. Ele era bruto, a cabeceira da cama batia contra a parede. — Diga, kroshka, — ele exigiu, sua voz gutural.

— Sua, — gemi. — Por favor, não pare, porra.

Minhas respirações saíram em pequenos suspiros enquanto ele empurrava mais fundo dentro de mim, sua pélvis se chocando contra meu clitóris. Uma sensação de formigamento surgiu no fundo do meu estômago. Eu estava tão perto.

Alexei grunhiu a cada batida, me esmagando contra o colchão. Nossos grunhidos e gemidos enchiam o quarto, nossos corpos

escorregadios de suor, carne batendo contra carne. Ele me batia com força e sem piedade, as chamas do desejo queimavam e lambiam minha pele. Meus mamilos sensíveis raspavam contra seu peito enquanto ele me fodia tão cruelmente quanto matava.

E eu adorava.

Ele era a única coisa que preenchia minha mente e meu corpo. Minha alma e meu coração. Eu estava tão perdida nele, nessa névoa de luxúria.

Um grito ecoou pelo ar quando ele atingiu um ponto e minhas costas se arquearam. Ele bateu em mim sem piedade, como se quisesse me punir por ter escondido meu corpo dele nos últimos dois meses.

— Diga que você nunca irá embora, — ele exigiu.

— Nunca, — gritei, meu corpo estremecendo com a força de outra onda quente de prazer que se espalhou por minhas veias. — Oh, Deus. Nunca, — repeti. — Por favor. Me dê mais. Oh, *Deus, oh, Deus*.

Ele me fodeu com mais força e mais profundamente, até ao meu orgasmo. Seus movimentos eram longos e curtos, rápidos e lentos. Profundos e superficiais. Gritei seu nome enquanto ele continuava a me cavalgar sem piedade, prolongando meu orgasmo até eu achar que morreria de tanto prazer.

Nossos corpos estavam encharcados de suor, e o pau dele estava penetrando brutalmente em mim.

— Porra, — ele gemeu, mergulhou em mim com um último impulso punitivo e gozou dentro de mim com um estremecimento e seu rosto enterrado na curva do meu pescoço.

Nossas respirações pesadas preencheram o silêncio, com a boca dele passando pela curva de seu pescoço. Ele estendeu a mão acima da minha cabeça, soltou as cordas e levou meus pulsos à sua boca. Seus lábios mostraram as marcas vermelhas.

— Não dói, — assegurei-lhe suavemente.

— Você merece algo melhor, — murmurou ele, beijando as palmas das minhas mãos.

Libertei minhas mãos de seu aperto e as envolvi ao redor dele. As palmas das minhas mãos pressionaram suas costas, com a pele áspera. Apertei-o com força contra mim, com medo de perdê-lo.

— Não há ninguém melhor do que você, — eu disse a ele, sustentando seu olhar. — Não para mim.

Ele pegou minha mão e entrelaçou nossos dedos. Tudo começou com minha mão na dele e terminará com sua mão na minha.

— Então sou seu, — ele prometeu.

Capítulo 42

ALEXEI

Pisquei os olhos contra a luz do sol que entrava pelas janelas.

Fazia anos que minha mente não ficava tão quieta e meus sonhos ausentes. Tudo isso era graças à mulher em meus braços. Eu me sentia descansado e de muito bom humor depois de seis horas de sono.

Minhas mãos se apertaram em torno de Aurora, com medo de que ela escapasse. Era irracional. Só de pensar em perdê-la, eu sentia facas percorrerem meu peito.

Quando vi o irmão dela apresentando-a a Kristoff Baldwin, algo se abriu em meu peito. Eu poderia matá-lo, mas isso não eliminaria todos os outros homens como ele neste mundo. Homens que não tinham cicatrizes e tinta marcando seu corpo.

Então fui embora.

Ou me arriscava a matar aquele pai bastardo dela, seus irmãos e, em seguida, matar qualquer homem que eles tivessem em mente para Aurora.

Mas isso era muito melhor. Minha mulher veio até mim; ela *me* queria.

Inclinei-me para baixo, respirando seu perfume, e meu pau engrossou instantaneamente contra seu traseiro. Era a primeira vez que eu

acordava com uma mulher em minha própria cama. Deixando de lado toda a provação de transar com Igor. Parecia certo tê-la em minha casa. Eu queria acordar ao lado dela até ao dia da minha morte.

Fiquei surpreso ao saber que ela descobriu sobre Kingston. Mas então recebi uma mensagem de Cassio nas primeiras horas da manhã. Logo depois, Aurora implorou por um pouco de descanso; caso contrário, ela ameaçou que cochilaria enquanto eu a fodesse. Parece que Vasili ligou para Cássio e, como duas velhas fofoqueiras que são, decidiram bancar os casamenteiros. E Cassio tinha a munição, pois estava comigo na noite em que voltei para buscar Kingston.

Eu deveria estar irritado, mas estava feliz demais.

Aurora se remexeu em meus braços e seus olhos se abriram. Meu Deus, ela era tão bonita. Tão macia. E toda minha.

— Bom dia, kroshka.

Ela sorriu, com seus olhos sonolentos fixos em mim. Quando ela olhou para mim, todo o passado, presente e futuro desapareceram. Tudo o que eu via e sentia era ela.

— Bom dia, — murmurou ela, sonolenta, aproximando seu corpo do meu e com o rosto aninhado em meu peito. Eu me enrijei, preocupado que ela achasse as cicatrizes nojentas à luz do dia. Mas tudo o que ela fez foi pressionar a boca em meu peito, depois levantou a cabeça para procurar meu rosto. — Quer um pouco de espaço pessoal?

Meu Deus, essa mulher achava que eu queria espaço para ela. Eu não a queria fora da minha vista. Eu queria sua carne contra a minha. Mas velhos fantasmas eram difíceis de afastar.

Eu a segurei com mais força. — Não. Nunca vou querer espaço entre nós.

Seu rosto se iluminou com um sorriso feliz. — Apenas me diga quando algo for demais. Ok?

Um som áspero ressoou em meu peito e eu peguei seu rosto entre as mãos.

— Kroshka, temo que você me ache demais. — Segurei seu rosto e beijei seus lábios. Agora que provei seus lábios, não conseguia me faltar de sua boca. Ela era a única que conseguiria tudo de mim. Minha obsessão, minha posse e meu amor.

— Não, — ela murmurou suavemente. Seu nariz roçou no meu. — Preciso lhe contar uma coisa. — Senti uma leve tensão em seu corpo e me acalmei. — Não importa o que aconteça, eu amo você e o que estou prestes a lhe dizer não lhe impõe nenhuma expectativa. Está bem?

— Da, kroshka. Diga-me, — eu exigi.

Ela segurou o lábio inferior entre os dentes, mastigando-o nervosamente.

— Estou grávida, — disse ela sem rodeios. O ar se acalmou e meu coração parou. E então meu sangue se encheu de algo sombrio e possessivo. — Você está zangado?

Meu olhar se voltou para o rosto dela. — Você está feliz com isso? — Tentei manter minha voz comedida, mas ela saiu áspera. Eu não queria assustá-la com a intensa possessão que corria em minhas veias naquele momento.

— Eu... eu estou, — respondeu ela suavemente, encostando o rosto em meu peito e inalando profundamente. — Eu sei o que esperar depois de Gabriel. Você não precisa se preocupar com nada disso.

Um suspiro sardônico saiu de mim. Se ela achava que eu a perderia de vista agora, estava fora de si. — Kroshka, você é minha e eu sou sua. O bebê é nosso. — Eu nos movi de modo a pairar sobre ela, nossos olhos se conectaram. — Agora, você não pode me deixar.

Ela deu uma risadinha. — E eu que estava preocupada em algemá-lo.

Minha mão desceu por seu corpo e cobriu gentilmente sua barriga.

— Minha para sempre. Nunca vou largar, — murmurei enquanto me inclinava para dar um beijo no local onde nosso bebê crescia dentro da barriga dela. — Teremos pelo menos dois bebês. *Da?*

Levantei os olhos para encontrar lágrimas brilhando nos dela e um alarme me atingiu.

— Qual é o problema? — Eu engasguei, preocupado que não fosse o que ela queria.

Seus lábios tremeram quando ela sorriu e acenou com a mão. — Não é nada. Por alguma razão, tudo me faz chorar. Estou triste, eu choro. Estou feliz, eu choro. Estou com fome, eu choro.

Pisquei os olhos em confusão. Não me lembrava de Isabella fazendo tudo isso. Ou talvez eu não tenha percebido.

— Isso é bom ou ruim? — perguntei inseguro.

— Está tudo bem, — ela me garantiu. — É normal.

Uma sensação de alívio me inundou e minha mão tremeu quando eu segurei seu rosto com a palma, passando o polegar em seu lábio.

— Eu cuidarei de você e do bebê, — prometi. — Não deixarei que ninguém a machuque.

Ela sorriu, com os olhos cheios de confiança. — Eu sei que sim. — Sua língua passou pelo lábio inferior. — E sim, pelo menos dois filhos. Talvez quatro?

Um sorriso surgiu em meus lábios. — Vamos fazer cinco.

O calor explodiu em meu peito. Nunca pensei que esse seria meu destino. Uma mulher. Um bebê, talvez cinco.

— Quero saber tudo, — eu disse a ela. — Você consultou um médico? Onde ele está? Tenho que verificar seu currículo. Está tomando vitaminas? A Isabella teve de tomar algumas.

Sua risada ecoou pelo ar.

— Eu só descobri há alguns dias. Talvez você e eu possamos escolher um médico juntos. Na verdade, Kingston achou que eu deveria fazer um teste.

O sentimento de culpa, tão familiar, voltou. Ele me atormentaria pelo resto de minha vida. Não era algo que pudesse ser lavado.

— Sinto muito, kroshka.

— Você não tem nada pelo que se desculpar, Alexei, — ela sussurrou, sua boca se movendo contra minha pele. — Todos nós fomos

vítimas de pessoas ruins. Não vamos deixar que elas arruinem nossa felicidade. Ok?

— Isso não apaga meus erros. — E ela não fazia ideia de quanto sangue eu tinha em minhas mãos.

— E também não tira a minha culpa, — disse ela suavemente. — Você é um bom homem. Enquanto estivermos juntos, conseguiremos superar tudo. Temos nossas famílias. Meus irmãos vão reclamar da sua.

— Isso deve dar certo, — respondi secamente.

— Bem, você está em vantagem, — ela sorriu, com os olhos brilhando maliciosamente.

— Por quê?

— Você salvou Kingston.

Epílogo

ALEXEI

Três meses depois

— Tio Alexei, nós lhe enviamos uma foto do cofre aberto do papai. — Hannah, uma das gêmeas de Nico, estava com as mãos nos quadris e olhando para mim. Foi até engraçado. — Onde está nosso dinheiro? Levamos três meses para conseguir abri-lo!

Eu dei uma risadinha. Essas pequenas criminosas iriam dominar o mundo um dia.

— Entendi, obrigado por isso. Suas caras dentro do cofre dele não têm preço, — elogiei, curvando-me até aos joelhos. — Por isso, vou acrescentar mais duzentos dólares. — As duas começaram a aplaudir. — Posso enviar o dinheiro pelo Zelle³⁰?

— Somente dinheiro, — exigiu Arianna. — Não queremos que seja rastreado.

Levantei as sobrancelhas. — Nico não lhes dá dinheiro suficiente para gastar? — perguntei com curiosidade. Embora elas tivessem seis anos. Com o que elas poderiam gastar dinheiro? Balas?

³⁰ Zelle é uma rede de pagamentos digitais com sede nos Estados Unidos administrada por uma empresa privada de serviços financeiros de propriedade dos bancos Bank of America, Truist, Capital One, JPMorgan Chase, PNC Bank, U.S. Bank e Wells Fargo.

— Não, é melhor quando fazemos por merecer. — Arianna retrucou. — Tenha o dinheiro pronto até ao fim do dia de hoje.

Em seguida, as duas saíram pelo pátio cheio de pessoas. Eu me endireitei enquanto meu olhar percorria todos.

Eu costumava odiar reuniões sociais.

Não que você soubesse disso pelo modo como fiquei ao lado de minha esposa e me misturei com nossos convidados durante todo o dia de hoje. Meus olhos a procuravam sempre que ela não estava comigo, e sua barriga aumentava a cada dia que passava.

Era oficial. Ela era minha.

Depois que pronunciamos os votos e as alianças foram trocadas na frente de nossas famílias, Aurora Ashford tornou-se a Sra. Alexei Nikolaev. Os raios de sol de Portugal cobriram o gramado da nossa pequena vila com vista para o mar. Risos, conversas e música tradicional local eram transmitidos pela brisa.

O senador Ashford se recusou a dar sua bênção para o nosso casamento. Eu não dei a mínima. Só queria isso para a felicidade de sua filha. Acontece que ela também não estava nem aí. Ela só queria seus irmãos e suas amigas por perto.

Família. Felicidade. Amor. Eu me sentia o homem mais rico do mundo.

Meu peito ficava pesado cada vez que eu olhava para minha esposa. Ela estava deslumbrante em seu vestido de noiva simples. Ela se

recusava a esconder sua barriga, e eu concordava plenamente. Eu queria que o mundo inteiro a visse. Para saber que ela era minha.

Ainda havia dias e noites em que meus fantasmas batiam à porta.

Ninguém disse que seria fácil. Mas, porra, tudo valia a pena quando eu olhava para Aurora. Ou quando pensava naquela pequena vida crescendo dentro de sua barriga.

Minha família me deu alicerce. Aurora e nosso filho ainda não nascido me deram felicidade e um futuro.

Observei minha esposa jogar a cabeça para trás e rir de algo que Royce disse. Seus irmãos, amigas, Cassio e Raphael estavam com eles, com uma expressão divertida no rosto. Kingston também estava com eles. Mas, assim como eu, às vezes ele se sentia como um estranho. As merdas pelas quais passamos tornaram mais difícil nos relacionarmos.

Uma semana depois da campanha de arrecadação de fundos do senador Ashford, Aurora e eu viemos para Portugal e ficamos em nossa casa à beira-mar. Ela também convidou seus irmãos. Kingston estava pronto para lhes dizer que não estava morto, mas ainda queria esconder isso do mundo. Foi difícil ver o reencontro. E eu sabia que era mais difícil para Kingston, embora ele tenha lidado bem com a situação.

Melhor do que eu.

— Estou muito feliz por você. — A voz de Isabella veio de trás de mim, e eu me virei para vê-la com nosso pequeno Nikola. — Não há ninguém que mereça mais isso.

Um pequeno ruído de diversão saiu de mim. Eu conhecia muitos que mereciam mais. Mas isso não importava, porque eu roubei essa felicidade e ficaria com ela. Para Aurora. Para mim. E para o nosso pequeno Kostya. Aurora reclamou que Konstantin era muito grande.

Passei meus dedos sobre as bochechas de Nikola e ele me deu um de seus sorrisos inocentes. Ele falava mais e mais a cada dia.

A mão de minha irmã estendeu-se e apertou a minha com delicadeza. Eu permiti, mas o toque de minha esposa ainda era o único que eu gostava. Risque isso, o único toque que eu amava. Ansiava por ele. Precisava dele. Para alguém que ficou sem um toque durante boa parte de minha vida, eu não conseguia sobreviver um dia sem o dela.

Vasili veio por trás de sua esposa, com a pequena Marietta em seus braços. Ele envolveu Isabella com seu braço livre e ela instintivamente se inclinou para ele. Finalmente entendi a obsessão louca que meu irmão tinha pela esposa, porque eu também a sentia.

— Vamos inundar esta terra com garotos Nikolaev, — ele brincou enquanto Isabella revirava os olhos. — Agora, só precisamos casar o Sasha.

— Sim, que se dane, — resmungou Sasha, aproximando-se de nós. — Já não é ruim o suficiente que cada um de vocês esteja tendo bebês?

Meus olhos procuraram minha esposa novamente. Dessa vez, ela estava ao lado de Cassio e Áine, acariciando a filha e o filho pequenos. Os pequenos Océane e Damon. Eles tiveram gêmeos. Parece que os Morrellis e os King decidiram inundar a Terra com seus pequenos filhos também.

— A menos que comecemos a produzir gêmeos, — pensei, — não conseguiremos inundar esta terra com meninos ou meninas Nikolaev. Morrelli provavelmente está trabalhando em outro grupo de gêmeos.

As palavras mal saíram de mim quando Morrelli e sua esposa entraram correndo na casa, comportando-se como dois adolescentes. Eles também estavam excitados como dois adolescentes.

— Humm, aqueles dois estão desaparecendo de novo? — Aurora perguntou enquanto sua mão deslizava para a minha.

— É o que parece, — murmurou Sasha. — Juro que aquele homem tem mais bunda do que um maldito coelho.

Aurora deu uma risadinha. — Está tendo um período de seca, Sasha? — ela o provocou.

Surpreendentemente, ela era a que melhor se dava com Sasha. Por algum motivo estranho, ela conseguia colocá-lo em seu lugar sem ameaçar bater nele. Isso era muito útil. E divertido de assistir.

— Pfft, tenho mulheres me perseguindo a torto e a direito, — retrucou Sasha.

Aurora zombou, enquanto Vasili, Isabella e eu observávamos a conversa divertidos.

— Tenho certeza de que sim, — concordou Aurora. — Ou para bater ou para matar você.

— Mulher, não é para você ficar mansa quando está grávida? — Sasha resmungou. — A Isabella era mais mansa.

Aurora lhe ofereceu um sorriso doce. — Isabella provavelmente foi muito simpática e não quis perturbar seus frágeis sentimentos.

A risada estrondosa de Vasili atraiu todos os olhares para nós. O resto do grupo se juntou para ouvir o que era tão engraçado, já que meu irmão mais velho não ria com tanta frequência. Isso devia ser comum em nossa família. Mas nossos filhos quebrariam essa tradição.

Nós lhes daríamos uma vida feliz.

As mãos de Aurora envolveram minha cintura, erguendo-se na ponta dos pés e depositando um beijo fugaz em minha boca.

— Eu amo você, — ela sussurrou, seus lábios macios se movendo contra os meus.

— E eu também amo você, minha kroshka. Você e nosso bebê. Até minha morte e mesmo depois dela.

A preocupação ainda me assolava a mente. Eu havia adicionado segurança extra em todas as minhas casas e na dela. Porra, até na casa de Raphael, já que ela passava tanto tempo visitando lá. Isso o deixava louco. Sempre que Aurora não estava comigo, eu verificava como ela e nosso bebê estavam. Isso me dava paz. Ela sabia disso, resmungou baixinho e depois me beijou, assegurando-me que ninguém jamais a afastaria de mim.

— Tenho algo para você, — disse-lhe, puxando-a para perto de mim.

— É melhor você não ter outro presente para me dar, — ela repreendeu suavemente. — Eu não sei o que fazer com o último.

Comprei um hipopótamo para minha esposa e o alojei no zoológico de Washington D.C. Teríamos uma história para contar aos nossos filhos. Como uma garotinha que desejou um hipopótamo no Natal salvou um menino.

— Não é outro animal de estimação, — eu disse, incapaz de resistir a beijá-la novamente. Porra, esse peso em meu peito era bom e assustador como o inferno. O medo de perdê-la era uma sensação constante e persistente no fundo da minha mente. — É o número do celular da sua irmãzinha.

Seu suspiro suave preencheu o espaço entre nós. Eu não conseguia esquecer suas palavras, como ela sempre quis ter uma irmã. E eu sabia que ela a procurava. Eu a vi checando-a mais de uma vez desde que fomos morar juntos. Como se estivesse preocupada com ela.

Aurora mastigou o lábio inferior, com um olhar pensativo.

— Você não precisa entrar em contato com ela, — disse eu, com a voz gutural. Eu sabia como era a sensação de descobrir que tinha irmãos sem os quais cresci. contei a história a Aurora e agora me preocupava com o fato de que isso a afastaria. — Pense um pouco sobre isso.

O pescoço dela balançou, o conflito era forte em seu rosto.

— Ela está em seu último semestre em Yale e, nos próximos meses, fará as provas finais. Yale não é brincadeira. — Acenei com a cabeça em sinal de compreensão. — Talvez depois que ela se formar, eu entre em contato.

— Esse é um bom plano.

— Eu só não quero envolvê-la...

Ela se afastou, mas eu sabia o que ela queria dizer. Ela não queria que ela fosse escrutinada pelo público e se preocupava com o fato de ela estar em perigo no submundo.

— Vamos resolver isso juntos, — assegurei a ela. — E também a manteremos segura.

Afinal de contas, eu era bom em ficar nas sombras.

— Agora me diga, — tentei distraí-la. — Hoje é tudo o que você sonhou, kroshka? — perguntei à minha jovem esposa. Não foi um casamento luxuoso. Eu não achava que conseguiria lidar com um casamento cheio de pessoas que eu não conhecia. Mas estava disposto a fazer isso por ela.

Eu queria ser tudo o que ela queria.

— Foi ainda melhor, — ela sorriu quando ficou na ponta dos pés e me beijou na boca. — Muito melhor. Você é tudo - meu batimento cardíaco, meu coração. Você é tudo o que eu quero na minha vida. Eu amo você.

Um som áspero ressoou em meu peito, exatamente como acontecia toda vez que ela dizia essas palavras para mim. Eu nunca me cansaria de ouvi-las.

— Eu também amo você, kroshka. — Meu peito ficou pesado com todas as emoções. Eu não a merecia, mas ficaria com ela mesmo assim.

Ela e nossa família.

Porque estamos fazendo isso juntos.

Fim

Próximo Livro da Série Belles & Mobsters

Raphael - Livro Cinco

